

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

LETÍCIA RODRIGUES KRELING

**EXPLICANDO O MUNDO PARA AS CRIANÇAS: A INFÂNCIA
CONTEMPORÂNEA NAS PÁGINAS DO JORNAL JOCA**

CAXIAS DO SUL

2021

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

LETÍCIA RODRIGUES KRELING

**EXPLICANDO O MUNDO PARA AS CRIANÇAS: A INFÂNCIA
CONTEMPORÂNEA NAS PÁGINAS DO JORNAL JOCA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof^a Ma. Marliva Vanti Gonçalves

CAXIAS DO SUL

2021

LETÍCIA RODRIGUES KRELING

**EXPLICANDO O MUNDO PARA AS CRIANÇAS: A INFÂNCIA
CONTEMPORÂNEA NAS PÁGINAS DO JORNAL JOCA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade de Caxias do Sul.

Orientadora: Prof^a Ma. Marliva Vanti Gonçalves

Aprovado (a) em: __/__/2021

Banca Examinadora

Prof^a. Ma. Marliva Vanti Gonçalves

Universidade de Caxias do Sul

Prof^a. Dra. Alessandra Paula Rech

Universidade de Caxias do Sul

Prof^a. Ma. Vania Marta Espeiorin

Universidade de Caxias do Sul

Dedico este trabalho a todas as crianças do mundo que, nas suas particularidades, são únicas e engrandecem a vida, enchendo-a de esperança e fé.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, minha Fonte de vida, luz, fé e inspiração. Meus passos guiados por Ele me proporcionaram chegar até aqui. Aos meus pais, Rosmari e Sérgio, por todo o amor e cuidado que têm comigo, por acreditarem na minha capacidade e apoiarem as minhas escolhas. Vocês não tiveram as mesmas oportunidades de estudo, mas sempre priorizaram que a educação fosse a minha primeira opção nos caminhos na vida. Obrigada por compreenderem carinhosamente os momentos em que precisei me afastar para concluir as tarefas deste trabalho. Mãe, sou grata por todos os afagos, pelas comidas quentinhas e por cuidar de mim com todo o amor do mundo, do seu jeito. Pai, obrigada pelos conselhos e sorrisos que você sempre me entrega. Eu amo vocês.

Aos meus tios, Regina e Ailton, por todas as refeições em família e pelas conversas diárias. Tia Regina, você é uma mãe para mim. Ao meu primo Lucas e à minha prima “emprestada” Isadora, por confiarem em mim, neste ano, para ser dinda do fruto do amor de vocês. Anthony, meu pequeno, seus sorrisos me fazem crer em um mundo melhor. À minha avó, Maria, por ser um exemplo de gratidão à vida.

Ao meu namorado, Theodoro, pelas doses diárias de incentivo e, também, pelas doses de realidade nos momentos certos. Você esteve comigo nos sábados à noite de pesquisa e nos domingos de sol que aproveitamos para escrever o nosso futuro, juntos. Você sempre acreditou em mim. Também agradeço à família Weissheimer por todo o cuidado comigo.

Aos integrantes da Academia do Pensamento Criativo, por se tornarem uma família para mim. Em especial, agradeço à Cleusa, minha inspiração de entrega a Deus. Seus ensinamentos me deram força durante toda a graduação e me auxiliaram a não desanimar.

A todos os meus amigos e colegas da Câmara Municipal de Caxias do Sul. Meu estágio não seria tão especial e cheio de aprendizados se não fosse por cada um de vocês. Um agradecimento especial à Bruna e à Jamila, pela amizade tão especial que cultivamos. Agradeço também à jornalista Vania Marta Espeiorin, minha colega de sala e inspiração pura de humanidade. Sua sensibilidade é marcante e modifica a vida de quem a conhece. Ao jornalista Tales Armiliato, por sempre me incentivar a “fazer o diferente”, você também marcou minha trajetória.

À Universidade de Caxias do Sul, que me acolheu desde os quatro meses de vida, na antiga creche da UCS; no CETEC, durante todo o ensino médio e que, agora, me forma jornalista. À minha orientadora, Marliva, por todo o carinho durante o processo de pesquisa e ao longo da graduação. Suas palavras firmes, porém gentis e doces, me fazem acreditar na educação e no jornalismo. Obrigada pelos conselhos e disponibilidade em sempre ajudar. A todos os funcionários da Biblioteca Central da UCS. O trabalho de vocês é fundamental para que os estudantes usufruam dessa fonte de conhecimento. À Dani e ao Lucas, meus parceiros de TCC e de universidade. Nossa jornada foi linda até aqui e é uma felicidade finalizá-la ao lado de vocês.

À Maria Carolina Cristianini e à Mônica S. Gouvêa, do Jornal Joca. Obrigada por compartilharem a experiência de vocês, ela foi essencial para esta pesquisa.

À Escola Municipal de Ensino Fundamental Atiliano Pinguelo e aos estudantes que participaram da pesquisa e contribuíram com suas percepções para a produção desse trabalho. Em especial, à diretora Mariana Zanotti, pela disposição em me auxiliar em todas as etapas do Grupo Focal.

*Amai a infância; favorecei suas
brincadeiras, seus prazeres,
seu amável instinto.*

Jean-Jacques Rousseau

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema o jornalismo infantil e a concepção da infância contemporânea no Jornal Joca. A pesquisa gira em torno da questão norteadora que busca identificar de que maneira o Jornal Joca compreende e retrata as crianças contemporâneas nas páginas do veículo. O procedimento metodológico de pesquisa bibliográfica privilegiou temas como as diversas visões acerca da infância ao longo da história até a contemporaneidade; a evolução do jornalismo, assim como a caracterização do jornalismo especializado para crianças e as características do jornalismo literário; os valores-notícia; a importância da educação no processo formativo do ser humano; a educação na contemporaneidade a partir da educomunicação, entre outros. Neste trabalho, foram analisadas três edições do Jornal Joca dos anos de 2016, 2018 e 2020, com foco nas editorias Brasil, Maluquices e Repórter Mirim. A metodologia utilizada é constituída pelos métodos de Análise de Conteúdo, proposto por Bardin (2016) e Estudo de Recepção, por meio da técnica de Grupo Focal. Como técnica de apoio foram realizadas as Entrevistas em Profundidade com a editora-chefe e a diretora educacional do veículo. Esses estudos possibilitaram verificar que o Jornal Joca produz o seu conteúdo com base no modelo das “crianças bem cuidadas”, portanto, o lado social da infância que possui facetas extremas de abandono, violência e maus-tratos não é retratado no Joca.

Palavras-chave: Jornalismo. Jornalismo infantil. Jornal Joca. Infância contemporânea. Educomunicação.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pesquisa do Jornal Joca	76
Figura 2- Box “PRÓXIMOS PASSOS”	80
Figura 3 - Editoria Maluquices na edição nº 75	82
Figura 4 - Fotos da matéria “Superação”	84
Figura 5 - Fotos e ilustrações da matéria “A prisão e o futuro de Lula”	88
Figura 6 - Linha do tempo “TRAJETÓRIA POLÍTICA DE LULA”	89
Figura 7 - Editoria Maluquices na edição nº 111	90
Figura 8 - Fotos da matéria “Uma história inspiradora”	93
Figura 9 - Mapa do Brasil na matéria “Novo coronavírus provoca suspensão de aulas pelo Brasil”	95
Figura 10 - Box “COMO LAVAR AS MÃOS”	96
Figura 11 - Editoria Maluquices na edição nº 145	98
Figura 12 - Fotos da matéria “Luz e água para a África”	100
Figura 13 - Foto do Repórter Mirim da edição nº 145	101

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 INFÂNCIA: A ORIGEM DA HUMANIDADE	23
2.1 AS FASES DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	23
2.2 MÚLTIPLAS FACETAS NA SOCIABILIDADE CONTEMPORÂNEA.....	28
2.2.1 Os direitos conquistados das crianças	31
3 A ARTE DE FAZER JORNALISMO	35
3.1 DA PRENSA DE GUTENBERG À IMATERIALIDADE JORNALÍSTICA	35
3.2 O MEU SANGUE FERVE POR VOCÊ: A NOTÍCIA.....	38
3.2.1 Valores-notícia: o homem que mordeu o cão	39
3.3 PROCESSOS DE CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA NO JORNALISMO	41
3.4 A ÉTICA JORNALÍSTICA E OS CAMINHOS A SEREM SEGUIDOS	45
3.4.1 Veracidade e Honestidade – princípios básicos para o jornalista	48
3.4.2 Objetividade – o “mito” da profissão	49
3.4.3 Imparcialidade – ligada ao jornalista como indivíduo	50
3.4.4 Exatidão – com ela existe responsabilidade e credibilidade	51
3.4.5 Credibilidade – o fruto dos ideais	51
4 EDUCAÇÃO	53
4.1 A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO FORMATIVO DO SER HUMANO	53
4.2 MUITO MAIS QUE UM “VIDEOGAME” EDUCATIVO	57
4.3 JORNALISTA É “PAU PARA TODA OBRA”?	61
5 JORNALISMO ESPECIALIZADO: PARA TODOS OS GOSTOS	65
5.1 MUITO ASSUNTO, POUCA MEMÓRIA.....	65
5.2 O REPÓRTER “CONTADOR DE HISTÓRIAS”	67
5.3 “MAMÃE EU QUERO” UM JORNAL SÓ PARA MIM	70
6 METODOLOGIA	74
6.1 JORNAL JOCA.....	74

6.2 TERMOS EXPLICATIVOS	76
6.3 EDIÇÕES SELECIONADAS DO JORNAL JOCA	78
6.3.1 Jornal Joca nº 75	78
6.3.2 Jornal Joca nº 111	85
6.3.3 Jornal Joca nº 145	93
6.4 ESTUDO DE RECEPÇÃO	101
6.5 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE	104
6.5.1 Entrevistas na íntegra	105
6.6 FASE 3: TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO.....	111
6.6.1 Análise.....	112
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
APÊNDICE A - PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO	146
ANEXO A - CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS	16
ANEXO B – DOCUMENTO JOCA, O QUE É?.....	23
ANEXO C – RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O JORNAL JOCA	25

1 INTRODUÇÃO

A leitura de jornal, além de informar, traz estímulo à imaginação e à criatividade, exercita a memória e auxilia a estabelecer novas conexões entre diversos assuntos. Ler é um ato saudável e importante em todas as idades e colabora para o desenvolvimento do senso crítico e para uma formação cidadã. Adiciona-se a isso o enriquecimento de vocabulário e a melhora da escrita, principalmente em se tratando de crianças.

Em um país que tem altas taxas de analfabetismo, o jornalismo infantil, por meio da estimulação e exploração da leitura jornalística, pode ser uma das ferramentas para modificar essa realidade. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2019¹, o Brasil ainda tem 11,041 milhões de analfabetos (6,6% da população), ou seja, pessoas que já completaram 15 anos de idade sem aprender a ler ou a escrever. Atualmente, 8,9% dos analfabetos são pessoas de cor preta ou parda, mais que o dobro do índice observado entre as pessoas brancas (3,6%).

O jornalismo, desde seus primórdios, além de informar, também faz parte do processo formativo educacional do ser humano e da sua cidadania. Na opinião de Freire (2018), a educação precisa possibilitar ao homem o reconhecimento e a coragem para perceber sua própria realidade e, em um movimento de reflexão, transformar suas problemáticas com força e coragem. Dessa forma, o jornalista, por muitas vezes, precisa agir como um educador ou um professor, como forma de ensinar o público sobre política, economia, ciência, direitos e deveres do cidadão, meio ambiente, entre outros assuntos pertinentes.

Nesse sentido, pode-se afirmar que o jornalismo está presente em todas as fases da vida do cidadão. Inclusive, o direito da criança de acesso às mídias e à participação no debate público está assegurado na Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança, aprovada pela Assembleia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas), em 1989 e assinada pelo Brasil em 1990. Diante dessa perspectiva, o jornalismo infantil entra em cena como um recurso para a educação infantil contemporânea.

¹ IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019**. Brasil, 2020. Disponível em: < <https://educa.ibge.gov.br/> >. Acesso em: 17 jul. 2021.

Existem boas práticas no mundo que merecem ser citadas. Na França, há quatro publicações que “traduzem” e tratam especialmente as notícias para crianças e adolescentes. O tablóide semanal *Le Journal des Enfants* tem tiragem de 70 mil exemplares para crianças de nove a 14 anos e serve de suporte pedagógico para 13 mil escolas. Em 1995, foi lançado o *Mon Quotidien*, primeiro diário infantil na Europa – destinado às crianças de nove a 14 anos. O sucesso foi tanto que, três anos depois, surgiu mais um diário para crianças: o *Le Petit Quotidien*, para leitores de seis a nove anos. A pauta, nesses jornais, é quase a mesma dos jornais adultos: atualidades nacionais e internacionais, centradas em cultura, esportes e ciências.

No Brasil, existem os já descontinuados suplementos infantis em grandes jornais do país, como o *Folhinha* (suplemento da Folha de S. Paulo, criado em 1963 e descontinuado em papel em 2016), *Estadinho* (suplemento dentro do jornal O Estado de São Paulo e publicado de 1987 a 2013), *Para o Seu Filho Ler* (coluna no jornal Zero Hora, publicada ao longo de 2006) e as revistas *Tico-Tico* (de 1905 a 1977) e *Recreio* (circulou em versão impressa em dois períodos: de 1969 a 1981 e, mais tarde, de 2000 a 2018). A partir desse cenário, Furtado (2013)² explica que os conteúdos produzidos para as crianças são mais relacionados com o meio impresso, não tanto com meios eletrônicos e digitais.

Apesar dessas famosas produções para o público infantil, a pesquisadora não poderia deixar de estudar o primeiro e único jornal brasileiro feito para crianças: o Jornal Joca. Seu pioneirismo é inegável, tornando-o um objeto de estudo bastante adequado para pesquisa. Por isso, este trabalho tem como tema: “o jornalismo infantil e a concepção da infância contemporânea no Jornal Joca” e buscou responder à seguinte questão norteadora: “de que maneira o Jornal Joca compreende e retrata as crianças contemporâneas?”. Dessa forma, o trabalho procurou entender como o próprio jornal constrói o “ser criança”.

Como defende Doretto (2014)³, o jornalismo infantil auxilia na construção social da categoria infância. Segundo a autora, esse poder do jornalismo deve ser usado com muita cautela, pois ajuda os meninos e meninas a aprenderem o que devem

² FURTADO, Thaís Helena. **O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista *Recreio***. Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77014/000894478.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso: 17 jul. 2021.

³ DORETTO, Juliana. **Jornalismo para a infância: uma proposta de definição**. *Revista Ciberlegenda*. n. 30 (2014): Relação Brasil Portugal. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36955> >. Acesso em: 17 jul. 2021.

esperar do mundo (os seus direitos, os seus deveres) e como devem agir. Ela ainda ressalta que esse tipo de jornalismo deveria oferecer uma ampla variedade de assuntos às crianças, pois, dessa forma, possibilitaria “[...] aos potenciais leitores não apenas mais materiais em diferentes áreas de atração, mas também informações mais aprofundadas e críticas sobre esses variados temas” (DORETTO, 2018, p.23)⁴.

Após a escolha do tema e da formulação da questão norteadora, foram desenvolvidas quatro hipóteses, cuja confirmação (parcial ou total) consta nas considerações finais, após a aplicação da metodologia.

H.A O Jornal Joca proporciona espaços para o protagonismo e a participação do público infantil na construção da narrativa jornalística do veículo, de forma a auxiliar os leitores a melhor compreender o papel do jornalismo no mundo contemporâneo.

H.B O conteúdo jornalístico do Joca traça padrões para uma parcela da infância contemporânea que deseja atingir: um modelo de criança bem cuidada.

H.C As informações jornalísticas aliadas aos materiais de apoio para os professores, ambos produzidos pelo Joca, contribuem para a formação educacional do público infantil.

H.D A linguagem e os elementos jornalísticos do Joca são voltados à objetividade e à contextualização da pauta sem utilizar recursos e características do jornalismo literário.

Para a estruturação das hipóteses, partiu-se de um objetivo geral: conceituar e caracterizar a infância contemporânea e a forma como ela é retratada a partir da seleção e da apresentação dos conteúdos jornalísticos que compõem as edições estudadas do Jornal Joca.

Para cada uma das quatro hipóteses foram elencados outros objetivos, chamados de específicos, que têm papel importante na investigação deste trabalho:

- a) Compreender as características da narrativa jornalística;
- b) Abranger o jornalismo, especializado em público infantil;
- c) Caracterizar a contemporaneidade quanto ao binômio jornalismo-educação;
- d) Refletir sobre a importância da participação das crianças para a produção dos conteúdos jornalísticos do Jornal Joca;

⁴ DORETTO, Juliana. A participação das crianças no jornalismo infantojuvenil português e brasileiro. Porto Alegre, RS: **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, 2018. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27327> >. Acesso: 17 jul. 2021.

- e) Conceituar infância e abarcar os modelos de infância presentes no mundo contemporâneo;
- f) Apresentar a importância da educação para o processo formativo do ser humano;
- g) Conceituar Educomunicação e analisar seu impacto para a compreensão do jornalismo, a partir da realidade das crianças;
- h) Delinear os processos de desenvolvimento biológico das crianças;
- i) Definir a jornada da infância quanto à sociabilidade;
- j) Analisar as escolhas do conteúdo jornalístico do jornal Joca e como elas auxiliam para a construção do modelo de infância que se deseja atingir.
- k) Indicar as características do modelo educacional para crianças no mundo contemporâneo e digital;
- l) Analisar o papel do jornalista como educador, explicando como a sua produção influencia a compreensão das informações por parte das crianças;
- m) Identificar aspectos do jornalismo que servem como recurso didático para crianças;
- n) Conceituar jornalismo literário e suas características de linguagem;
- o) Delinear os elementos do texto que comprovam o uso da objetividade jornalística;
- p) Determinar como o Joca faz a contextualização das matérias jornalísticas para o público infantil.

Para cada hipótese, foram relacionados os objetivos específicos:

Hipótese A: objetivos a, b, c, d, e, f, g.

Hipótese B: objetivos a, b, f, e, h, i, j.

Hipótese C: objetivos a, b, d, g, f, k, l, m.

Hipótese D: objetivos a, b, n, o, p.

Ao longo do projeto de TCC estabeleceu-se um roteiro para a realização desta pesquisa. O trabalho foi dividido em seis capítulos, contando esta introdução como o capítulo inicial, em que são apresentadas as hipóteses, a questão norteadora, o objetivo geral e os específicos e, também, abordando os principais temas e conceitos discutidos ao longo de toda a pesquisa, bem como apresentando as motivações para

a escolha do tema.

O segundo capítulo discorre a respeito dos conceitos e visões acerca da infância ao longo da história até a contemporaneidade. Também aborda as etapas do desenvolvimento biológico das crianças, com pesquisas de filósofos, psicólogos e outros estudiosos do tema. Além disso, o capítulo se destina a apresentar as diversas facetas da infância que estão presentes na sociedade, destacando os direitos das crianças na atualidade, assim como os deveres dos adultos para com elas.

O terceiro capítulo aborda o jornalismo e as principais características do ofício e do profissional jornalista. Também faz parte desse capítulo uma breve linha do tempo para facilitar o entendimento sobre os processos de convergência midiática nas redações, com foco na chegada dos computadores, da internet e das redes sociais. Por fim, tratou-se dos valores-notícia utilizados pelos veículos, além da ética jornalística e os princípios vistos como ideais do profissional.

No quarto capítulo são trazidos os conceitos de educação na infância pela visão de diferentes autores, além de destacar a importância da educação como processo formativo dos seres humanos. Com isso, buscou-se traçar um breve panorama sobre a evolução da educação ao longo da história até chegar na contemporaneidade, onde o mundo digital faz parte da rotina das crianças. Também aborda-se a história, o significado e os processos e princípios da educomunicação. Ainda nesse capítulo, é discutido sobre a responsabilidade social do jornalista perante a realidade educacional brasileira.

O quinto capítulo fala sobre o jornalismo especializado, suas principais características e gêneros. Apresentam-se os aspectos individuais e a história do jornalismo literário, além de discorrer a respeito dos recursos técnicos absorvidos da literatura e que são unidos ao texto jornalístico. Também traz conceitos de jornalismo especializado para o público infantil e fala das formas de abordagem das notícias e os formatos da produção jornalística preferidos pelas crianças.

O sexto capítulo é reservado à apresentação do Jornal Joca, objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso, suas linhas editoriais, características e modo de produção. O capítulo também traz o detalhamento dos métodos e técnicas de pesquisa utilizados para a construção deste trabalho. Além disso, são apresentados os resultados das percepções obtidas a partir da aplicação dos métodos Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (2016), e Estudo de Recepção via Grupo Focal, realizado com crianças. Aqui também são relatadas as entrevistas em profundidade

com editora-chefe do veículo, Maria Carolina Cristianini, e com a diretora educacional do veículo, Mônica S. Gouvêa.

Para melhor compreensão do sexto capítulo, são apresentados os conceitos de pesquisa, metodologia e método. Por *pesquisa*, Gil (2007) apud Gerhardt e Souza (2009)⁵ refere-se a um procedimento de várias fases, que tem como objetivo produzir respostas aos questionamentos levantados através da formulação de problemas e com a apresentação e discussão dos resultados obtidos. Já para Melo (2011)⁶, a pesquisa em comunicação compreende o estudo científico dos materiais que integram todo o processo comunicativo e busca analisar os fenômenos da transmissão de informações de forma individual, em grupo ou para um grande público.

Como metodologia, Tartuce (2006) apud Gerhardt e Souza (2009, p. 11)⁷ afirma que pode ser definida como “[...] o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa”. Segundo Marconi e Lakatos (2021)⁸, o método é entendido como o caminho a ser seguido durante a pesquisa, a partir do conjunto das atividades sistemáticas e racionais que permitem ao pesquisador alcançar seus objetivos finais como válidos e verdadeiros.

O caráter metodológico deste trabalho é a pesquisa qualitativa, pois foi identificado como o mais apropriado para os objetivos que se desejava alcançar. Distinta da pesquisa quantitativa que, segundo Bardin (2016), é caracterizada pela frequência com que certas propriedades surgem no conteúdo, a pesquisa qualitativa analisa a presença ou a ausência das características ou conjuntos de características do conteúdo a ser pesquisado. Minayo (2001) apud Silveira e Córdova (2009)⁹ explica

⁵ GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa de. Aspectos teóricos e conceituais. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:

<<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

⁶ MELO, José Marques de. Metodologia da Pesquisa em Comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2011. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522474400/cfi/4!/4/4@0.00:23.8>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

⁷ GERHARDT; SOUZA, p. 11

⁸ MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9 ed. rev e ampl. São Paulo, SP: Atlas, 2021. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597026580/cfi/6/10!/4/12@0:61.3>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

⁹ CÓRDOVA, Silvana Peixoto; SILVEIRA, Denise Tolfo Silveira. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

que a pesquisa qualitativa dedica-se aos significados, crenças, motivos e valores do conteúdo.

O procedimento metodológico escolhido para o trabalho foi a pesquisa bibliográfica. Marconi e Lakatos (2021, p.49)¹⁰ definem que a pesquisa bibliográfica “[...] é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos” e é o planejamento global de qualquer pesquisa.

Como método inicial para a pesquisa foi utilizada a Análise de Conteúdo proposta pela pesquisadora Laurence Bardin (2016). Conforme a autora, esse método é formado por um conjunto de técnicas que podem ser utilizadas para a análise de diferentes campos da comunicação. A autora organiza a Análise de Conteúdo sob três fases cronológicas, apresentadas a seguir:

a) pré-análise: esta primeira fase é caracterizada como a organização do material; ela corresponde à sistematização das ideias iniciais sobre a pesquisa, de maneira a desenvolver um esquema para os próximos passos. De acordo com Bardin (2016, p.125), são determinadas três tarefas para a pré-análise: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final”.

Bardin (2016) esclarece que, com os documentos para a análise já demarcados, é necessário criar o *corpus* da pesquisa. Essa constituição do *corpus* implica em regras para as eventuais escolhas, explicadas a seguir.

- a) *Regra da exaustividade:* quando definido o campo do *corpus*, todos os elementos precisam estar incluídos nos documentos que serão utilizados na análise;
- b) *Regra da representatividade:* a análise dos documentos pode ser realizada numa *amostra*. No caso deste trabalho, são as edições escolhidas pela pesquisadora. Para isso, é preciso que o material esteja habilitado para análise;

¹⁰ MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9 ed. rev e ampl. São Paulo, SP: Atlas, 2021. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597026580/cfi/6/10!/4/12@0:61.3> >. Acesso em: 19 jul. 2021.

- c) *Regra da homogeneidade*: o material selecionado deve ser homogêneo, a fim de obedecer a critérios de escolha e não devem apresentar muitas especificidades fora dos critérios definidos pelo pesquisador;
- d) *Regra da pertinência*: os documentos selecionados devem ser adequados, enquanto fonte de informação, para o objetivo final da pesquisa: a análise de conteúdo.

Os documentos que serão submetidos à metodologia compreendem três edições do Jornal Joca nos anos de 2016, 2018 e 2020. O critério utilizado para a escolha foi o de anos pares, sendo possível, assim, abranger vários anos do veículo. O Jornal Joca completa dez anos em 2021. As três seções/editorias selecionadas para a análise são: *Brasil, Maluquices e Repórter Mirim*.

A editoria *Brasil* traz os principais assuntos em pauta no país no período daquela edição. Notícias curtas, divertidas e inusitadas pautam a seção *Maluquices* do jornal, normalmente situada na contracapa. Os leitores marcam forte presença na editoria *Repórter Mirim*, uma parte do veículo em que as próprias crianças são convidadas a entrevistarem alguma personalidade para o jornal. Os leitores são chamados pelo veículo para participarem da edição com um nome já escolhido pelos jornalistas responsáveis, mas, podem também indicar entrevistados para a editoria. As edições serão apresentadas a seguir, na ordem em que se encontram na pesquisa.

- a) *Edição 75 do Jornal Joca*, que compreende de 19/04/2016 a 02/05/2016. As páginas analisadas são: 2 (Editoria *Brasil* - Matéria *Câmara aprova prosseguimento de impeachment*), 5 (Seção *Maluquices*), 12 (Editoria *Repórter Mirim* - Matéria *Superação*);
- b) *Edição 111 do Jornal Joca*, que compreende de 16/04/2018 a 12/05/2018. As páginas analisadas são: 2 (Editoria *Brasil* - Matéria *A prisão e o futuro de Lula*), 6 (Seção *Maluquices*), 10 (Editoria *Repórter Mirim* - Matéria *Uma história inspiradora*);
- c) *Edição 145 do Jornal Joca*, que compreende de 16/03/2020 a 30/03/2020. As páginas analisadas são: 2 (Editoria *Brasil* - Matéria *Novo coronavírus provoca suspensão de aulas pelo Brasil*), 10 (Editoria

Repórter Mirim - Matéria Luz e água para a África), 12 (Seção *Maluquices*).

b) exploração do material: após concluir a pré-análise, é o momento de o pesquisador explorar o material previamente selecionado. Essa fase deve compreender operações de codificação e categorização. Conforme explica Bardin (2016), a codificação é a transformação do material bruto em uma representação e/ou expressão do conteúdo que será analisado posteriormente. A exploração aconteceu por meio da transcrição das editorias/seções escolhidas para estudo e do olhar analítico, além das imagens utilizadas em cada página selecionada - mostradas e descritas.

Bardin (2016) também indica que seja realizada uma categorização do material selecionado. As categorias são classes que reúnem um grupo de elementos, com o uso de um título genérico, a partir das características vistas como comuns deste material. Os itens abaixo representam o que foi observado pela pesquisadora durante a exploração do material, também servindo para a posterior análise.

- I. Texto: os títulos das reportagens, com destaque, também, para a linha de apoio, frases, metáforas e comparações utilizadas durante todo o texto. As frases estão destacadas em itálico, as metáforas marcadas em negrito e as comparações demarcadas com o sublinhado;
- I. Imagem: o tema/assunto principal explorado pela fotografia ou ilustração utilizada para as pautas, o contexto delas e, também, as cores e diferentes enquadramentos;
- II. Conteúdo: as pautas escolhidas pelo jornal nas editorias selecionadas para o estudo;
- III. Público: a participação do leitor na construção da edição. Essas participações são destacadas em amarelo no texto.

Após essa categorização, pode-se iniciar a última fase do método Análise de Conteúdo.

c) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: essa etapa procurou interpretar os resultados obtidos, de maneira que eles fossem considerados

significativos e válidos, podendo levar a reflexões a respeito dos objetivos iniciais da pesquisa e, também, a apresentação de novas descobertas.

Também foi utilizado o método de Estudo de Recepção por meio da técnica do Grupo Focal (*Focus Group*) a fim de responder às hipóteses do estudo. Para Fígaro, no artigo “*Estudos de recepção para a crítica da comunicação*” (2000)¹¹, o método permite entender melhor o papel dos meios de comunicação na vida da sociedade contemporânea.

[...] como eles atuam no cotidiano dos grupos sociais, nas diferentes comunidades e culturas, deixando também de lado a oposição emissor todo-poderoso versus receptor passivo ou, por outro lado, emissor neutro versus receptor/consumidor todo-poderoso (FÍGARO, 2000, p.42).

A autora ainda destaca que pensar a comunicação a partir da recepção possibilita, no campo comunicação/educação, tentar desconstruir os discursos proferidos, e busca compreender o processo de comunicação como interação social.

Já Certeau (1994) apud Lopes (1996)¹² explica que as pesquisas de recepção revelam, cada vez mais nitidamente, que nem tudo está dado quando se analisa a produção, e que os usos modificam a cultura. Na mesma linha, Jensen (1990) apud Lopes (1993)¹³ pontua as características do estudo de recepção.

[...] a insistência em que os estudos incluam uma análise empírica comparativa dos discursos dos meios com os discursos da audiência, da estrutura de conteúdo com a estrutura das respostas da audiência relativas àquele conteúdo. Os resultados desta análise são então interpretados com referência ao sistema sócio-cultural circundante que, novamente, é conceituado como uma configuração histórica de práticas sociais, contextos de uso e comunidades interpretativas (JENSEN, 1990, apud LOPES, 1993, p.82).

¹¹ FÍGARO, Roseli. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. São Paulo, SP: **Comunicação e Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP 2000. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36895/0>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

¹² LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Pesquisas de recepção e educação para os meios. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP; Moderna, n. 6, maio/ago., 1996, p. 41-46. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36242/38962>. Acesso em: 21 ago. 2021.

¹³ LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. **INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XVI, n.2, p. 78-86, jul/dez, 1993. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/823/730>> . Acesso em: 21 ago. 2021.

A técnica dos Grupos Focais (GF) no Estudo de Recepção enquadra-se em um tipo de pesquisa qualitativa e pode ser vista como uma entrevista coletiva, com o objetivo de identificar inclinações do público, na busca da compreensão de comportamentos, mas sem interferir e nem generalizar (COSTA, 2011)¹⁴. Para Backes et al. (2011)¹⁵, o GF proporciona aos participantes o exame da sua própria opinião sobre um determinado assunto, possibilitando o uso de sua própria linguagem para a formulação de perguntas e respostas pertinentes ao que é estudado.

Para o trabalho, foram convidados a participar do GF, dez crianças de 11 anos de idade da Escola Municipal de Ensino Fundamental Atiliano Pinguelo. A escolha dos estudantes foi realizada pela pesquisadora por meio da indicação da diretora da instituição de ensino. As crianças tiveram acesso prévio ao material do Jornal Joca selecionado como objeto de estudo e, no dia do GF, o evento foi realizado via Google Meet, devido à pandemia da Covid-19¹⁶, no mundo. Durante o Grupo Focal, a pesquisadora apenas facilitou a conversa entre as crianças, de modo a não induzir as respostas dos participantes. Dessa forma, a técnica possibilitou a documentação de diferentes pontos de vista e percepções essenciais para a pesquisa.

A técnica de Entrevista também foi utilizada pela pesquisadora. Para Duarte (2011)¹⁷, a entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e útil para obter a

¹⁴ COSTA, Maria Eugênci Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2011. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522474400/cfi/4!/4/4@0.00:23.8>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

¹⁵ BACKES, Dirce Stein; COLOMÉ, Juliana Silveira; ERDMANN, Rolf Herdmann; LUNARDI, Valéria Lerch. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista O Mundo da Saúde**. São Paulo, SP, 2011. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

¹⁶ O primeiro caso do novo coronavírus foi notificado em Wuhan, na China, em 31 de dezembro de 2019. A pandemia mundial foi declarada no dia 11 de março de 2020. Até junho de 2021, o vírus provocou mais de 3,5 milhões de mortes em todo o mundo. Muitos países implementaram uma série de intervenções para reduzir a transmissão do vírus e frear a rápida evolução da pandemia. Tais medidas incluem o isolamento de casos, o incentivo à higienização das mãos, à adoção de etiqueta respiratória e ao uso de máscaras faciais caseiras; e medidas progressivas de distanciamento social, com o fechamento de escolas e universidades; a proibição de eventos de massa e de aglomerações, a restrição de viagens e transportes públicos; a conscientização da população para que permaneça em casa até a completa proibição da circulação nas ruas, exceto para a compra de alimentos e medicamentos ou a busca de assistência à saúde. Essas medidas têm sido implementadas de modo gradual e distinto nos diferentes países, com maior ou menor intensidade, e seus resultados, provavelmente, dependem de aspectos socioeconômicos, culturais, de características dos sistemas políticos e de saúde, bem como dos procedimentos operacionais na sua implementação. Fonte: AQUINO, Estela M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/pt/#>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

¹⁷ DUARTE, p. 64.

descrição de processos complexos sobre a realidade do entrevistado. Segundo Gil (2007)¹⁸, diferentemente do questionário, essa técnica proporciona a obtenção de dados mais profundos em uma espécie de diálogo assimétrico, em que uma das partes procura coletar dados e a outra se apresenta como fonte dessas informações.

Para a pesquisa, foi empregada a entrevista em profundidade com a editora-chefe do veículo, Maria Carolina Cristianini, e com a diretora educacional do veículo, Mônica S. Gouvêa. Ambas as entrevistas foram realizadas via e-mail.

O sétimo e último capítulo é destinado às considerações finais desta pesquisa, além da verificação das hipóteses e alcance dos objetivos. Também estão expostas as percepções e as reflexões finais da pesquisadora.

¹⁸ GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2019. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/cfi/6/10!/4/16@0:80.3>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

2 INFÂNCIA: A ORIGEM DA HUMANIDADE

O capítulo que se desenvolve a seguir apresenta os conceitos e as visões acerca da infância ao longo da história da humanidade até a chegada da contemporaneidade. Com o estudo de obras de Jean-Jaques Rousseau – o chamado “inventor da infância” – e de Philippe Ariès com o livro *História social da criança e da família* (1981), buscou-se trazer maior linearidade histórica ao texto. Também abordam-se as etapas do desenvolvimento das crianças a partir de estudiosos do tema.

Além disso, três subcapítulos se apresentam na sequência. O primeiro deles discorre a respeito do mundo social destinado às crianças e do papel dos adultos nesse contexto. O segundo subcapítulo traça uma breve linha do tempo sobre a conquista dos direitos das crianças na história até a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) no Brasil, em 1990. Por fim, são apresentadas ao leitor as diversas facetas da infância presentes na sociedade contemporânea.

2.1 AS FASES DE DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Na concepção do Estado brasileiro, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)¹⁹, a criança é a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescente entre 12 e 18 anos de idade. No entanto, de acordo com a Convenção sobre os Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 20 de novembro de 1989, é considerado como criança todo indivíduo com menos de 18 anos de idade. Porém, podem existir as subdivisões em primeira e segunda infâncias até a chegada da adolescência, e as variações ocorrem conforme autores ou diferentes correntes de pensamento. Para este Trabalho de Conclusão de Curso foi estabelecido para o estudo apenas o público infantil, ou seja, crianças até os 12 anos de idade, conforme definição do ECA.

Para contar a história da infância e das crianças, que não tem príncipes

¹⁹ BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/ptbr/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf> >. Acesso em: 05 ago. 2021.

encantados, abóboras que se transformam em carruagem e muito menos fadas madrinhãs, pode-se iniciar discutindo a problematização e a complexidade que ronda esse universo. Inicia-se avaliando que as palavras infância e criança têm diferenças quanto à compreensão científica e, também, quanto ao “senso comum” presente na sociedade. É possível indicar que a infância é compreendida como a concepção ou a representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida ou, até mesmo, como o período vivido pela própria criança. Também pode-se inferir que a infância seja definida a partir da história da relação das crianças entre elas e com os adultos, com a cultura e com toda a sociedade.

Existe no mundo intelectual acadêmico amplo interesse pelo assunto infância. Psicólogos, médicos, sociólogos, pedagogos, historiadores debruçam-se sobre o estudo dessa etapa da vida. No entanto, de acordo com a linha de investigação histórica do francês Philippe Ariès (1914-1984), foi somente na Era Moderna (1453 a 1789) que os pensadores iniciaram seus estudos voltados ao infantil. Na obra *História social da criança e da família* (1981), Ariès afirma que na sociedade medieval a infância e a consciência da particularidade infantil não existiam. Entretanto, na Idade Média (476 d.C a 1453), existiram dois momentos distintos quanto à representação plástica da criança que refletem as ideias sobre infância que vigoravam naquele tempo: uma que simplesmente não retratava a criança e outra que a exaltava em todos os seus detalhes.

Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo (ARIÈS, 1981, p. 50).

De acordo com Ariès (1981) apud Grumiché (2012)²⁰, a partir do século XIII, surgiram outros tipos de crianças, mais parecidas com as da época moderna. “Nas artes, para ilustrar, surgiram os anjos, o Menino Jesus, a criança nua na fase gótica. Nas vestimentas elas ganharam roupas diferentes das dos adultos, era comum usarem ‘um vestido comprido’” (ÀRIES, 1981, apud GRUMICHÉ, 2012, p.37, grifos do

²⁰ GRUMICHÉ, Mônica Cristina Dutra. *Da ideia de Infância em Jean-Jacques Rousseau ou Do "Sono da Razão"* [dissertação]. Florianópolis, SC, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100465>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

autor)²¹.

Nos séculos XIV e XV, existiu crescente interesse dos adultos em relação às crianças. Ariès (1981) declara que, na Era Medieval, a criança foi reconhecida como um ser dotado de alma. Isso pode ser explicado pelo modo de vida daquele tempo. Na Idade Média, há relato de que os sujeitos viviam numa espécie de grande comunhão familiar que não era contestada. Assim, o ser só “existia” se pertencesse a uma linhagem, a uma comunidade ou a uma família, e a criança integrava esse conjunto. Nessa ótica, todos daquela comunidade tinham responsabilidade para com as crianças (GRUMICHÉ, 2012).

Com a mudança da sociedade rural para a urbana por conta de aspectos econômico-culturais, o resultado foi a transformação do “lugar” da criança. Gélis (1991) apud Grumiché (2012) pontua que o corpo começou a ser visto como mais individualizado. As comunidades numerosas deram lugar às famílias menores e, com isso, a criança foi mais valorizada. Essa apreciação cresceu na Renascença (século XIV ao século XVII)²² que tinha formatações familiares parecidas com as da contemporaneidade – espaço da casa mais íntimo, com famílias compostas apenas pelo casal e seus filhos.

Na Renascença, as crianças, se bem educadas, passavam a representar alta posição social para as famílias, além de se tornarem “objetos” de divertimento dos adultos. Foi nesse contexto que surgiu a “paparicação”.

Um novo sentimento da infância havia surgido, em que a criança, por sua ingenuidade, gentileza e graça, se tornava uma fonte de distração e de relaxamento para o adulto, um sentimento que poderíamos chamar de “paparicação” (ARIÈS, 1981 p.100, grifos do autor).

²¹ GRUMICHÉ, Mônica Cristina Dutra. **Da ideia de Infância em Jean-Jacques Rousseau ou Do "Sono da Razão"** [dissertação]. Florianópolis, SC, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100465>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

²² O Renascimento, 1300 a 1650, foi um importante movimento de ordem artística, cultural e científica que se deflagrou na passagem da Idade Média para a Moderna. Além de reviver a antiga cultura greco-romana, ocorreram nesse período muitos progressos e incontáveis realizações no campo das artes, da literatura e das ciências, que superaram a herança clássica. Na Renascença, começou-se a pensar na importância dos seres humanos. Esta é uma das principais características do Renascimento: o homem é o centro do mundo. Por esse motivo, os pensadores dessa época foram chamados de humanistas. O humanismo valorizava a vida na Terra, e os humanistas queriam compreender o mundo a seu redor. Fonte: PARISOTTO, Giovanna Chaves. **As Vênus do Renascimento**. Londrina, PR: II Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais/trabalhos/pdf/Parisotto_Giovanna%20Chaves.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2021.

Nesse sentido, as evoluções do andar da criança, sua fala e o aprender a se comportar socialmente serviam como descontração para os núcleos familiares. A “paparicação” pode ser vista como mimo ou proteção por parte dos adultos.

Com os esforços para proporcionar uma educação formal às crianças, o autor relata que a partir do século XVII foi dada mais importância para a sua educação. Com isso, a criança parou de aprender com os adultos no dia a dia e pôde buscar conhecimento na escola. “Essa evolução da instituição escolar está ligada a uma evolução paralela do sentimento das idades e da infância” (ÀRIES, 1981, p. 170).

As crianças de famílias abastadas passaram a frequentar instituições destinadas às suas formações. Com isso, foi criado um distanciamento de espaço e tempo entre as crianças e os adultos. A partir dessa nova realidade, os pequenos passaram à “[...] categoria passível de ser instruída, não só quanto aos parâmetros sociais, mas inclusive quanto à aprendizagem de conteúdos específicos” (GRUMICHÉ, 2012, p.42)²³.

Os pensamentos expostos pelo suíço Jean-Jaques Rousseau (1712 – 1778), o filósofo conhecido como o “inventor da infância”, durante o século XVIII, influenciaram de maneira decisiva a forma como o Ocidente passou a perceber a infância. Rousseau via o jovem como um ser integral, e não uma pessoa incompleta, e intuiu na infância várias fases de desenvolvimento, sobretudo cognitivo. O autor provocou uma revolução ao publicar *Emílio ou Da Educação* (1762). Com o feito, ele trouxe um lugar para a criança no mundo, um valor em si mesma e a infância começou a ser vista como uma etapa essencial para a constituição humana. O filósofo dividiu a vida do jovem - e seu livro *Emílio* - em cinco fases: lactância (até 2 anos), infância (de 2 a 12), adolescência (de 12 a 15), mocidade (de 15 a 20) e início da idade adulta (de 20 a 25).

Assim, as crianças, agora na escola, passaram a desenvolver novas habilidades e a aprender diferentes conteúdos. Alguns autores afirmam que o crescimento e o desenvolvimento são processos simultâneos, mas não possuem conceitos iguais ou acontecem em igual velocidade. Segundo Moreira (2011, p.115, grifos do autor)²⁴, o crescimento é definido como “[...] aumento de massa por hipertrofia

²³ GRUMICHÉ, Mônica Cristina Dutra. *Da ideia de Infância em Jean-Jacques Rousseau ou Do "Sono da Razão"* [dissertação]. Florianópolis, SC, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100465>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

²⁴ MOREIRA, LMA. Desenvolvimento e crescimento humano: da concepção à puberdade. In: **Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual**. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 113-123. Bahia

e divisões celulares (passível de aferição por meio de cm e kg) e desenvolvimento é a aquisição de capacidade (somente passível de aferição por meio de provas funcionais)”.

Assim como acontece com os períodos da infância, o desenvolvimento das crianças varia conforme a concepção dos autores. No livro *A criança em desenvolvimento*, das autoras Denise Boyd e Hellen Bee (2011),²⁵ que são base para o entendimento do desenvolvimento infantil, é feito um apanhado dos principais estudiosos para compreender a infância e suas particularidades.

Quanto ao desenvolvimento das crianças, Bee e Boyd (2011) citam que para Rousseau - o “inventor da infância” - os seres humanos nascem bons e, ao longo da existência, procuram experiências que os ajudem a crescer. Para as estudiosas, a interação de forças internas e externas existe, mas não influencia diretamente nos resultados evolutivos. Essas experiências, mencionadas por Rousseau, nada mais são do que os relacionamentos advindos das interações entre a educação, o trabalho, a cultura e o lazer que as crianças já vivenciam desde o nascimento.

Resultados evolutivos “bons”, como uma disposição a compartilhar suas posses com outros menos afortunados, resultavam de crescer em um ambiente que não interferiu na expressão da criança de suas próprias características inatas. Em contraste, “maus” resultados, como comportamento agressivo, eram aprendidos de outros ou surgiam quando uma criança experimentava frustração em suas tentativas de seguir os preceitos da bondade inata com a qual ele nasceu (ROUSSEAU, BEE; BOYD, 2011, p.27, grifos do autor)²⁶.

Rousseau (apud BEE; BOYD, 2011) também explica que o aprendizado pode ser alcançado por meio da consciência corporal da criança, desenvolvida a partir da experimentação dos sentidos. Esses aprendizados repercutem na ética e na moral do indivíduo em formação. Assim, pode-se entender que além de desenvolver um amadurecimento biofísico, a partir dos sentidos, a criança pode desenvolver-se psicologicamente. Segundo a perspectiva rousseauiana, com a união entre as experiências entre corpo e mente, vai-se construindo o intelecto.

de todos collection. Disponível em: < <http://books.scielo.org/id/7z56d/pdf/moreira-9788523211578-11.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

²⁵ BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. 12 ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536325279/cfi/1!1/4/2@100:0.00> > Acesso em: 05 ago. 2021.

²⁶ Ibid., p.27.

Esse percurso maturacional que envolve elementos biológicos, psicológicos e morais, ainda segundo Rousseau, faz parte da constituição natural humana. Portanto, a preparação para a vida social deverá pautar-se por esses estágios. Para o estudioso, a natureza humana só é concretizada na sociedade, na convivência com o outro.

2.2 MÚLTIPLAS FACETAS NA SOCIABILIDADE CONTEMPORÂNEA

Como foi trabalhado no subcapítulo anterior, as crianças passam por diversos processos de desenvolvimento biológico e comportamental ao longo de sua infância. Além dos citados anteriormente, a sociabilidade é um fator que influencia, diretamente, as experiências das crianças em diversos tempos e espaços nos quais convive. Com isso, é fundamental também fazer-se uma reflexão. A infância não é uma só, as crianças não vivem a infância de forma homogênea em todos os lugares do mundo. Os aspectos sociais, culturais, alimentares e econômicos são diversos, até em uma mesma vizinhança.

Quando surge a pergunta “o que é ser criança?”, usualmente existe a compreensão de que é um momento da vida experienciado em um mundo de sonhos e fantasias, em que as crianças são alegres, despreocupadas, brincam muito, recebem mimos da família e vivem em ambientes propícios ao seu desenvolvimento. Para alguns, a infância é vista como “a melhor época da vida”. Entretanto, essa não é a realidade de todas as crianças, pois existem infâncias diversas na sociedade.

Basta olharmos ao redor, para vermos meninos e meninas na rua, esmolando, se prostituindo, sendo explorados no trabalho, sem tempo para brincar, sofrendo violências de todos os tipos. Será possível pensar que esses meninos e meninas não sejam crianças por não apresentarem todos os predicados que são atribuídos à infância? (FROTA, 2007, p. 148)²⁷.

No mesmo sentido se posicionam Freitas e Kulhmann (2002), na obra *Os Intelectuais na história da infância*, em que os autores afirmam que existem as

²⁷ FROTA, Ana Maria Monte Coelho. **Diferentes concepções da infância e adolescência**: a importância da historicidade para sua construção. Rio de Janeiro, RJ: Estudos e Pesquisas em Psicologia, vol. 7, núm. 1, abril, pp. 147-160, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v7n1/v7n1a13.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

subdivisões em infâncias. Eles relatam que surgem propostas para a infância material ou moralmente abandonada, para a infância considerada pobre, marginal, etc. Em contraponto, a criança também se torna uma categoria genérica e objeto de investigação psicológica.

Às vezes, a expressão *infância* refere-se às crianças dos setores dominantes, quando se atribui a esses setores a primazia dos sentimentos e das práticas que caracterizam este conceito ou representação. Outras vezes, a *infância* representa as crianças pobres, objeto das políticas sociais (FREITAS; KUHLMANN, 2002, p. 7-8, grifos do autor).

No artigo *Crianças e infâncias: uma categoria social em debate*²⁸, Eloisa Acires Candal Rocha corrobora com a ideia de que a infância possui diversas facetas e que, como categoria social, sofre mudanças quanto à inserção da criança no meio social. “Este processo resulta em permanentes transformações também no âmbito conceitual e das ideias que a sociedade constrói acerca da responsabilidade sobre a construção dos novos sujeitos” (ROCHA, 2002, p.1)²⁹.

A autora ainda aborda o mito da infância feliz. Segundo ela, o lado social da infância possui facetas extremas, nos momentos em que a criança convive com abandono, maus tratos, violências, etc., o que tira da sociedade o sonhado mundo infantil homogêneo e o transforma na “caricatura perversa do próprio mundo adulto” (CALLIGARIS, 1994 apud ROCHA, 2002, p.3)³⁰.

Nesse sentido, com sociedades diferentes, o resultado que se alcança é o convívio com infâncias, também, diferentes entre si. Infâncias cuidadas, abandonadas, violentadas ou educadas e que, muitas vezes, compartilham o mundo adulto, resultando em infâncias “[...] vividas por crianças que têm um pleno reconhecimento dos seus direitos e por aquelas que não têm nenhum destes mesmos direitos garantidos” (ROCHA, 2002, p.2)³¹.

Desse modo, se consegue perceber que a infância é compreendida como uma categoria construída historicamente e, portanto, tem múltiplas emergências. De

²⁸ ROCHA, Eloisa Acides Candal. **Crianças e infâncias: uma categoria social em debate**. Florianópolis, SC: Zero-a-Seis, 2004. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/10152/9388> >. Acesso em 05 ago. 2021.

²⁹ ROCHA, 2004, passim.

³⁰ ROCHA, 2004, passim.

³¹ ROCHA, 2004, passim.

acordo com Salgado (2013)³², as experiências das crianças no universo contemporâneo revelam que as fronteiras entre a infância e a idade adulta estão diluídas, apesar de representarem épocas de vida tão distintas entre si. A autora ainda acrescenta que é por conta do mundo globalizado e midiático que as experiências infantis estão assumindo sentidos semelhantes às consideradas como específicas da vida adulta.

Ser criança estabelece uma condição social e psicológica e torna as gerações interdependentes e hierarquizadas. Nesse sentido, mesmo com a pluralidade de infâncias em razão das condições de vida existentes na sociedade, as crianças são tuteladas pelo adulto, que é o ser responsável. Para Bujes (2000)³³, as crianças têm sido “produzidas” pelos discursos que são apresentados sobre elas: discursos médicos, biológicos, antropológicos, psicológicos, pedagógicos, etc. De acordo com a autora, esses discursos constroem para as crianças “[...] uma posição de sujeito ideal, um sujeito universal, sem cor, sem sexo, sem filiação, sem amarras temporais ou espaciais” (BUJES, 2000, p. 10)³⁴.

Segundo Salles (2005)³⁵, é inerente à concepção de desenvolvimento, a ideia de que a criança se prepara para se tornar adulto, pois só o adulto saberia conduzir sua vida. Esse processo de socialização exige uma longa educação, com metas a longo prazo. Ao final do processo, essa criança deve atingir uma autonomia, o autocontrole, a maturidade, a razão e a independência, ou seja, as características atribuídas ao adulto. Nessa etapa, a conduta da infância deve ser superada.

Apesar de ter conquistado um espaço social próprio no mundo social, a criança recebe uma avalanche de projeções dos adultos. Rocha (2002, p.3)³⁶ questiona essa atitude. “Cabe então perguntarmos: qual o espaço que lhe resta de participação, onde ela poderá preservar-se com liberdade e independência em suas realizações?”. Ainda

³² SALGADO, Raquel Gonçalves; et al. **“TUDO JUNTO E MISTURADO?”**: a infância contemporânea no diálogo entre crianças e adultos. Rio de Janeiro, RJ: Revista Teias v. 14, n. 31, maio/ago., pp. 46-61, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24327>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

³³ BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Que infância é esta?**. Rio de Janeiro, RJ: 23ª reunião anual da Anped, 2005. Disponível em: <<https://www.anped.org.br/biblioteca/item/que-infancia-e-esta>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

³⁴ Ibid., p.10.

³⁵ SALLES, Leila Maria Ferreira. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea**: alguns apontamentos. 2005, p. 35. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000100005&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 11 ago. 2021.

³⁶ ROCHA, Eloisa Acides Candal. **Crianças e infâncias**: uma categoria social em debate. Florianópolis, SC: Zero-a-Seis, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/10152/9388>>. Acesso em 05 ago. 2021.

com base nessa reflexão, a autora defende que mesmo que a sociedade constate que a criança é um ser autônomo e que produz suas próprias tradições e comportamentos, os adultos precisam reconhecer que sabem pouco sobre as culturas infantis. Com a percepção de que as crianças são autônomas, os adultos devem tomar como atitude primária a observação das crianças no seu dia a dia como forma de aprender mais sobre as culturas infantis.

Sendo assim, os significados delegados à infância são o resultado de um processo de construção social, pois dependem de fatores alicerçados em determinadas épocas da história da humanidade, além de serem organizados socialmente e sustentados por discursos que nem sempre são homogêneos e que sofrem transformações a todo o momento.

Esta definição da infância ou a necessidade de explicar o que é tipicamente infantil, vendo as crianças com certos atributos e características, como sujeitos de interesses e tendências naturais que se manifestam dadas as condições propícias ao seu aparecimento, é um dos inventos da Pedagogia (que será reforçado posteriormente pelo saber psicológico) (BUJES, 2000, p. 14, grifos do autor).³⁷

A criança, como produtora de culturas diversas e um ser sociável, deve usufruir de uma realidade que a estimule ao pleno desenvolvimento de suas capacidades. Esse cenário é conquistado aos poucos e avança, principalmente, com a conquista das políticas públicas e dos direitos que não somente as crianças, mas toda a sociedade, ganhou ao longo dos séculos.

2.2.1 Os direitos conquistados das crianças

Durante séculos, as crianças foram ignoradas no contexto público devido à sua fragilidade e dependência. Mas, a partir do século XX, a infância adentrou na esfera pública e passou a ter lugar nas leis e códigos do mundo, ocupando a arena de negociação das políticas públicas. Um dos marcos dessa etapa é a *Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança*³⁸, o instrumento de direitos humanos mais

³⁷ BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Que infância é esta?**. Rio de Janeiro, RJ: 23ª reunião anual da Anped, 2005. Disponível em: <<https://www.anped.org.br/biblioteca/item/que-infancia-e-esta>> . Acesso em: 11 ago. 2021.

³⁸ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos das Crianças**. 1990. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>> Acesso em: 13 ago.2021.

aceito na história. O documento foi aprovado na Resolução 44/25 da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989 e ratificado por 196 países, incluindo o Brasil.

Composta por 54 artigos, a Convenção, de acordo com a Fundação Abrinq (2019)³⁹ estabelece direitos culturais, sociais, econômicos, civis e políticos para todas as crianças, possibilitando o direito à sobrevivência digna, ao futuro, à dignidade, ao respeito e outros. O documento ainda determina as responsabilidades da família, do Estado e da sociedade perante a infância.

O instrumento de 1989, comparado às declarações internacionais anteriores, realizou uma inovação não apenas no cerne de seu tema, mas porque reconhece à criança (no documento, caracterizada até os 18 anos), todos os direitos e liberdades legitimados na Declaração dos Direitos Humanos. Com isso, pela primeira vez, conferem-se às crianças direitos de liberdade, antes reservados apenas aos adultos, mas com singularidades da infância.

[...] a Convenção de 1989 reconhece, também, a especificidade da criança, adotando concepção próxima à do preâmbulo da Declaração dos Direitos da Criança de 1959: “a criança, em razão de sua falta de maturidade física e intelectual, precisa de uma proteção especial e de cuidados especiais, especialmente de proteção jurídica apropriada antes e depois do nascimento” (ROSEMBERG; MARIANO, 2010, p.699)⁴⁰.

A *Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança* é o instrumento de direitos humanos mais ratificado em escala mundial, o que não acontecera com outros documentos internacionais, pois a grande maioria das ratificações ocorreu nos primeiros dez anos após sua aprovação.

Na segunda metade do século XX, diversos países da América Latina, incluindo o Brasil, viveram épocas de golpes políticos e/ou ditaduras militares, o que levou à estagnação dos direitos humanos nesses países. Após o período da ditadura militar⁴¹

³⁹ FUNDAÇÃO ABRINQ. Por que a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança é importante? Descubra 5 informações fundamentais. **Fundação Abrinq**. São Paulo, 19 nov. 2019. Notícias. Disponível em: <<https://www.fadc.org.br/noticias/por-que-a-convencao-internacional-sobre-os-direitos-da-crianca-e-importante>> Acesso em: 13 ago. 2021.

⁴⁰ ROSEMBERG, Fúlvia; MARIANO; Carmem Lúcia Sussel. A Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças: debates e tensões. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, p.693-728, set./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/gvh6jf9BxZFWyZzcbSDWpzk/?format=pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

⁴¹ A Ditadura Militar no Brasil compreende o período de 1964 a 1985. O regime foi instaurado no país por meio de um golpe organizado por meios militares e civis. O golpe visou à derrubada do então presidente João Goulart e deu início ao período de 21 anos marcado pelo autoritarismo e pela censura da imprensa realizada

no Brasil, os movimentos sociais e populares se fortaleceram e auxiliaram a retomada da democracia. O Brasil, em meados dos anos 1980, elaborou uma nova Constituição, que pretendia assegurar os direitos individuais de todos os cidadãos.

Ainda no século XX, havia uma legislação no Brasil dirigida à infância e à juventude, o Código de Menores⁴², sancionada em 1927. Esse conjunto de leis preocupava-se com apenas uma parcela da população infantojuvenil; normalmente, a população das camadas mais desfavorecidas do país. O sentido do código era disciplinar condutas, estabelecendo preocupação com a criminalidade juvenil.

O Código de Menores, após a promulgação da Constituição Cidadã, em 1988, tornou-se insuficiente frente à nova realidade do país. Nesse sentido, a partir da retomada da democracia no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁴³ foi instituído como lei federal nº 8.069, em 13 de julho de 1990, adotando a chamada *Doutrina da Proteção Integral*, que segundo Dias et al. (2007, p.117)⁴⁴, em seu pressuposto básico “[...] afirma que crianças e adolescentes devem ser vistos como pessoas em desenvolvimento, sujeitos de direitos e destinatários de proteção integral”.

Para Grandino (2007, p.4)⁴⁵, a criação do ECA vem para o reconhecimento das especificidades dessa faixa etária e a “[...] compreensão daquilo que é necessário para garantir o desenvolvimento pleno e digno a todas as crianças e adolescentes de nosso país, bem como assegurar-lhes direitos civis, que foram estendidos a todos os cidadãos brasileiros”. Para originar o ECA, houve ampla discussão e efetiva participação de grupos de intelectuais, associações civis, grupos populares, além de especialistas de diversas áreas da infância e juventude. Contrariando leis criadas pelas mãos de poucos políticos, o Estatuto teve um trabalho coletivo, e foi construído

pelo Estado. Encerrou-se em 1985, quando Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil. Fonte: FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. São Paulo, SP: **Revista Brasileira de História**, 2004 Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf> >. Acesso em: 14 ago. 2021.

⁴² BRASIL. Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979. **Institui o Código de Menores**. Brasília, DF: Presidência da República, 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6697.htm> Acesso em: 14 ago. 2021.

⁴³ BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf> > Acesso em: 14 ago.2021.

⁴⁴ DIAS, Silvia Lucia de Almeida *et al.* **Estatuto da Criança e do Adolescente: aprendendo cidadania**. Brasília, DF: Inclusão Social, 2007. Disponível em: < <file:///C:/Users/Leticia/Downloads/1606-Texto%20do%20artigo-2306-1-10-20160324.pdf> >. Acesso em: 14 ago. 2021.

⁴⁵ GRANDINO, Patrícia Junqueira. **Estatuto da Criança e do Adolescente: o sentido da Lei para as relações intergeracionais**. 2007, p. 4. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/12_junqueira.pdf >. Acesso em: 14 ago. 2021.

por pessoas que estavam diretamente envolvidas com essa faixa etária.

De acordo com Dias et al. (2007), utilizando-se dos conceitos de Gomes, Caetano e Jorge (2008), o ECA é um marco nos direitos da criança e do adolescente, pois veio com o intuito de assegurar a essa parcela da população todos os direitos inerentes à pessoa humana; no Estatuto, a criança é vista como um ser humano completo. E essa criança, no mundo contemporâneo, depende do poder público, da sociedade em geral, da comunidade e da família para assegurar a efetivação dos direitos “[...] referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (ECA, artigo 4).

A criança, mesmo vista como um ser humano completo, também se insere em condições que aumentam a sua dependência frente ao adulto. Entretanto, as condições históricas, políticas e culturais são igualmente responsáveis por moldar as infâncias no mundo. Tem sido longo o percurso histórico para que os adultos das sociedades ocidentais reconhecessem à criança a condição de sujeito e a dignidade de pessoa. Apesar das críticas que envolvem a promulgação de leis e estatutos, esses documentos puderam assegurar diversos direitos para a infância e a criança na contemporaneidade.

Como visto neste capítulo, as crianças são seres autônomos capazes de produzir seus próprios costumes, normas e comportamentos sob influência do contexto social e cultural em que está envolvida. Na contemporaneidade, a proximidade das crianças com a mídia, por exemplo, é quase inevitável. Apesar dos apelos da internet, as mídias tradicionais ainda se encontram na casa das famílias. As crianças podem escutar, ainda que de modo indireto, as notícias no rádio ou assistir o telejornal com os pais, além de participar de conversas que envolvem as principais notícias do dia. Com isso, pode-se destacar que o jornalismo está presente na vida dos cidadãos desde a infância. Por isso, é necessário realizá-lo de forma responsável e ética, pensando tanto nos adultos como nas crianças que irão consumir o conteúdo.

3 A ARTE DE FAZER JORNALISMO

O terceiro capítulo deste trabalho apresenta uma linha do tempo para facilitar o entendimento sobre as cinco fases do jornalismo descritas por Marcondes Filho (2010): *pré-história do jornalismo, primeiro jornalismo, segundo jornalismo, terceiro jornalismo e quarto jornalismo* até a chegada dos processos de convergência midiática nas redações, a partir dos computadores, da internet e das redes sociais.

Também é abordado o conceito da matéria-prima do jornalismo: a notícia. A partir das definições de notícia, são apresentados os valores-notícia utilizados pelos veículos e pelos jornalistas nas rotinas de redação. Além disso, são debatidos a ética jornalística e os princípios ideais do profissional.

3.1 DA PRENSA DE GUTENBERG À IMATERIALIDADE JORNALÍSTICA

A prática do jornalismo é de longa data e o próprio jornalismo não é propriamente uma invenção. Segundo Bahia (19--), o ofício é um processo social e histórico aperfeiçoado com o tempo, assim como a linguagem e outros códigos, sinais e símbolos utilizados nas trocas de informações e comunicados. De acordo com o autor, as origens do jornalismo “[...] se encontram nas primeiras manifestações conscientes ou organizadas da comunicação, com as quais surge o costume da transmissão de informações” (BAHIA, 19--, p. 30).

Antes do jornalismo impresso, houve o jornalismo escrito. A escritura surgiu da necessidade de comunicação entre as pessoas, por conta dos impedimentos de tempo e distância, se tornando difícil a comunicação direta através da fala. Bahia (19--) ainda ressalta que a escritura nasceu por necessidade de fixação de pensamento, uma vez que a memória poderia falhar em alguns momentos. Nesse sentido, o jornalismo ampara essas necessidades, além das exigências de tempo e espaço ditadas pela evolução social, cultural e tecnológica. Diante desse cenário, Bahia (19--) destaca que o que tornou o jornalismo tão expressivo foi o início da gráfica no mundo.

Pena (2013) corrobora com Bahia (19--) e afirma que as notícias já circulavam

antes mesmo da invenção da conhecida prensa de Gutenberg⁴⁶, isto é, a máquina de impressão tipográfica inventada pelo alemão Johann Gutenberg no século XV. A partir do surgimento da prensa de Gutenberg, foi marcado o início da utilização especial e própria da escrita manuscrita, assumindo-se, com a imprensa, um caráter também coletivo de comunicação.

Para detalhar a evolução da profissão jornalística, Marcondes Filho (2010) traça um quadro das cinco épocas distintas do jornalismo: *pré-história do jornalismo, primeiro jornalismo, segundo jornalismo, terceiro jornalismo e quarto jornalismo*.

A fase da *pré-história do jornalismo* é datada de 1631 a 1789. Na época, era realizado um jornalismo artesanal, de forma semelhante ao livro, com uma economia elementar, a partir de empreendedores isolados e com os valores jornalísticos definidos pelas notícias mais espetaculares, como desastres, mortes, seres deformados, monarquia, entre outras. Marcondes Filho (2000, p.10) ainda comenta que o jornalismo “[...] é filho legítimo da Revolução Francesa⁴⁷”, isso porque a revolução, além de simbolizar a queda dos regimes monárquicos e do poder aristocrático, representava a conquista do direito à informação. Dessa forma, o conhecimento, antes reservado apenas aos sábios, passava a circular de maneira mais livre, por meio dos jornalistas e suas investigações.

O *primeiro jornalismo*, de 1789 a 1830, demonstrava uma maior profissionalização nos processos, com o surgimento da redação, da separação de funções e da conseqüente autonomia da redação. Os agentes eram escritores, políticos, críticos e cientistas, sem a função do jornalista profissional. É o jornalismo da “iluminação”, baseado na razão, verdade e transparência, com questionamento da autoridade, crítica da política e confiança no progresso. Pode ser caracterizado como jornalismo político-literário, desenvolvido para que tivesse um fim pedagógico para a

⁴⁶ Em 1455, Gutenberg compôs e imprimiu, em Mogúncia ou Mainz, cidade situada na Alemanha, o primeiro livro em caracteres móveis, sua famosa Bíblia de 42 linhas, toda em letras góticas, com 642 páginas. O aparecimento da imprensa de Gutenberg marca o início da utilização especial, particular, própria da escritura manuscrita, cujo caráter de instrumento de trabalho pessoal transformou-se, assumindo com a imprensa e os métodos de comunicação dela decorrentes um caráter também coletivo. A invenção da imprensa de Gutenberg foi um dos acontecimentos que mudaram a história da leitura e da circulação de ideias em escala mundial. Fonte: BAHIA, Juarez. **Jornalismo, informação, comunicação**. São Paulo, SP: Martins, 19--.

⁴⁷ A Revolução Francesa, que ocorreu no ano de 1789, é o evento que, segundo alguns autores, inaugura a chamada Idade Contemporânea. Os historiadores do século XIX, que fizeram a linha divisória da História, imputaram a este acontecimento o caráter de marco divisor entre a Idade Moderna e a Contemporânea, por conta da radicalização política que o caracterizou. Fonte: COGGIOLA, OSVALDO. **Novamente, a Revolução Francesa**. São Paulo, SP: Projeto História, 2013. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17137/14208> >. Acesso em: 26 ago. 2021.

formação política da sociedade.

Entre 1830 a 1900, tem-se o *segundo jornalismo*, que marca, verdadeiramente, o início da profissionalização dos jornalistas, assim como a chegada da imprensa de massa, o que torna o jornal uma grande empresa capitalista. A fase romântica anterior cede espaço à imprensa que precisa estar sintonizada com as exigências do capital, capaz de se autossustentar. Porém, essa “nova” imprensa com objetivo de lucro mantém as características originais do ofício: “a busca da notícia, o ‘furo’⁴⁸, o caráter de atualidade, a aparência de neutralidade, em suma, ‘o caráter libertário e independente” (MARCONDES FILHO, 2000, p.14, grifos do autor). Com isso, criam-se as entrevistas, as enquetes, as reportagens, as manchetes, com alto investimento nas capas, logo e chamadas para, assim, vender mais jornais.

Já o *terceiro jornalismo*, de 1900 a 1960, foi marcado por uma imprensa monopolista, com grandes tiragens e com a influência da indústria publicitária, das relações públicas e do uso da fotografia. Segundo Marcondes Filho (2000), com a influência de outras áreas da comunicação, aconteceu a “descaracterização” do jornalismo ou, até mesmo, a “decadência”. A atividade passou, então, a não questionar tanto a política, como na *primeira fase do jornalismo*, e a falar sobre esporte, cinema, teatro, turismo, infância e “feminilidades”, com a inserção de promoção de produtos na própria mensagem jornalística, além da espetacularização constante. Essa “espetacularização midiática” é discutida pelo autor Guy Debord, na obra *A Sociedade do Espetáculo* (1997). O autor defende que o espetáculo está presente em toda a sociedade e que os cidadãos enxergam o mundo através das imagens transmitidas pela mídia. “[...] Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997, p.13). Esse espetáculo, de acordo com o autor, mostra apenas “[...] o que é bom” e o que irá despertar desejos de consumo no espectador (DEBORD, 1997 apud NEGRINI; AUGUSTINI)⁴⁹.

Complementando Debord (1997), nesse *terceiro jornalismo* ainda existe a chamada “indústria da consciência”, um estágio da indústria cultural que tem estratégias para fazer propaganda e passá-la como notícia de interesse público. O

⁴⁸ É a notícia em primeira mão, quando determinado veículo é o primeiro a publicar uma informação. Fonte: OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. **A natureza do furo de reportagem**: de perspectiva histórica para uma construção teórica. Goiânia, GO: Comunicação&Informação, 2014. Disponível em: < https://brapci.inf.br/_repositorio/2017/07/pdf_e46187bd42_0000014738.pdf >. Acesso em: 26 ago. 2021.

⁴⁹ NEGRINI, Michele; AUGUSTI, Alexandre Rossato. **O legado de Guy Debord**: reflexões sobre o espetáculo a partir de sua obra. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/negrini-augusti-2013-legado-guy-debord.pdf> >. Acesso em: 26 ago. 2021.

termo foi originalmente apresentado por Hans Magnus Enzensberger (apud MARCONDES FILHO, 2000).

A “indústria da consciência” expande-se no pós-guerra e entra, de forma contundente, no jornalismo. A consequência é o início do *quarto jornalismo*, que vai de 1960 até os dias atuais. A fase pode ser definida como a da era tecnológica, com informações eletrônicas e interativas. Nessa época, os impactos visuais, a velocidade e a transparência reinam, com a mudança, inclusive, das funções do jornalista, que passa a ser visto como um prestador de serviços. “As novas tecnologias digitais introduzem a ‘imaterialidade jornalística’” (MARCONDES FILHO, 2000, p.47, grifos do autor).

3.2 O MEU SANGUE FERVE POR VOCÊ: A NOTÍCIA

Em qualquer fase do jornalismo a notícia nunca deixou de ser a matéria-prima, a essência com a qual lida a profissão. No *Dicionário essencial da comunicação* (2014), de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa, a notícia é definida como o “[...] relato de fatos atuais, de interesse e importância para a comunidade, e capaz de ser compreendido pelo público” (RABAÇA; BARBOSA, 2014, p. 190). Ainda segundo os autores, como um fenômeno do jornalismo, a notícia precisa de um tratamento que envolve apuração, pesquisa, comparação, interpretação, seleção e uma redação adequada ao estilo do veículo.

Na obra *Estrutura da notícia* (2006), Nilson Lage argumenta que a analogia de que a notícia jornalística é baseada em um processo no qual uma pessoa informa algo a outra não pode ser seguido à risca. As condições da relação entre o jornalista e o público têm restrições específicas no código linguístico. O autor apresenta o modelo elementar de comunicação: a mensagem é codificada por um canal específico que vai da fonte ao seu receptor. Dessa forma, Lage (2006) pontua que o sistema produtor de notícias – o jornalista, o veículo de comunicação – não é a fonte, mas sim, um codificador inteligente, capaz de realizar intervenções na mensagem. “O receptor não é único, mas plural, indefinido e atuante. Fontes e receptores estão imersos no meio social” (LAGE, 2006, p.25).

Lage (2006, p. 25-26) ainda cita a nomenclatura do linguista Roman Jakobson (1896-1982) a partir do modelo elementar de comunicação:

- a) Corresponde à fonte a função *emotiva*;
- b) Corresponde ao receptor a função conotativa;
- c) Corresponde ao canal a função fática que em jornalismo ocorre quando se atribui, em parte, ao que há de duradouro no grafismo, no estilo editorial ou de programação e, no mais, à verificação de índices como os de tiragem ou audiência;
- d) Corresponde ao código a função metalinguística, que consiste, principalmente, na predicação de itens léxicos, em informações adicionais à notícia em si;
- e) Corresponde à mensagem a função referencial, isto é, aquela que se reporta, no caso, ao mundo objetivo, exterior ao processo de comunicação.

A partir dessas definições, o autor analisa que a retórica da notícia é referencial. Dessa forma, ela se opõe à publicidade, que tem uma retórica conativa. Nas notícias, o modo verbal utilizado é o indicativo, enquanto nos anúncios predomina o imperativo. Na hora de escrever a notícia, o jornalista tem uma postura ética ao se preocupar se a informação tem importância ou desperta interesse a ponto de ser publicada e como destacar essa importância ou interesse mantendo a conformidade com os fatos. Nesse momento entram em cena os valores-notícias.

3.2.1 Valores-notícia: o homem que mordeu o cão

Na opinião de Alsina (2009), a produção da notícia é um processo complexo, iniciado a partir de um acontecimento. Esses acontecimentos são fenômenos sociais, determinados histórica e culturalmente. Cada um desses sistemas irá pontuar os fenômenos que merecem atenção e quais devem passar despercebidos, por meio da aplicação dos valores-notícia. Alsina (2009) pontua, conforme observações de Hall (1978), que “[...] não podemos considerar tudo quanto temos em volta como algo significativo, pois não seríamos capazes de processarmos tal informação” (HALL, 1978 apud ALSINA, 2009, p.115). O autor ainda ressalta que os meios de comunicação mostram ao público não apenas os acontecimentos dos quais não podem participar, mas também, aqueles dos quais eles participam.

No livro *Teorias da comunicação* (2002), Mauro Wolf indica que existem critérios para selecionar os acontecimentos que são importantes, significativos ou

interessantes, do ponto de vista do jornalismo, conhecidos como valores-notícia. O autor afirma que os valores-notícia são um componente da noticiabilidade, que é definida como “[...] o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos, de entre os quais há de selecionar as notícias” (WOLF, 2002, p. 195).

A partir do conteúdo de Pena (2006), serão expostos a seguir os critérios e categorias que Wolf (2002) utiliza para denominar os valores-notícia:

Categorias substantivas

- Importância dos envolvidos
- Quantidade de pessoas envolvidas
- Interesse nacional
- Interesse humano
- Feitos excepcionais

Categorias relativas ao produto

- Brevidade -> nos limites do jornal
- Atualidade
- Novidade
- Organização interna da empresa
- Qualidade -> ritmo, ação dramática
- Equilíbrio -> diversificar assuntos

Categorias relativas ao meio de informação

- Acessibilidade à fonte/local
- Formatação prévia/manuais
- Política editorial

Categorias relativas ao público

- Plena identificação de personagens
- Serviço/interesse público
- Protetividade -> evitar suicídios etc.

Categorias relativas à concorrência

- Exclusividade ou furo
- Gerar expectativas
- Modelos referenciais

Segundo Pena (2006), as categorias substantivas são classificadas de acordo com o grau de importância dos envolvidos e o grau de interesse público. Já as categorias relativas ao produto, divididas com critérios de brevidade, atualidade, qualidade e equilíbrio, referem-se aos conceitos jornalísticos como objetividade, exatidão e imparcialidade, por exemplo. As categorias relativas ao meio de informação, classificadas em graus de acessibilidade às fontes/locais e em possibilidades fazem referências aos veículos. Na TV, por exemplo, há necessidade de imagem, o que influencia a noticiabilidade.

Pena (2006) ainda explica que as categorias relativas ao público abordam critérios como serviço e protetividade. Um dos objetivos desse critério é evitar a divulgação de suicídios. Por último, as categorias relativas à concorrência levam em consideração o trabalho realizado pelos veículos concorrentes, pois o furo tem um valor supremo no mundo do jornalismo. A partir desse conteúdo, há de se destacar que revelar o modo como as notícias são produzidas contribui também para o aperfeiçoamento democrático da sociedade (PENA, 2013).

Com a chegada da internet, o público consumidor das notícias se tornou ainda mais próximo do jornalismo. Atualmente, os leitores, ouvintes e telespectadores fazem parte da construção das notícias diárias. Eles podem sugerir pautas, informar que aconteceu um acidente na estrada ou contar sobre como está o tempo na sua região com um simples toque no celular. Isso tudo foi possível a partir dos processos de convergência midiática do jornalismo, com a chegada dos computadores, da internet e das redes sociais.

3.3 PROCESSOS DE CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA NO JORNALISMO

Como visto nas fases do jornalismo, o trabalho jornalístico sempre foi pautado pelas inovações tecnológicas, em busca de melhorias quanto à construção das notícias e na sua distribuição. A informatização nas redações evoluiu juntamente com o desenvolvimento da informática. A partir disso, a introdução dos computadores aos veículos de comunicação pode ser vista como um “divisor de águas” na prática jornalística, assim como o surgimento e o uso da Internet.

A criação e o desenvolvimento da Internet nas últimas três décadas do século XX foram consequência de uma fusão de estratégia militar, cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural (CASTELLS, 1999). A origem da

Internet se deu na Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Após o lançamento do primeiro Sputnik⁵⁰, no final da década de 1950, a ARPA empreendeu várias iniciativas, entre elas a criação de um sistema invulnerável a ataques nucleares. Esse sistema tinha base na tecnologia de comunicação da troca de pacotes - que são as unidades de transferência de informação - assim, a mensagem transmitida procurava suas próprias rotas ao longo da rede.

A primeira rede de computadores chamou-se ARPANET e entrou em funcionamento em 1º de setembro de 1969, com seus primeiros “nós” em quatro universidades americanas. A rede também era aberta aos centros de pesquisa que colaboravam com o Departamento de Defesa dos EUA e os cientistas começaram a utilizá-la para comunicações pessoais. Dessa forma, em 1983, decidiu-se dividir o sistema entre ARPANET, dedicada a fins científicos, e a MILNET, para fins militares. A atual Internet se formou ao longo da década de 1980.

De acordo com Silva (2013)⁵¹, o computador está presente na rotina dos jornalistas em todas as etapas do trabalho. Antigamente, pensava-se em um modelo de trabalho semelhante ao *taylorismo*⁵², com funções para cada profissional. Atualmente, com os computadores, “[...] a responsabilidade dos repórteres aumenta e se diversifica: além de apurar bem, eles devem redigir seu texto e participar de todas as tarefas de edição” (SILVA, 2013, p.11).

Além das responsabilidades aumentarem quanto às funções que

⁵⁰ Sputnik foi o nome do programa, desenvolvido pelos soviéticos, responsável por enviar o primeiro satélite artificial, nomeado Sputnik 1, para a órbita terrestre em 4 de outubro de 1957. Esse marco histórico é considerado o evento que iniciou a corrida espacial. Esse acontecimento foi um dos capítulos que marcou a Guerra Fria, a disputa político-ideológica travada por norte-americanos e soviéticos a partir de 1947. A área da tecnologia e da exploração espacial foi um dos campos em que os dois países disputavam a hegemonia. Fonte: WINTER, Othon Cabo; PRADO, Antonio Fernando Bertachini de Almeida. **A Conquista do Espaço: do Sputnik à Missão Centenário**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=dUWeiZCEGqMC&oi=fnd&pg=PA11&dq=sputnik&ots=bPwRyLYvqe&sig=Rg4Uuk_RKWRerQFiqVMOV0JhIm4#v=onepage&q=sputnik&f=false>. Acesso em: 28 ago. 2021.

⁵¹ SILVA, Rafael Pereira. **A influência tecnológica sobre a prática jornalística**. Ouro Preto, MG: 9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-influencia-tecnologica-sobre-a-pratica-jornalistica>> Acesso em: 28 ago. 2021.

⁵² O Taylorismo é um sistema de gestão do trabalho baseado em diversas técnicas para o aproveitamento otimizado da mão de obra contratada. Foi desenvolvido no início do século XIX, a partir de estudos sobre os movimentos do homem e da máquina nos processos produtivos fabris. O Taylorismo enfatiza a eficiência operacional das tarefas realizadas, nas quais se busca extrair o melhor rendimento de cada funcionário. Fonte: RIBEIRO, Andressa de Freitas. **Taylorismo, fordismo e toyotismo**. São Paulo, SP: Lutas Sociais, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ls/article/viewFile/26678/pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2021.

desempenham, os jornalistas precisam se reinventar constantemente para disponibilizar ao público um fluxo de conteúdos por meio de múltiplos recursos midiáticos, que possibilitem interatividade e, conseqüentemente, despertem o interesse e a participação do público. A criação dos conteúdos multiplataforma são entendidos como os processos de convergência midiática no jornalismo.

O autor Henry Jenkins, na obra *A Cultura da Convergência* (2006), conceitua convergência como uma palavra capaz de abranger as transformações que ocorrem nas áreas tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2006, p. 25).

Logo, segundo Raserâ (2010, p.3)⁵³, “[...] a convergência dos meios pode ser considerada a janela de oportunidade para que a mídia tradicional se alinhe com as tecnologias do século XXI”. Assim, as empresas de mídia precisam repensar todo o seu conteúdo e a forma com que ele é entregue aos consumidores. “Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos” (JENKINS, 2006, p. 42-43).

À medida que a Internet foi se tornando mais facilmente programável pelo usuário comum, seu uso foi se diversificando e se expandindo. Calazans e Lima (2013)⁵⁴ explicam que em 2002 foi lançado o Friendster, o primeiro site a receber status de rede social on-line. Ele expandiu-se rapidamente, chegando a três milhões de usuários em apenas três meses. A estrutura do site era parecida com a dos atuais sites de namoro, com pessoas em busca de relacionamentos amorosos, mas esse não era o foco do serviço, que buscava conectar amigos através da criação de perfis pessoais. O MySpace, favorito nos Estados Unidos, e o LinkedIn, mais voltado à

⁵³ RASERÂ, Marcella. **Convergência Jornalística**: uma proposta de definição do tema. 2010, p.3. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/r20-1377-1.pdf> >. Acesso em: 28 ago. 2021.

⁵⁴ CALAZANS, Janaina de Holanda Costa; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues. **Sociabilidades virtuais**: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais *online*. Ouro Preto, MG: 9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP, 2013. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/sociabilidades-virtuais-do-nascimento-da-internet-a-popularizacao-dos-sites-de-redes-sociais-online> >. Acesso em: 28 ago. 2021.

construção de laços profissionais, foram criados um ano depois.

Em 2004, ocorreu uma popularização massiva desses ambientes virtuais voltados às conexões pessoais e à produção de conteúdo pessoal. A partir disso, foram criadas as redes Orkut, Flickr, Digg e Facebook – na época, restrito a membros da faculdade de Harvard. No ano seguinte, foi lançado, também, o Youtube. Em 2006, o Facebook liberou o acesso para o público em geral. O ano também foi marcado pelo lançamento do Twitter, conhecido como plataforma de micro-blogging. Após essas criações, outras redes chegaram: Whatsapp (2009), Instagram (2010), Snapchat (2011), Tinder (2012), Telegram (2013) e o Tik Tok (2016).

A partir de Jenkins, no livro *A Cultura da Conexão* (2014), pode-se caracterizar as modificações que ocorrem no cenário de mídia atual, com o advento dessas redes sociais e a partir do público consumidor.

Essa mudança - de distribuição para circulação - sinaliza um movimento na direção de um modelo mais participativo de cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes. E estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica (JENKINS, 2014, p. 24).

As redes sociais chegaram na Internet e ampliaram as possibilidades de distribuição e produção do jornalismo. Segundo Recuero (2009, p.2), as “[...] redes sociais na Internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões”. As informações que estão nas redes sociais podem ser organizadas, buscadas e compartilhadas por milhões de pessoas. Essa circulação de informações também pode ser vista como a circulação de valor social, o que impacta as redes. “Neste sentido, as redes sociais, enquanto circuladoras de informações, são capazes de gerar mobilizações e conversações que podem ser de interesse jornalístico na medida em que essas discussões refletem anseios dos próprios grupos sociais” (RECUERO, 2009, p.8).

Ainda de acordo com a autora, por meio da teoria de Bruns (2005), as práticas informativas nas redes sociais podem ser classificadas como *gatematching*, que “[...] refere-se à observação daquilo que é publicado pelos veículos noticiosos, no sentido de identificar informações relevantes assim que publicadas” (BRUNS, 2005 apud

RECUERO, 2009, p.11). Dessa forma, o *gatewatching* é capaz até de substituir o papel do *gatekeeping* no jornalismo tradicional. Para Pena (2005), *gatekeeping* é o poder de escolha entre o que vira notícia ou não nos jornais. Quem tem o poder de escolha é uma espécie de porteiro (*gatekeeper*), ou seja, o jornalista.

Nesse sentido, as redes sociais podem servir como filtros e fontes para os jornalistas e, também, como espaço para a repercussão de informações. Entretanto, nem todas as informações distribuídas nas redes têm o teor jornalístico. Isso é o que traz o diferencial e o filtro para o consumidor. “[...] as informações difundidas pelas redes sociais não precisam, necessariamente, ter um valor-notícia ou um compromisso social, como teoricamente, as jornalísticas (ou aquelas produzidas pelos veículos) precisam” (RECUERO, 2009, p.12, grifos da autora).

No próximo subcapítulo serão estudados os conceitos sobre a ética jornalística e como ela impacta as rotinas dos jornalistas e dos veículos. Além disso, serão debatidos os princípios vistos como ideais para um jornalista.

3.4 A ÉTICA JORNALÍSTICA E OS CAMINHOS A SEREM SEGUIDOS

Segundo Clóvis Rossi (2000), o jornalismo é a profissão que batalha pela conquista das mentes e corações dos leitores, espectadores e ouvintes e, atualmente, também dos internautas. Pena (2013) vai além e afirma que a natureza do jornalismo está no medo do desconhecido que leva o homem a querer conhecer o que existe no mundo, tornando a sua vida mais estável e segura. E o jornalismo, além dessas considerações, tem como função ser o vigilante do poder e um prestador de informações relevantes para o público, conforme os direitos e necessidades do próprio público consumidor.

Rossi (1980, p. 77) ainda afirma que “[...] o dever fundamental do jornalista não é para com seu empregador, mas para com a sociedade. É para ela e não para o patrão que o jornalista escreve”. Com essa afirmação, pode-se reforçar que não existe jornalismo de qualidade quando se atropelam os padrões éticos que deveriam guiar a profissão. Eugênio Bucci (2000) complementa a ideia e reforça a questão da responsabilidade social do jornalista em realidades democráticas que têm como direito humano básico o acesso à informação.

Jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão dedicados ao jornalismo, assim como os sites informativos na internet, nada disso deve existir com a simples finalidade de gerar empregos, fortunas e erguer os impérios da mídia; deve existir porque os cidadãos têm o direito à informação garantido em todo o mundo democrático, sobretudo desde a Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948, que estabelece, no artigo 19, o direito à liberdade de opinião e expressão, que inclui a liberdade de “procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”, e garantido também no Brasil, pela Constituição Federal, artigo 5º - XIV) (BUCCI, 2000, p. 33, grifos do autor).

Frente à realidade democrática brasileira, alguns princípios éticos devem reger a profissão, que tem como base o Código de Ética dos Jornalistas⁵⁵, em vigor desde 1987, mas com revisão no ano de 2007. Entre os seus 19 artigos, encontram-se normas e condutas que o jornalista deve ter perante a sociedade, suas fontes de informação e entre os próprios jornalistas. Para exemplificar, foram destacados alguns dos artigos do Código de Ética. O documento completo está no Anexo A.

Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista

Art. 4º O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação.

Art. 5º É direito do jornalista resguardar o sigilo da fonte.

Art. 6º É dever do jornalista:

- I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos;
- II - divulgar os fatos e as informações de interesse público;
- III - lutar pela liberdade de pensamento e de expressão;
- IV - defender o livre exercício da profissão;
- V - valorizar, honrar e dignificar a profissão;
- VI - não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem

⁵⁵ FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: < https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf >. Acesso: 20 ago. 2021.

trabalha;

VII - combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercidas com o objetivo de controlar a informação;

VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão;

IX - respeitar o direito autoral e intelectual do jornalista em todas as suas formas;

X - defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito;

XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias;

XII - respeitar as entidades representativas e democráticas da categoria;

XIII - denunciar as práticas de assédio moral no trabalho às autoridades e, quando for o caso, à comissão de ética competente;

XIV - combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza.

Art. 7º O jornalista não pode:

III - impedir a manifestação de opiniões divergentes ou o livre debate de idéias;

IV - expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais;

V - usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime.

O documento foi atualizado no Congresso Extraordinário dos Jornalistas, realizado em Vitória, no Espírito Santo, em 2007. Entretanto, o debate para essa atualização começou três anos antes, em 2004, durante o XXXII Congresso Nacional da categoria, em que foram deliberadas as alterações que seriam definidas, com posterior consulta pública à sociedade. Com a colaboração de sindicatos, professores, jornalistas e 290 sugestões encaminhadas ao sistema de consulta pública da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), o texto foi encaminhado para a aprovação no Congresso Extraordinário. A matéria foi aprovada por delegações de 23 estados e o texto final foi elaborado por uma comissão eleita no Congresso Nacional.

Nesse sentido, pode-se refletir que o Código de Ética dos Jornalistas aponta caminhos a serem seguidos pelos profissionais para o melhor funcionamento da

própria profissão no dia a dia, guiado pelos princípios da verdade, da liberdade, da objetividade, da imparcialidade e da exatidão, vistos como ideais no jornalismo. Assim, os jornalistas devem visitar o Código não apenas durante sua formação na universidade, mas, também, ao longo de toda a carreira para o aperfeiçoamento de suas condutas.

Bucci (2000) também relata que a ética jornalística não se resume apenas a uma normatização do comportamento de repórteres e editores dos veículos, mas encarna valores que só farão sentido se forem seguidos por toda a hierarquia: desde os empregados da mídia até os empregadores. Contudo, os profissionais precisam ter como vigilantes dessa ética os próprios cidadãos. Mas também entende-se que esses princípios não são apenas institucionais, pois lidam com um campo muito abrangente: as decisões individuais dos jornalistas.

No próximo subcapítulo, serão expostos os princípios ideais do jornalista, a fim de debater a importância de cada um deles e até que ponto eles conseguem ser alcançados pelos profissionais.

3.4.1 Veracidade e Honestidade – princípios básicos para o jornalista

A verdade no jornalismo é um desses ideais a serem conquistados pelo profissional. Entretanto, essa verdade é tão questionada no jornalismo quanto é na justiça. Bahia (1990, p.12) explica que a veracidade pode ser entendida como “[...] não dizer o contrário do que se pensa; não fazer o contrário do que se diz”. No momento da pauta, entende-se a verdade como o que é apurado e a veracidade o que se publica sobre a situação. Porém, o conteúdo jornalístico não deve ser visto como a verdade definitiva, ele é apenas uma parte ou versão da verdade.

Ainda de acordo com Bahia (1990), o jornalista que procura oferecer um conteúdo verídico ao público deve seguir algumas regras, como: explorar todos os ângulos de uma informação, procurar diferentes fontes para falar sobre aquele assunto e sempre questionar se aquela apuração é suficiente para o universo de ângulos que tem um acontecimento. Para isso, os veículos precisam passar longe da versão superficial de um acontecimento, com pouca apuração e consultando as fontes de sempre.

Bahia (1990) acrescenta que atitudes como impessoalidade, neutralidade, independência, responsabilidade e objetividade colaboram para que os veículos

ançalem a veracidade nos seus assuntos do dia a dia. Munida de evidências, indícios, sinais, aspectos e características, a veracidade é expressa para o público. Mas para isso acontecer, é necessário ter exatidão jornalística, ou seja, uma “[...] reprodução fiel, mais imparcial e mais independente dos fatos” (BAHIA, 1990, p.13).

3.4.2 Objetividade – o “mito” da profissão

O “mito” da objetividade jornalística é importado dos padrões norte-americanos. Clóvis Rossi (2000) indica que para obedecer a esse mito, a imprensa deveria colocar-se numa posição neutra, relatar tudo o que aconteceu em determinada situação e deixar a interpretação para os leitores. Para o autor, se fosse possível praticar a objetividade e a neutralidade, a chamada “batalha pelas mentes e corações dos leitores” ficaria restrita apenas à página de editoriais, ou seja, à página que veicula a opinião dos proprietários daquele veículo de comunicação.

Segundo Rossi (2000), a objetividade ainda é um dos principais parâmetros na linha editorial dos principais veículos de comunicação do Brasil. E com essa constante busca, foi introduzida a lei de ouvir os dois lados de uma história, partindo-se do pressuposto que sempre há dois lados opostos numa mesma história. O autor relata que o Manual de Redação do jornal *Folha de S. Paulo* de 1987 foi o primeiro livro-texto a reconhecer as dificuldades para a prática da objetividade.

Isso (a inexistência da objetividade) não o exime, porém, da obrigação de procurar ser o mais objetivo possível. Para retratar os fatos com fidelidade, reproduzindo a forma em que ocorrem, bem como suas circunstâncias e repercussões, o jornalista deve procurar vê-los com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse (FOLHA DE S. PAULO, 1987 apud ROSSI, 2000, p. 13, grifos do autor).

Alsina (2009) vai na mesma linha de Rossi e explica que a maioria dos jornalistas define sua profissão a partir da objetividade. O autor ainda pontua, através da pesquisa de Phillips (1977), que os jornalistas desenvolvem atitudes e características próprias a partir do ideal da objetividade jornalística.

Em um sentido mais amplo, a objetividade é descrita como uma apuração correta, fidedigna e o registro das diversas versões de uma informação. Todavia, Bahia (1990) enfatiza que, para a maioria dos jornalistas, a objetividade não passa de

um ideal, ou seja, algo que é desejável, porém impossível de ser realizado. Já para outros profissionais, é totalmente indispensável quando se trata de entregar uma informação correta para o público. Contudo, o autor reflete que apesar da objetividade ser um alvo inalcançável, os jornalistas e os veículos devem tentar atingi-la. Para isso, o equilíbrio e a honestidade da informação podem auxiliar nessa busca.

3.4.3 Imparcialidade – ligada ao jornalista como indivíduo

Além da objetividade que o jornalista precisa perseguir em seu ofício, a neutralidade e a imparcialidade também estão sempre inclusas no “pacote” da profissão jornalística como ideais. Contudo, os jornalistas carregam uma formação cultural, social e com opiniões próprias a respeito de determinados assuntos, além de suas subjetividades, o que torna esse ideal longe de ser atingido. Segundo Rossi (2000), nessa busca impossível pela neutralidade do jornalista, foi criada uma espécie de “lei” para a produção de jornalismo: ouvir os dois lados. Para o autor, essa ideia apenas existe porque parte de um pressuposto que existem dois lados opostos na mesma história.

De acordo com Bahia (1990), vale discutir se a sociedade considera a imprensa imparcial, até porque nem mesmo o público é imparcial em todas as ações e situações no seu cotidiano. Apesar da dificuldade para atingir esse ideal da profissão, os jornalistas e os veículos devem manter constantes esforços para não apresentar atitudes preconceituosas ou tendenciosas, falhas nas coberturas dos acontecimentos e sensacionalismo nos conteúdos.

O fato de não estar sob o controle do governo, de ser a tribuna comum das minorias numa democracia, de separar o noticiário do que é opinativo, de se dispor a não omitir nada do que o público tem direito de conhecer, e de se corrigir ou se retificar toda vez que comete um erro, aproxima o jornalista do seu dever de ser imparcial (BAHIA, 1990, p.16).

Bahia (1990) ainda destaca que a preocupação que o jornalista tem com a verdade, com a objetividade e com a honestidade conduz o próprio jornalismo à imparcialidade, pois é uma forma de generalizar a prática e permite que as partes contrárias à determinada situação exponham as suas posições. O autor complementa, afirmando que nem sempre é o ideal para a sociedade que os fatos sejam divulgados

apenas depois de ampla apuração. Nesses momentos, a imparcialidade é crucial, pois se adequa à ética profissional e à consciência do jornalista como indivíduo.

3.4.4 Exatidão – com ela existe responsabilidade e credibilidade

A exatidão jornalística está totalmente ligada à responsabilidade sobre a informação divulgada, ou seja, o jornalista precisa estar comprometido com o que publica, mesmo sem a sua própria assinatura na matéria. Quanto maior a exatidão na hora de noticiar um fato e quanto mais responsável for o veículo que está transmitindo a informação, mais credibilidade terá quem emite.

Sendo exata, a informação não corre o risco de ser desmentida ou desqualificada pela intenção de desonestidade. Sendo exato, o veículo procura ser honesto com sua audiência, a qual não espera dele atos milagrosos, impecáveis ou irretratáveis sobre os acontecimentos locais, nacionais e internacionais. Mas, apenas, que não use de má-fé, induzindo-a a erro (BAHIA, 1990, p.17).

Dessa forma, a exatidão torna-se sinônimo de qualidade nos veículos jornalísticos. À medida que as informações são apuradas, o jornalista despreza os rumores em torno do fato e passa a afirmar unicamente aquilo de que se tenha certeza.

3.4.5 Credibilidade – o fruto dos ideais

Na opinião de Bahia (1990), a credibilidade é fruto de todos os ideais discutidos anteriormente. Apenas com o uso da veracidade, da objetividade, da honestidade, da imparcialidade e da exatidão, o veículo tem credibilidade e pode contar com a confiança do público. Inclusive, o autor afirma que esses atributos são julgados e emitidos pela própria opinião pública. Nesse sentido, o veículo precisa trabalhar com a visão da sociedade, para se tornar verdadeiramente o “porta-voz da cidadania” (BAHIA, 1990, p.18).

No fim, a credibilidade de um veículo é julgada conforme a sua maior ou menor capacidade de publicar a versão de um fato mais ou menos confiável. Entretanto, a opinião pública não é a única capaz de julgar a credibilidade da imprensa. Por vezes,

até o veículo com maior credibilidade pode ser questionado e submetido a julgamentos da Justiça.

Os ideais profissionais apresentados ao longo desse capítulo são necessários para que a profissão seja exercida com responsabilidade e para que o jornalista tenha um “guia” do que deve ou não ser feito ou buscado. A credibilidade, o fruto de todos os ideais, garante a confiança do público não apenas no veículo, mas também no profissional. Contudo, o jornalista não é um super-herói e, às vezes, pode falhar na busca desta “perfeição”. Além dessa procura constante e intensa pelos ideais, o jornalista ainda leva consigo uma outra tarefa diária: exercer diversos papéis na sociedade para garantir o pleno exercício da cidadania.

4 EDUCAÇÃO

O capítulo a seguir contempla os conceitos de educação de forma geral e na infância pela visão de diferentes autores, além de destacar a importância da educação como processo formativo dos seres humanos. Com isso, buscou-se traçar um breve panorama sobre a evolução da educação ao longo da história até a contemporaneidade, onde o mundo digital faz parte da rotina das crianças. Também aborda-se a história, o significado e os processos e princípios da educomunicação.

Por fim, é feita uma reflexão sobre os diversos papéis que são desempenhados pelo jornalista, principalmente, o papel de professor/educador no Brasil.

4.1 A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO FORMATIVO DO SER HUMANO

A educação é uma ação – quase – intrínseca ao ser humano e dela ninguém consegue escapar. Seja na rua, em casa, na igreja, na escola, os cidadãos envolvem suas vidas com a educação “[...] para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” (BRANDÃO, 1988, p. 7). A educação pode existir livre e ser uma das maneiras com que as pessoas tornam comum um conhecimento, um saber, uma ideia. Entretanto, ela pode existir sendo imposta por um sistema centralizado de poder, que reforça a desigualdade da sociedade (BRANDÃO, 1988).

Como outras maneiras de vida da sociedade, a educação pode ser vista como uma fração do modo de vida dos grupos sociais, que sempre criam e recriam as ações do educar.

A educação existe no imaginário das pessoas e na ideologia dos grupos sociais e, ali, sempre se espera, de dentro, ou sempre se diz para fora, que a sua missão é transformar sujeitos e mundos em alguma coisa melhor, de acordo com imagens que se tem de uns e outros: “...e deles faremos homens”. Mas, na prática, a mesma educação que ensina pode deseducar, e pode correr o risco de fazer o contrário do que pensa que faz, ou do que inventa que pode fazer [...] (BRANDÃO, 1988, p.12, grifos do autor).

Como Brandão (1988) coloca anteriormente, a educação também existe onde não há a escola. Por toda a parte nas cidades, aldeias e comunidades existem redes e estruturas sociais que possibilitam a transferência de saberes de uma geração a

outra. Nesse sentido, pode-se afirmar que não há uma forma única e nem um único modelo de educação no mundo.

É possível destacar também que o educar é um ato único, com constantes metamorfoses, assim como a natureza. Nesse caso, cada ser humano possui suas características, dificuldades e facilidades no aprendizado que devem ser respeitadas e, também, valorizadas. Campos (2019)⁵⁶ apresenta uma ideia de educação focada nas características dos estudantes.

A visão centrada nos interesses dos alunos faz parte de um movimento pendular de crítica ao modelo enciclopédico, em que se menospreza o valor e a seleção dos conteúdos/conhecimentos; sendo assim, ensinar está em função dos interesses, das necessidades e dos ritmos dos alunos (CAMPOS, 2019, p.3, grifos do autor).

Esse movimento de interesse nas características do aluno pode ser visto como uma inovação no campo da educação e foi capaz de fazer refletir sobre as mudanças necessárias para as sociedades.

Não temos indícios de que a inovação educacional altere os alicerces da sociedade, mas é impossível que isso aconteça se a mantivermos. É isso que é relevante e intimidador ao pensarmos na inovação educacional: romper com as bases de socialização que conhecemos (GOUVÊA, 2019, p.25).⁵⁷

Existem educadores que se tornaram referência em inovação, inspirando professores e escolas ao redor do mundo. O Patrono da Educação Brasileira, o educador e filósofo Paulo Freire, é um desses exemplos. Para Freire, o maior objetivo da educação é proporcionar meios para o autoconhecimento dos alunos. Baseado nessa ideia, o educador apresentou um método de alfabetização fundamentado na perspectiva de leitura do mundo pelo aluno e o seu poder emancipatório. Sua teoria, presente até os dias atuais na Academia, fundamenta a educação como pensamento

⁵⁶ CAMPOS, Flávio Rodrigues. **Inovação ou renovação educacional?** Dilemas, controvérsias e o futuro da escolarização. In: CAMPOS, Flávio Rodrigues; BLIKSTEIN, Paulo (Org). **Inovações radicais na educação brasileira**. Porto Alegre: Penso, 2019. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788584291700/first> >. Acesso em: 6 set. 2021.

⁵⁷ GOUVÊA, Tathiana. O movimento brasileiro de renovação educacional. In: CAMPOS, Flávio Rodrigues; BLIKSTEIN, Paulo (Org). **Inovações radicais na educação brasileira** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2019. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788584291700/first> >. Acesso em: 6 set. 2021.

pedagógico político e libertador.

A educação precisa possibilitar ao homem o reconhecimento e a coragem para perceber sua própria realidade e, em um movimento de reflexão, transformar as suas problemáticas com força e coragem. Nesse contexto, o ser humano precisa estar em constante revisão a respeito de suas crenças e “achados”, a partir de diálogos constantes com outros cidadãos (FREIRE, 2018). De acordo com o educador, a educação nasce do diálogo.

Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 2018, p. 141).

A partir das reflexões de Freire (2018), a educação pode ser vista como processo de liberdade e para a liberdade. Deve-se, também, descartar a ideia de que a educação é uma dádiva, uma concessão ou um privilégio, mas sim, um direito. Mais do que um direito, a educação é um direito exigível. E a educação, mais do que nunca, precisa ser um fator de inclusão social, não apenas de ascensão social.

Apesar do dever da sociedade quanto à educação, nem todas as crianças estão inseridas no ambiente escolar e podem usufruir do mundo digital. Nos últimos anos, o Brasil esteve avançando lentamente na garantia do acesso das crianças à educação. Com a chegada da pandemia da Covid-19 no mundo, o cenário foi impactado de forma negativa. A pesquisa *O Cenário da Exclusão Escolar no Brasil – um Alerta sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação*⁵⁸, lançado em 2021 pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) Educação mostra o panorama da exclusão escolar antes e depois do início da pandemia de coronavírus.

De acordo com a pesquisa, em 2019, estimava-se que quase 1,1 milhão de crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos estavam fora da escola. Em 2020, o percentual de estudantes de 6 a 17 anos passou para 1,5 milhão. Esse aumento aconteceu devido à suspensão das aulas presenciais, somada à dificuldade de acesos

⁵⁸ UNICEF Brasil; CENPEC Educação. **O cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um Alerta sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação**. Brasil, 2021. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf> >. Acesso em: 06 set. 2021.

à internet e à falta de tecnologia, entre outros fatores. Entretanto, as 3,7 milhões de crianças e adolescentes da mesma faixa etária que estavam matriculados em instituições de ensino afirmaram que não tiveram acesso às atividades escolares (impressas ou digitais) e não conseguiram manter a aprendizagem em casa. Somando os dados, no total, 5,1 milhões de estudantes ficaram sem acesso à educação formal em 2020, o que corresponde a 13,9% dessa parcela da população em todo o Brasil.

Com a pandemia da Covid-19 no país, a desigualdade e a exclusão foram ainda mais agravadas. Com escolas fechadas, sem acesso à internet ou com pouco contato com os professores, além de inseguranças sociais e econômicas, quem já estava excluído ficou ainda mais longe do seu direito de aprender. Mesmo matriculados, com o agravamento da situação de pobreza e outros fatores – muitas crianças tiveram seu direito à educação negado. Os números da pesquisa *O Cenário da Exclusão Escolar no Brasil – um Alerta sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação* são alarmantes e trazem um alerta urgente. Conforme o relatório, o Brasil corre o risco de regredir mais de duas décadas no acesso de meninas e meninos à educação. Com isso, é fundamental que sejam tomadas as medidas necessárias para garantir às crianças o direito de aprender.

De acordo com a pesquisa da UNICEF Brasil, a intervenção para alterar a situação de escolarização ou de desescolarização de crianças e adolescentes no Brasil deve ser tratada como “um projeto de futuro, que é construção da história e que se realiza no presente” (UNICEF Brasil, 2021, p. 51)⁵⁹. Além dos contextos socioeconômicos e culturais, as limitações e demandas do cotidiano e também as vivências escolares são obstáculos para que meninas e meninos deixem de estudar.

Diante dessa realidade, o relatório fez algumas recomendações para contribuir com a tomada de decisão da sociedade, em especial, de gestores e profissionais da educação quanto ao engajamento para modificar a vida dessas crianças e adolescentes.

Entre as recomendações da UNICEF Brasil estão a busca ativa de crianças e adolescentes que estão fora da escola, a comunicação comunitária, a mobilização das escolas, o fortalecimento no sistema de garantia do acesso à internet e ao mundo

⁵⁹ UNICEF Brasil; CENPEC Educação. **O cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um Alerta sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação**. Brasil, 2021. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf> >. Acesso em: 06 set. 2021.

digital. Dessa forma, é urgente o investimento em políticas de conectividade para as escolas e acesso à internet para estudantes e professores, além de formação para dirigentes escolares e docentes sobre como educar as crianças no mundo digital e midiático.

4.2 MUITO MAIS QUE UM “VIDEOGAME” EDUCATIVO

A educação também passa por alguns desafios do mundo contemporâneo. A mídia digital, advinda da internet e representada via celulares, jogos de computador, televisões interativas - faz parte do dia a dia das crianças na atualidade. A pergunta que se instala é: como educar as crianças nesse mundo digital e para ele? Seja como for, é fundamental possibilitar, às crianças, experiências que unam o conhecimento escolar tradicional com o mundo digital.

De acordo com Buckingham (2010)⁶⁰, diversos estudos nos Estados Unidos e no Reino Unido mostram que a maioria dos professores não conhece os benefícios educacionais da tecnologia computacional e que quando os usam, os resultados não são satisfatórios em termos de formas criativas de aprendizagem. As atividades de sala de aula que envolvem as mídias digitais podem ser consideradas até mesmo desestimulantes, tendo em vista as complexas experiências multimídia que algumas crianças têm fora da escola.

O mundo digital também implica em um letramento digital, que equivale a capacidades necessárias para realizar operações e tarefas básicas de recuperação de informações no mundo on-line. Entretanto, Buckingham (2010, p.49) vai além desse conceito e defende a ideia de que, como acontece com a imprensa, as crianças “[...] precisam ser capazes de avaliar e usar a informação de forma crítica se quiserem transformá-la em conhecimento”. Nesse sentido, as crianças precisam aprender a ser, também, críticas dos veículos de comunicação e devem ter interesse quanto aos conteúdos jornalísticos produzidos, com foco nas áreas sociais, políticas e econômicas, inclusive.

⁶⁰ BUCKINGHAM, David. **Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização**. Porto Alegre, RS: Educação e Realidade, 2010. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13077/10270> >. Acesso: 9 set. 2021.

Fantin e Rivoltella (2010)⁶¹ vão na mesma linha de análise e ressaltam a importância de conhecer as mídias digitais, que são as protagonistas contemporâneas da comunicação. Dessa forma, “[...] conhecer as mídias, os seus formatos, as suas linguagens; saber utilizar educativamente/pedagogicamente na sua especificidade comunicativa, retórica, persuasiva [...]” (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010, p.101) são os desafios para a formação de crianças e de professores.

O conhecimento que faz sentido para as crianças e que é capaz de envolvê-las no processo do educar, acrescido de profissionais qualificados e um sistema de aprendizado que compreende a necessidade da infância também ter uma visão crítica sobre os meios de comunicação, entendendo a sua função social, política e cultural, é chamado de *educomunicação*. Segundo o Projeto Nossa Mídia (20--), *na Cartilha de Educomunicação*⁶², o termo significa educar através da comunicação e comunicar através da educação.

A proposta principal é refletir sobre como o profissional de comunicação pode contribuir para melhorar os processos educativos em geral e, em contrapartida, como os educadores podem trabalhar melhor com os meios de comunicação. Não é somente uma questão de escola, de prédio ou de política pública – é algo do nível da sensibilidade dos sujeitos (PROJETO NOSSA MÍDIA, 20--, p. 12, grifo do autor).

A relação da comunicação com a educação surge a partir do momento em que a área da comunicação é reconhecida como um campo do saber científico. Isso ocorre, principalmente, a partir dos anos 1920 e 1930 do século XX. Na época, profissionais de várias áreas do conhecimento queriam entender como funcionava o processo de mobilização e de paixão do povo por novos produtos das áreas de beleza, gastronomia e moda por meio dos jornais, do cinema, do rádio e, posteriormente, da televisão. Os líderes políticos e os comerciantes, por exemplo, buscavam esse entendimento para tirarem proveito do povo, chegando, até mesmo, a financiarem pesquisas universitárias sobre o assunto (PROJETO NOSSA MÍDIA, 20--).

⁶¹ FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Crianças na era digital: desafios da comunicação e da educação**. Sorocada, SP: REU, 2010. Disponível em: < <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/464/465> >. Acesso: 9 set. 2021.

⁶² PROJETO NOSSA MÍDIA. **Cartilha de Educomunicação**. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: < <https://projetonossamidia.wordpress.com/2011/04/11/cartilhas-de-educomunicacao/> >. Acesso em: 15 set. 2021.

Na Segunda Guerra Mundial⁶³, cresceu a preocupação e o desejo dos nazistas em entender como a comunicação poderia capturar a atenção e formar a opinião das pessoas. Na época, Adolf Hitler e o general da Comunicação do Movimento Nazista, Joseph Goebbels, impressionaram o mundo com a conquista de diversos países usando o rádio e os impressos com propaganda política. Assim, as pessoas educavam-se politicamente nos meios de comunicação. Após esse período de guerras e crises mundiais, a comunicação e a educação foram aproximadas de uma perspectiva humanizada.

O pedagogo Paulo Freire foi um dos primeiros profissionais a trabalhar seriamente na linha da educomunicação no Brasil, ainda no final dos anos 1960. Já na década de 1970, o jornalista e professor Mário Kaplun também trabalhou com a união das duas áreas. Ele é visto como um verdadeiro pioneiro na construção desse campo de conhecimento. O termo Educomunicação foi adotado, oficialmente, pela UNESCO na década de 1980.

Sartori (2006)⁶⁴ defende que a aproximação da comunicação e da educação exige uma nova elaboração dos modelos pedagógicos, assim como estratégias capazes de responder aos processos midiático e educacional na contemporaneidade. Essa dimensão da educomunicação pode ser vista como uma ação integradora e transformadora.

⁶³ A Segunda Guerra Mundial foi um conflito de proporções globais que aconteceu entre 1939 e 1945. Caracterizada como um conflito em estado de guerra total (no qual há mobilização de todos os recursos para a guerra), a Segunda Guerra Mundial fez Aliados (Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos) e Eixo (Alemanha, Itália e Japão) enfrentarem-se na Europa, África, Ásia e Oceania. Após seis anos de conflito, mais de 60 milhões de pessoas morreram. Durante a guerra, existia o nazismo, uma corrente política que surgiu na Alemanha, no final da década de 1910 e início da década de 1920. O nazismo foi uma das principais expressões do fascismo europeu durante o período entre guerras. Tendo como principal liderança o ex-cabo do exército alemão na I Guerra Mundial, Adolf Hitler, o nazismo construiu um Estado totalitário na Alemanha na década de 1930, sendo esse fato o principal motivo de eclosão da II Guerra Mundial. Fonte: GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**. Publicações Dom Quixote: Portugal, 2009.

⁶⁴ SARTORI, Ademilde Silveira. Inter-relações entre comunicação e educação: a Educomunicação e a gestão dos fluxos comunicacionais na educação à distância. **UNirevista** - Vol. 1, n° 3: julho 2006. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2148-1.pdf> >. Acesso em: 15 set. 2021.

Educar é colaborar para que professores e alunos – nas escolas e organizações – transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional – do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e profissionais e tornarem-se cidadãos realizados e produtivos (MORAN, 2000 apud SARTORI, 2006, p. 2, grifos da autora).

Na Educomunicação, o processo é mais importante que o resultado. Todo o trabalho desenvolvido deve ser focado no diálogo entre os envolvidos, pois desse modo, o conhecimento não é simplesmente passado do mestre ao aluno e torna-se algo a ser construído com a participação de todos. A *Cartilha de Educomunicação* do Projeto Nossa Mídia (20--) indica os princípios gerais da ação educacional construídos nos últimos 40 anos.

Primeiro princípio: a visão de que a comunicação é essencial nas relações educativas. Assim, os veículos de comunicação deixam de ser apenas um recurso e passam a fazer parte no processo educativo como um todo.

Segundo princípio: o reconhecimento de que professores, alunos e comunidade educativa – os chamados agentes sociais – devem ter total acesso aos recursos da informação e que sejam capacitados para o uso das mídias como forma de ensino-aprendizagem.

Terceiro princípio: a democratização do sistema educativo e das relações através da mediação tecnológica.

Quarto princípio: a disposição da prática comunicativa a serviço da cidadania, não apenas de processos de persuasão ou marketing.

Quinto princípio: a eleição de procedimentos participativos em todas as ações educacionais como forma de promover a ampliação das formas de expressão.

A partir desses princípios, o Projeto Nossa Mídia (20--) também define os três propósitos da Educomunicação:

- a) **Educar para a mídia:** aprimorar e desenvolver uma visão crítica sobre os conteúdos da mídia, preparando as pessoas para o recebimento da informação. Esse processo acontece com o entendimento da produção de conteúdos, dos seus formatos, linguagens e de algumas questões estruturais da dinâmica produtiva dos meios de comunicação. Ele pode ser trabalhado com

explicações teóricas sobre a produção de matérias, exercícios de “desconstrução” de matérias e de produção de conteúdos;

- b) **Educar por meio da mídia:** utilizar os meios de comunicação como ferramentas complementares na sala de aula e na abordagem de conteúdos. Outra forma de trabalhar a mídia é utilizando-a como contraponto ao “saber oficial escolar”, apresentando alternativas e propondo reflexões;
- c) **Educar com a mídia:** produzir conteúdo informativo e reflexivo, capacitando os envolvidos a criar um veículo (comunitário ou independente) e possibilitando a prática da livre forma de expressão, objetivando sempre gerar conhecimento, dialogar com a comunidade e desenvolver a participação cidadã.

Com isso, pode-se afirmar que o objetivo da educomunicação é a formação de cidadãos críticos e conscientes para o uso da comunicação como forma de educação. A pessoa que pratica a cidadania é capaz de participar dos processos da sua cidade, região ou país ativamente, criticamente e com responsabilidade. Quando a comunicação é vista como integrante do dia a dia das pessoas e como uma ferramenta para a integração social, ela pode ser encarada com mais naturalidade.

E como o jornalista pode contribuir com todo esse processo? Será que educar também é o papel dele? É essa a discussão que faz parte do próximo subcapítulo.

4.3 JORNALISTA É “PAU PARA TODA OBRA”?

O jornalismo, além de informar, faz parte do processo formativo educacional do ser humano e de sua cidadania. Wolton (1999 apud MARCONDES FILHO, 2000) destaca que as pessoas precisam dos jornalistas.

Reintroduzir os intermediários torna-se agora uma necessidade, pois, quanto mais uma sociedade é complexa, interativa, aberta tanto mais eles [os intermediários] são indispensáveis: os responsáveis políticos, os jornalistas, os professores, os médicos, os comerciantes, etc (WOLTON, 1999 apud MARCONDES FILHO, 2000, p.162).

Expressa o artigo 205 da Constituição Federal de 1988⁶⁵ que "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Como citado na Constituição, a educação é um compromisso e dever de toda a sociedade e suas diversas camadas, e para alcançar esse pleno desenvolvimento do cidadão, o sistema educacional precisa estar alinhado com as necessidades do indivíduo. Para Gouvêa (2019, p.15)⁶⁶, "[...] em educação, estamos sempre em contato com a prática. Seja ela o objeto que origina a reflexão ou o destinatário da elaboração teórica, é impossível separar teoria e prática, uma vez que educar é verbo, é ação".

E a educação no jornalismo é latente desde seu princípio, como já citado no capítulo 3 por Marcondes Filho (2000) sobre as fases do jornalismo. Segundo o autor, na fase do *primeiro jornalismo*, datada de 1789 a 1830, o jornalismo era da "iluminação", com base na transparência, na verdade e na razão e era caracterizado como um jornalismo político-literário com um fim pedagógico para a formação política da sociedade.

O jornalista, por muitas vezes, precisa agir como um educador ou um professor nas suas produções, como modo de informar o público sobre política, economia, ciência, direitos e deveres do cidadão, meio ambiente, entre outros assuntos pertinentes. Nesse sentido, pode-se perceber a responsabilidade social do jornalista em relação à comunicação, às mídias e ao seu próprio trabalho exercido nos veículos. Rossi (1980, p. 77) afirma que "[...] o dever fundamental do jornalista não é para com seu empregador, mas para com a sociedade. É para ela e não para o patrão que o jornalista escreve".

Geraldinho Vieira, na obra *Complexo de Clark Kent: são super-homens os jornalistas?* (1991, p.12), analisa que a sociedade e os próprios jornalistas se impõem uma função de super-herói. De acordo com o autor, a ficção coloriu a profissão como "[...] uma maravilhosa aventura no combate aos males sociais e na procura da

⁶⁵ BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 set. 2021.

⁶⁶ GOUVÊA, Tathyana. O movimento brasileiro de renovação educacional. In: CAMPOS, Flávio Rodrigues; Blikstein, Paulo. **Inovações radicais na educação brasileira**. 2019, p.15. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788584291700/cfi/6/22!/4/2/10@0:0> >. Acesso: 15 set. 2021.

verdade”, porém, não mostrou que a imparcialidade, por exemplo, exige uma boa dose de ceticismo e que, por mais honesto e ético que o profissional seja, ele ainda é tão humano quanto o leitor.

Na obra citada, um dos entrevistados, o jornalista Augusto Nunes, diretor de Redação do jornal *O Estado de S. Paulo* em 1991, afirma que o jornalista não pode achar que tem o poder de substituir a polícia, por exemplo. No começo da carreira, o jovem jornalista quer sempre descobrir o escândalo do dia, o que é até saudável, segundo Nunes, mas não se deve confundir o papel do jornalismo com o da polícia. Nesses casos, o jornalista não pode ultrapassar as fronteiras do que é possível e querer se tornar um “super-homem”.

Por uma característica praticamente intrínseca da profissão, muitas vezes, os jornalistas ultrapassam os limites da reportagem e assumem papéis como os de juiz, policial, advogado e, inclusive, o de professor. Também são colocadas sobre o jornalista muitas outras responsabilidades além da sua “ossada”. O papel do jornalismo é, sim, social. A partir daí, é muito fácil pensar que o jornalista deve também assumir o lugar de educador, principalmente no Brasil, porque o país tem muitos vazios educacionais, inclusive já citados neste capítulo, como a exclusão escolar exposta ainda mais pela pandemia, a falta de acesso à internet e, também, o analfabetismo.

Qualquer que seja o nome usado para nomear o profissional jornalista, seja super homem, mulher maravilha, “pau para toda obra”, “o faz tudo”, advogado, policial, detetive, professor ou, simplesmente, jornalista, a reflexão é que nessa carreira não se pode fugir do desafio de ver, sentir e cuidar da educação, porque ela é, também, um desafio comunicacional. E nesse desafio podem-se incluir todos os profissionais da comunicação: publicitários, designers, relações públicas e profissionais de marketing. Não importa a área específica: mudar a realidade da educação no Brasil é mais do que um papel, é o trabalho em conjunto de todos.

Com a educomunicação é possível alavancar os processos de educação com aprendizados que passam pelo estudo dos meios de comunicação. Como cita a *Cartilha de Educomunicação* do Projeto Nossa Mídia (20--), entre os princípios para as ações está que a comunicação é essencial nas relações educativas, ou seja, se isso for seguido, o jornalismo estará inserido diretamente nas salas de aula e, conseqüentemente, os jornalistas também. Mas, para isso, os professores e os alunos precisam estar capacitados para o uso das mídias como forma de ensino-

aprendizagem.

Nesse caso, as relações em sala de aula precisam funcionar como uma engrenagem – às vezes não tão perfeita, com necessidade de ajustes e reparos – para que o sistema educativo possa ser aliado a uma prática comunicativa a serviço da cidadania e da ampliação das formas de expressão de todas as crianças e, ao final, de toda a sociedade.

5 JORNALISMO ESPECIALIZADO: PARA TODOS OS GOSTOS

O capítulo que se desenvolve a seguir aborda o jornalismo especializado, suas principais características e tipos, além de refletir sobre as dificuldades dos jornalistas em tratar sobre o tema da especialização jornalística. Também apresentam-se os aspectos individuais e a história do jornalismo literário, além de discorrer a respeito dos recursos técnicos absorvidos da literatura e que são unidos ao texto jornalístico.

Também traz conceitos de jornalismo especializado para o público infantil e fala das formas de abordagem das notícias e os formatos da produção jornalística preferidos pelas crianças.

5.1 MUITO ASSUNTO, POUCA MEMÓRIA

Tratar de jornalismo especializado é um assunto complicado até para os próprios jornalistas. No interior dos estudos de jornalismo, o tema ainda traz diversas “envergaduras” do ponto de vista teórico e, até mesmo, epistemológico. Pode-se afirmar que o jornalismo especializado está presente em muitos produtos jornalísticos. Entretanto, segundo Tavares (2009, p.1)⁶⁷, no jornalismo especializado “[...] muitas vezes, sua presença se dá mais como lugar de emergência de objetos, do que um objeto ele mesmo”.

Os debates sobre a especialização no jornalismo permeiam muitos campos de estudo. De acordo com Tavares (2009), busca-se entrar em consenso sobre as três manifestações empíricas referentes às especializações: a especialização associada aos meios de comunicação (jornalismo radiofônico, jornalismo televisivo, jornalismo on-line, etc); a especialização associada a temas (jornalismo político, de moda, ambiental, econômico, etc); a especialização ainda pode estar associada ao resultado da junção de ambos em um único produto (jornalismo televisivo político, jornalismo esportivo radiofônico, etc). Essas diferenciações tornam amplo o cenário da pesquisa sobre jornalismo especializado.

Para Rossi (1986), um repórter que escreve ou fala “de tudo um pouco”, em certo momento irá chegar no seu limite, pois “[...] é assunto demais para um repórter

⁶⁷ TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização periodística. **Estudos em Comunicação** n°5, 115-133, 2009. Disponível em: < ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

só” (ROSSI, 1986, p.24). O autor afirma que a especialização é um assunto mal resolvido pela imprensa e que por mais brilhante que um repórter seja, ele irá falhar em alguma situação, pois é humanamente impossível que o jornalista tenha memória para captar rapidamente todo o contexto de uma determinada pauta que irá virar notícia. Segundo Rossi (1986), na especialização também há um risco: a compartimentalização do jornalista, ou seja, o repórter perde a visão global do que é notícia no mundo, por estar muito focado exclusivamente em determinado tema. Por isso, é fundamental manter um equilíbrio.

Contudo, as características do jornalismo especializado não fogem às regras fundamentais do jornalismo, como apontam Lessa e Barbosa (2012, p. 59)⁶⁸: “[...] é necessário ser objetivo, buscando sempre informar de maneira imparcial e precisa”. Já para Tavares (2012, p. 98, grifos do autor)⁶⁹, utilizando-se de conceitos de Pedro Orive e Concha Fagoaga, pioneiros nos estudos em jornalismo especializado na Espanha, “[...] caberia à especialização jornalística diagnosticar os problemas da sociedade atual segundo certa área de interesse, discutindo possíveis soluções e servindo para formar nos leitores (o foco era a imprensa escrita) uma consciência crítica”.

A formação do jornalista valoriza a aquisição de conhecimentos gerais básicos e não apenas a especialização. Rossi (2000, p. 70-71) corrobora com essa afirmação e frisa que “[...] a imprensa brasileira ainda não venceu a regra não escrita que o jornalista é um especialista em generalidade. Ou, em outras palavras, um sujeito que sabe pouco de muitas coisas”. Porém, a especialização dos jornalistas é importante para o mercado e para a informação chegar de maneira mais clara para o público, como também complementa Rossi (2000), que acredita que a fórmula para a boa informação jornalística de nichos deveria ser a especialização dos jornalistas e não apenas contar-se com especialistas praticando jornalismo.

Na visão de Tavares (2009)⁷⁰, historicamente, a especialização jornalística está

⁶⁸ LESSA, Marcos; BARBOSA, Felipe. Jornalismo Político. In: PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre Jornalismo**. 2012, p.59. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-2171-3/cfi/72!4/4@0.00:56.0> >. Acesso: 22 set. 2021.

⁶⁹ TAVARES, Frederico de Melo Brandão. **A especialização jornalística como teoria e objeto**: contornos e limites. 2012, p.98. Disponível em: < <file:///C:/Users/Leticia/Downloads/Dialnet-AEspecializacaoJornalísticaComoTeoriaEObjeto-3934932.pdf> >. Acesso: 22 set.2021.

⁷⁰ TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização periodística. **Estudos em Comunicação** n°5, 115-133, 2009. Disponível em: < <ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf> >. Acesso em: 22 set. 2021.

associada à evolução dos meios de comunicação e à formação de grupos sociais consumidores das mídias muito distintos entre si. Abiahy (2005)⁷¹ também observa que em uma sociedade fragmentada, cada um elege as suas prioridades com base em escolhas, muitas vezes, individualistas. Nesse sentido, o jornalismo enquanto atividade que determina o grau de importância de cada informação, baseado nos valores-notícia explorados no terceiro capítulo desta pesquisa, estaria perdendo seu papel de coesão social?

A partir desses apontamentos, Abiahy (2005) mostra que, provavelmente, a lógica de informar o público sobre o que é importante para suas vidas está sendo substituída pela lógica de informar o que o público quer saber. Na fase em que as escolhas individuais prevalecem, o sentimento de coletividade e as informações passam a atender às especificidades dos públicos diferenciados. Nesse panorama, o perfil do jornalista sofre alterações, assim como as publicações, que passam a dedicar-se mais à informação personalizada, como revistas, suplementos nos jornais impressos e TV por assinatura, por exemplo.

5.2 O REPÓRTER “CONTADOR DE HISTÓRIAS”

Entre um dos gêneros do jornalismo especializado, encontra-se o jornalismo literário, que tem características que unem o texto jornalístico à narrativa literária – muitas vezes, o gênero literário é o que melhor se adapta ao jornalismo especializado.

Ele cumpre a missão de informar, porém, com ganho em vocabulário, estrutura narrativa e com o aprofundamento de conteúdo. A partir dessa incorporação de valores literários às reportagens de qualquer editoria (política, economia, esporte ou cultura, por exemplo), o texto apresenta uma estética diferenciada, mas sem comprometer o compromisso com a verdade e a objetividade – ideais relatados no capítulo três deste trabalho.

⁷¹ ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2005. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahy-ana-jornalismo-especializado.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2021.

As características do texto de jornalismo literário são o apuro na linguagem e na estética, através de uma prática que privilegia a observação “sensível” dos fatos e a sua descrição pormenorizada. O texto literário pressupõe um compromisso com a qualidade, já que permite a incorporação de elementos subjetivos e figuras simbólicas, deslocando a linguagem do viés de mero instrumento para o centro das preocupações (BASTOS, 2012, p.191, grifos do autor).⁷²

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2004), o jornalismo impresso e a literatura sempre se aproximaram. Entretanto, essa intersecção tornou-se mais forte, principalmente, quando a imprensa ganhou uma roupagem mais moderna, a partir da última metade do século XIX – fase que Marcondes Filho (2010) retrata no capítulo três desta pesquisa como o *segundo jornalismo*, período que marca, verdadeiramente, o início da profissionalização dos jornalistas e a chegada da imprensa de massa.

Lima (2004, p.173) relata que o texto jornalístico precisou adaptar-se ao longo dos anos. “À medida que o texto jornalístico evolui da notícia para a reportagem, surge a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem”. Em concordância com o autor, também apresenta-se Pena (2006, p.14) que pontua que o jornalismo literário busca contextualizar a informação de forma mais abrangente possível. Para isso, o autor relata que é preciso “[...] mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração”.

A partir do jornalismo literário, Pena (2006) defende que o jornalista precisa usá-lo como um recurso para o exercício da cidadania. Para isso, o autor afirma que na escolha do tema da reportagem, o jornalista deve pensar em como determinada abordagem irá contribuir com a formação do cidadão e para o bem-comum. O autor chama isso de espírito público e critica a falta desse espírito no mundo contemporâneo.

⁷² BASTOS, Fábio. Jornalismo Literário. In: PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre Jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-2171-3/cfi/200!/4/4@0.00:22.4> >. Acesso em: 24 set. 2021.

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as barreiras burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve seguir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2006, p.13, grifo do autor).

Segundo Pena (2006), a criação do jornalismo literário, como é conhecido atualmente, iniciou-se na década de 1960, com o movimento chamado *New Journalism*, nos Estados Unidos. O movimento foi instigado pela insatisfação dos profissionais com as regras de objetividade do texto jornalístico, que precisava obedecer a alguns critérios, e não promovia um ambiente em que o jornalista pudesse contar uma história com mais detalhamento ao seu leitor.

Na ótica do movimento, os repórteres não deveriam seguir sempre o mesmo caminho e virarem “escravos” de manuais de redação dos veículos. Seria necessário colocar-se no texto, aprender a cultivar o próprio estilo de escrita e desenvolver o lado “contador de histórias”, de maneira mais literária e com valor estético. O repórter poderia ser, inclusive, personagem. De acordo com Pena (2006, p. 56), usando os conceitos do jornalista Tom Wolfe, o *New Journalism* tem quatro recursos técnicos absorvidos da literatura e que podem ser aplicados às narrativas: “[...] reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem”.

Bastos (2012, p. 189)⁷³ corrobora com Pena (2006) e afirma que no jornalismo literário “[...] o repórter precisa sentir a essência do que deseja retratar”. Esses recursos e técnicas citados podem ser encontrados nos livros de Truman Capote, Tom Wolfe, Gay Talese e Norman Mailer, os precursores do movimento nos Estados Unidos e criadores dos chamados livros-reportagens. Esses autores utilizaram uma dimensão mais estética no texto, a partir da incorporação de valores literários às matérias sem, com isso, comprometer o compromisso com a verdade e a objetividade.

Mas, o jornalismo literário e a literatura podem ser considerados o mesmo gênero? Já que pode-se afirmar que o jornalismo tem o compromisso com a verdade

⁷³ BASTOS, Fábio. Jornalismo Literário. In: PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre Jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-2171-3/cfi/200!/4/4@0.00:22.4> >. Acesso: 24 set. 2021.

e a literatura não tem. Isabel Travancas apud Bastos (2012) observa que, apesar de um tratamento rebuscado do texto, o jornalismo literário não pode ser considerado literatura, pois a literatura pode não estar focada na realidade. Apesar do repórter apresentar mais sensibilidade para capturar as emoções e detalhes de um fato, Travancas (2012) sinaliza que o texto continua sendo jornalístico, não literário. Já o professor Sérgio Villas Boas apud Bastos (2006) vai além e sustenta que o gênero jornalístico funde-se bem com o literário, mas não são iguais.

5.3 “MAMÃE EU QUERO” UM JORNAL SÓ PARA MIM

É típico da criança ter uma curiosidade que tende a aumentar conforme o convívio em um ambiente que lhe propicie aprender e encontrar informações sobre assuntos que lhe chamem a atenção. Devido às transformações da sociedade contemporânea, as crianças passaram a ter acesso às informações e à cultura e, muitas vezes, isso ocorre através dos meios de comunicação. Nessa realidade, as crianças veem a mídia como fonte de informação e também de entretenimento.

É essencial, no mundo atual, a criança saber quais são os principais acontecimentos do mundo por meio de uma linguagem adequada, acompanhada dos recursos necessários para o entendimento de variados assuntos e suas diferentes conotações. A partir dessa afirmação, entra em cena a especialização do jornalismo que permeia este trabalho: o jornalismo infantil. Para entender o jornalismo feito para crianças, é fundamental pensar em algo além de uma produção jornalística direcionada ao público infantil, mas deve-se ter como meta uma produção que procura estabelecer uma relação direta e próxima com as crianças. O diferencial é que o material produzido passa pela aprovação dos pais ou professores antes de chegar ao público destinado, algo que não ocorre no jornalismo “para adultos”.

De acordo com Furtado (2013)⁷⁴, na atualidade, em se tratando de jornalismo infantil, os meios eletrônicos e digitais não são os mais lembrados. Os conteúdos produzidos para as crianças são mais relacionados com o meio impresso, por meio dos suplementos infantis encartados em grandes jornais ou as revistas infantis. Alguns

⁷⁴ FURTADO, Thais Helena. **O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista *Recreio***. Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77014/000894478.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso: 25 set. 2021.

exemplos são os suplementos e colunas já descontinuados: *Folhinha* (suplemento da Folha de S. Paulo, criada em 1963 e descontinuada em papel em 2016), *Estadinho* (suplemento dentro do jornal O Estado de São Paulo e publicado de 1987 a 2013), *Para o Seu Filho Ler* (coluna no jornal Zero Hora, publicada ao longo de 2006) e as revistas *Tico-Tico* (de 1905 a 1977) e *Recreio* (circulou em versão impressa em dois períodos: de 1969 a 1981 e, mais tarde, de 2000 a 2018).

Para Ferreira (2007)⁷⁵, o papel do jornal impresso se destaca porque as crianças parecem familiarizadas com os temas porque os ouvem no rádio, na televisão, em conversas com familiares e com amigos e nas escolas. Com o estímulo à leitura presente nos jornais infantis, a criança pode passar a ter maior interesse pelos principais assuntos da sociedade, no seu dia a dia. A partir dessa leitura, a criança tem mais possibilidades de construir uma visão crítica sobre a realidade e, conseqüentemente, pode passar a desenvolver a consciência cidadã, tornando “[...] as crianças não só leitores de texto mas do mundo” (MARQUES DE MELO, 1973 apud FERREIRA, 2007, p. 2).

Ferreira (2007) explica que diante da existência de suplementos infantis nos jornais “para adultos”, de jornais escolares, revistas infantis e jornais para crianças, a produção impressa infantil pode ser classificada em duas categorias:

- a) Jornais PARA crianças, que compreendem os suplementos e cadernos infantis de veículos de comunicação impressa;
- b) Jornais PELAS crianças, que são os jornais produzidos pelas crianças, principalmente no ambiente escolar.

O jornalismo infantil pode atuar como recurso didático para as crianças do mundo contemporâneo, apesar de que, na sua natureza, os conteúdos infantis não têm como objetivo exercerem o papel exclusivo de recurso didático. Alberto Dines (2001 apud FERREIRA, 2007, p.4)⁷⁶ define o suplemento infantil como a conclusão lógica de um esforço em prol da educação e da criança. Porém, um estudo da Agência de Notícias de Direitos da Infância (ANDI, 2002) demonstrou que os cadernos infantis ainda precisam ter linhas editoriais que saiam de apenas passatempos para a consciência

⁷⁵ FERREIRA, Mayra Fernanda. Jornalismo infantil: por uma prática educativa. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**: 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0769-1.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2021.

⁷⁶ FERREIRA, Mayra Fernanda. Jornalismo infantil: por uma prática educativa. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**: 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0769-1.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2021.

que eles podem se tornar um instrumento pedagógico para o desenvolvimento da cidadania desde a infância (FERREIRA, 2007).

A maioria dos cadernos não agrega inovações que poderiam otimizar sua concepção. Trata-se de fenômeno que ocorre, ao que tudo indica, porque as empresas jornalísticas não estão conscientes da importância desses espaços enquanto instrumento pedagógico valioso para o desenvolvimento de um espírito cidadão desde a infância (ANDI, 2002, p. 3).

A pesquisa da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) também atesta que os suplementos poderiam se tornar uma ponte da mídia com a escola, podendo abranger as necessidades e os interesses das crianças. Assim, os conteúdos jornalísticos seriam produzidos, também, como um produto a serviço dos professores do público infantil. Entretanto, a pesquisa identificou que “[...] menos de 5% dos cadernos publicam matérias, fontes bibliográficas e utilizam mapas e links que permitam ao jovem enriquecer conhecimentos” (ANDI, 2002, p. 34)⁷⁷.

Doretto (2018, p.23)⁷⁸ corrobora com a ANDI e ressalta que o jornalismo infantil deveria ofertar uma ampla variedade de assuntos às crianças, pois, dessa forma, ofereceria “[...] aos potenciais leitores não apenas mais materiais em diferentes áreas de atração, mas também informações mais aprofundadas e críticas sobre esses variados temas”. A pesquisa da ANDI ainda apresenta que os currículos escolares mudaram ao longo dos tempos, abrigando também o ensino transversal. Nesse tipo de ensino, os acontecimentos do mundo, as pluralidades sociais, os sentimentos e os princípios que fazem parte do cotidiano infantil transformam-se em recurso didático nas salas de aula.

Além do conteúdo informativo, os produtos do jornalismo infantil estabelecem e traçam padrões e modelos para a infância contemporânea, entregando a elas conteúdos previamente selecionados e que seriam os “ideais” para sua faixa etária e realidade (DORETTO, 2018)⁷⁹. Ainda na opinião da autora, esses padrões

⁷⁷ AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. **A mídia dos jovens** – 10ª edição. 2002, p.34. Disponível em: < A Mídia dos Jovens - 10ª edição | ANDI - Comunicação e Direitos >. Acesso: 25 set. 2021.

⁷⁸ DORETTO, Juliana. **A participação das crianças no jornalismo infantojuvenil português e brasileiro**. Porto Alegre, RS: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, 2018. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27327> >. Acesso: 25 set. 2021.

⁷⁹ DORETTO, Juliana. **A participação das crianças no jornalismo infantojuvenil português e brasileiro**. Porto Alegre, RS: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, 2018. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27327> >. Acesso: 25 set. 2021.

estabelecidos nas produções influenciam a percepção que a sociedade tem da infância e das próprias crianças sobre seu papel na contemporaneidade.

Por isso, é importante que meninos e meninas consigam participar a ponto de influenciar na construção desse discurso. Existe, inclusive, uma esfera de garantias legais, expressas na *Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança*⁸⁰ da Organização das Nações Unidas (ONU), de 1989, que assegura a participação das crianças na vida cultural. A partir disso, o jornalismo infantil deveria apresentar ampla variedade temática, oferecendo aos leitores ou potenciais leitores uma gama de produções em diferentes áreas, com informações aprofundadas e críticas, assim como acontece no mercado jornalístico para adultos.

⁸⁰ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos das Crianças**. 1990. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca> > Acesso em: 25 set.2021.

6 METODOLOGIA

Este trabalho tem o caráter de pesquisa qualitativa e, como procedimento metodológico, a pesquisa bibliográfica. O presente capítulo é destinado ao detalhamento da metodologia a fim de verificar as hipóteses levantadas e finalizar a meta quanto aos objetivos propostos na pesquisa.

Os métodos adotados foram a Análise de Conteúdo, que possui três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e o Estudo de Recepção, a partir da técnica de Grupo Focal (GF), para obter reflexões sobre o tema estudado. Utilizou-se, ainda, a técnica da Entrevista em Profundidade com a diretora educacional do Jornal Joca, Mônica S. Gouvêa, e com a editora-chefe do veículo, Maria Carolina Cristianini. Também foi feita a exploração do *corpus* escolhido no projeto, já citado no capítulo introdutório deste TCC.

Além disso, o atual capítulo é reservado à apresentação do Jornal Joca, objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso, suas linhas editoriais, características e modo de produção e uma lista com os principais termos indicativos referentes ao meio impresso para facilitar a compreensão da Análise de Conteúdo.

6.1 JORNAL JOCA

O Jornal Joca é uma publicação quinzenal para crianças e jovens, vendido por meio de assinaturas. Um projeto pioneiro no país, publicado pela editora Magia de Ler desde 2011, e inspirado nas publicações do gênero na Europa. O site do jornal ⁸¹ afirma que a missão do Joca é “[...] levar a escolas e famílias brasileiras recursos que deem apoio à formação de crianças e jovens do século 21, com o objetivo de colaborar para que se tornem cidadãos críticos e ativos, que lutam por seus direitos, cumprem seus deveres e terão as ferramentas necessárias para construir um futuro melhor para a sociedade”.

O texto do jornal é produzido por jornalistas profissionais e, de acordo com o site, a publicação faz o uso de uma linguagem contextualizada e adequada ao público infantil. As pautas abordam as atualidades não só do Brasil, mas, também, de todo o mundo, objetivando explicar os acontecimentos para as crianças e,

⁸¹ Disponível em: < <https://www.jornaljoca.com.br/quem-somos/> >. Acesso: 02 out. 2021.

consequentemente, auxiliando nas tarefas da escola. A periodicidade do Joca baseia-se nos meses letivos do calendário escolar, portanto, não é publicado durante as férias escolares. Porém, a edição on-line do jornal tem atualização diária.

Além dos conteúdos jornalísticos, no site também é possível baixar arquivos em PDF da edição impressa (com hiperlinks para aprofundamento do assunto), além de textos, atividades e exercícios dedicados aos pais e educadores como auxílio para o melhor aproveitamento de cada edição do jornal. De acordo com o próprio site, o objetivo do Joca é levar informação para o público infantil e também adolescente, sem viés opinativo, com foco no leitor, seja ele jovem ou criança. Atualmente, o Jornal Joca (impresso e digital) também conta com uma versão em língua inglesa e espanhola, disponibilizada junto de cada edição. Nessas versões, algumas matérias da edição são traduzidas para inglês e espanhol, ou seja, as crianças têm acesso às notícias em três línguas diferentes.

A participação das crianças e dos jovens na construção do jornal é algo que o veículo preza. No site, existe a aba “Como posso participar do Joca”, onde são explicadas todas as maneiras de auxiliar na produção e sugerir pautas para o jornal, site ou podcast. Por exemplo, os leitores podem participar do “Canal aberto” e “O que você faria se...?”, enviar uma resenha, participar de matérias ou enviá-las, ser repórter ou editor mirim (visita à redação do Joca, em São Paulo), sugerir pautas, comentar matérias e participar do podcast *Revisteen*, que é o podcast do Joca em parceria com a rádio CBN.

O Joca também disponibiliza recursos exclusivos para os professores que utilizam o jornal em sala de aula, como: quizzes interativos, curso EAD gratuito e com certificação; vídeos tutoriais para dar suporte à elaboração das aulas; podcast quinzenal “Saiu no Joca, prô!”, com destaques da edição e entrevistas com especialistas; webinars temáticos; ferramenta digital para elaborar seu próprio jornal; TV Joca no Youtube; newsletters informativas; guia didático para dar suporte ao trabalho com o jornal e formações e oficinas presenciais e a distância (sob consulta).

Em uma pesquisa encomendada pelo Jornal Joca e realizada pela HEC Paris e pela Planète D’Entrepreneurs, foi descoberto que os leitores do Joca se interessam muito mais por notícias de ciências, tecnologia e finanças do que não leitores (que demonstraram se interessar mais por celebridades e entretenimento de massa).

Figura 1 - Pesquisa do Jornal Joca



Fonte: Site do Jornal Joca

Ainda segundo o site, os leitores do Joca passam a demonstrar mais interesse pelo que acontece à sua volta e também apresentam maior criticidade e protagonismo em suas rotinas, a partir dessa proximidade com um material jornalístico feito exclusivamente para eles.

6.2 TERMOS EXPLICATIVOS

Ao longo da Análise de Conteúdo, alguns termos específicos foram utilizados para o estudo do Jornal Joca. As expressões se referem, quase na sua totalidade, à notícia sendo explorada na página do próprio jornal. Portanto, esse subcapítulo é dedicado à descrição dessas palavras. Para o conteúdo apresentado a seguir, foi utilizado o *Dicionário essencial de comunicação* (2014), de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Guimarães Barbosa.

Abertura: texto introdutório ou apresentação de uma matéria.

Antetítulo ou cartola: serve como um elemento de introdução ao grande tema ou assunto da matéria. Geralmente é composto por uma palavra ou pequena frase e sua formatação varia conforme o projeto gráfico do jornal ou revista.

Boxe: do inglês box, também é conhecido como quadro ou caixa, é um espaço

delimitado por fios, que traz informações complementares dentro de uma matéria. O texto do box geralmente é produzido em tipo diferente do corpo da matéria.

Caixa alta: letra maiúscula.

Caixa baixa: letra minúscula.

Capa: proteção exterior de um impresso. É o primeiro contato visual do consumidor com o produto, sendo utilizada para atrair a sua atenção, informando sobre o conteúdo presente na edição e distinguindo o jornal/revista dos demais.

Capitular: letra de corpo bastante superior ao restante do texto, usada no início de uma matéria. Ocupa várias linhas do texto.

Corpo do texto: parte mais desenvolvida do texto de uma notícia.

Edição: unidade de periodicidade de uma publicação (cada número de jornal, revista ou outro periódico).

Editor: pessoa que dirige e coordena uma publicação periódica.

Editoria: cada uma das seções de um jornal ou revista, sob a responsabilidade de um editor especializado.

Entrevista: apuração jornalística que pressupõe o contato entre o repórter e uma ou mais pessoas, de destaque ou não, que se disponham a prestar informações para a elaboração de notícias. As entrevistas podem ser noticiosas, de opinião, com personalidade, de grupo ou coletiva, ou exclusiva.

Entrevista pingue-pongue: quando é importante transmitir ao leitor as perguntas e respostas, valorizando cada palavra do entrevistado e sua reação de acordo com as perguntas realizadas.

Legenda: texto breve que acompanha uma ilustração, com o objetivo de ampliar a significação daquilo que acompanha. Geralmente é colocada abaixo da fotografia ou desenho, mas pode ser usada ao lado da imagem, acima ou dentro do seu espaço.

Linha de apoio: subtítulo composto por frase que agrega mais informações ao título, geralmente de uma linha e sem ponto final.

Matéria: tudo o que é publicado ou feito para ser publicado por um jornal ou revista, incluindo textos e ilustrações.

Olho: pequeno trecho destacado da matéria, diagramado em corpo maior e colocado em janelas da composição corrida.

Título: palavra ou frase composta em corpo maior do que o utilizado no texto, situada em destaque no alto da página, antes do início da matéria, para indicar o assunto e chamar a atenção do leitor para o texto.

6.3 EDIÇÕES SELECIONADAS DO JORNAL JOCA

Foram selecionadas três edições do Jornal Joca nos anos de 2016, 2018 e 2020. O critério utilizado para a escolha foi o de anos pares, sendo possível, assim, abranger vários anos do veículo. O Jornal Joca completa dez anos em 2021. As três seções/editorias selecionadas para a análise são: *Brasil* (matéria principal), *Maluquices* e *Repórter Mirim*.

Nesse subcapítulo foi explorado o material previamente selecionado. Essa fase compreende operações de codificação e categorização. Os itens abaixo representam as categorias utilizadas pela pesquisadora durante a exploração do material:

- II. Texto: os títulos das reportagens, com destaque, também, para a linha de apoio, frases, metáforas e comparações utilizadas durante todo o texto. As frases estão destacadas em itálico, as metáforas marcadas em negrito e as comparações demarcadas com o sublinhado;
- IV. Imagem: o tema/assunto principal explorado pela fotografia ou ilustração utilizadas para as pautas, o contexto delas e, também, as cores e diferentes enquadramentos;
- V. Conteúdo: as pautas escolhidas pelo jornal nas editorias selecionadas para o estudo.

6.3.1 Jornal Joca nº 75

Lançada na segunda quinzena de outubro de 2016, a edição nº 75 do Jornal Joca contém 12 páginas, compreendendo as editorias: *Brasil*, *Mundo*, *Maluquices*, *Cotidiano*, *Comportamento*, *Canal Aberto*, *Você Sabia Que...*, *Tecnologia*, *Finanças*, *Social*, *Esporte*, *Especial Olimpíada*, *Coleção* e *Repórter Mirim*.

Na editoria *Brasil* foi selecionada a matéria “*Câmara aprova prosseguimento de impeachment*” para a caracterização conforme os critérios a seguir:

a) Texto: o título da matéria principal está em caixa alta e diz: “*CÂMARA APROVA PROSSEGUIMENTO DE IMPEACHMENT*”. A linha de apoio apresenta: “*Após três dias e duas noites de debates, deputados fazem votação*”. No início da

linha de apoio existe uma cartola que lembra uma pincelada de tinta na cor verde, onde está escrito *GOVERNO*, também em caixa alta. A matéria explica o processo de votação, que decidiu, por maioria, o prosseguimento do *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff. O texto traz informações sobre os detalhes da votação, como as mais de 40 horas de duração dos debates em torno do assunto. Trouxe também algo inédito e histórico para a política: “[...] *foi a sessão mais longa da história da Câmara*”. O texto é finalizado com a informação de que, naquele momento, a decisão do prosseguimento do *impeachment* iria para o Senado: “*O processo agora segue no Senado, onde os senadores votarão se mantêm a decisão dos deputados ou se arquivam as investigações*”. Ao lado, contém um box com o título *PRÓXIMOS PASSOS*, que explica as etapas posteriores do *impeachment*. Cada etapa é enumerada de um a cinco. O jornal usa textos curtos para explicar cada passo do processo. Inicia com a abertura, no Senado, de uma comissão especial para discutir e votar o caso, em que lê-se: “*O Senado elege uma comissão especial para discutir o caso e apresentar um relatório, que deverá ser votado pelos senadores. Se aprovado por pelo menos 54 dos 81 senadores, o processo começa*”. Sobre o afastamento da presidente por 180 dias e o fato da Presidência precisar ser assumida pelo vice-presidente Michel Temer, o jornal coloca: “*A presidente é afastada por até 180 dias*” e “*O vice-presidente, Michel Temer, assume a Presidência da República*”. O quarto passo sobre o julgamento: “*O Supremo Tribunal Federal julga o processo*”. Até a defesa da então presidente Dilma Rousseff, em que lê-se: “*A presidente se defende. Se absolvida, volta ao cargo. Se condenada, deixa a presidência*”.

Imagem: a matéria principal não tem uma fotografia em destaque, apenas as pequenas fotografias utilizadas no box que explica os próximos passos do processo de *impeachment*. A fotografia do primeiro passo do *impeachment* retrata a Praça dos Três Poderes, com o Palácio do Planalto (Poder Executivo), o Congresso Nacional (Poder Legislativo) e o Supremo Tribunal Federal (Poder Judiciário), todos em destaque. O passo dois contém uma foto da então presidente Dilma Rousseff em um pronunciamento. Ela usa uma blusa em decote redondo na cor preta, com bolinhas brancas, e está com a postura ereta e confiante. Um microfone encontra-se na sua frente e, ao lado direito, a bandeira-insígnia da Presidência, que traz o Brasão da República, um dos quatro símbolos nacionais, aplicado sobre um fundo verde escuro e, ao lado, a bandeira do Brasil. O terceiro passo apresenta uma foto do vice-presidente Michel Temer com feições sérias, sentado e com uma das mãos apoiadas

em uma mesa. O fundo da foto é em tom azul escuro. O passo quatro sobre o julgamento do *impeachment* é representado por uma foto clara do Supremo Tribunal Federal (STF) em uma das suas audiências. O quinto passo não contém foto.

Figura 2- Box “PRÓXIMOS PASSOS”

PRÓXIMOS PASSOS

1 - O Senado elege uma comissão especial para discutir o caso e apresentar um relatório, que deverá ser votado pelos senadores. Se aprovado por pelo menos 54 dos 81 senadores, o processo começa.

2 - A presidente é afastada por até 180 dias.

3 - O vice-presidente, Michel Temer, assume a Presidência da República.

4 - O Supremo Tribunal Federal julga o processo.

5 - A presidente se defende. Se absolvida, volta ao cargo. Se condenada, deixa a presidência.

Fonte: Jornal Joca – Edição 75

Conteúdo: o conteúdo principal da matéria da editoria *Brasil* destaca o prosseguimento do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e os próximos passos a partir da votação da Câmara dos Deputados, que aprovou, por maioria, a continuidade do processo. Por ser um assunto mais complexo, o jornal utilizou o recurso do box para explicar as próximas etapas do *impeachment*. A matéria é curta e objetiva, sem aprofundar sobre questões como: quais partidos votaram a favor ou contra, por exemplo. Apenas lê-se: “*Por 367 votos favoráveis e 137 contrários, a Câmara dos Deputados aprovou a continuidade do processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff*”. O Joca também trouxe alguns detalhes sobre como funcionou a votação: “*Antes da votação, os deputados fizeram mais de 40 horas de debates, que começaram na sexta-feira (15) e terminaram às 4h da manhã do domingo*”.

Público: nessa matéria não existe a participação do leitor, apenas o conteúdo da notícia de maneira objetiva.

Em *Maluquices* são exploradas as três notas da editoria, conforme os mesmos quatro critérios.

Texto: a primeira nota tem como título “*Quarto no tanque de tubarões*” e conta sobre uma promoção do site de hospedagens Airbnb em parceria com o Aquário de Paris que iria premiar o vencedor com uma hospedagem em um quarto submerso

dentro de um tanque com 35 tubarões. A promoção é adjetivada como “*maluca*” pelo jornal: “*O site de hospedagens Airbnb e o Aquário de Paris lançaram uma promoção maluca. Quem a vencer poderá dormir em um quarto submerso dentro de um tanque com 35 tubarões*”. A segunda nota tem o título “*Sushibúrguer*” e trata do novo hambúrguer de sushi, inventado no Japão: “*O hambúrguer de sushi, inventado no Japão, está na moda. O prato está chegando a vários países como Austrália e Venezuela*”. A nota três é nomeada “*Maior batalha de Playmobil*” e fala sobre a recriação da Batalha de Zama⁸², em Lego, pelo maior colecionador de Playmobil do planeta: “*O francês Jean-Michel Leuillier, maior colecionador de Playmobil do planeta, recriou a Batalha de Zama, a guerra entre romanos e cartagineses que aconteceu em 202 a.C., usando mais de 26 mil peças do brinquedo*”. Nessa nota, ainda tem um box de “*SAIBA MAIS*”, contando que a empresa Lego lançou o primeiro boneco cadeirante da história da marca: “*A empresa Lego lançou o primeiro boneco cadeirante da história da marca a pedido do movimento #ToyLikeMe (Brinquedo Como Eu), que pede a inclusão de personagens com deficiência nos produtos fabricados pela indústria de brinquedos. O Comitê Paraolímpico aprovou a ideia*”.

Imagem: a nota um sobre o tanque de tubarões mostra o local onde o vencedor da promoção irá se hospedar. Na fotografia, estão presentes sete tubarões e, ao meio, uma cabine redonda imersa na água com três pessoas dentro. A nota do sushibúrguer mostra a fotografia em destaque da nova invenção do Japão. O “pão” é feito com arroz branco e o recheio tem cerca de cinco camadas coloridas. A terceira nota retrata a foto da recriação em lego da Batalha de Zama, com mais de 26 mil peças utilizadas. A imagem está em ângulo aberto para mostrar grande parte da exposição.

⁸² A Batalha de Zama, travada em 19 de outubro de 202 a.C., foi decisiva na Segunda Guerra Púnica (o púnico é uma língua semítica extinta, falada por povos da África e ilhas do Mar Mediterrâneo por volta do século IV d.C). O exército da República Romana, liderado por Cipião Africano, derrotou as forças de Cartago lideradas por Aníbal. Logo após essa derrota, o senado de Cartago assinou um tratado de paz, terminando assim uma guerra de quase 20 anos. Fonte: SCODELLER, Ettore Miranda. **Um estudo das vitórias e derrota de Aníbal Barca na Segunda Guerra Púnica**. 2021.. 19f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

Figura 3 - Editoria Maluquices na edição nº 75



MAIOR batalha de Playmobil
O francês Jean-Michel Leullier, maior colecionador de Playmobil do planeta, recriou a Batalha de Zama, a guerra entre romanos e cartagineses que aconteceu em 202 a.C., usando mais de 26 mil peças do brinquedo. O trabalho virou uma enorme exposição, que ocupa 250 m² de um ginásio na cidade de Heyrieux, nos Alpes franceses, e deve receber milhares de visitantes.

Quarto no tanque de tubarões
O site de hospedagens Airbnb e o Aquário de Paris lançaram uma promoção maluca. Quem a vencer poderá dormir em um quarto submerso dentro de um tanque com 35 tubarões. Para participar, o usuário deve preencher um formulário dizendo por que deveria ganhar o prêmio. Quem fizer a frase mais criativa será o vencedor.

Sushibúrguer
O hambúrguer de sushi, inventado no Japão, está na moda. O prato está chegando a vários países como Austrália e Venezuela. Alguns são de carne moída com arroz em formato de pão, outros são de arroz frito.

SAIBA MAIS: a empresa Lego lançou o primeiro boneco cadeirante da história da marca a pedido do movimento #ToyLikeMe (Brinquedo Como Eu), que pede a inclusão de personagens com deficiência nos produtos fabricados pela indústria de brinquedos. O Comitê Paraolímpico aprovou a ideia.

Fonte: Jornal Joca – Edição 75

Conteúdo: notas curtas, divertidas e inusitadas pautam a seção *Maluquices* do jornal. Na edição nº 75, a seção está junto à editoria *Mundo*. Nessa edição, o jornal buscou trazer conteúdos da área da gastronomia, apresentando novas invenções do mundo gastronômico e as peculiaridades do sushibúrguer: “*Alguns são de carne moída com arroz em formato de pão, outros são de arroz frito*”. O Joca também traz uma promoção “maluca” que possibilitaria uma experiência diferenciada com tubarões e explica como participar: “*Para participar, o usuário deve preencher um formulário dizendo por que deveria ganhar o prêmio. Quem fizer a frase mais criativa será o vencedor*”, além de uma exposição de arte com Playmobil: “*O trabalho virou uma enorme exposição, que ocupa 250 m² de um ginásio na cidade de Heyrieux, nos Alpes franceses, e deve receber milhares de visitantes*”. O box dessa editoria traz um assunto interessante: a inclusão de personagens com deficiência nos produtos da indústria de brinquedos, a partir de um movimento que surgiu, principalmente, nas redes sociais, o #ToyLikeMe (Brinquedo Como Eu).

Público: como aconteceu na editoria *Brasil*, as notas da *Maluquices* não têm a participação do leitor.

Na editoria *Repórter Mirim* será analisada a entrevista com um atleta paralímpico, a partir dos quatro critérios para a exploração do material.

Texto: o título da entrevista é “Superação”. A linha de apoio já entrega um resumo da história do entrevistado, em que se lê: “*Aos 16 anos, Alex Gomes Alves levou um tiro de bala perdida nas costas e ficou paraplégico. Sem poder andar, ficou triste, revoltado. Somente depois de conhecer o basquete paraolímpico, ele se recuperou. Hoje é um dos melhores jogadores do Brasil*”. Em seguida, em uma faixa amarela, explica-se o contexto daquela entrevista: “*Na beira da quadra, no intervalo dos treinos, Alex concedeu uma entrevista a Gabriela Alves, sua sobrinha e grande*

*fã. Alex é mesmo um orgulho para toda sua (enorme) família. A filha dele, Bárbara, emociona-se ao falar do pai atleta. Confira a conversa”. Ao lado, em uma foto da sobrinha Gabriela e do atleta Alex, há um convite para os próximos repórteres mirins, em que lê-se: “Oi, eu sou a Gabriela Alves, de 8 anos, e fui repórter mirim desta edição. Seja você também, envie e-mail para joca@magiadeler.com.br”. A entrevista possui caráter de pingue-pongue, com 13 perguntas curtas, como: “Quantos anos você tem?”; “Você nasceu paraplégico?”; “E como começou a jogar basquete?”; “Você é casado?”; “Como você se vira na cidade?” e “Você sofre preconceito?”. A entrevista ainda conta com um box no estilo “Saiba mais”, com informações sobre as posições e funções dos jogadores de basquete e a data dos próximos Jogos Paraolímpicos: “JOGOS PARAOLÍMPICOS - 7 a 18 de setembro de 2016”. No box, explica-se sobre a posição de armador: “O armador é uma das cinco posições do basquete. É o organizador, o “**cérebro**” da equipe, quem leva a bola da defesa para o ataque” e o escolta: “O escolta é o “ajudante” do armador, é quem faz as infiltrações”.*

Imagem: a entrevista “Superação” tem sete fotografias espalhadas por toda a página do jornal. Todas as fotos retratam o atleta Alex em quadra, com uniforme de treino ou de jogo. A maior foto da página é do atleta com o uniforme da Seleção Brasileira de Basquete Paraolímpico, pronto para fazer um arremesso. Destaque para as luzes refletidas na quadra, que lembram estrelas. Outras duas fotos retratam o atleta com o time: a primeira durante um jogo, em disputa de bola, e a segunda do time e da equipe técnica com medalhas e um troféu em mãos. Duas fotografias trazem Alex com a família; a foto com a sobrinha e repórter mirim Gabriela Alves e a segunda com a filha, Bárbara, e a sobrinha, Gabriela. No box, duas fotos em destaque de Alex durante seu treino de basquete com seus colegas de time.

Figura 4 - Fotos da matéria “Superação”

**REPÓRTER
MIRIM**



SUPERAÇÃO



Aos 16 anos, Alex Gomes Alves levou um tiro de bala perdida nas costas e ficou paraplégico. Sem poder andar, ficou triste, revoltado. Somente depois de conhecer o basquete paraolímpico, ele se recuperou. Hoje é um dos melhores jogadores do Brasil.

Na frente da quadra, no momento das finais, Alex comemora uma vitória com a Bárbara Alves, sua esposa e grande fã. Alex sempre mora um orgulho para toda sua família também. A filha dele, Bárbara, emocionou-se ao falar do pai atleta. Confira a conversa

Quantos anos você tem?
41

Você nasceu paraplégico?
Não. Eu andava normalmente, até que levei um tiro nas costas e não pude mais andar. Nem vi de onde veio, cai no chão e não andei mais.

E como começou a jogar basquete?
Sempre gostei de esportes, antes de levar o tiro eu tinha passado no teste para jogar futebol no São Paulo. Depois que passou a fase da revolta, tive que fazer fisioterapia para me recuperar. Foi quando vi uma bola de basquete e experimentei jogar. Foi amor à primeira vista, virei armador do time. Minha deficiência não me tirou o sonho de ser um grande atleta.

Como é sua vida hoje?
Faço faculdade de educação física, luto jiu-jitsu, trabalho na secretaria do Colégio São Luís e treino basquete todo dia. Uso cadeira de rodas quase o tempo todo, mas também uso muletas e dirijo.

Que é seu maior ídolo?
Michael Jordan. Ele foi seis vezes campeão da NBA (National Basketball Association),liga profissional de basquete dos Estados Unidos. Foi cinco vezes o jogador mais valioso da liga e bicampeão olímpico (Los Angeles, 1984, e Barcelona, 1992).

Você é casado?
Sim, e tenho uma filha linda, a Bárbara Alves, de 10 anos. Ela está sempre comigo e pega carona na cadeira de rodas.

E já participou de campeonatos?
Sim, fui ao Pan do México, do Canadá e da Argentina, e ao Mundial na Grécia. Particpei dos campeonatos paulista e regional.

Você já ganhou medalhas?
Sim, muitas. A mais importante foi a de Honra ao Mérito, que recebi das mãos do presidente do Brasil, que na época era o Lula. A medalha é oferecida a esportistas que tenham destaque nacional ou internacional.

Vai participar de outros campeonatos?
Em 2011, parei de jogar em campeonatos. É muito difícil ser atleta paraolímpico, não conseguimos patrocinios para nos ajudar a treinar e pagar as despesas de viagens, treinos.

A cadeira de rodas de basquete é diferente da normal?
Sim, é mais leve e mais ágil. É feita sob medida para cada jogador, pode ter cinco ou seis rodas, sendo duas grandes na parte traseira, duas na frente e uma frontal. As rodas têm cambagem, ou seja, são inclinadas para não tombarem.

Como você se vira na cidade?
São Paulo não é boa para quem vive em cadeira de rodas, pois tem muitos buracos e poucas rampas. Mas eu dirijo, pego ônibus, metrô. Não consigo subir escadas.

Você sofre preconceito?
Sim. As pessoas me olham de um jeito diferente, a gente percebe.

E sua mãe dói?
Sim, e fica muito suja. Faço musculação para ficar com as mãos fortes para empurrar a cadeira.

SAIBA MAIS SOBRE O BASQUETE:

O **armador** é uma das cinco posições do basquete. É o organizador, o “cérebro” da equipe, quem leva a bola da defesa para o ataque.

O **escolta** é o “ajudante” do armador, é quem faz as infiltrações.

O **lateral** é um dos jogadores mais completos, participa da disputa.

Libero é quem faz os arremessos e se infiltra no jogo.

Pivô é o jogador que atua mais próximo à cesta.

A competição de basquete é uma das mais populares na Paraolimpíada.

DIRIGIDA POR: ELIZABETH STEPHANIE HARRICH EDITORA-CHefe: BRUNA LIMA PASSARINI JORNALISTA: BRUNNA SOUZA MAGALHÃES LEM - BERNI
FRANCISCO BARTISTA, ESTERK MARCELO HSE, MASP, MIVA, PIBEI MHESTER, BOBÓCARÉ, UNKSEF, VONHAR NEWS E JEMT. REVENDO E CHEGANDO
LUCIANA MARIA SANCHES SAC MAGALHÃES LEM: (11) 2129-4454, F-WEB: CONTATO@MAGALHES.COM.BR PORTAL: JOCA@WWW.JORNALJOCA.COM.BR
ASSINATURA: WWW.JORNALJOCA.COM.BR

JOGOS PARAOLÍMPICOS - 7 a 13 de setembro de 2016.



JOCA É UMA PUBLICAÇÃO QUINZENAL DA EDITORA MIRA DE LEM. Os comentários e artigos assinados são registrados em nome do autor. A revista não se responsabiliza pelo conteúdo.

Lata 1000000



12 | Joca | Edição 75 | Abril de 2016 | acesso: www.jornaljoca.com.br

Fonte: Jornal Joca – Edição 75

Conteúdo: em 2016, o Brasil sediou os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. O Jornal Joca, em abril do mesmo ano, optou por mostrar uma história de superação de um atleta paraplégico brasileiro na sua edição nº 75. Nessa entrevista, o jornal usou a técnica de pingue-pongue, porém, sem aprofundamento nas perguntas, o que também aconteceu nas respostas. Por exemplo, na pergunta: “*Quantos anos você tem?*”, a resposta do atleta é apenas: “41”. No questionamento: “*Como você se vira na cidade?*”, Alex responde: “*São Paulo não é boa para quem vive em cadeira de*

rodas, pois tem muitos buracos e poucas rampas. Mas eu dirijo, pego ônibus, metrô. Não consigo subir escadas". Na penúltima pergunta da entrevista: "Você sofre preconceito?", o entrevistado replica: "Sim. As pessoas me olham de um jeito diferente, a gente percebe".

Público: a editoria *Repórter Mirim* é a parte do jornal Joca em que as crianças realmente constroem a edição junto com a equipe de jornalistas, pois os leitores têm a oportunidade de serem os "repórteres da vez" ao entrevistar alguma personalidade. Essa entrevista é orientada pela equipe do Jornal Joca e depois passa por uma edição. Pode-se notar a participação da leitora Gabriela Alves na legenda da foto dela com o atleta paralímpico Alex, em que lê-se: "*Oi, eu sou a Gabriela Alves, de 8 anos, e fui repórter mirim desta edição. Seja você também, envie e-mail para joca@magiadeler.com.br*". Também na faixa amarela, logo após a linha de apoio, o texto explica a participação de Gabriela na entrevista: "[...] *Alex concedeu uma entrevista a Gabriela Alves, sua sobrinha e grande fã*".

6.3.2 Jornal Joca nº 111

A edição nº 111 do Jornal Joca foi lançada na segunda quinzena de abril de 2018 e tem 12 páginas com as seguintes editorias: *Brasil, Em Pauta, Mundo, Maluquices, Você Sabia Que..., Ciência e Tecnologia, Cultura, Crônica do Leitor, Coleção, Repórter Mirim, Esportes, Canal Aberto e Comportamento*.

Para a exploração da editoria *Brasil* foi selecionada a matéria "A prisão e o futuro de Lula" conforme os critérios a seguir:

Texto: a matéria da editoria *Brasil*, na edição nº 111 do Jornal Joca, tem como título "*A prisão e o futuro de Lula*". Essa matéria também foi destaque de capa da edição e, na editoria, ocupa uma página inteira com diversos elementos para contextualizar o assunto da prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O texto inicia em caixa alta e em negrito com a seguinte frase "**NO DIA 7 DE ABRIL [...]**" - funcionando como um antetítulo - e a frase segue "[...] *Luiz Inácio Lula da Silva foi preso*". O *lead* segue com informações sobre o discurso que Lula fez em um comício no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo, antes de se entregar à Polícia Federal em São Paulo e todo o trajeto até chegar à Curitiba: "*Após discursar durante 55 minutos em um comício no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo, o ex-presidente se entregou à Polícia Federal em São Paulo. Ele foi levado*

de avião a Curitiba, capital paranaense, onde começou a cumprir pena”. Também explica as reações à prisão do líder petista: “A prisão do líder petista foi comemorada em várias regiões do país, mas também foi reclamada por militantes e simpatizantes que o consideram inocente”. Em seguida, lê-se: “Entenda o que aconteceu e por que a prisão de Lula teve repercussão internacional e chamou tanta atenção”, convidando os leitores a acompanharem uma nova etapa da matéria que, a partir de agora, é desenvolvida em vários subtítulos com explicações curtas e objetivas. Todos os subtítulos estão em vermelho e em caixa alta. O primeiro cita: “**POR QUE LULA FOI PRESO?**” e, a partir de dois itens, o jornal explica que o ex-presidente foi condenado por duas instâncias no Poder Judiciário. Destaque para o segundo item: “*Ainda faltam outras duas instâncias, mas o Supremo Tribunal Federal negou ao ex-presidente o habeas corpus, recurso que o permitiria aguardar o fim do julgamento em liberdade*”. Aqui, o jornal explicou o termo *habeas corpus* ao leitor. O segundo subtítulo é: “**LULA PODE SER ABSOLVIDO?**” e o item para explicar começa com a palavra “*Sim*”, afirmando algo para o leitor de maneira mais próxima, como em uma conversa, e continua: “[...] se os ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e do Supremo Tribunal Federal (STF) encontrarem falhas no processo do apartamento no Guarujá”. O terceiro subtítulo “**LULA PODE SE CANDIDATAR À PRESIDÊNCIA?**” explica que sim, a legislação brasileira permite, porém, o ex-presidente pode ser barrado “[...] com base na Lei da Ficha Limpa*^o”. O asterisco (*) remete a uma linha ao final da página que traz explicações de quatro termos utilizados ao longo do texto. Para a “Lei da Ficha Limpa”, o jornal escreveu: “A lei torna inelegível por oito anos candidatos que foram condenados em segunda instância, cassados ou que tenham renunciado para evitar cassação”. No subtítulo “**POR QUE A PRISÃO DE LULA É TÃO IMPORTANTE?**”, o jornal cita: “É a figura política de mais destaque investigada pela Lava Jato*^o”; “Ele é o primeiro ex-presidente brasileiro preso por crime comum”; “O político é o maior líder popular do país” e “Lula aparece em primeiro lugar nas pesquisas de intenção de voto para as eleições de 2018. Segundo enquete do Datafolha divulgada no fim de janeiro, um terço da população pretende votar nele”. Centralizados na página, a matéria usa outros dois subtítulos em caixa alta, negrito e vermelho para explicar se o caso de Lula já foi concluído e se o ex-presidente era réu em outras ações: “**O CASO DE LULA JÁ FOI CONCLUÍDO?**”, e responde: “**Não. O ex-presidente ainda será julgado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) e pode recorrer ao Supremo Tribunal Federal (STF)**”. A outra pergunta é “**LULA É RÉU EM OUTRAS AÇÕES?**”,

com a afirmação: “**Sim. Há outras seis ações contra o ex-presidente que estão sendo julgadas no Paraná e Distrito Federal. Na maioria delas, ele é acusado por corrupção e lavagem de dinheiro**”. No lado direito da página, o Joca propõe apresentar os dois lados – o de Lula, ou seja, a defesa, e o lado da condenação. No lado da condenação, há a pergunta, em negrito: “**Por que Lula foi condenado?**”, com o texto: “*Por receber dinheiro (propina) para favorecer a construtora OAS em contratos com o governo federal. O dinheiro foi repassado por meio da compra e reforma de um apartamento no Guarujá, litoral paulista*”. No lado da defesa do ex-presidente, também em negrito: “**O que alega a defesa?**”, com as informações: “*Não há provas para condenação*” e “*Lula está sendo perseguido politicamente para não poder participar das eleições presidenciais de 2018*”. Os textos são divididos com uma linha pontilhada, o que traz a ideia de lados opostos. Novamente, essas explicações são feitas por itens e os termos “*corrupção passiva*” e “*lavagem de dinheiro*” ganharam explicações no rodapé da página. O jornal ainda citou dois políticos importantes do cenário nacional, investigados pela operação Lava Jato: Michel Temer e Aécio Neves, com explicações sobre as denúncias referentes a cada um. Sobre Michel Temer, o texto começa com um antetítulo em negrito e caixa alta: **FOI DENUNCIADO** duas vezes [...]” e segue: “[...] A Câmara dos Deputados não autorizou o STF a analisar o caso antes do fim do mandato do presidente, que acaba em dezembro”. Na parte inferior da página, o Joca montou uma linha do tempo com a “**TRAJETÓRIA POLÍTICA DE LULA**”, que conta a história de Lula desde 1975: “*É eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos por duas vezes, em 1975 e 1978. Lidera paralisações (greves) de operários em fábricas do ABC paulista para melhorar as condições de trabalho ou obter novos benefícios*”; sua primeira eleição como Presidente da República em 2002: “*Lula vence José Serra e se torna presidente do Brasil no ano seguinte*”; a reeleição de Lula e sua popularidade: “*Lula é reeleito. Termina o segundo mandato com 80% de popularidade*”, até a condenação em 2ª instância pela Lava Jato, em 2018.

Imagem: para essa matéria são utilizadas dez fotos e três ilustrações. As três fotos principais se encontram no centro da página e trazem as duas reações à prisão do ex-presidente Lula: os apoiadores de Lula e os que comemoraram sua prisão. A foto superior mostra Lula, no centro, rodeado de apoiadores durante o comício no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. No registro, o ex-presidente está com uma camiseta preta e é carregado nos ombros de um homem. As pessoas ao redor estão com os braços para cima, como se quisessem alcançá-lo. Lula, ao centro, aparece

mais iluminado que o restante da foto, trazendo ainda mais destaque para a figura. A foto do meio retrata o momento em que o ex-presidente já se entregou à Polícia Federal e chega em Curitiba. Nessa fotografia, Lula está de preto, com roupas mais formais e rodeado por três policiais. Ele aparece mais abatido, mas ainda é o destaque da foto, com um foco de luz aplicado diretamente nele. A terceira fotografia mostra a comemoração em frente à Polícia Federal, dos brasileiros felizes com a prisão do ex-presidente. As pessoas estão em extâse, com os braços para cima e a grande maioria utiliza as cores verde, amarelo e azul em alusão à bandeira do Brasil. No registro, muita euforia e foguetes para marcar a comemoração.

Figura 5 - Fotos e ilustrações da matéria “A prisão e o futuro de Lula”

Brasil

A prisão e o futuro de Lula

NO DIA 7 DE ABRIL, Luiz Inácio Lula da Silva foi preso. Após discursar durante 55 minutos em um comício no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo, o ex-presidente se entregou à Polícia Federal em São Paulo. Ele foi levado de avião a Curitiba, capital paranaense, onde começou a cumprir pena.

A prisão do líder petista foi comemorada em várias regiões do país, mas também foi reclamada por militantes e simpatizantes que o consideram inocente.

Entenda o que aconteceu e por que a prisão de Lula teve repercussão internacional e chamou tanta atenção.

POR QUE LULA FOI PRESO?

- ▶ Ele foi condenado por duas instâncias do Poder Judiciário.
- ▶ Ainda faltam outras duas instâncias, mas o Supremo Tribunal Federal negou ao ex-presidente o *habeas corpus*, recurso que o permitiria aguardar o fim do julgamento em liberdade.

LULA PODE SER ABSOLVIDO?

- ▶ Sim, se os ministros do Superior Tribunal de Justiça (STJ) e do Supremo Tribunal Federal (STF) encontrarem falhas no processo do apartamento no Guarujá.

LULA PODE SE CANDIDATAR À PRESIDÊNCIA?

- ▶ A legislação brasileira permite. A candidatura do ex-presidente, porém, pode ser barrada com base na Lei da Ficha Limpa*.

POR QUE A PRISÃO DE LULA É TÃO IMPORTANTE?

- ▶ É a figura política de mais destaque investigada pela Lava Jato**.
- ▶ Ele é o primeiro ex-presidente brasileiro
- ▶ Lula aparece em primeiro lugar nas pesquisas de intenção de voto para as eleições de 2018. Segundo enquete do Datafolha divulgada no fim de janeiro, um terço da

O QUE DIZ CADA LADO

Por que Lula foi condenado?

- ▶ Por receber dinheiro (propina) para favorecer a construtora OAS em contratos com o governo federal. O dinheiro foi repassado por meio da compra e reforma de um apartamento no Guarujá, litoral paulista.
- ▶ O ato é considerado crime de corrupção passiva*** e lavagem de dinheiro****.

O que alega a defesa?

- ▶ Não há provas para condenação.
- ▶ Lula está sendo perseguido politicamente para não poder participar das eleições presidenciais de 2018.

QUEM JULGOU LULA?

OS CAMINHOS DO JULGAMENTO

- ✓ **1ª instância:** Sérgio Moro, juiz da 13ª Vara Criminal Federal de Curitiba (PR).
- ✓ **2ª instância:** João Pedro Gebran, Leandro Paulsen e Victor Laus, desembargadores do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, em Porto Alegre (RS).
- ▶ **3ª instância:** Supremo Tribunal de Justiça.
- ▶ **4ª instância:** Supremo Tribunal Federal.

A CELA DE LULA

15 m² é o tamanho da cela

uma janela de vidro, com grade

3m cama de colchão

embanco reclinado

banheiro

5m entrada

POLÍTICOS IMPORTANTES AINDA INVESTIGADOS PELA LAVA JATO

MICHEL TEMER (MDB)

FOI DENUNCIADO duas vezes. A Câmara dos Deputados não autorizou o STF a analisar o caso antes do fim do mandato do presidente, que acaba em dezembro.

AÉCIO NEVES (PSDB)

FOI DENUNCIADO ao STF por corrupção e tentativa de impedir a Lava Jato. É investigado em nove casos e foi afastado do Senado após ser grameado pedindo 2 milhões de reais a Joesley Batista, dono da JBS.

Lula sai de comício carregado por manifestantes, entrega-se à PF e chega a Curitiba, onde houve comemoração

A CASA DE LULA É EM COMÍCIO? NÃO. O ex-presidente

Fonte: Jornal Joca – Edição 111

Na linha do tempo “TRAJETÓRIA POLÍTICA DE LULA” são utilizadas cinco fotos para marcar momentos importantes da vida do ex-presidente. As primeiras trazem Lula mais novo, na época em que tinha forte atuação no Sindicato dos Metalúrgicos; uma em um comício e a segunda foto da sua primeira prisão. Outras duas fotos retratam Lula utilizando a faixa presidencial e a última, traz Lula em depoimento à Polícia Federal pela Lava Jato. Outro recurso utilizado foram as

ilustrações. O destaque é para a que mostra os detalhes da cela de Lula em Curitiba, com suas medidas e os móveis presentes no local.

Figura 6 - Linha do tempo “TRAJETÓRIA POLÍTICA DE LULA”



Fonte: Jornal Joca – Edição 111

Conteúdo: na edição nº 111, o Joca deu destaque para a prisão do ex-presidente Lula, com foco no que poderia acontecer com o político nos próximos meses em relação ao cumprimento da pena. O jornal também fez uma contextualização dos motivos da prisão e deu detalhes, até mesmo, da cela em que Lula iria ficar, em que lê-se em vários pequenos textos: “15m2 é o tamanho da cela”, “uma janela de vidro, com grade”, “cama de solteiro”, “armário embutido”, “banheiro” e “entrada”, com linhas que remetem a cada espaço da cela na ilustração. A matéria não foi feita em texto corrido, mas dividida em pequenos blocos, em formato de pergunta, com textos curtos, como relatado no item “Texto”.

Público: na matéria “O futuro e a prisão de Lula”, o público não tem nenhuma participação.

Na editoria *Maluquices* dessa edição são analisadas as duas notas da seção, conforme os mesmos quatro critérios.

Texto: a primeira nota tem como título “*Ilha minúscula é casa de 500 pessoas*” e conta as características da ilha Santa Cruz del Islote, na Colômbia. O texto tem frases curtas e comenta o modo de vida dos habitantes do local: “A ilha Santa Cruz del Islote, na Colômbia, é do tamanho de um campo e meio de futebol e chama a atenção por abrigar cerca de 500 habitantes. As casas do local, cerca de cem, foram construídas em cima de um recife de corais. A ilha tem apenas quatro ruas”. A

segunda nota é: *“Peixes passam por cirurgia plástica em Cingapura”* e relata uma prática que se tornou moda em Cingapura: procedimentos para alterar a aparência dos peixes. Na nota, lê-se: *“Para deixá-los para “bonitos”, especialistas estão realizando pequenas alterações como levantar um olho caído”*. O texto explica que as cirurgias são feitas em peixes da espécie aruanã-dourado, considerados os mais caros do mundo. Em Cingapura, a espécie representa riqueza e o Joca explica: *“[...] muitos cidadãos estão dispostos a pagar até milhares de dólares por um exemplar e as lojas fazem de tudo para deixá-lo mais atraente”*.

Imagem: as duas imagens utilizadas nas notas da editoria *Maluquices* têm uma moldura vermelha ao redor de cada foto. A fotografia da primeira nota é feita de cima da ilha e mostra todo o complexo. A imagem da nota sobre a cirurgia plástica nos peixes contém o peixe da espécie aruanã-dourado em destaque, em um aquário.

Figura 7 - Editoria Maluquices na edição nº 111



Fonte: Jornal Joca – Edição 111

Conteúdo: em *Maluquices*, o jornal focou em duas notícias com temas distintos entre si e que trazem informações inéditas para os leitores, como essas: *“Além de não haver água corrente, toda a eletricidade utilizada pelos moradores vem de duas estações de energia solar”*. Na nota sobre a cirurgia plástica nos peixes, há um depoimento do cirurgião: *“Sei que algumas pessoas acham que isso é crueldade,*

mas, na verdade, eu estou fazendo um favor”, afirma Eugene Nb, conhecido como doutor Ark, dono de uma loja de peixes que realiza a operação. Ao jornal Today, ele ainda contou: “Agora, o peixe está com uma aparência melhor, e o dono dele vai amá-lo ainda mais”.

Público: a participação dos leitores do Joca não aparecem na editoria *Maluquices*.

Na editoria *Repórter Mirim* será analisada a entrevista com a atual deputada federal Tábata Amaral. Na época, Tábata era conhecida por sua história inspiradora de estudo e dedicação.

Texto: a matéria da editoria *Repórter Mirim* tem o título “*Uma história inspiradora*” e na linha de apoio, lê-se: “*A cientista política Tábata Amaral conta como a educação mudou a vida dela e como as pessoas comuns podem participar da política para melhorar o Brasil*”. No topo da página, ao lado do título da editoria, está a foto do adolescente que colaborou na entrevista e sua apresentação: “*Por Gabriel Zanchett Canto, de 13 anos, editor convidado desta edição*”. Os dois primeiros parágrafos da matéria trazem um resumo da história de vida de Tábata: “*Tábata Amaral de Pontes tem 24 anos e uma história inspiradora. Filha de cobrador de ônibus e recepcionista [...]*”, e também cita o papel que a jovem busca desempenhar: “*Ela é uma voz entre os jovens que querem mudar a educação e política*”. Assim como na edição apresentada anteriormente, essa entrevista é mostrada ao leitor no estilo pingue-pongue, com perguntas curtas e objetivas, como: “*Qual é a sua história?*”, “*Onde você nasceu?*”, “*Por que você voltou para o Brasil?*”, “*Como você trabalha para ajudar a educação brasileira?*” e “*É possível colaborar com a política?*”. A diferença é que, nessa matéria, as respostas da entrevistada são mais longas. Em um momento, Tábata conta que quando criança venceu duas vezes a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e, por conta dessas vitórias, ganhou uma bolsa de estudos em “[...] *uma boa escola particular, no centro da cidade, bem longe da minha casa*”. A pergunta a seguir questionou como foi a experiência e Tábata afirmou: “*Foi bem legal. Pela primeira vez tive aula todos os dias e o dia inteiro! Foi aí que pude perceber que o Brasil é um país desigual. Dependendo de onde você nasce, as oportunidades e os sonhos são limitados. Mas com essa experiência eu aprendi que estudar vale a pena e que só educação pública de qualidade vai acabar com a desigualdade. Foi por isso que comecei a trabalhar com educação logo cedo*”. Após outras perguntas sobre faculdade e inspiração, o repórter mirim questiona Tábata a

respeito da sua opinião sobre o momento político atual (em 2018, data da edição) e se ela acredita em mudança. A cientista política responde: “*Com certeza, mas vai dar trabalho. Tem Lava Jato, escândalo de corrupção, vários movimentos sociais se envolvendo, mas a maioria dos políticos de hoje no Congresso está fazendo de tudo para não ter renovação. Outro risco para que mudanças assim não aconteçam é o extremismo. As pessoas estão divididas, o que é ruim, porque a gente não enxerga os fatos de maneira certa. Precisamos saber conversar com respeito*”. No final da matéria, Tábata aconselha os leitores do Joca: “*Não desanimem com a política. Ela pode ser boa e trazer coisas legais. Participem sempre, pesquisem seus candidatos quando forem votar e fiscalizem as ações deles. Dar as costas e votar em branco ou nulo é muito pior*”.

Imagem: a matéria da editoria *Repórter Mirim* tem cinco fotos no total; quatro fotos da trajetória de Tábata Amaral e uma do editor convidado da edição, Gabriel Zanchett Canto, de 13 anos. Na fotografia, Gabriel está sorrindo, usa uma camiseta marrom e sua imagem está centralizada com o título da editoria, dando destaque para o estudante que participou da edição. As fotos de Tábata retratam momentos diferentes da vida da cientista política e funcionam como uma linha do tempo. A primeira foto é de Tábata, ainda muito jovem, sentada em uma cama com dezenas de medalhas ganhadas em olimpíadas de ciências. A foto seguinte mostra Tábata no projeto VOA ao lado de um colega, durante uma aula para alunos de escola pública. Na terceira foto, Tábata está sorrindo e segurando a carteira de estudante de Harvard. A última imagem retrata a jovem durante uma de suas palestras no Brasil. Ela está no canto inferior esquerdo, com uma grande tela ao fundo.

Figura 8 - Fotos da matéria “Uma história inspiradora”



Fonte: Jornal Joca – Edição 111

Conteúdo: para essa editoria, o Joca focou na área política e educacional e, para isso, trouxe uma entrevistada com mais proximidade dos leitores, por ser alguém jovem e ligada à educação, assim como pretende ser o jornal. Em uma resposta, Tábata conta: “*Nasci na Vila Missionária, que fica na periferia da zona sul de São Paulo. Estudei a maior parte da vida em escolas públicas e tive a primeira grande oportunidade com a Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP). Ganhei medalha nas duas primeiras edições, quando estava no sexto e sétimo ano. Por conta dessas premiações, recebi uma bolsa para estudar em uma boa escola particular, no centro da cidade, bem longe da minha casa*”. Nessa entrevista, foi destacada a história de superação de Tábata Amaral e alguns “pitacos” de opiniões políticas da cientista, como mostrado anteriormente no item “Texto”. No mesmo ano, a cientista se tornaria deputada federal por São Paulo, eleita pelo PDT.

Público: a entrevista com Tábata Amaral teve participação do público do Joca, pois foi realizada pelo estudante Gabriel Zanchett Cantos, de 13 anos. É possível notar a participação de Gabriel pelo pequeno texto de apresentação ao lado de sua foto, no topo da página: “*Por Gabriel Zanchett Cantos, de 13 anos, editor convidado desta edição*”.

6.3.3 Jornal Joca nº 145

A edição nº 145 do Jornal Joca foi lançada na segunda quinzena de março de 2020 e contém 19 páginas, compreendendo as editorias: *Brasil, Coleção, Mundo, Em*

Pauta Especial, Cultura, Ciência e Tecnologia, Repórter Mirim, Esportes, Maluquices, Você Sabia Que... e Canal Aberto e as páginas especiais com as matérias da edição nas línguas inglesa e espanhola.

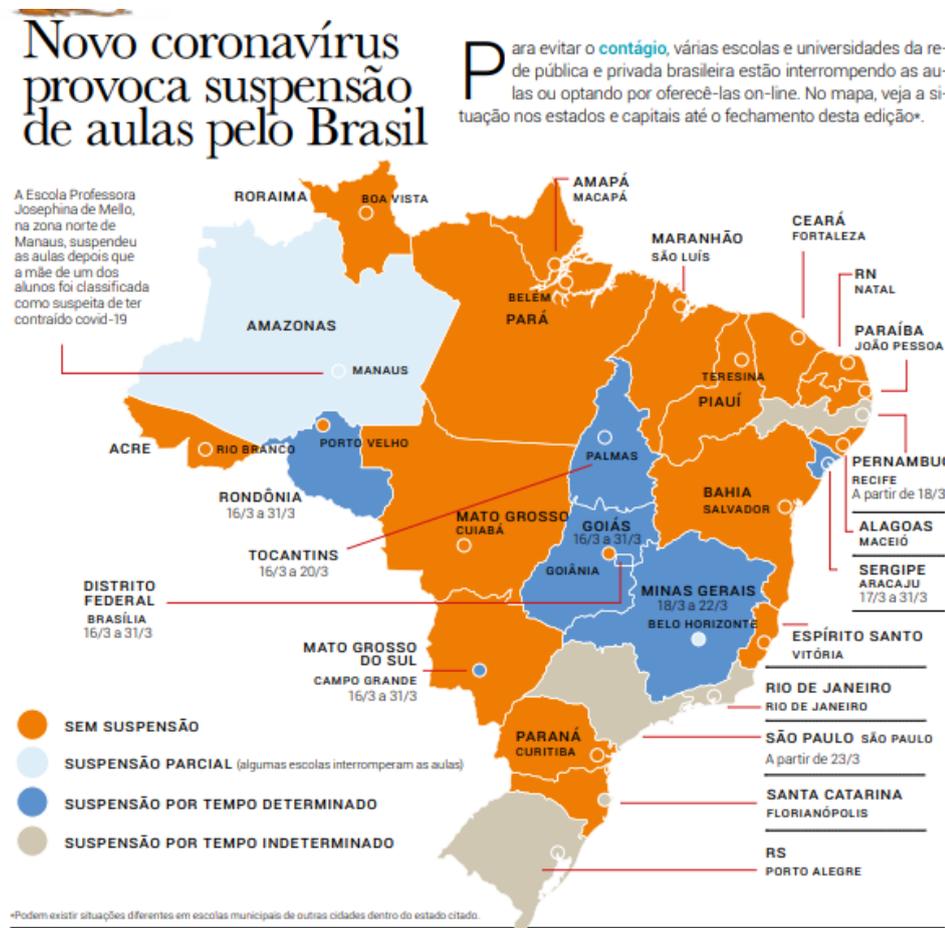
Na editoria *Brasil* foi selecionada a matéria: “*Novo coronavírus provoca suspensão de aulas pelo Brasil*” para a caracterização conforme os critérios a seguir:

Texto: a abertura da matéria é curta e objetiva, contendo apenas um parágrafo, e faz uma apresentação para explicar a ilustração do mapa que está organizado em grande parte da página, em que lê-se: “*Para evitar o contágio, várias escolas e universidades da rede pública e privada brasileira estão interrompendo as aulas ou optando por oferecê-las on-line. No mapa, veja a situação nos estados e capitais até o fechamento desta edição**”. O uso do asterisco (*) remete a uma legenda: “*Podem existir diferentes situações em escolas municipais de outras cidades dentro do estado citado*”. Nessa matéria, portanto, grande parte da notícia é contada apenas por meio de ilustrações, não com um grande corpo de texto. Existe uma pequena e única nota que remete à Manaus, no Amazonas, sobre uma situação envolvendo o contágio por Covid-19: “*A Escola Professora Josephina de Mello, na zona norte de Manaus, suspendeu as aulas depois que a mãe de um dos alunos foi classificada como suspeita de ter contraído covid-19*”. Ao lado do mapa do Brasil, o Joca fez um box sobre “*COMO LAVAR AS MÃOS*”. Era o início da pandemia da Covid-19 no mundo e as restrições de circulação chegavam ao Brasil. Nessa época, muito se ensinava sobre os cuidados básicos contra o coronavírus. O box mostra, passo a passo, como realizar a lavagem ideal das mãos, com textos curtos e objetivos acompanhados de pequenas ilustrações para demonstrar os movimentos, com orientações como: “*Ao abrir a torneira, evite encostar na pia. Ensaboe bem todas as superfícies das mãos*”; “*Friccione as unhas da mão esquerda contra a palma da mão direita, fechada em concha (e vice-versa), fazendo movimento circular*”; “*Seque as mãos com papel-toalha descartável, iniciando pelas mãos e seguindo pelos punhos*”, entre outras etapas.

Imagem: na matéria da editoria *Brasil*, o Joca utilizou mais o recurso de imagem/ilustração para transmitir a notícia do que o texto em si. Nesse caso, o jornal colocou como elemento principal da página um mapa do Brasil, dividido pelos 27 estados. Cada estado estava com um cor diferente conforme a legenda, apresentada a seguir: laranja (sem suspensão); azul claro (suspensão parcial – algumas escolas interromperam as aulas); azul mais escuro (suspensão por tempo determinado) e cinza (suspensão por tempo indeterminado). Cada estado, além da cor, tinha uma

legenda com o nome e o período determinado para a suspensão das aulas.

Figura 9 - Mapa do Brasil na matéria “Novo coronavírus provoca suspensão de aulas pelo Brasil”



Fonte: Jornal Joca – Edição 145

No box “*COMO LAVAR AS MÃOS*” foram utilizadas nove ilustrações de mãos pequenas, que lembram mãos de crianças, demonstrando cada passo para uma lavagem eficaz para a prevenção da Covid-19. Na ilustração, as mãos estão na cor azul.

Figura 10 - Box “COMO LAVAR AS MÃOS”



Fonte: Jornal Joca – Edição 145

Conteúdo: a edição nº 145 marcava o início das restrições no Brasil devido à pandemia da Covid-19. A edição do Joca se dedicou a contar várias faces da pandemia a partir dos olhares das crianças e dos adolescentes, tanto no Brasil como no mundo. A editoria *Brasil* trouxe mais informações sobre a suspensão de aulas no país, algo incomum para os estudantes, que passariam a tê-las de forma on-line. Por ser uma doença nova, na época, a matéria “*Novo coronavírus provoca suspensão de aulas pelo Brasil*” também trouxe informações para os leitores sobre a prevenção da Covid-19, com uma “aula” sobre como lavar as mãos corretamente. O diferencial, aqui,

foi a forma que essas informações foram contadas ao público, não em texto corrido, mas com ilustrações. No topo da página também há dados sobre os casos confirmados e suspeitos da Covid-19 até o lançamento da edição nº 145: *“Até o fechamento desta edição do Joca, o Brasil tem 234 casos confirmados de Covid-19 e outros 2.064 suspeitos”*.

Público: nessa matéria, não existe a participação do leitor de forma explícita.

Em *Maluquices*, são analisadas as duas notas da editoria, conforme os mesmos quatro critérios.

Texto: a primeira nota tem o título: *“100 MIL PATOS SÃO ‘CONVOCADOS’ PARA CONTER GAFANHOTOS NA CHINA”* e está em caixa alta e na cor vermelha. O texto explica a técnica inusitada que o governo chinês usou para frear uma infestação de gafanhotos no país: *“[...] ‘convocar’ 100 mil patos para se alimentar dos insetos”* – essa frase está escrita em azul para destacar a informação. O resto do texto discorre sobre a técnica utilizada e suas consequências positivas e negativas. Por exemplo: *“Os gafanhotos chegaram à China em fevereiro, após ter passado por alguns países da África, como Somália e Quênia (saiba mais na edição 143 do Joca)”*. Nessa situação, o Joca convida os leitores a conferirem uma edição anterior para terem mais informações sobre a infestação de gafanhotos em outros países. O jornal também explica as condições que levaram ao aumento desses insetos: *“O principal problema da infestação é que os gafanhotos se alimentam das plantações, prejudicando o estoque de comida local. O número desses insetos tem aumentado por causa das mudanças climáticas, que provocaram muitas chuvas e, assim, criaram condições ideais para que os gafanhotos se reproduzissem”*. O título da segunda nota também é escrito em caixa alta e na cor vermelha: *“SEM QUERER, JORNALISTA USA FILTROS ENGRAÇADOS AO VIVO”* e conta a situação que um jornalista dos Estados Unidos viveu durante uma transmissão, ao vivo, no Facebook. Alguns filtros foram ativados por acidente enquanto o repórter mostrava a situação de rodovias com neve: *“Por causa do descuido, o jornalista acabou apresentando a reportagem caracterizado por filtros como os de mago, lobo e esportista — este teve até mãos falsas levantando pesos de academia”*. O jornal também se preocupa em explicar alguns termos para os leitores, como a profissão de cinegrafista, com o uso de parênteses: *“O cinegrafista (profissional responsável pela filmagem) tentou alertar o colega sobre os efeitos, mas o repórter achou que eles desapareceriam logo e seguiu em frente”*.

Imagem: na nota um, o Joca usou uma imagem com dezenas de patos em

bando, correndo, para caracterizar essa “convocação” dos animais para a missão na China. Já na segunda nota, o jornal colocou uma fotografia de reprodução da transmissão do repórter, ao vivo, com o filtro de lobo.

Figura 11 - Editoria Maluquices na edição nº 145

100 MIL PATOS SÃO "CONVOCADOS" PARA CONTER GAFANHOTOS NA CHINA

O governo chinês decidiu usar uma técnica inusitada para frear uma infestação de gafanhotos que invadiu o país: "convocar" 100 mil patos para se alimentar dos insetos. As aves foram treinadas para ir atrás dos animais e comê-los ao ouvir o som de um apito. Os gafanhotos chegaram à China em fevereiro, após ter passado por alguns países da África, como Somália e Quênia (saiba mais na edição 143 do Joca).

O principal problema da infestação é que os gafanhotos se alimentam das plantações, prejudicando o estoque de comida local. O número desses insetos tem aumentado por causa das mudanças climáticas, que provocaram muitas chuvas e, assim, criaram condições ideais para que os gafanhotos se reproduzissem.

SEM QUERER, JORNALISTA USA FILTROS ENGRAÇADOS AO VIVO

Durante uma transmissão ao vivo no Facebook sobre o clima no condado de Madison, nos Estados Unidos, em 20 de fevereiro, alguns filtros foram ativados por acidente enquanto um repórter mostrava a situação de rodovias com neve.

Por causa do descuido, o jornalista acabou apresentando a reportagem caracterizado por filtros como os de mago, lobo e esportista – este teve até mãos falsas levantando pesos de academia.

O cinegrafista (profissional responsável pela filmagem) tentou alertar o colega sobre os efeitos, mas o repórter achou que eles desapareceriam logo e seguiu em frente. Ele só descobriu o que houve após o fim da transmissão, quando viu os comentários da postagem e recebeu mensagens de chefes e colegas brincando com a situação.

Fonte: CGTN, O Estado de S. Paulo, O Tempo e Sputnik

Maurício de Sousa

Fonte: Jornal Joca – Edição 145

Conteúdo: por ser uma editoria “mais leve”, o jornal optou por escolher duas notas com temáticas distintas entre si: uma com uma situação inusitada sobre os gafanhotos e a outra, mais engraçada, envolvendo um repórter. Na invasão de ganhafotos, o Joca é direto ao explicar a notícia: “O governo chinês decidiu usar uma técnica inusitada para frear uma infestação de gafanhotos que invadiu o país: “convocar” 100 mil patos para se alimentar dos insetos”. Já quanto ao uso dos filtros “engraçados” pelo repórter em uma transmissão, ao vivo, pelo Facebook, lê-se: “Ele só descobriu o que houve após o fim da transmissão, quando viu os comentários da postagem e recebeu mensagens de chefes e colegas brincando com a situação”.

Público: assim como nas outras edições, a editoria *Maluquices* não contou com a participação dos leitores.

Na editoria *Repórter Mirim* será explorada a entrevista “Luz e água para a África”, que tem como personagem a israelense Sivan Ya’ari, fundadora do projeto Innovation: Africa.

Texto: o título da entrevista “Luz e água para a África” já conta um pouco sobre o objetivo da israelense Sivan Ya’ari, fundadora do projeto Innovation: Africa, que busca levar energia e água limpa para aldeias isoladas do continente africano. A abertura da matéria se diferencia das de outras edições porque traz um breve

depoimento do repórter mirim convidado da edição, o estudante Joseph F., de 8 anos: *“Descobri o Innovation: Africa quando minha mãe me mostrou um vídeo da inauguração de uma bomba d’água em um vilarejo africano e vi a alegria das crianças e dos adultos quando a água aparecia. Fiquei impressionado porque nunca tinha pensado em como algumas pessoas podiam viver sem água encanada e energia elétrica”*. Após esse trecho, é iniciada a entrevista, que também é em formato pingue-pongue, com perguntas curtas, mas respostas mais longas, se comparadas às outras edições do jornal. Na primeira pergunta: *“Há muitas pessoas sem luz e água na África?”* a entrevistada responde: *“Atualmente, 620 milhões das pessoas que vivem na África não têm acesso à eletricidade — esse número é quase duas vezes a população dos Estados Unidos. Além disso, mais de 350 milhões de africanos não têm água limpa e acabam bebendo água suja”*. Nesse caso, a israelense usa a comparação para informar o alto número de pessoas sem acesso à água e à luz. A segunda pergunta: *“Como você teve a ideia de ajudar os países africanos?”* tem a maior resposta entre todas os questionamentos e a entrevistada pôde contar uma boa parte de como nasceu o projeto Innovation: Africa. O primeiro trecho da resposta: *“Quando eu trabalhava para a [empresa de roupas] Jordache, em Madagascar, fazendo o controle das fábricas, visitei algumas aldeias. Era a minha primeira vez na África e meu primeiro contato com a “pobreza de verdade”. Sempre achei que minha infância em Israel e na França tinha sido pobre, mas, depois de passar um tempo na África, percebi que eu era privilegiada. Decidi continuar meus estudos em Nova York [Estados Unidos] e estudei energia para descobrir como fazer a diferença nas aldeias que visitei”*. A entrevista também traz um olho no canto inferior esquerdo uma frase da entrevistada, em que lê-se: *“É uma experiência única ver as pessoas acendendo a luz ou abrindo uma torneira instalada”*.

Imagem: a entrevista tem três fotos que retratam o trabalho da israelense Sivan Ya’ari, fundadora do projeto Innovation: Africa. A maior foto é da fundadora e mais nove crianças e jovens ao redor. A maioria deles está sorrindo e uma delas carrega um bebê e um galão de água e recebe um carinho da fundadora. A outra imagem mostra um trabalhador com macacão laranja e capacete branco em primeiro plano e uma das máquinas do projeto para o bombeamento de água para as aldeias isoladas. A terceira foto mostra quatro crianças sorridentes ao experimentar a água encanada. Todas estão de pés descalços e mergulhados na água que jorra do cano.

Figura 12 - Fotos da matéria “Luz e água para a África”

REPÓRTER MIRIM

Luz e água para a África

O PROJETO Innovation: África leva energia e água limpa para aldeias isoladas do continente africano. A organização foi criada, em 2008, pela israelense Sivan Ya'ari e já concluiu 300 instalações de painéis solares, fornecendo luz, bombeamento de água limpa, irrigação para a agricultura e refrigeração para vacinas e medicamentos a mais de 1,5 milhão de pessoas, em dez países africanos. “Descobri o Innovation: África quando minha mãe me mostrou um vídeo da inauguração de uma bomba d'água em um vilarejo africano e vi a alegria das crianças e dos adultos quando a água aparecia. Fiquei impressionado porque nunca tinha pensado em como algumas pessoas podiam viver sem água encanada e energia elétrica”, conta o repórter mirim Joseph F., de 8 anos, que entrevistou Sivan Ya'ari para o **Joca**. Confira a seguir.

Há muitas pessoas sem luz e água na África?
Atualmente, 620 milhões das pessoas que vivem na África não têm acesso à eletricidade — esse número é quase duas vezes a população dos Estados Unidos. Além disso, mais de 350 milhões de africanos não têm água limpa e acabam bebendo água suja.

Como você teve a ideia de ajudar os países africanos?
Quando eu trabalhava para a [empresa de roupas] Jordache, em Madagascar, fazendo o controle das fábricas, visitei algumas aldeias. Era a minha primeira vez na África e meu primeiro contato com a “pobreza de verdade”. Sempre achei que minha infância em Israel

Você acha que, por ser de Israel, onde há muita tecnologia, foi mais fácil fazer o projeto?
Israel é um centro de criatividade, inovação e solução de problemas. Temos algumas das mentes mais brilhantes em energia renovável, tecnologia da água, design e muito mais. Para um país tão pequeno, há muitas oportunidades e potencial, então temos que compartilhar isso com outras nações.

Israel tem problemas semelhantes aos de alguns países africanos, como a seca?
Basicamente, estamos apli-





Uma das ações do projeto Innovation: África, criado por Sivan Ya'ari (foto no alto), é bombear água limpa para aldeias isoladas

Fonte: Jornal Joca – Edição 145

Conteúdo: a entrevistada da edição nº 145 do Jornal Joca foi com uma ativista estrangeira, o que a diferencia das outras duas edições exploradas que traziam nomes brasileiros para a editoria. Nesse caso, a entrevista focou mais no projeto Innovation: África e não apenas na história de vida da israelense. Nesse caso, a entrevista pingue-pongue é mais aprofundada, pois a fundadora do projeto não traz apenas a experiência dela, mas explica como o projeto funciona e os motivos pelos quais ele é tão necessário na África: “Depois de arrecadar dinheiro com amigos, viajei para a Tanzânia e instalei um painel solar e lâmpadas em um centro médico e uma escola. Quando voltei para ver como estavam as coisas por lá, percebi que havia cometido um grande erro. Ao falar com a diretora da escola, ela agradeceu, mas disse que as crianças eram fracas demais para ir às aulas — elas andam muito em busca de água, que, além do mais, é suja e traz doenças. Então, Innovation: África passou a ter a missão de levar às aldeias não apenas tecnologia solar, como também hidráulica [com bombeamento de água] e agrícola [com sistema de irrigação, que molha as plantações

de alimentos]’. Aqui, pode-se notar o uso de colchetes para explicar os tipos de tecnologia levados pelo projeto às comunidades. A israelense também exalta o seu país de origem, Israel, em uma das perguntas: “*Você acha que, por ser de Israel, onde há muita tecnologia, foi mais fácil fazer o projeto?*”, ela responde: “*Israel é um centro de criatividade, inovação e solução de problemas. Temos algumas das mentes mais brilhantes em energia renovável, tecnologia da água, design e muito mais. Para um país tão pequeno, há muitas oportunidades e potencial, então temos que compartilhar isso com outras nações*”.

Público: essa entrevista também foi feita por um repórter mirim, o que foi sinalizado no texto, já na abertura da entrevista, com um breve depoimento da criança. No lado direito, há um destaque para Joseph, onde aparece uma foto do menino e, embaixo, a legenda “*Por Joseph F., 8 anos*”.

Figura 13 - Foto do Repórter Mirim da edição nº 145



REPÓRTER MIRIM

Luz e água para a África

O PROJETO Innovation: África leva energia e água limpa para aldeias isoladas do continente africano. A organização foi criada, em 2008, pela israelense Sivan Ya'ari e já concluiu 300 instalações de painéis solares, fornecendo luz, bombeamento de água limpa, irrigação para a agricultura e refrigeração para vacinas e medicamentos a mais de 1,5 milhão de pessoas, em dez países africanos. *Descobri o Innovation: África quando minha mãe me mostrou um vídeo da inauguração de uma bomba d'água em um vilarejo africano e vi a alegria das crianças e dos adultos quando a água aparecia. Fiquei impressionado porque nunca tinha pensado em como algumas pessoas podiam viver sem água encanada e energia elétrica”, conta o repórter mirim Joseph F., de 8 anos, que entrevistou Sivan Ya'ari para o **Joca**. Confira a seguir.

Por Joseph F., 8 anos

Fonte: Jornal Joca – Edição 145

6.4 ESTUDO DE RECEPÇÃO

Além da Análise de Conteúdo, outro método utilizado na pesquisa foi o Estudo de Recepção, por meio da técnica de coleta de dados do Grupo Focal (GF). Por conta desse TCC ter como objetivo entender de que maneira o Jornal Joca compreende e retrata as crianças contemporâneas e constrói o “ser criança”, é fundamental escutar a opinião das próprias crianças a respeito do conteúdo do veículo.

Por se tratarem de cidadãos menores de idade, a pesquisadora entrou em contato com a diretora Mariana Zanotti, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Atiliano Pinguelo, para fazer a intermediação entre a pesquisadora e os responsáveis pelas crianças. Após o primeiro contato, a diretora conversou com dez crianças de 11

anos para explicar a dinâmica da atividade e ver se eles gostariam de participar. Após a resposta positiva dos estudantes, a diretora entrou em contato com os pais, explicou como funcionaria o método – a partir de um texto escrito pela pesquisadora – e perguntou se os pais autorizavam os filhos a participarem. Todos os responsáveis pelas dez crianças autorizaram a participação dos filhos e assinaram um termo de Autorização de Uso de Imagem.

A partir disso, a pesquisadora recebeu o número de telefone de todos os pais e pôde entrar em contato para marcar a data do Grupo Focal (GF), que ocorreu por chamada de vídeo, na plataforma *Google Meet*⁸³, por conta da pandemia da Covid-19. Após combinar data e horário, a pesquisadora criou um grupo no *Whatsapp*⁸⁴ com os responsáveis pelas crianças e enviou as matérias que foram analisadas no TCC, de forma digital, para que as crianças pudessem ler antes do GF. Os materiais foram enviados oito dias antes do encontro. Decidiu-se enviar de forma digital, pois o valor para a impressão de todas as páginas e envio aos estudantes, totalizaria em um custo alto demais. Todos os pais concordaram com o envio dos materiais digitais.

As edições enviadas foram: edição nº 75, para ler as editorias *Brasil* (matéria “Câmara aprova prosseguimento de *impeachment*”), *Maluquices* e *Repórter Mirim*; edição nº 111, para ler as editorias *Brasil* (matéria “A prisão e o futuro de Lula”), *Maluquices* e *Repórter Mirim* e edição nº 145, para ler as editorias *Brasil* (matéria “Novo coronavírus provoca suspensão de aulas pelo Brasil), *Maluquices* e *Repórter Mirim*.

Seis dias antes do Grupo Focal (GF), a diretora Mariana avisou a pesquisadora que a mãe de duas meninas gêmeas escolhidas para a pesquisa não queria mais que as filhas participassem. Isso aconteceu após o envio dos materiais para as crianças lerem. Um dia antes do Grupo Focal (GF), a pesquisadora entrou em contato com os pais para confirmar a presença das demais crianças na atividade. Uma das participantes desistiu e os pais acharam que ela teria avisado na escola sobre a desistência. Entretanto, a aluna não avisou e a pesquisadora soube da informação naquele momento. A partir de então, a pesquisadora contava com sete participantes para a atividade.

Cerca de duas horas antes do GF, a pesquisadora recebeu a mensagem de

⁸³ O Google Meet é uma plataforma de videoconferência desenvolvida pela Google (explicação nossa).

⁸⁴ O WhatsApp é um aplicativo de troca de mensagens e comunicação em áudio e vídeo pela internet, disponível para smartphones (explicação nossa).

um dos alunos (pelo celular da mãe) informando que não teria conseguido acessar o *link* para a chamada de vídeo (o *link* do *Google Meet* também foi enviado junto com as matérias e a pesquisadora pediu para todos testarem com antecedência. Também forneceu-se um passo a passo para o acesso via computador ou dispositivo móvel). A criança, com o auxílio da pesquisadora, tentou instalar o aplicativo do *Google Meet* no *tablet* do participante, entretanto, a plataforma *Google Play*⁸⁵ informava que o dispositivo não era compatível com a versão do *tablet*. O aluno disse que não teria como acessar a chamada de outro dispositivo e não pôde participar da atividade.

Ao entrar na chamada de vídeo, a pesquisadora aguardou a chegada de todas as crianças, que apresentaram algumas dificuldades para ligar as câmeras e os microfones. Uma das participantes entrou na chamada e saiu rapidamente. Logo em seguida, ela mandou uma mensagem via *Whatsapp* para a pesquisadora, afirmando que estava com mal-estar no estômago e havia recém chegado de uma viagem. Por isso, também não iria participar. Por fim, o GF contou com apenas cinco participantes.

Após essa situação, a pesquisadora deu início à dinâmica e explicou como seria o processo do Grupo Focal. Questionou-se se todos tinham conseguido ler as matérias e os participantes afirmaram que sim. No processo, a pesquisadora teve um papel de mediadora, de forma a não exercer influência nas opiniões dos participantes. O Grupo Focal ocorreu no dia 27 de outubro de 2021, uma quarta-feira, às 19 horas e 30 minutos. O processo foi gravado pela plataforma *Google Meet* e teve a duração de 17 minutos e 16 segundos.

Para manter o anonimato das crianças, a identificação foi feita por meio de letras do alfabeto brasileiro:

A – Sexo masculino, 11 anos de idade. A mãe é do lar e o pai é metalúrgico.

B – Sexo feminino, 11 anos de idade. A mãe trabalha na bilheteria do cinema e o pai é faxineiro.

C – Sexo feminino, 11 anos de idade. A mãe é faxineira e o pai é mecânico.

D – Sexo feminino, 11 anos de idade. A mãe é cuidadora de idosos e o pai é metalúrgico.

E – Sexo masculino, 11 anos de idade. A mãe trabalha na bilheteria do cinema. A criança não conhece o pai.

⁸⁵ O *Google Play* é um serviço de distribuição digital de aplicativos, jogos, filmes, programas de televisão, músicas e livros, desenvolvido e operado pela Google. Disponível em: <<https://support.google.com/googleplay/community?hl=pt-BR>>. Acesso em: 30 out. 2021.

6.5 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Para a técnica de Entrevista em Profundidade, a participante escolheu a jornalista e editora-chefe do Joca, Maria Carolina Cristianini, e a diretora educacional do veículo, Mônica S. Gouvêa. Foram elaboradas duas entrevistas para esta pesquisa, conforme as funções das profissionais no jornal. As entrevistas foram desenvolvidas para serem encaminhadas por e-mail.

A pesquisadora entrou em contato com a jornalista Maria Carolina Cristianini e com a psicóloga e socióloga Mônica S. Gouvêa por e-mail (os endereços estavam disponíveis no site do Joca) no dia de 14 de outubro de 2021, perguntando se elas aceitariam conceder a entrevista. A editora-chefe respondeu aos questionamentos da pesquisadora também por e-mail no dia 19 de outubro de 2021.

No primeiro contato por e-mail com a diretora educacional, a pesquisadora não obteve retorno. Enviou-se outro e-mail para Cristianini no dia 15 de outubro de 2021 perguntando se a jornalista poderia entrar em contato com Gouvêa para informar sobre o envio do e-mail. No dia 18 de outubro de 2021, a editora-chefe avisou a pesquisadora de que Gouvêa havia lhe autorizado a passar o seu contato pessoal do *Whatsapp*. No mesmo dia, a pesquisadora enviou uma mensagem via *Whatsapp* para a diretora educacional, questionando se ela aceitaria participar da entrevista. A resposta foi positiva e as perguntas foram enviadas a ela por e-mail também no mesmo dia. A psicóloga respondeu às perguntas por e-mail no dia 28 de outubro de 2021.

A seguir, será apresentado um pequeno currículo de cada uma das entrevistadas, retiradas do site do Jornal Joca.

a) Maria Carolina Cristianini⁸⁶: é jornalista há mais de 15 anos e tem mais de uma década de experiência em jornalismo infantojuvenil. Em 2007, foi ganhadora do Prêmio Esso de Jornalismo na categoria criação gráfica para revistas. No Joca, é a editora-chefe, responsável pela área de conteúdo do jornal e coordenação de todo o processo de produção e edição do produto.

⁸⁶ **JORNAL JOCA**, Maria Carolina Cristianini. Disponível em: <https://www.jornaljoca.com.br/jc_membro/maria-carolina-cristianini/>. Acesso em: 30 out. 2021.

b) Mônica S. Gouvêa⁸⁷: é socióloga e psicóloga de formação, mestra em educação e atua na área pedagógica há 28 anos. Trabalhou como professora e coordenadora de escolas da cidade de São Paulo e foi formadora de professores e gestores da rede pública. Desde 2014, é responsável pela área educacional do Joca, principalmente para dar suporte aos educadores no uso do jornal.

6.5.1 Entrevistas na íntegra

a) Entrevista de Maria Carolina Cristianini (a grafia está como escrito pela entrevistada)

Pesquisadora (P): No site vocês informam que o Joca oferece conteúdos relacionados ao que está acontecendo no Brasil e no mundo, curiosidades, esportes e muitos outros assuntos do universo infantojuvenil, com linguagem adequada à faixa etária. A partir disso, quais são os recursos que vocês utilizam para manter ativa a participação dos leitores na construção do jornal além do canal “Como posso participar do Joca?” no site? Essa participação das crianças é algo que a equipe prioriza?

Maria Carolina Cristianini (MCC): A participação do leitor é algo fundamental no Joca. Além do “como posso participar” do site, temos um e-mail direcionado para receber mensagens dos leitores, o joca@magiadeler.com.br. Ainda há espaços e seções em cada edição que são destinadas à participação do leitor, como “Em Pauta” (traz um tema de comportamento ou atualidade sempre com depoimentos de crianças e jovens), “Repórter Mirim” (um jovem é o “repórter” da vez em uma entrevista), “Canal Aberto” e “O que você faria se...” (um leitor faz uma pergunta e outros leitores respondem para ajudá-lo ou interagir), “O que eu penso sobre...” (um jovem dá sua opinião sobre o tema de uma reportagem), “Correspondente internacional” (um jovem de outro país conta sua visão sobre fatos que estão ocorrendo no exterior). Além disso, as matérias publicadas no site têm campo para comentários dos assinantes logados (comentários são publicados após nossa curadoria) e ainda temos um espaço

⁸⁷ **JORNAL JOCA**, Mônica S. Gouvêa. Disponível em: < https://www.jornaljoca.com.br/jc_membro/monica-s-gouvea/>. Acesso em: 30 out. 2021.

no site para produções feitas pelos leitores: <https://www.jornaljoca.com.br/espaco-dos-leitores/>.

P: Como surgem as ideias do Joca em relação ao que é pertinente ou não para as crianças e à linguagem adequada do material? Os jornalistas têm alguma especialização ou vocês se baseiam mais no que as pedagogas indicam?

MCC: Partimos do princípio de que se um assunto é importante para a sociedade de forma geral, ele também é importante para as crianças. Afinal, elas já são cidadãs hoje e têm o direito, previsto pelo ECA e pela Convenção dos Direitos das Crianças da ONU, de ter acesso às informações. Assim, procuramos formas de tratar o assunto de maneira adequada para essa faixa de idade, de forma que nossos leitores possam compreender os fatos. Como diz a fundadora do Joca, Stéphanie Habrich, nós não estamos inventando a roda. O jornalismo infantojuvenil tem décadas de tradição no exterior, em locais como França, Alemanha e Estados Unidos, e muita da nossa inspiração para encontrar esses caminhos vêm dos veículos que já estão nessa trajetória há bastante tempo. Também contamos com a experiência de equipe do Joca nesta área. Eu, por exemplo, comecei a trabalhar com jornalismo infantojuvenil em 2008. E, logicamente, contamos com o apoio da nossa área educacional.

P: Existe alguma pesquisa do Joca que busca escutar as crianças não somente sobre os temas que elas gostariam de ver no jornal, mas em relação à linguagem utilizada? Se essa linguagem é o ideal para elas/se elas gostam de conhecer uma notícia daquela forma? Se sim, essa pesquisa obedece a alguma linha do tempo (semestral, anual, etc) e algum instituto é contratado para isso?

MCC: Não temos uma pesquisa sistemática para isso. Neste momento, contamos com os diversos encontros, mesmo que virtuais por causa da pandemia, com os leitores e as escolas assinantes para entender se estamos conseguindo transmitir a mensagem para o leitor. Só em 2020 foram cerca de 90 encontros desses, com a participação de cerca de 2.700 jovens. Além disso, nossa área educacional faz um acompanhamento importante do trabalho das escolas com o Joca, que também nos ajuda a entender os caminhos.

P: O jornalismo, desde seus primórdios, além de informar, também faz parte do processo formativo educacional do ser humano e da sua cidadania. Dessa forma, o jornalista, por muitas vezes, precisa agir como um educador ou um professor, como forma de ensinar o público sobre assuntos pertinentes. Você, como editora-chefe do Joca, se considera uma professora para as crianças por meio do seu trabalho no jornal?

MCC: Não me considero uma professora porque o objetivo do Joca não é ser um material didático – o que o jornal não é, de fato. Vejo o meu trabalho mais como de alguém que está ao lado do jovem leitor, dando a mão para que ele comece a conhecer o mundo e a nossa sociedade, e pronta para tirar as dúvidas que ele tiver nesse processo de compreensão, que o levará a ampliar seu repertório e desenvolver o senso crítico.

P: Passamos meses com aulas on-line por conta da pandemia da Covid-19 e isso impactou toda a educação brasileira. Crianças fora das escolas, algumas sem acompanhamento e incapazes de manter uma aprendizagem constante. Visto isso, para você, qual a importância do Joca no cenário educacional atual do Brasil?

MCC: Durante a pandemia, que ainda segue, o Joca serviu aos leitores em um de seus propósitos principais: levar a informação de qualidade, bem apurada e confiável, pelas práticas do jornalismo profissional. Nos tornamos um local para onde as crianças e adolescentes escreviam tirando dúvidas sobre a covid-19, dos mais diversos tipos, que todos tiveram e ainda têm. Assim, pudemos, durante a pandemia, seguir cumprindo nosso papel de informar os jovens sobre os principais fatos da atualidade de maneira adequada a essa faixa de idade. Acredito que isso colabora com a educação brasileira porque ajuda a inserir o jovem na sociedade, da qual ele já faz parte, por meio do entendimento do que está acontecendo ao redor dele. É assim que os leitores vão formando sua própria opinião sobre os fatos e se tornando cidadãos críticos e atuantes.

P: A redação procura utilizar recursos do jornalismo literário na produção das matérias? Se sim, quais elementos você destaca? Caso contrário, por qual motivo a redação opta por não utilizar?

MCC: O jornalismo praticado pelo Joca é direto e objetivo, bastante focado em trazer uma linguagem clara, com lead bem definido, para ajudar o leitor no entendimento dos fatos. Nosso objetivo é garantir que as informações sejam compreendidas pelo leitor.

P: Por ser um jornal também utilizado nas escolas, o Joca oferece um trabalho pedagógico para dar suporte aos educadores no uso dele em sala de aula. Como a equipe de jornalismo e a equipe educacional trabalham na definição das pautas e conteúdos adicionais para os professores? É algo trabalhado sempre em conjunto?

MCC: A equipe de jornalismo tem autonomia para definição de pautas, pois o Joca é um jornal e não um material didático, como foi dito anteriormente. No entanto, as áreas de conteúdo e educacional estão sempre se apoiando para encontrar os melhores caminhos nesse uso do Joca nas escolas. As atividades que área educacional desenvolve para as escolas assinantes, por exemplo, são baseadas em notícias publicadas a cada edição do Joca.

P: Como são definidas as pautas das editoriais *Brasil e Maluquices*? (irei analisar mais profundamente essas seções). Pode-se notar que vocês se preocupam com a contextualização das notícias. Isso faz parte dessa linguagem adequada à faixa etária dos leitores?

MCC: Sim, a contextualização é fundamental. A definição da pauta se dá pela relevância do tema. O quanto ele impacta a sociedade, de forma geral. O quanto é um assunto de relevância para o país e o mundo. Precisamos sempre nos lembrar de que as crianças já são cidadãos hoje e têm o direito de entender a sociedade onde vivem. Por isso, o recurso da contextualização se faz tão importante. As crianças estão começando sua jornada pelo processo de se informar e não têm a bagagem que um adulto, por exemplo, já possui para entender determinados temas. Por isso, trazer o contexto, como o histórico, para dentro das pautas de atualidade é fundamental para o jornalismo infantojuvenil.

P: Como defende a pesquisadora Juliana Doretto, o jornalismo infantil auxilia na construção social da categoria infância. Em se tratando do público do Joca, existe alguma *persona* para esse leitor?

MCC: Não é algo que tenho disponível para compartilhar.

b) Entrevista de Mônica S. Gouvêa (a grafia está como escrito pela entrevistada)

Pesquisadora (P): Por ser um jornal também utilizado nas escolas, o Joca oferece um trabalho pedagógico para dar suporte aos educadores no uso dele em sala de aula. Como a equipe de jornalismo e a equipe educacional trabalham na definição das pautas e conteúdos adicionais para os professores? É algo trabalhado sempre em conjunto?

Mônica S. Gouvêa (MSG): Temos uma gama de materiais e serviços pedagógicos de apoio ao professor para uso do jornal na sala de aula. Os materiais são:

- O *Lendo o mundo com o Joca: guia para uso do jornal em projetos interdisciplinares*, que traz uma série de sequências de aulas para produção de gêneros da esfera jornalística: notícia, reportagem, título, legenda, entrevista, resenha, carta do leitor. Está alinhado à BNCC e possui no início de cada volume tabelas com a seleção das habilidades contempladas no ano, indicando a ênfase que o professor deve dar em cada momento e o orienta sobre quais habilidades estão sendo desenvolvidas pelos alunos. Está organizado em sequências de aulas bimestrais com os eixos de leitura, escrita e oralidade equilibrados. É um material para ser usado ao longo do ano letivo, com todas as edições do Joca.
- Atividades por edição quinzenal do Joca, disponibilizadas aos assinantes na Área do Professor Portal Joca. São 18 propostas de fichas organizadas em: Atividades multidisciplinares de 1º a 9º ano, alinhadas BNCC; Quizz (atividade de leitura nos moldes da Prova Saeb, com gabarito e resolução comentada para o professor) e Atividades para todos os anos (fichas para serem realizadas antes ou depois da leitura da edição)

- Games interativos para os estudantes alinhados à cada edição e disponíveis na Área do aluno do Portal Joca (apesar de ser para o aluno, é também um apoio ao professor para o trabalho na escola)
- EAD Como formar o cidadão crítico e ativo do século 21, disponível gratuitamente na área aberta do Portal Joca
- Educação Midiática para crianças e jovens, disponível gratuitamente na área aberta do Portal Joca
- Cursos de formação para professores: O uso do Joca na escola e Oficina como fazer jornal
- Reuniões sistemáticas com coordenadores de acompanhamento ao trabalho das escolas e das redes de ensino públicas assinantes.

A escolha das pautas é feita pela equipe de redação apenas. Eventualmente, a área educacional pode ser consultada sobre a pertinência de uma ou outra pauta.

P: Do ponto de vista educacional, o quão importante é a participação das crianças na construção do jornal para o desenvolvimento de “cidadãos críticos e ativos”, como o site do Joca reitera?

MSG: Acreditamos que o jornalismo infantojuvenil não pode ser feito apenas por adultos, já que não mais fazem parte do universo deste público. Por isso, a cada edição consultamos a opinião dos nossos leitores sobre vários assuntos, que são reproduzidos e utilizados nas matérias e, também, são colhidos depoimentos deles para o jornal. Já a possibilidade de acesso sistemático à informação de qualidade faz com que crianças e adolescentes se sintam valorizados, conhecendo os mesmos fatos que os adultos e podendo conversar sobre eles. Além de formar o leitor de jornal, o contato com o conteúdo jornalístico amplia o conhecimento, levando o jovem a perceber e compreender a realidade à sua volta, muitas vezes se sentindo responsável por ela e estimulado a se engajar e provocar mudanças (ver exemplos de protagonismo no arquivo anexo [Relato_Experiencia_Jornal_JOCA](#)). Essa proximidade e compreensão dos acontecimentos do Brasil e do mundo provoca a empatia e a consciência do que é a sociedade. E, como resultado, a formação de cidadãos críticos e ativos.

P: Li no site que vocês realizaram uma pesquisa pela HEC Paris e Planète D'Entrepreneurs e descobriram que leitores do Joca se interessam muito mais por notícias de ciências, tecnologia e finanças do que não leitores (que demonstraram se interessar mais por celebridades e entretenimento de massa). A partir do feedback dos professores e das escolas que utilizam o Joca em sala de aula, o que você destaca em relação à aprendizagem dessas crianças e jovens com o jornal?

MSG: O que os leitores aprendem com o Joca são os acontecimentos de destaque da última quinzena no Brasil e no mundo, além de assuntos específicos para a faixa etária publicados nas seções Maluquices, Você sabia que..., Coleção, Finanças, Repórter Mirim, Canal Aberto e O que você faria se... Quando o jornal é lido com os alunos na escola com sistematicidade e os assuntos comentados com frequência, o repertório dos estudantes se amplia e eles são levados a refletir sobre os fatos e sua própria vida. Isso não apenas provoca o amadurecimento e a capacidade argumentativa, mas também a possibilidade de construção de valores.

P: Passamos meses com aulas on-line por conta da pandemia da Covid-19 e isso impactou e continua impactando toda a educação brasileira. Crianças fora das escolas, algumas sem acompanhamento e incapazes de manter uma aprendizagem constante. Visto isso, para você, qual a importância do Joca no cenário educacional atual do Brasil?

MSG: O Joca contribuiu muito com escolas e redes de ensino públicas no modelo de aulas a distância por ser um produto de leitura acessível e atraente aos leitores. E, por ter sido fornecido em PDF, os professores tiveram a possibilidade de propor atividades interativas e enviar o jornal por computador e até por Whatsapp aos alunos que não possuem dispositivos. No cenário atual as assinaturas do Joca vêm crescendo muito em redes públicas de ensino e em escolas particulares. No Brasil, encontra-se hoje em 26 Estados, 240 cidades e 20 redes públicas de ensino. Possui mais de 30 mil assinantes.

6.6 FASE 3: TRATAMENTO E INTERPRETAÇÃO

Concluída a exploração do material das três edições do Joca (2016, 2018 e

2020) nas editorias *Brasil*, *Maluquices* e *Repórter Mirim*, além de realizados o Grupo Focal e as Entrevistas em Profundidade, este subcapítulo destina-se à interpretação e ao tratamento dos resultados obtidos anteriormente. O objetivo é identificar como o jornal Joca compreende e retrata as crianças contemporâneas em suas páginas, a partir dos conceitos pesquisados e abordados nos capítulos anteriores e a relação com as edições destacadas para a análise.

A pesquisadora escolheu descrever a fase de análise juntamente com as entrevistas realizadas com a editora-chefe e diretora educacional do veículo e com os resultados obtidos no Estudo de Recepção por meio da técnica do Grupo Focal (GF). A intenção é facilitar a leitura, ampliando as possibilidades de formar relações entre as percepções da pesquisadora, das entrevistadas e dos participantes do Grupo Focal.

Em relação ao Grupo Focal, a pesquisadora assistiu à gravação e destacou os comentários das crianças que possuem relação com a pesquisa. Para identificar palavras e/ou expressões utilizadas com frequência pelos participantes do GF, escolheu-se grifar essas palavras, no texto da análise, com o **negrito**. As frases ou palavras que estiverem em itálico e grifadas por “aspas” é porque foram relatadas conforme as palavras usadas pela criança – o mesmo ocorre com as entrevistas com Maria Carolina Cristianini e Mônica S. Gouvêa.

6.6.1 Análise

Ler jornal, além de trazer informações novas para as crianças, estimula a imaginação e a criatividade; exercita a memória e auxilia no estabelecimento de novas conexões entre diversos assuntos. O jornalismo infantil, na atualidade, pode atuar como um recurso didático para as crianças contemporâneas. Dines (2001 apud FERREIRA, 2007) explica, no capítulo 5, que os suplementos e materiais jornalísticos infantis são a lógica de um esforço em prol da educação e da criança.

É típico da criança ter uma curiosidade que tende a aumentar conforme o convívio em um ambiente que lhe propicie aprender e encontrar informações sobre assuntos que lhe chamem a atenção. Por conta das transformações da sociedade contemporânea, as crianças têm, cada vez mais, acesso às informações e à cultura e, muitas vezes, isso ocorre nos meios de comunicação. Contudo, as crianças percebem a mídia como fonte de informação, mas também, de entretenimento.

Como explica Ferreira (2007), no capítulo 5, o papel do jornalismo impresso se destaca porque as crianças parecem familiarizadas com os temas trazidos no jornal porque os ouvem no rádio, na televisão, em conversas com familiares e com os amigos e nas escolas. Marques de Mello (1973 apud FERREIRA, 2007) ressalta que, a partir da leitura de jornal, a criança passa a construir uma visão crítica sobre a realidade e, então, pode passar a desenvolver a consciência cidadã, tornando as crianças não apenas leitoras de texto, mas leitoras do mundo.

Essa perspectiva também é destacada por Gouvêa (2021), que indica que a partir da leitura do Joca, essa proximidade e compreensão dos acontecimentos do Brasil e do mundo provoca a empatia e a consciência do que é a sociedade. E, como resultado, a formação de cidadãos críticos e ativos desde a infância.

Essa construção de uma visão crítica sobre a realidade pode ser percebida, principalmente, nas matérias da editoria *Brasil*, que traz os principais assuntos do país na quinzena anterior à publicação da edição. Nas matérias “CÂMARA APROVA PROSEGUIMENTO DE IMPEACHMENT”, da edição 75, “A prisão e o futuro de Lula”, na edição 111, e “Novo coronavírus provoca suspensão de aulas pelo Brasil”, da edição 145, são trazidos assuntos de ampla relevância que mudaram, inclusive, o rumo do Brasil de diversas formas.

Contudo, apenas a leitura do jornal, na infância, não indica a formação de um cidadão crítico. Para isso, é interessante pontuar a importância da escola nesse processo. A partir do auxílio dos professores, das dinâmicas em sala de aula, do convívio com outras crianças que gera discussões sobre os assuntos que estão em pauta no jornal, é possível que aflore a consciência cidadã nos meninos e meninas.

Como relatado à pesquisadora em entrevista com a editora-chefe, a equipe de jornalismo do Joca tem autonomia para a definição de pautas, pois o veículo é definido pela equipe como um jornal e não um material didático. No entanto, Cristianini (2021) comenta que as áreas de conteúdo e educacional sempre se apoiam para encontrar os melhores caminhos para o uso do Joca nas escolas. Essa relação é confirmada por Gouvêa (2021), que diz que a área educacional pode ser consultada, em alguns casos, sobre a pertinência de uma ou outra pauta.

O Joca também oferece atividades para as escolas assinantes baseadas em notícias publicadas a cada edição do jornal, como explica Cristianini (2021). Por isso, é importante destacar que as áreas de conteúdo jornalístico e educacional são autônomas, mas também complementares no veículo.

Em material denominado “Joca, o que é?”, enviado pela diretora educacional do Joca após a entrevista (Anexo B), a equipe afirma que o veículo é um material apropriado para se trabalhar na escola e tem uma linguagem acessível para crianças (e jovens) de 6 a 16 anos. Ele possui formato tabloide⁸⁸, com uma quantidade reduzida de páginas, adequado para pessoas de todas as idades folhearem, segundo o documento. A equipe ainda destaca que o jornal tem o cuidado de se comunicar com crianças e adolescentes sem infantilizar, adequando a linguagem à faixa etária.

No capítulo 4, Rossi (1980) discorre que o dever fundamental do jornalista não é para com a empresa na qual trabalha, mas para com a sociedade. Com essa definição, o jornalista, por muitas vezes, precisa agir (em termos de linguagem e até de objetivos) como um educador ou um professor nas suas produções, como modo de informar o público sobre política, economia, ciência, direitos e deveres do cidadão, meio ambiente, entre outros. Além da responsabilidade social do jornalista nos “jornais para adultos”, essa reflexão também deve ocorrer no jornalismo infantil.

Apesar de Cristianini (2021), em entrevista, afirmar que não se considera uma educadora nas suas produções jornalísticas porque, segundo ela, “[...] o objetivo do Joca não é ser um material didático – o que o jornal não é, de fato”, não há como negar que muitos papéis são colocados para o jornalista ao longo da profissão: professor, juiz, policial, advogado, entre tantos outros. Geraldinho Vieira (1991), no capítulo 4, é enfático em afirmar que a sociedade e os próprios jornalistas se impõem uma função de super-herói, com diversos papéis além da reportagem. Não está discutido aqui o mérito disso. Mas, ressalta-se que a questão da multifuncionalidade ocorre dentro da profissão e extrapola, muitas vezes, o papel primordial do jornalista como informante dos fatos, “apenas”.

Por isso, é necessário sinalizar que no jornalismo - ainda mais o jornalismo para o público infantil – os jornalistas não podem fugir do desafio de ver, sentir e cuidar da educação, porque ela é, também, um desafio comunicacional. No Brasil, esse “papel” de educador é ainda mais latente por conta dos vazios educacionais, que foram expostos ainda mais pela pandemia, como a falta de acesso à internet e, também, o analfabetismo.

No capítulo 4, Fantin e Rivoltella (2010) defendem que conhecer as mídias, os

⁸⁸ Formato de jornal que possui, normalmente, 28 cm de largura por 32 cm de altura. O tabloide oferece comodidade de manuseio e de leitura. Fonte: RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. Dicionário Essencial de Comunicação. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

seus formatos, as suas linguagens e saber utilizá-las pedagogicamente na sua especificidade comunicativa, retórica e persuasiva são os desafios para a formação de crianças e de professores na contemporaneidade. A educomunicação, apresentada no capítulo 4, é capaz de envolver as crianças no processo do educar, quando acrescida de profissionais qualificados e de um sistema de aprendizado que compreende a necessidade da infância de também ter uma visão crítica sobre os meios de comunicação, a ponto de entender a sua função social, política e cultural.

Também no capítulo 4, Sartori (2006) pontua que a aproximação da comunicação e da educação exige uma nova elaboração dos modelos pedagógicos, assim como estratégias capazes de responder aos processos midiático e educacional na contemporaneidade.

A elaboração de novos modelos pedagógicos pode ser exemplificada com a experiência da Escola Estadual Henrique Dumont Villares com o uso do Joca. De acordo com a coordenadora pedagógica da instituição de ensino, Nádia Moya Brocardo, no documento “Relato de experiência com o Jornal Joca”, enviado à pesquisadora por Gouvêa (Anexo C), a implantação do uso do Joca como uma ferramenta de trabalho em sala de aula trouxe duas grandes mudanças na escola: *“[...] uma relativa ao envolvimento dos alunos com questões sociais e questões que dizem respeito à comunidade escolar, que até então não eram sequer percebidas por eles; e outra em relação ao compromisso dos professores com o próprio trabalho”*.

Brocardo também relata que, a partir do uso do Joca na escola, a instituição teve uma evolução no Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (IDESP), indicador de qualidade de séries iniciais (1º ao 5º anos) e finais (6º a 9º anos) do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. A coordenadora da escola atesta que *“[...] em 2009 estávamos com 4,74 de pontuação. O trabalho de leitura e escrita centrado no jornal e com muitas avaliações processuais alterou o perfil da escola. O salto maior, para 7,71 em 2015, ocorreu depois da vinda do Joca”*. A escola, em 2016, após iniciar o trabalho com o jornal, ficou em 1º lugar entre as escolas do Estado de São Paulo, no Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo (IDESP).

É possível perceber que o uso do Joca como uma ferramenta pedagógica entra nos princípios apontados pelo Projeto Nossa Mídia (20--), descritos no capítulo 4. O segundo princípio, educar por meio da mídia, inclui a utilização dos meios de comunicação como ferramentas complementares na educação como maneira de

abordar conteúdos. Outra forma citada pelo projeto é trabalhar a mídia utilizando-a como contraponto ao “saber oficial escolar”, apresentando alternativas e propondo reflexões. A partir desses princípios, pode-se analisar que o Joca é um recurso para o trabalho de educomunicação nas escolas do Brasil, a ponto de contribuir para a formação educacional do público infantil.

Contribuições de veículos de comunicação produzidos especialmente para o público infantil são sempre bem-vindas ao país. Nos últimos anos, o Brasil esteve avançando lentamente na garantia de acesso das crianças à educação. Com a chegada da pandemia da Covid-19 no mundo, com mais intensidade em 2020, o cenário educacional foi impactado de forma negativa. A pesquisa O Cenário da Exclusão Escolar no Brasil – Um Alerta Sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação, apresentada no capítulo 4, alerta que 3,7 milhões de crianças e adolescentes entre 6 e 17 anos, matriculados em instituições de ensino, afirmaram que não tiveram acesso às atividades escolares e não conseguiram manter a aprendizagem em casa, em 2020.

Na opinião de Cristianini (2021), durante a pandemia, que ainda segue, o Joca serviu aos leitores em seus propósitos principais: “[...] *levar informação de qualidade, bem apurada e confiável, pelas práticas do jornalismo profissional*”. A editora-chefe ressaltou que o Joca se tornou um lugar para onde as crianças e os adolescentes escreviam para tirar as dúvidas sobre a Covid-19. A afirmação sobre o Joca auxiliar com os principais questionamentos sobre o coronavírus foi destacada pelo participante E: “*Eu também **gostei** da parte que eles ensinam tudo, praticamente, sobre o covid. **Achei bem legal**”, relacionada à matéria “Novo coronavírus provoca suspensão de aulas pelo Brasil”.*

Gouvêa (2021) também pontuou que o Joca contribuiu com as escolas e redes de ensino públicas no modelo de aulas a distância. O jornal era fornecido em formato PDF e, com isso, os professores tiveram a possibilidade de propor atividades interativas e enviar o material para os alunos por computador ou *Whatsapp*.

A leitura do Joca pelas crianças, aliada ao uso pedagógico do veículo em sala de aula, cresce cada vez mais em redes públicas de ensino e em escolas particulares, de acordo com Gouvêa (2021). Segundo a diretora educacional, no Brasil, estima-se que o Joca está em 26 estados, 240 cidades e 20 redes públicas de ensino, contando com mais de 30 mil assinantes.

Apesar de Cristianini (2021) acreditar que o Joca não é um material didático,

na visão da pesquisadora ele se transforma em um material didático a partir do seu uso em sala de aula. Isso pode não ocorrer com os jornais “para adultos” que são utilizados nas aulas, em algumas situações, porque eles não têm o objetivo central de estar ao lado das crianças e jovens durante o ensino fundamental e médio. Os jornais destinados ao público adulto não desenvolvem atividades interativas, jogos e conteúdos exclusivos, alinhados à cada edição, para os professores utilizarem o material durante o ano letivo, algo que o Joca proporciona às instituições de ensino.

Um estudo da Agência de Notícias de Direitos da Infância (ANDI, 2002), citado no capítulo 5, demonstrou que os materiais jornalísticos infantis precisam ter linhas editoriais que superem os meros passatempos em prol da consciência de que os veículos podem se tornar um instrumento pedagógico para o desenvolvimento da cidadania desde a infância, como ocorre com o Joca quando há um trabalho mediado entre o conteúdo do jornal e os professores. Mesmo com editorias que abrangem conteúdos divertidos e inusitados, como em *Maluquices*, o jornal também aborda assuntos importantes para o Brasil e o mundo.

No capítulo 3, Rabaça e Barbosa (2014) indicam que, como um fenômeno do jornalismo, a notícia precisa de um tratamento que envolve apuração, pesquisa, comparação, interpretação, seleção e uma redação adequada ao estilo do veículo. Por ser um jornal feito para o público infantojuvenil, o veículo tem algumas particularidades quanto à linguagem e elementos jornalísticos utilizados. No documento “Joca, o que é?”, enviado por Gouvêa (2021) à pesquisadora, a equipe informa que os editores e repórteres procuram selecionar pautas do interesse das crianças e jovens, como curiosidades, sugestões de leitura infantojuvenil e notícias de protagonismo juvenil no mundo todo.

Em relação às pautas citadas pelo Joca, Doretto (2018) afirma, no capítulo 5, que o jornalismo infantil deve apresentar ampla variedade temática e oferecer aos leitores uma gama de produções em diferentes áreas, com informações aprofundadas e críticas, assim como acontece no mercado jornalístico para adultos. É possível notar o aprofundamento das notícias, principalmente na matéria “A prisão e o futuro de Lula”, em que o jornal preocupou-se em trazer um panorama sobre a história política do ex-presidente, por quais crimes ele estava sendo acusado e o que poderia acontecer com o político nos próximos meses em relação ao cumprimento da pena.

O jornal deu detalhes, até mesmo, da cela em que Lula iria ficar, em que lê-se em vários pequenos textos: “15m² é o tamanho da cela”, “uma janela de vidro, com

grade”, “*cama de solteiro*”, “*armário embutido*”, “*banheiro*” e “*entrada*”, com linhas que remetem a cada espaço da cela na ilustração. A matéria sobre a prisão de Lula não foi feita em texto corrido, mas dividida em pequenos blocos, em formato de pergunta, com textos curtos e objetivos, de maneira a facilitar a compreensão dos leitores, pois a prisão envolvia diversos cenários no Brasil. Dessa forma, a leitura se torna mais fluida, com um texto bem organizado.

Na matéria “Novo coronavírus provoca suspensão de aulas pelo Brasil”, apesar de ter uma abertura curta e objetiva, contendo apenas um parágrafo em que lê-se: “*Para evitar o contágio, várias escolas e universidades da rede pública e privada brasileira estão interrompendo as aulas ou optando por oferecê-las on-line. No mapa, veja a situação nos estados e capitais até o fechamento desta edição*”^{**}, o Joca utiliza elementos gráficos como a ilustração do mapa do Brasil para informar sobre a situação de todos os estados do país em relação à suspensão das aulas, em março de 2020. Além disso, o jornal produziu um box sobre “Como lavar as mãos”, algo que ainda era um cuidado recente por conta da pandemia da Covid-19.

Por exemplo, no subtítulo “POR QUE A PRISÃO DE LULA É TÃO IMPORTANTE”, o jornal cita: “*É a figura política de mais destaque investigada pela Lava Jato*”^{**}; “*Ele é o primeiro ex-presidente brasileiro preso por crime comum*”; “*O político é o maior líder popular do país*” e “*Lula aparece em primeiro lugar nas pesquisas de intenção de voto para as eleições de 2018. Segundo enquete do Datafolha divulgada no fim de janeiro, um terço da população pretende votar nele*”. Ou seja, o Joca contextualiza a informação para as crianças entenderem o motivo daquele ser o assunto da editoria.

Pode-se notar a importância da contextualização da informação a partir do depoimento do participante A do Grupo Focal, que afirmou não entender muito sobre política, mas pontuou que tem um certo conhecimento sobre o assunto: “[...] *aquela parte lá do Lula, eu não sei muito sobre política, mas eu sei, mais ou menos, o que é certo e o que é errado. E também eu já ouvi falar que muita gente acha que ele foi um presidente muito bom, tem gente que acha ele um presidente muito ruim*”. A contextualização também é defendida por Cristianini (2021): “[...] *as crianças estão começando sua jornada pelo processo de se informar e não têm a bagagem que um adulto, por exemplo, já possui para entender determinados temas*”.

Na matéria sobre a prisão de Lula é válido ressaltar que o jornal também utiliza as imagens para informar e contextualizar o assunto. No centro da página estão três

fotos que mostram momentos impactantes sobre a situação: Lula rodeado de apoiadores durante o comício no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC; depois o ex-presidente chegando à Curitiba, já entregue à Polícia Federal e, por último, a comemoração em frente à sede da PF pela prisão do político.

Entretanto, essa contextualização não pode ser vista como algo inédito do jornalismo para crianças. O jornalista tem a obrigação de dar contexto sempre, mesmo quando os leitores são adultos, para não entregar um texto superficial. De acordo com a Folha de S. Paulo (1987 apud ROSSI, 2000), no capítulo 3, para retratar os fatos com fidelidade, reproduzindo a forma em que ocorrem, bem como suas circunstâncias e repercussões, o jornalista deveria procurar vê-los com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse.

A importância da contextualização também é descrita por Bahia (1990), no capítulo 3. Segundo o autor, o jornalista que procura oferecer um conteúdo verídico ao público deve seguir algumas regras, como: explorar todos os ângulos da informação, procurar diferentes fontes e sempre questionar se a apuração é suficiente para o universo de ângulos que tem um acontecimento. Para isso, todo e qualquer veículo, especializado ou não, precisa passar longe de uma versão superficial de um acontecimento, com pouca apuração e consultando as fontes de sempre.

Entre os princípios ideais do jornalismo, citados no capítulo 3, a objetividade é uma das maiores “pressões”. Segundo Bahia (1990), a objetividade é descrita como uma apuração correta, fidedigna e o registro das diversas versões de uma informação. O uso da objetividade é analisado na matéria “Câmara aprova prosseguimento de impeachment”, da edição nº 75. O uso do box para explicar os próximos passos é bastante objetivo quanto às etapas do processo.

Por exemplo, o box inicia com a informação sobre a abertura, no Senado, de uma comissão especial para discutir e votar o caso: “*O Senado elege uma comissão especial para discutir o caso e apresentar um relatório, que deverá ser votado pelos senadores. Se aprovado por pelo menos 54 dos 81 senadores, o processo começa*”. Observa-se o uso de duas frases curtas para facilitar o entendimento da informação. Nesse caso, a intenção não é aprofundar o fato, mas comunicar ao leitor como o processo funciona.

Na editoria *Maluquices*, é mais um esforço em prol da objetividade. Na matéria “100 mil patos são ‘convocados’ para conter gafanhotos na China”, o texto explica a técnica inusitada que o governo chinês usou para frear uma infestação de gafanhotos

no país. O jornal também relata, para o leitor, as condições que levaram ao aumento desses insetos: “*O principal problema da infestação é que os gafanhotos se alimentam das plantações, prejudicando o estoque de comida local. O número desses insetos tem aumentado por causa das mudanças climáticas, que provocaram muitas chuvas e, assim, criaram condições ideais para que os gafanhotos se reproduzissem*”.

O jornal, como um todo, é focado na objetividade e na contextualização das pautas. Dessa forma, recursos e características do jornalismo literário não são notados nas edições analisadas. Porém, muitas vezes, o gênero literário é o que melhor se adapta ao jornalismo especializado. Conforme aponta Bastos (2012), no capítulo 5, as características do texto de jornalismo literário são o apuro na linguagem e na estética, através de uma prática que privilegia a observação sensível dos fatos e a sua descrição pormenorizada.

Na nota “*Ilha minúscula é casa de 500 pessoas*”, da editoria *Maluquices*, o texto, novamente, tem frases curtas para contar a história do local, mas sem apuro na linguagem ou descrições minuciosas: “*A ilha Santa Cruz del Islote, na Colômbia, é do tamanho de um campo e meio de futebol e chama a atenção por abrigar cerca de 500 habitantes. As casas do local, cerca de cem, foram construídas em cima de um recife de corais. A ilha tem apenas quatro ruas*”. O que pode-se notar de diferente no texto é o uso da comparação (marcada com o sublinhado), para que os leitores possam relacionar o tamanho da ilha com uma realidade mais próxima.

Bastos (2012) ainda destaca que o texto do jornalismo literário permite a incorporação de elementos subjetivos e figuras simbólicas, mas sem comprometer o compromisso com a verdade. Na nota de *Maluquices* sobre o sushibúrguer, apesar de ser um conteúdo mais “leve”, o jornal é bastante objetivo ao passar a informação. “*O hambúrguer de sushi, inventado no Japão, está na moda. O prato está chegando a vários países como Austrália e Venezuela. Alguns são de carne moída com arroz em formato de pão, outros são de arroz frito*”. A imagem utilizada apenas mostra a nova iguaria, sem movimentos, apenas com foco no prato.

Ainda no capítulo 5, Pena (2006), usando os conceitos do jornalista Tom Wolfe, um dos pioneiros do *New Journalism* nos Estados Unidos, destacou os quatro recursos técnicos absorvidos da literatura que podem ser aplicados às narrativas: reconstrução dos fatos cena a cena, registro completo dos diálogos, apresentar as diversas cenas por pontos de vista de diferentes personagens e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem.

Na matéria “Superação” o jornal poderia ter explorado esses recursos para relatar com mais detalhes a história de Alex e registrar gestos e características do atleta paralímpico, mas optou por uma entrevista em formato pingue-pongue e respostas curtas do entrevistado. Não há um detalhamento do dia a dia do atleta ou da quadra de basquete, por exemplo. A história do atleta chamou a atenção da participante B: “**Eu achei legal aquela parte que ele ficou paraplégico e mesmo assim continuou fazendo o esporte que ele gostava**”. Esse foi um espaço que poderia ter sido aproveitado de outras formas pelo Joca.

A opção por não utilizar elementos do jornalismo literário no veículo foi confirmada por Cristianini (2021): “*o jornalismo praticado pelo Joca é direto e objetivo, bastante focado em trazer uma linguagem clara, com lead bem definido, para ajudar o leitor no entendimento dos fatos. Nosso objetivo é garantir que as informações sejam compreendidas pelo leitor*”.

Entretanto, Pena (2006), no capítulo 5, afirmou que o jornalismo literário também busca contextualizar a informação da forma mais abrangente possível. Para isso, o jornalista precisaria “mastigar” as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e localizá-las em um espaço temporal de longa duração. O autor também conta que a criação do jornalismo literário começou com o movimento chamado *New Journalism*, instigado pela insatisfação dos jornalistas com as regras de objetividade do texto jornalístico, que precisava obedecer a alguns critérios. Nessa realidade, o profissional não podia contar uma história com mais detalhamento ao seu leitor.

A partir disso, é importante perceber que um jornalismo direto e objetivo, com *lead* bem definido, como descrito por Cristianini (2021), não é o único pré-requisito para as crianças entenderem os fatos relatados no jornal. É possível que o Joca utilize elementos do jornalismo literário sem comprometer o aprendizado e o entendimento das crianças. Com as técnicas e recursos da literatura, as crianças poderiam se envolver ainda mais com as notícias, com detalhes dos personagens do fato e diálogos mais completos entre os envolvidos, por exemplo.

Segundo Pena (2006), no capítulo 5, no jornalismo literário é possível ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade e garantir perenidade e profundidade aos relatos. O autor acredita, inclusive, que o jornalismo literário pode ser utilizado como um recurso para o exercício da cidadania. Para isso, o autor afirma que, na hora da escolha da reportagem, o

jornalista deve pensar em como determinada abordagem irá contribuir para a formação do cidadão e para o bem-comum.

Bahia (1990) também afirma, no capítulo 3, que a objetividade, para a maioria dos jornalistas, não passa de apenas um ideal. Apesar de ser um alvo inalcançável, ainda segundo o autor, os jornalistas e os veículos devem tentar atingi-la, principalmente com o equilíbrio, a honestidade da informação e a averiguação dos fatos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), apresentado no capítulo 2, traz especificações sobre a compreensão do que é necessário para garantir o desenvolvimento pleno e digno às crianças e adolescentes no Brasil. Um dos direitos previstos pelo ECA e pela Convenção dos Direitos das Crianças da Organização das Nações Unidas é o acesso às informações. A criança, no mundo contemporâneo, é vista como um ser humano completo e digno.

Conforme Ferreira (2007), diante da existência de suplementos infantis nos jornais feitos “para adultos”, revistas infantis, jornais para crianças e jornais escolares, a produção impressa infantil pode ser classificada em duas categorias: jornais PARA crianças e jornais PELAS crianças. O Joca pode ser definido na primeira categoria, a de jornais PARA crianças, porque é um veículo de comunicação impressa e *on-line* feito, especialmente, para esse público. Entretanto, apesar de não ser totalmente produzido pelas crianças, como acontece na segunda categoria, as crianças também participam da escolha das pautas das edições e, até mesmo, da redação das matérias e entrevistas do jornal.

Segundo a editora-chefe do Joca, Maria Carolina Cristianini (2021), em entrevista concedida à pesquisadora, “[...] a participação do leitor é algo fundamental no Joca”. O jornal conta com um e-mail direcionado para receber mensagens dos leitores e espaços e seções em cada edição que são destinados à participação do leitor, como “*Em Pauta*” (traz um tema de comportamento ou atualidade sempre com depoimentos de crianças e jovens), “*Canal Aberto*” e “*O que você faria se...*” (um leitor faz uma pergunta e outros leitores respondem para ajudá-lo ou interagir), “*O que eu penso sobre...*” (um jovem dá sua opinião sobre o tema de uma reportagem), “*Correspondente internacional*” (um jovem de outro país conta sua visão sobre fatos que estão ocorrendo no exterior) e uma das editorias analisadas, a “*Repórter Mirim*”, em que um jovem é o “repórter” da vez em uma entrevista.

Nos trechos explorados na fase 2 da Análise de Conteúdo, nota-se a ampla

participação dos leitores na editoria *Repórter Mirim*, como acontece na edição nº 75, com a matéria “Superação”. Nessa entrevista, o jornal destacou a participação da leitora Gabriela Alves, com uma grande faixa amarela e uma foto da repórter e Alex – entrevistado da editoria - logo após o *lead*, e antes do abre da matéria: “[...] Alex concedeu uma entrevista a Gabriela Alves, sua sobrinha e grande fã. Alex é mesmo um orgulho para toda sua (enorme) família. A filha dele, Bárbara, emociona-se ao falar do pai atleta. Confira a conversa”. Ao lado, está uma foto da sobrinha Gabriela e do atleta Alex, com um convite para os próximos repórteres mirins: “Oi, eu sou a Gabriela Alves, de 8 anos, e fui repórter mirim desta edição. Seja você também, envie e-mail para joca@magiadeler.com.br”.

Essa participação ativa dos leitores na construção da edição também é vista nas edições nº 111 e 145, na editoria *Repórter Mirim*. Na matéria “Uma história inspiradora”, com a entrevistada Tábata Amaral, o jornal pontua o nome do repórter: “Por Gabriel Zanchett Canto, de 13 anos, editor convidado desta edição”. Isso também ocorreu na entrevista “Luz e água para a África”, com a israelense Sivan Ya’ari, fundadora do projeto Innovation: Africa. Nessa entrevista, a abertura da matéria se diferencia das outras duas edições porque traz um breve depoimento, em primeira pessoa, do repórter mirim convidado da edição, o estudante Joseph F., de 8 anos: “Descobri o Innovation: Africa quando minha mãe me mostrou um vídeo da inauguração de uma bomba d’água [...]” e “Fiquei impressionado porque nunca tinha pensado em como algumas pessoas podiam viver sem água encanada e energia elétrica”. Nessa situação, o repórter também faz parte da matéria, pois ele mesmo relata, em primeira pessoa, como teve o primeiro contato com o projeto e as reflexões que obteve a partir disso, antes mesmo de realizar a entrevista para o Joca.

Corrobora-se a afirmação de que a participação das crianças é fundamental para o Joca, como disse a diretora educacional do veículo, Mônica S. Gouvêa, também em entrevista à pesquisadora. Para Gouvêa (2021), o jornalismo infantojuvenil não pode ser feito apenas por adultos, já que eles não fazem mais parte do universo do público do Joca. Por isso, segundo ela, a cada edição, a equipe do veículo consulta a opinião dos leitores sobre vários assuntos que, posteriormente, são reproduzidos e utilizados nas matérias. Nessas situações, também são colhidos depoimentos dos leitores para o jornal.

A editora-chefe do Joca, em entrevista à pesquisadora, cita o ECA e a Convenção dos Direitos das Crianças da Organização das Nações Unidas para

explicar como são escolhidas as pautas para cada edição do jornal. Conforme a entrevistada, a equipe de jornalismo parte do princípio de que, se um assunto é importante para a sociedade de forma geral, ele também é importante para as crianças. Assim, de acordo com Cristianini (2021), o Joca procura formas de tratar o assunto de maneira adequada para a faixa de idade, de forma que os leitores possam compreender os fatos.

Cristianini (2021) também explica que o veículo promove diversos encontros, mesmo que virtuais por conta da pandemia da Covid-19, com os leitores e as escolas assinantes para “[...] *entender se estamos conseguindo transmitir a mensagem para o leitor*”. Só em 2020, segundo a editora-chefe, foram cerca de 90 encontros, com a participação de, aproximadamente, 2.700 jovens. Além disso, a área educacional do Joca faz um acompanhamento do trabalho das escolas com o veículo, o que auxilia a equipe de jornalismo a entender quais caminhos seguir.

De acordo com o site do veículo, o Joca valoriza e busca produzir conteúdos jornalísticos que interessem os leitores e que os auxiliem a estarem conectados ao que acontece no Brasil e no mundo. Essa visão centrada nos interesses dos leitores e, conseqüentemente, dos alunos que utilizam o jornal nas escolas, é definida por Campos (2019), no capítulo 4, como uma inovação no campo da educação. O autor relata que uma educação focada nas características dos estudantes faz parte de um movimento de crítica ao modelo enciclopédico e busca valorizar os interesses, as necessidades e os ritmos dos alunos.

No capítulo 3, Lage (2006) argumenta que a relação entre a notícia jornalística e o público tem restrições específicas no código linguístico. A partir do modelo elementar de comunicação, o autor indica que o sistema produtor de notícias – o jornalista, o veículo – não é a fonte, mas um codificar inteligente, capaz de realizar intervenções na mensagem. O receptor, portanto, não é único, mas plural, indefinido e atuante. Por isso, seria importante que o Joca realizasse pesquisas com os leitores para entender quais são suas necessidades, interesses e características.

Mesmo com os encontros virtuais com os leitores e as escolas assinantes, o Joca não realiza uma pesquisa sistemática com as crianças e os jovens para compreender os temas que eles gostariam de ver no jornal e discutir com o público se a linguagem utilizada é o ideal para eles, conforme Cristianini (2021) informou em entrevista. Porém, deve-se lembrar que grande parte dos assinantes é de escolas, portanto, o jornal precisa se preocupar com a realidade dos estudantes nas

instituições de ensino. Sem entender a criança contemporânea, não é possível definir o que elas gostariam de ler e de que forma esse texto seria entregue a elas. Por isso, uma pesquisa semestral ou anual mostraria-se fundamental para o Joca e auxiliaria as equipes de jornalismo e educacional.

Outra proposição para aumentar a participação das crianças, além de sugerir pautas, ter interações entre os leitores ou explicar opiniões, como ocorre nas editoriais *Em Pauta*, *Canal Aberto* e *O que você faria se...*, seria criar um equilíbrio entre um jornal PARA crianças e um jornal PELAS crianças. Já existe a iniciativa dos leitores enviarem matérias e resenhas, que podem ou não, ser publicadas no site ou no jornal impresso. Porém, esse conteúdo sempre passa por uma avaliação da equipe.

Contudo, o Joca tem contato sistemático com as escolas que o utilizam para as aulas. Portanto, poderia existir uma iniciativa em que os próprios estudantes criassem pautas, escrevessem, entrevistassem e fotografassem, com o auxílio dos professores e da equipe do Joca, os próprios materiais jornalísticos, com espaço definido no jornal impresso e com a confirmação de que o material será publicado. Assim, as crianças participariam mais ativamente da construção do jornal e poderiam se sentir mais motivadas a criar materiais jornalísticos porque teriam uma equipe de apoio para ampará-las.

Isso auxiliaria, inclusive, na ampliação do vocabulário e na capacidade de argumentação das crianças. Foi notável, no Grupo Focal, o pouco vocabulário dos participantes. Eles tiveram dificuldades de compreender algumas informações e de argumentar na hora de expôr suas opiniões. Foi frequente o uso das frases e palavras “*eu acho*”, “*muito*”, “*legal*”, “*parte*”, “*gostei*”, “*bastante*”, mas sem conseguir explorar além dessa visão. Ao invés de citar os conteúdos como “*matérias*” ou “*reportagens*”, eles apenas falaram “*aquela parte*”.

A participante C, por exemplo, durante todo o Grupo Focal, falou apenas “[...] foram quase as mesmas coisas que o (nome da criança) tinha falado. Foi mais isso que impressionou”. Ou seja, por timidez ou vergonha, não quis manifestar sua opinião sobre a leitura do Joca.

Com a possibilidade do uso do Joca em mais escolas, as crianças e os jovens teriam contato com diversas pautas, iriam aprender novos termos e estariam, com a ajuda dos professores e de toda a equipe escolar, mais capacitados para conversar, aprender a argumentar e entender o que está acontecendo no Brasil e no mundo, expondo suas próprias visões e não apenas lendo as matérias e reportagens.

De acordo com Doretto (2018), no capítulo 5, os produtos do jornalismo infantil estabelecem e traçam padrões para a infância contemporânea, entregando conteúdos previamente selecionados e que seriam os “ideais” para a sua faixa etária e realidade. Entretanto, a autora pontua que esses modelos influenciam a percepção que a sociedade tem da infância e das próprias crianças quanto ao seu papel na contemporaneidade. Por isso, torna-se fundamental que meninos e meninas consigam participar a ponto de influenciar na construção do discurso do veículo.

Porém, esse lugar de pertencimento e protagonismo das crianças nem sempre foi reconhecido. No capítulo 2, Ariès (1981) afirma que, na sociedade medieval, a infância e a consciência da particularidade infantil não existiam. Com a mudança da sociedade rural para a urbana por conta de aspectos econômico-culturais, houve uma transformação do lugar da criança, em que o corpo começou a ser visto como mais individualizado e as crianças, mais valorizadas.

Já na Renascença, as crianças, se bem educadas, passavam a representar alta posição social para as famílias. A partir dessa visão, os esforços das famílias para proporcionar uma educação formal às crianças tornaram-se maiores. Com isso, as crianças de famílias abastadas saíram do ambiente familiar e puderam buscar conhecimento na escola. Assim, foi criado um distanciamento de espaço e tempo entre as crianças e os adultos. Naquele período histórico, as crianças eram vistas como passíveis de serem instruídas nos parâmetros pedagógicos, mas também, sociais.

Conforme visto no capítulo 2, Jean-Jaques Rousseau – conhecido como o “inventor da infância” – influenciou a forma como o Ocidente passou a perceber a infância. A partir da publicação de *Emílio ou Da Educação* (1762), ele trouxe um lugar para a criança no mundo, um valor em si mesma, e a infância começou a ser percebida como uma etapa essencial para a constituição humana.

No entanto, apesar das crianças adentrarem na esfera pública e passarem a ter lugar nas leis e códigos do mundo, a partir do século XX, com a aprovação da Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança e a instituição da lei federal que rege o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no Brasil, nem todas as crianças usufruem dos mesmos direitos.

Rocha (2002), no capítulo 2, aponta que o lado social da infância possui facetas extremas, nos momentos em que a criança convive com abandono, maus-tratos, violências. No mesmo sentido, Frota (2007) pontua que basta olhar ao redor para ver

meninos e meninas na rua, pedindo esmolas, se prostituindo, sendo explorados no trabalho, sem tempo para brincar e sofrendo violência de todos os tipos. Contudo, o autor pondera que esses meninos e meninas também são crianças, mesmo sem apresentarem os predicados atribuídos à infância.

Ainda no capítulo 2, Bujes (2000) observa que as crianças têm sido “produzidas” pelos discursos que são apresentados sobre elas: discursos médicos, biológicos, antropológicos, psicológicos, pedagógicos, etc. De acordo com a autora, esses discursos constroem para as crianças uma posição de sujeito ideal e universal.

Doretto (2014) enfatiza que o jornalismo infantil auxilia na construção social da categoria infância. Por isso, esse poder do jornalismo deve ser usado com muita cautela, pois ajuda meninos e meninas a aprenderem o que devem esperar do mundo (os seus direitos, os seus deveres) e como devem agir. No Joca não seria diferente. O veículo também faz a construção do “ser criança” nos materiais jornalísticos, pois se utiliza de determinado discurso – o jornalístico.

Conforme visto na Figura 1, em uma pesquisa encomendada pelo Jornal Joca e realizada pela HEC Paris e pela Planète D’Entrepreneurs, foi descoberto que os leitores do Joca se interessam muito mais por notícias de ciências, tecnologia e finanças do que não leitores (que demonstraram se interessar mais por celebridades e entretenimento de massa).

A partir da escolha das pautas, por exemplo, nas matérias “*CÂMARA APROVA PROSSEGUIMENTO DE IMPEACHMENT*”, “*A prisão e o futuro de Lula*” e “*Uma história inspiradora*” o jornal entende que as crianças se interessam pelos atores políticos e por todo o cenário político do país. São, para o Joca, crianças com uma consciência cidadã em construção. Já na editoria *Maluquices* existe a visão da criança curiosa, sedenta por fatos divertidos e excêntricos, como ocorre nas notas “*Sushibúguer*” e “*Peixes passam por cirurgia plástica em Cingapura*”.

Inclusive, a editoria *Maluquices* foi a mais lembrada pelos participantes do Grupo Focal. O participante A, o que mais fez apontamentos sobre o Joca, comentou sobre as notas de *Maluquices*: “[...] *a página 2 eu achei bem interessante também. A parte de dormir num quarto com tubarões eu achei bem interessante. E também o hambúguer de sushi, eu não gosto de sushi nem de hambúguer, então nunca iria comer*”.

Para a participante E, o que ela mais lembrou foi a editoria *Maluquices* e a entrevista “*Superação*”: “[...] *eu achei legal aquela parte que ele ficou paraplégico e*

*mesmo assim continuou fazendo o esporte que ele gostava. E **aquela parte** lá da Maluquice que ele tinha que dormir com um tubarão, **muito, muito** louco mesmo pra fazer isso, nem eu teria coragem de dormir com um tubarão”.*

O único comentário durante o grupo focal da participante D foi sobre a matéria “O quarto no tanque de tubarões”: “[...] eu **gostei** bastante da **parte** dos tubarões. O que **eu achei mais legal** foi a parte de dormir com os tubarões que eu não dormiria lá “nem morta”, não queria ficar com eles “nem morta”. Eu morro de medo de tubarão”. Ela foi a última a falar e demonstrava muita timidez e vergonha, além de deixar apenas uma parte do rosto à mostra.

Na época da infância, a identidade das crianças ainda encontra-se em construção, mas elas também apresentam sinais de interesse por alguns temas. Pode-se perceber esse interesse particular na escolha por um desenho, na preferência pelo personagem de um filme ou até no favoritismo por determinadas disciplinas na escola. Mas, além dessas escolhas do mundo infantil, as crianças podem se interessar sobre temas vistos, ainda, como pertencentes do “mundo adulto”, como acontece com a política.

Pode-se citar, como exemplo, a entrevista com a atual deputada federal Tábata Amaral. Na edição nº 111, o jornal apresenta aos leitores a história de Tábata, adjetivada como “inspiradora”. A entrevista com a cientista política focou na área política e educacional e trouxe uma proximidade com os leitores por ser alguém jovem e ligada à educação. Em uma das respostas, Tábata aconselha os leitores do Joca, de forma a inspirá-los e transformar suas realidades: “*Não desanimem com a política. Ela pode ser boa e trazer coisas legais. Participem sempre, pesquisem seus candidatos quando forem votar e fiscalizem as ações deles. Dar as costas e votar em branco ou nulo é muito pior*”.

Sobre as opiniões de Tábata expostas na entrevista, o participante A comentou “[...] uma coisa que eu concordo com ela é sobre os jovens participarem da política, **eu acho** isso muito **legal**”. Levando em conta o conselho final de Tábata e a opinião do participante do Grupo Focal, é possível refletir que os estímulos entregues às crianças podem influenciar nos aspectos da identidade que elas estão formando.

Também nota-se que o Joca não infantiliza a linguagem do jornal. Não são usadas palavras mais “fáceis” ou no diminutivo, por exemplo. A equipe tem uma preocupação em entregar um conteúdo com uma linguagem acessível e séria, adaptada, segundo eles, para leitores de 6 a 16 anos.

Salgado (2013) explica, no capítulo 2, que as experiências das crianças no universo contemporâneo revelam que as fronteiras entre a infância e a idade adulta estão diluídas, apesar de representarem épocas de vida tão distintas entre si. A autora ainda acrescenta que é por conta do mundo globalizado e midiático que as experiências infantis estão assumindo sentidos semelhantes às consideradas como específicas do mundo adulto.

Com base no pensamento de Salgado (2013), é importante frisar, novamente, a importância de conversar com as crianças e os jovens sobre o que eles gostariam de ler no jornal, como querem ler esses conteúdos e se desejam auxiliar na produção das edições do Joca. Cristianini (2021) afirmou em entrevista que “[...] *partimos do princípio que se um assunto é importante para a sociedade de forma geral, ele também é importante para as crianças*”. Entretanto, essa pode não ser a mesma opinião das crianças.

No capítulo 2, Rocha (2002) questiona qual o espaço de participação das crianças na contemporaneidade, onde elas poderão preservar-se com liberdade e independência em suas realizações. A autora defende que os adultos precisam constatar que as crianças são seres autônomos que produzem suas próprias tradições e comportamentos. Para isso, é necessário um olhar atento dos adultos para as culturas infantis, sem pré-definições de certos atributos e características manifestadas “por todas as crianças”.

Fundamentada em todos esses pensamentos, a pesquisadora acredita que o Jornal Joca é construído com base no modelo das “crianças bem cuidadas”. Os leitores seriam crianças que vão à escola, têm um forte apoio pedagógico e são encorajadas pelas famílias a ter um protagonismo desde pequenas. São crianças que se interessam por novas descobertas da ciência, pesquisas e lançamentos de tecnologia e finanças para “construir” o futuro. O lado social da infância que possui facetas extremas de abandono, violência e maus-tratos não é retratado no Joca.

Porém, quando não existe espaço para as outras infâncias nos veículos de comunicação, o saldo pode ser negativo para toda a sociedade. É preciso escutar, com respeito, aqueles que vivem a experiência de exclusão. Com a devida atenção oferecida às crianças com maior vulnerabilidade social, que sofrem violências de todos os tipos, que precisam trabalhar para auxiliar nas contas de casa e colocar a educação e o brincar em segundo plano, esses meninos e meninas terão a garantia de espaço e de uma relação construtiva com o mundo. Elas serão percebidas por outras crianças

e adultos e, conseqüentemente, se reconhecerão também como cidadãos com direitos.

De fato, as crianças criam cultura com seus corpos em movimento (jogos, gestualidades e linguagens). Se os veículos de comunicação aproveitassem essa diversidade de realidades do campo social de cada infância isso resultaria em uma visão mais abrangente e inclusiva de seus leitores. A partir do reconhecimento da importância e da individualidade das crianças com infâncias imperfeitas, os seus processos e situações de vida podem ser explorados para trazer mais diversidade ao discurso jornalístico.

Ademais, é primordial que os adultos percebam que as crianças têm contato com as notícias o tempo todo. Seja na hora do jantar, com a televisão ligada no telejornal; quando elas são levadas para a escola, de manhã cedo, e o rádio pulsa as principais notícias do dia, ou até mesmo quando elas estão brincando, mas escutando as conversas dos adultos a respeito dos últimos acontecimentos da política na cidade ou sobre a nova obra que afetará o trânsito nos próximos meses.

Logo, é fundamental que essas crianças, que devem, por direito, ter acesso à informação, recebam materiais jornalísticos destinados a elas, de acordo com seus interesses nessa época da vida e os diversos contextos do modo de ser uma criança contemporânea.

O que identifica a criança é o fato de constituir-se como um ser humano de pouca idade e a forma como ela vive esse momento da vida será determinada pelo tempo, espaços e condições sociais de cada conjuntura. A infância como categoria social é múltipla e instável, sendo passível de sofrer mudanças em todos os momentos. Essas mudanças resultam, também, no âmbito das ideias que a sociedade constrói acerca da responsabilidade sobre as crianças.

Nesse mundo globalizado, é urgente reconhecer outras realidades infantis e outros potenciais culturais. Certamente, há muito o que se pesquisar e discutir sobre a concepção do ser criança e de como as compreensões sobre a infância sucedem-se em orientações generalizantes, não considerando as diferentes experiências vividas por meninos e meninas na contemporaneidade.

Por essa razão, é necessário que os veículos de comunicação, principalmente os especializados no público infantojuvenil, proporcionem cada vez mais espaço para outros universos infantis, sem generalizações. Assim, as crianças poderão reconhecer-se nas páginas do jornal e sentirem-se acolhidas. Serão vistas como

importantes. De matéria em matéria, com infâncias potentes e protagonistas com destaque na mídia, a sociedade poderá evoluir e tornar-se mais empática, aberta e ciente da responsabilidade que tem perante os novos seres humanos do mundo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A definição de jornalismo infantil vai além de um tipo de produto jornalístico para crianças. A responsabilidade dos jornalistas, nesse caso, é grande, pois as informações veiculadas auxiliam na construção da infância contemporânea, sendo capaz de reforçar estereótipos ou papéis sociais que recaem sobre os meninos leitores e as meninas leitoras, em uma época da vida em que a personalidade ainda está sendo formada.

Entretanto, como visto durante a pesquisa, a infância não é uma só, mas sim, uma miscelânea de realidades que ora se difere e ora se assemelha nos aspectos econômicos, sociais, culturais, lúdicos, alimentares, entre outros. Os jornalistas, tanto aqueles que escrevem para o público infantil quanto os que se dedicam ao público adulto, precisam se manter atualizados e em constante reflexão sobre as crenças e conceitos transmitidos em seus textos.

Nos anos de estudo da pesquisadora na universidade, alguns trabalhos possibilitaram a compreensão sobre a necessidade de preparar as crianças para aprender com senso e responsabilidade no século XXI. Um dos caminhos para isso se dá a partir do entendimento do papel profissional do jornalismo e do jornalista pelas crianças. O jornalismo, tão pulsante e veloz, cheio de vida e de histórias, feito de pessoas para pessoas. A educação, tão necessária e presente, cheia de pluralidade e trocas e, também, feita de pessoas para pessoas. O entrelaçar de ambas é pulsante.

A partir disso, estabeleceu-se como tema deste Trabalho de Conclusão de Curso o jornalismo infantil e a concepção da infância contemporânea no Jornal Joca. A pesquisa girou em torno da questão norteadora que desejou entender de que maneira o Joca compreende as crianças contemporâneas nas páginas do jornal. Para alcançar os objetivos e obter as respostas para as hipóteses, foram realizados procedimentos fundamentais para essa pesquisa, desde o embasamento teórico até os métodos e técnicas presentes na metodologia.

A hipótese A, estabelecida para essa pesquisa, é de que o Jornal Joca proporciona espaços para o protagonismo e a participação do público infantil na construção da narrativa jornalística do veículo, de forma a auxiliar os leitores a melhor compreender o papel do jornalismo no mundo contemporâneo. A hipótese foi comprovada em parte, a partir do alcance dos objetivos específicos de compreender as características da narrativa jornalística e refletir sobre a importância da participação

das crianças para a produção dos conteúdos jornalísticos do Jornal Joca, apresentados nos capítulos 2 e 5, respectivamente.

Com a análise das edições do Joca, comprovou-se que o jornal estabelece alguns espaços para a participação do público infantil, principalmente na editoria *Repórter Mirim*, em que uma criança ou jovem é o “repórter da vez” na edição e pode entrevistar alguma personalidade. A editora-chefe, em entrevista, também explicou que os leitores podem sugerir pautas, ter interações entre eles ou explicar opiniões, como ocorre nas editorias *Em Pauta*, *Canal Aberto* e *O que você faria se...*, além de enviar matérias e resenhas, que podem ou não, serem publicadas no site ou no jornal impresso.

Entretanto, não existe uma iniciativa para que em toda a edição sejam publicadas matérias, fotografias ou críticas produzidas pelas crianças. Dessa forma, o Joca ainda pode ser considerado muito mais como um jornal PARA crianças do que, equilibradamente, um jornal PARA crianças e PELAS crianças, conforme a definição de Ferreira (2007). Mesmo sem grande participação dos leitores na construção das edições, atesta-se que o Joca auxilia os leitores na compreensão do papel do jornalismo no mundo contemporâneo. O conteúdo jornalístico do Joca ultrapassa as linhas editoriais de apenas passatempos e curiosidades, e proporciona aos leitores matérias mais aprofundadas sobre as principais notícias do Brasil e do mundo, seguindo uma linha editorial dos “jornais para adultos”, com pautas ancoradas no protagonismo infantojuvenil no mundo, curiosidades, sugestões de leitura, novas descobertas da ciência, pesquisas e lançamentos de tecnologia e finanças para “construir” o futuro.

A hipótese B considera que o conteúdo jornalístico do Joca traça padrões para uma parcela da infância contemporânea que deseja atingir: um modelo de criança bem cuidada. A hipótese foi comprovada porque foi possível perceber que o jornal apresenta conteúdos para crianças que vão à escola, têm um amplo apoio pedagógico, são cuidadas e encorajadas pelas famílias a ter um protagonismo desde pequenas. Também seriam crianças com acesso à internet em casa e nas escolas e que são conectadas aos principais acontecimentos do Brasil e do mundo.

As outras realidades infantis não são exploradas nas páginas do Joca. O lado social das facetas extremas da infância, com meninos e meninas na rua, pedindo esmola, sendo explorados no trabalho, sem tempo para estudar ou brincar não tem espaço no jornal. Essa hipótese foi corroborada a partir dos seguintes objetivos

específicos: conceituar infância e abarcar os modelos de infância presentes no mundo contemporâneo; delinear os processos de desenvolvimento biológico das crianças; definir a jornada da infância quanto à sociabilidade; analisar as escolhas do conteúdo jornalístico do jornal Joca e como elas auxiliam para a construção do modelo de infância que se deseja atingir, aspectos estudados no capítulo 2, que faz um resgate histórico sobre como a infância foi vista ao longo da história da humanidade até a contemporaneidade, principalmente a partir de Ariès (1981) e Jean-Jaques Rousseau (1712-1778).

As múltiplas facetas da infância na sociedade contemporânea e os mitos da infância “ideal” foram trazidos no capítulo 2 e proporcionaram um entedimento sobre o convívio da sociedade com infâncias muito diferentes ao longo do tempo. A análise das escolhas do conteúdo jornalístico do Joca foi abordada no capítulo 3, com base nas definições sobre a ética no jornalismo e o papel do jornalista e na aplicação dos valores-notícias, além das entrevistas realizadas com a editora-chefe do Joca, Maria Carolina Cristianini e com a diretora educacional do jornal, Mônica S. Gouvêa.

A hipótese C levanta a questão de que as informações jornalísticas aliadas aos materiais de apoio para os professores, ambos produzidos pelo Joca, contribuem para a formação educacional do público infantil. A hipótese foi comprovada porque a partir da leitura do jornal, com o apoio do professores em sala de aula, a criança pode passar a ser, também, uma leitora do mundo. É válido ressaltar que a escola é parte fundamental no processo de formação do público infantil.

Com o auxílio dos professores, das dinâmicas em sala de aula, do convívio com outras crianças que gera discussões sobre os assuntos que estão em pauta no jornal é possível aflorar a consciência cidadã nos meninos e meninas. O Joca ainda oferece atividades para as escolas assinantes baseadas em notícias publicadas a cada edição do jornal, sendo sempre possível trazer novidades para as crianças durante as aulas e deixá-las a par do que acontece no Brasil e no mundo, de maneira didática. O Joca também se inclui como um recurso pedagógico, baseado nos princípios da educomunicação, ou seja, de educar por meio da mídia e trabalhar a mídia utilizando-a como contraponto ao “saber oficial escolar”.

Os objetivos gerais que auxiliaram na comprovação da hipótese C incluem a caracterização da contemporaneidade quanto ao binômio jornalismo-educação; apresentação da importância da educação para o processo formativo do ser humano; conceituar educomunicação e analisar seu impacto para a compreensão do

jornalismo, a partir da realidade das crianças; indicar as características do modelo educacional para crianças no mundo contemporâneo e digital; analisar o papel do jornalista como educador, explicando como a sua produção influencia a compreensão das informações por parte das crianças; identificar aspectos do jornalismo que servem como recurso didático para crianças.

Todos os objetivos citados foram trabalhados no capítulo 4, que trouxe os conceitos de educação na infância pela visão de diferentes autores, com ênfase na evolução da educação até a contemporaneidade, em que o mundo digital se insere na rotina das crianças. Com base nos estudos desse capítulo, também foi possível abordar a história, o significado e os processos e princípios da educomunicação. Refletiu-se sobre a aproximação da educação com a comunicação, uma ação que exige uma nova elaboração dos modelos pedagógicos, que podem ser baseados nos princípios gerais da ação educacional. Ainda nesse capítulo, foi possível discutir e entender que o jornalista não pode fugir ao desafio de cuidar da educação, pois ela também é um desafio comunicacional. Dessa forma, o jornalista, por muitas vezes, assume o papel de educador na sociedade brasileira.

A hipótese D é de que a linguagem e os elementos jornalísticos do Joca são voltados à objetividade e à contextualização da pauta sem utilizar recursos e características do jornalismo literário. A hipótese foi comprovada. Levando em consideração a linguagem analisada nas edições selecionadas para a metodologia, pode-se perceber que não existe o uso de elementos resgatados da literatura nas matérias do jornal, como o apuro na linguagem e na estética do texto, através de uma prática que privilegia a observação sensível dos fatos e a sua descrição pormenorizada. A opção por não utilizar elementos do jornalismo literário no veículo foi confirmada por Cristianini (2021), em entrevista à pesquisadora. Além disso, o jornal tem cuidado em não infantilizar a linguagem em nenhum momento, independentemente da pauta que é trabalhada.

Também foram objetivos específicos deste trabalho e auxiliaram na comprovação da hipótese D: abranger o jornalismo, especializado no público infantil; conceituar jornalismo literário e suas características de linguagem; delinear os elementos do texto que comprovam o uso da objetividade jornalística; determinar como o Joca faz a contextualização das matérias jornalísticas para o público infantil. Esses conceitos foram apresentados nos capítulos 3 e 5. Pode-se dizer que eles também foram atingidos nas entrevistas em profundidade com a editora-chefe e a

diretora educacional do Joca, pois elas informaram como são feitas as escolhas de pautas e afirmaram que o jornal é focado na objetividade e contextualização das notícias.

Quanto ao objetivo geral, que é conceituar e caracterizar a infância contemporânea e a forma como ela é retratada a partir da seleção e da apresentação dos conteúdos jornalísticos que compõem as edições estudadas do Jornal Joca, pode-se afirmar que ele foi atingido. A partir da leitura do jornal apreende-se que as crianças contemporâneas possuem atributos, comportamentos e interesses que seriam habituais de todos os meninos e meninas. Na atualidade, a infância é vista como uma etapa essencial para a constituição humana, com espaço na esfera pública, a partir dos seus direitos conquistados. Porém, é válido destacar, infelizmente, que nem todos os direitos são garantidos às crianças.

É importante reconhecer que algumas crianças não vivem uma infância saudável, com direito à educação, à alimentação adequada, ao lazer, ao cuidado dos responsáveis, ao carinho e à atenção. Muitas delas, mesmo as que tem “mais” direitos garantidos sentem angústia, medo, tristeza e precisam ter espaço no jornalismo infantil. Como ser favorável aos direitos das crianças e dos adolescentes ao excluir as múltiplas infâncias? É fundamental que os produtos do jornalismo infantil que já existem e os que ainda irão existir, busquem explorar as diferentes realidades do público infantojuvenil de forma a dar protagonismo a eles também.

Entretanto, esse protagonismo não pode ser visto apenas nos atos de superação, quando o adulto, que foi uma criança pobre, por exemplo, atinge níveis “altos”, econômica e socialmente falando, no mundo corporativo. O viver dos dias, apesar das dificuldades, é a excelência da vida, e isso precisa ser mostrado às crianças. Os meninos e meninas mais vulneráveis também merecem ter suas vozes escutadas e suas realidades expostas com respeito. Essas infâncias também fazem parte do Brasil.

A promoção da cidadania dos leitores, algo tão caro para o Joca, pode ser desenvolvida por meio da empatia, a partir do conhecimento de diferentes realidades e encontros entre as infâncias que são vividas de maneiras tão diversas. Além disso, é interessante que as crianças conheçam o protagonismo infantil em várias regiões do país, assim será proporcionada a elas uma aproximação com a diversidade cultural brasileira. Como cita Bucci (2000, p.49), o “[...] efeito político do bom jornalismo é o fortalecimento da democracia: esta é a sua causa nobre. Por isso o jornalismo é, ou

deve ser, ou deve-se esperar que seja, um fator de educação permanente do público”.

Como futura jornalista, a pesquisadora considera que é fundamental escutar as crianças para qualquer material jornalístico que será feito para elas ou para tratar de assuntos relativos a elas. Nesse mundo “adultocêntrico”, em que os adultos são vistos como detentores da capacidade de decisão, as crianças, muitas vezes, são ignoradas nas reportagens. Os jornalistas normalmente escutam os responsáveis pela criança – os pais, os avós, os professores – como se elas não fossem capazes de opinar sobre o que ocorre no mundo ou na sua vida privada. Por isso, a pesquisadora acredita ter sido indispensável realizar o Estudo de Recepção, por meio da técnica do Grupo Focal, para conseguir escutar as opiniões e percepções das crianças sobre o conteúdo explorado pelo Joca.

Por fim, refletiu-se que o jornalismo deve ser feito com muita escuta e pesquisa com o público que irá consumir as notícias do veículo. Por esse motivo, os cursos de Jornalismo não devem ignorar o debate sobre os veículos especializados para as crianças e sobre a importância de ouvir as experiências delas para a construção das reportagens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.

BAHIA, Juarez. **Jornalismo, informação, comunicação**. São Paulo: Martins, [19--].

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Marcos Cezar de Freitas; Kuhlmann, Moysés Jr. **Os Intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial**. Lisboa: Dom Quixote, 2009.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2013.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ROSSI, Clóvis. **Vale a pena ser jornalista?**. São Paulo: Moderna, 1986.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIEIRA, Geraldinho. **Complexo de Clark Kent**: são super-homens os jornalistas? São Paulo: Summus, 1991. (Novas buscas em comunicação ; v. 41).

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

E-books

BASTOS, Fábio. Jornalismo Literário. In: PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre Jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.

CAMPOS, Flávio Rodrigues. Inovação ou renovação educacional? Dilemas, controvérsias e o futuro da escolarização. In: CAMPOS, Flávio Rodrigues; BLIKSTEIN, Paulo (org). **Inovações radicais na educação brasileira**. Porto Alegre: Penso, 2019.

CÓRDOVA, Silvana Peixoto; SILVEIRA, Denise Tolfo Silveira. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, SP: Atlas, 2011.

GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa de. Aspectos teóricos e conceituais. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas, 2019.

GOUVÊA, Tathyana. O movimento brasileiro de renovação educacional. In: CAMPOS, Flávio Rodrigues; BLIKSTEIN, Paulo (org). **Inovações radicais na educação brasileira** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2019.

LESSA, Marcos; BARBOSA, Felipe. Jornalismo Político. In: PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre Jornalismo**. 2012.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Atlas, 2021.

MELO, José Marques de. Metodologia da Pesquisa em Comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo, SP: Atlas, 2011.

RABAÇA, Carlos Alberto; Barbosa, Gustavo Guimarães. **Dicionário essencial da comunicação**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

WINTER, Othon Cabo; PRADO, Antonio Fernando Bertachini de Almeida. **A Conquista do Espaço: do Sputnik à Missão Centenário**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2007.

Artigos, Dissertações e Teses em meio eletrônico

ABIAHY, Ana Carolina de Araújo. **O jornalismo especializado na sociedade da informação**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2005. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/abiahya-ana-jornalismo-especializado.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2021.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. **A mídia dos jovens – 10ª edição**. 2002. Disponível em: < A Mídia dos Jovens - 10ª edição | ANDI - Comunicação e Direitos >. Acesso: 25 set. 2021.

ALBA, Tainara. **Performance telejornalística: um estudo sobre as experiências de Glória Maria no globo repórter**. 2018. 319 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Jornalismo) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2018. Disponível em: < <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/5456>>. Acesso em: 20 ago. 2021.

AQUINO, Estela M. L. et al. Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/pt/#>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BACKES, Dirce Stein; COLOMÉ, Juliana Silveira; ERDMANN, Rolf Herdmann; LUNARDI, Valéria Lerch. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista O Mundo da Saúde**. São Paulo, SP, 2011. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. Porto Alegre, RS: **Educação e Realidade**, 2010. Disponível em: <

<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13077/10270> >. Acesso em: 9 set. 2021.

BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Que infância é esta? Rio de Janeiro, RJ: **23ª reunião anual da Anped**, 2005. Disponível em:

<<https://www.anped.org.br/biblioteca/item/que-infancia-e-esta>> . Acesso em: 11 ago. 2021.

CALAZANS, Janaina de Holanda Costa; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues. Sociabilidades virtuais: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais *online*. Ouro Preto, MG: **9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP**, 2013. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/sociabilidades-virtuais-do-nascimento-da-internet-a-popularizacao-dos-sites-de-redes-sociais-online> >. Acesso em: 28 ago. 2021.

COGGIOLA, OSVALDO. Novamente, a Revolução Francesa. São Paulo, SP: **Projeto História**, 2013. Disponível em: <

<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17137/14208> >. Acesso em: 19 abr. 2021.

DIAS, Silvia Lucia de Almeida *et al.* Estatuto da Criança e do Adolescente: aprendendo cidadania. Brasília, DF: **Inclusão Social**, 2007. Disponível em: < file:///C:/Users/Leticia/Downloads/1606-Texto%20do%20artigo-2306-1-10-20160324.pdf >. Acesso em: 14 ago. 2021.

DORETTO, Juliana. A participação das crianças no jornalismo infantojuvenil português e brasileiro. Porto Alegre, RS: **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, 2018. Disponível em: <

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27327> >. Acesso: 25 set. 2021.

DORETTO, Juliana. Jornalismo para a infância: uma proposta de definição. **Revista Ciberlegenda**. n. 30 (2014): Relação Brasil Portugal. Rio de Janeiro, 2014.

Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36955> >. Acesso em: 17 jul. 2021.

FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. Crianças na era digital: desafios da comunicação e da educação. Sorocada, SP: **REU**, 2010. Disponível em: < <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/464/465> >. Acesso em: 9 set. 2021.

FERREIRA, Mayra Fernanda. Jornalismo infantil: por uma prática educativa.

Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: 2007. Disponível em: <

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0769-1.pdf> >. Acesso em: 25 set. 2021.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. São Paulo, SP: **Revista Brasileira de História**, 2004 Disponível em:

<<https://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2021.

FÍGARO, Roseli. Estudos de recepção para a crítica da comunicação. São Paulo, SP: **Comunicação e Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP 2000. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36895/0>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

FROTA, Ana Maria Monte Coelho. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. Rio de Janeiro, RJ: **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 7, núm. 1, abril, pp. 147-160, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v7n1/v7n1a13.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

FURTADO, Thaís Helena. **O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista *Recreio***. Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77014/000894478.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso: 25 set. 2021.

GRANDINO, Patrícia Junqueira. **Estatuto da Criança e do Adolescente: o sentido da Lei para as relações intergeracionais**. 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/12_junqueira.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2021.

GRUMICHÉ, Mônica Cristina Dutra. **Da ideia de Infância em Jean-Jacques Rousseau ou Do "Sono da Razão"** [dissertação]. Florianópolis, SC, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100465>>. Acesso em: 06 ago. 2021.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Estratégias metodológicas da pesquisa de recepção. **INTERCOM – Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. XVI, n.2, jul/dez, 1993. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/823/730>> . Acesso em: 21 ago. 2021.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes. Pesquisas de recepção e educação para os meios. **Comunicação & Educação**. São Paulo: CCA-ECA-USP; Moderna, n. 6, maio/ago., 1996. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36242/38962>>. Acesso em: 21 ago. 2021.

MOREIRA, LMA. Desenvolvimento e crescimento humano: da concepção à puberdade. In: Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual. Salvador: **EDUFBA**, 2011. Bahia de todos collection. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/7z56d/pdf/moreira-9788523211578-11.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

NEGRINI, Michele; AUGUSTI, Alexandre Rossato. **O legado de Guy Debord: reflexões sobre o espetáculo a partir de sua obra**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/negrini-augusti-2013-legado-guy-debord.pdf>> . Acesso em: 28 maio 2021.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. A natureza do furo de reportagem: de perspectiva histórica para uma construção teórica. Goiânia, GO:

Comunicação&Informação, 2014. Disponível em:
<https://brapci.inf.br/_repositorio/2017/07/pdf_e46187bd42_0000014738.pdf >.
Acesso em: 19 set. 2021.

RASERÂ, Marcella. **Convergência Jornalística**: uma proposta de definição do tema. 2010. Disponível em:
<<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/r20-1377-1.pdf> >.
Acesso em: 28 ago. 2021.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. Taylorismo, fordismo e toyotismo. São Paulo, SP: **Lutas Sociais**, 2015. Disponível em: <
<https://revistas.pucsp.br/lis/article/viewFile/26678/pdf> >. Acesso em: 28 ago. 2021.

ROCHA, Eloisa Acides Candal. Crianças e infâncias: uma categoria social em debate. Florianópolis, SC: **Zero-a-Seis**, 2004. Disponível em: <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/10152/9388> >. Acesso em 05 ago. 2021.

ROSEMBERG, Fúlvia; MARIANO; Carmem Lúcia Sussel. A Convenção Internacional sobre os Direitos das Crianças: debates e tensões. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, set./dez. 2010. Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/cp/a/gvh6jf9BxZFWyZzcbSDWpzk/?format=pdf>>. Acesso em: 13 ago. 2021.

SALGADO, Raquel Gonçalves; et al. “TUDO JUNTO E MISTURADO?”: a infância contemporânea no diálogo entre crianças e adultos. Rio de Janeiro, RJ: **Revista Teias** v. 14, n. 31, maio/ago, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/24327>>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SALLES, Leila Maria Ferreira. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea**: alguns apontamentos. 2005. Disponível em: <
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000100005&script=sci_abstract&tlng=pt >. Acesso em: 11 ago. 2021.

SARTORI, Ademilde Silveira. Inter-relações entre comunicação e educação: a Educomunicação e a gestão dos fluxos comunicacionais na educação à distância. **UNl revista** - Vol. 1, nº 3: julho 2006. Disponível em: <
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2148-1.pdf> >. Acesso em: 15 set. 2021.

SCODELLER, Ettore Miranda. **Um estudo das vitórias e derrota de Aníbal Barca na Segunda Guerra Púnica**. 2021.. 19f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/28318/1/2021_EttoreMirandaScodeller_tcc.pdf. Acesso em: 25 out. 2021.

SILVA, Rafael Pereira. A influência tecnológica sobre a prática jornalística. Ouro Preto, MG: **9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP**, 2013. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt->

historia-do-jornalismo/a-influencia-tecnologica-sobre-a-pratica-jornalistica> Acesso em: 28 ago. 2021.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. O jornalismo especializado e a especialização periodística. **Estudos em Comunicação** nº5, 2009. Disponível em: < ec.ubi.pt/ec/05/pdf/06-tavares-acontecimento.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **A especialização jornalística como teoria e objeto**: contornos e limites. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Leticia/Downloads/Dialnet-AEspecializacaoJornalisticaComoTeoriaEObjeto-3934932.pdf >. Acesso: 22 set.2021.

Sites

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 15 set. 2021.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf> > Acesso em: 14 ago.2021.

BRASIL. **Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979**. Institui o Código de Menores. Brasília, DF: Presidência da República, 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6697.htm.> Acesso em: 14 ago. 2021.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/ptbr/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf> >. Acesso em: 05 ago. 2021.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: < https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf >. Acesso: 20 ago. 2021.

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Por que a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança é importante?** Descubra 5 informações fundamentais. Fundação Abrinq. São Paulo, 19 nov. 2019. Notícias. Disponível em: < <https://www.fadc.org.br/noticias/por-que-a-convencao-internacional-sobre-os-direitos-da-crianca-e-importante> > Acesso em: 13 ago. 2021.

GOOGLE PLAY. **Ajuda do Google Play**. Disponível em: <<https://support.google.com/googleplay/community?hl=pt-BR>>. Acesso em: 25 out. 2021.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019**. Brasil, 2020. Disponível em: < <https://educa.ibge.gov.br/> >. Acesso em: 17 jul. 2021.

JORNAL JOCA. **Quem somos**. Disponível em: <<https://www.jornaljoca.com.br/quem-somos/>>. Acesso: 02 out. 2021.

JORNAL JOCA. **Maria Carolina Cristianini**. Disponível em: <https://www.jornaljoca.com.br/jc_membro/maria-carolina-cristianini/>. Acesso em: 30 out. 2021.

JORNAL JOCA. **Mônica S. Gouvêa**. Disponível em: < https://www.jornaljoca.com.br/jc_membro/monica-s-gouvea/ >. Acesso em: 30 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos das Crianças**. 1990. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca> > Acesso em: 25 set.2021.

PROJETO NOSSA MÍDIA. **Cartilha de Educomunicação. Universidade Federal do Paraná**. Disponível em: <<https://projetonossamidia.wordpress.com/2011/04/11/cartilhas-de-educomunicacao/>>. Acesso em: 15 set. 2021.

UNICEF Brasil; CENPEC Educação. **O cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um Alerta sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação**. Brasil, 2021. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf> >. Acesso em: 06 set. 2021.

Entrevistas

CRISTIANINI, Maria Carolina. Entrevista concedida à pesquisadora deste Trabalho de Conclusão de Curso em 19 de outubro de 2021.

GOUVÊA, Mônica S. Entrevista concedida à pesquisadora deste Trabalho de Conclusão de Curso em 28 de outubro de 2021.

APÊNDICE A - PROJETO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

LETÍCIA RODRIGUES KRELING

**EXPLICANDO O MUNDO PARA AS CRIANÇAS: O RETRATO DA INFÂNCIA
CONTEMPORÂNEA NO JORNAL JOCA**

Caxias do Sul

2021

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
ÁREA DO CONHECIMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO**

LETÍCIA RODRIGUES KRELING

**EXPLICANDO O MUNDO PARA AS CRIANÇAS: O RETRATO DA INFÂNCIA
CONTEMPORÂNEA NO JORNAL JOCA**

**Projeto de TCC apresentado como
requisito para aprovação na
disciplina de Trabalho de Conclusão
de Curso I.**

**Orientador(a): Ma. Marliva Vanti
Gonçalves**

Caxias do Sul

2021

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	04
2 TEMA	29
3 JUSTIFICATIVA.....	30
4 QUESTÃO NORTEADORA	33
5. HIPÓTESES.....	34
6. OBJETIVOS.....	35
6.1 OBJETIVO GERAL	35
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	35
7. METODOLOGIA	37
8. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	45
9. ROTEIRO DOS CAPÍTULOS.....	47
10. CRONOGRAMA	48
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

A *Declaração Universal dos Direitos Humanos*⁸⁹ (1948, p. 2) proclama, no seu artigo 1º, que “todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade”. Tendo isso em vista, a criança, desde o seu nascimento, é um cidadão e deve ter seus direitos garantidos.

Segundo o Estado brasileiro, por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁹⁰, considera-se criança a pessoa até 12 anos de idade incompletos, e adolescente entre 12 e 18 anos de idade. Para este Trabalho de Conclusão de Curso, foi estabelecido para o estudo apenas o público infantil, ou seja, crianças até os 12 anos de idade.

No livro *A criança em desenvolvimento*, das autoras Denise Boyd e Hellen Bee (2011),⁹¹ que são base para o entendimento do desenvolvimento infantil, é feito um apanhado dos principais estudiosos para compreender a infância e suas particularidades. Entre os estudiosos estão: Jean-Jaques Rosseau, John Locke, G. Stanley Hall, John B. Watson, Mary Cover Jones e Lev Vygotsky, que serão trazidos ao longo do texto.

Segundo as autoras, para Rousseau, a interação de forças internas e externas existe, mas, naturalmente, os seres humanos nascem bons e, ao longo da existência, procuram experiências que os ajudem a crescer, o que vai ao encontro da Declaração dos Direitos Humanos.

As experiências, mencionadas por Rousseau, nada mais são do que os relacionamentos advindos das interrelações entre a educação, o trabalho, a cultura e o lazer, que as crianças já vivenciam desde o nascimento.

⁸⁹ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948, p.2. Disponível em: < <https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/por.pdf> > Acesso em: 15 abri. 2021.

⁹⁰ BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/ptbr/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf> > Acesso em: 17 abr. 2021.

⁹¹ BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. 12 ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788536325279/cfi/1!/4/2@100:0.00> > Acesso em: 15 abr. 2021.

Resultados evolutivos “bons”, como uma disposição a compartilhar suas posses com outros menos afortunados, resultavam de crescer em um ambiente que não interferiu na expressão da criança de suas próprias características inatas. Em contraste, “maus” resultados, como comportamento agressivo, eram aprendidos de outros ou surgiam quando uma criança experimentava frustração em suas tentativas de seguir os preceitos da bondade inata com a qual ele nasceu (BEE; BOYD, 2011, p.27, grifos do autor).

Os filósofos da linha de pensamento empírica contradizem Rousseau, de acordo as autoras. Para os empíricos, todo o conhecimento é construído pela experiência. Dessa forma, o desenvolvimento da criança é o resultado de fatores externos e ambientais que agem sobre o ser.

Um dos primeiros pesquisadores da infância, G. Stanley Hall, teorizava que os marcos da infância eram ditados por um plano de desenvolvimento inato, no qual os filósofos desenvolvimentistas identificam normas e idades médias em que esses marcos acontecem. De acordo com Bee e Boyd (2011), Hall acreditava que o desenvolvimento estava ligado, principalmente, ao lado da natureza.

Entretanto, na ótica de John B. Watson e Mary Cover Jones, psicológicos behavioristas, não existe um plano de desenvolvimento inato, como os desenvolvimentistas acreditam. Segundo Bee e Boyd (2011), para os behavioristas, as crianças conseguem ser treinadas para fazer qualquer coisa, através da manipulação do ambiente no qual elas estão inseridas.

Deem-me uma dúzia de bebês saudáveis, bem formados, e meu próprio mundo especificado para criá-los e garanto pegar qualquer um aleatoriamente e treiná-lo para se tornar qualquer tipo de especialista que eu poderia escolher – médico, advogado, comerciante, chefe e, sim, até mendigo e ladrão, independentemente de seus talentos, inclinações, capacidades, vocações e a raça de seus ancestrais (WATSON, 1930, apud BEE; BOYD, 2011, p.27).

Contudo, de acordo com as autoras, a maioria dos psicólogos do desenvolvimento contemporâneos compartilham a ideia de que cada característica do desenvolvimento infantil é produto de um padrão de interação de natureza-criação. Dessa forma, o padrão maturacional é determinado por três qualidades.

Ele é universal, aparecendo em todas as crianças por meio de fronteiras culturais; é sequencial, envolvendo algum padrão de habilidade ou características em expansão; é relativamente impermeável à influência ambiental (BEE, BOYD, 2011, p. 29).

As autoras também trazem as teorias cognitivo-desenvolvimentais para falar sobre o desenvolvimento infantil. Segundo elas, essas teorias enfatizam as ações das crianças nos ambientes e apontam que as modificações relacionadas à idade quanto ao raciocínio antecedem e explicam as mudanças em outras áreas.

O psicólogo russo Lev Vygotsky, pertencente ao campo cognitivo-desenvolvimental, defendia que as novas habilidades cognitivas das crianças são guiadas por um adulto, que modela e estrutura a aprendizagem infantil. A partir disso, Vygotsky acreditava que o processo interativo se baseava no tipo de linguagem que o adulto utiliza para estruturar a tarefa que a criança deve experimentar, que serve como base para as tentativas posteriores da criança em desempenhar as tarefas sozinha.

Como pode-se perceber, as crianças passam por diversos processos de desenvolvimento biológico e comportamental ao longo de sua infância. Além dos citados, a parte de sociabilidade é um fator que influencia, diretamente, as experiências das crianças em diversos tempos e espaços com os quais convive. Com isso, é fundamental também fazer uma reflexão. A infância não é uma só, as crianças não vivem a infância de forma homogênea em todos os lugares do mundo. Os aspectos sociais, culturais, alimentares e econômicos são diversos, até mesmo, em uma mesma vizinhança.

No artigo *Crianças e infâncias: uma categoria social em debate*⁹², a autora Eloisa Acires Candal Rocha corrobora com a ideia de que a infância possui diversas facetas e que, como categoria social, sofre mudanças quanto à inserção da criança no meio social. “Este processo resulta em permanentes transformações também no âmbito conceitual e das ideias que a sociedade constrói acerca da responsabilidade sobre a construção dos novos sujeitos” (ROCHA, 2002).

A autora ainda aborda o mito da infância feliz. Segundo ela, o lado social da infância possui facetas extremas, no momento em que a criança convive com o

⁹² ROCHA, Eloisa Acides Candal. **Crianças e infâncias: uma categoria social em debate**. Florianópolis, SC: Zero-a-Seis, 2004. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/10152/9388> >. Acesso em 16 abr. 2021.

abandono, maus tratos, violências, etc., o que tira da sociedade o sonhado mundo infantil homogêneo e o transforma na “caricatura perversa do próprio mundo adulto” (CALLIGARIS, 1994 apud ROCHA, 2002, p. 3).

Nesse sentido, com sociedades diferentes, o resultado que se alcança é o convívio com infâncias, também, diferentes entre si. Infâncias cuidadas, abandonadas, violentadas ou educadas e que, muitas vezes, compartilham do mundo adulto, resultando em infâncias “vivas por crianças que têm um pleno reconhecimento dos seus direitos e por aquelas que não têm nenhum destes mesmos direitos garantidos” (ROCHA, 2002).

Durante séculos, as crianças foram ignoradas devido à sua fragilidade e dependência. A partir do século XX, a criança passou a ter lugar nas leis e códigos do mundo. A *Convenção sobre os Direitos da Criança*⁹³ é o instrumento de direitos humanos mais aceito na história. O documento foi aprovado na Resolução 44/25, da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989 e ratificado por 196 países, incluindo o Brasil.

Composta por 54 artigos, a Convenção, de acordo com a Fundação Abrinq (2019)⁹⁴ estabelece direitos culturais, sociais, econômicos, civis e políticos para todas as crianças, possibilitando o direito à sobrevivência digna, ao futuro, à dignidade, ao respeito e outros. O documento ainda determina as responsabilidades da família, do Estado e da sociedade perante a infância.

Na segunda metade do século XX, diversos países da América Latina, incluindo o Brasil, viveram épocas de golpes políticos e/ou ditaduras militares, o que levou ao não avanço dos direitos humanos nesses países. Após o período da ditadura militar⁹⁵ no Brasil, os movimentos sociais e populares se fortaleceram e auxiliaram para a retomada da democracia. O Brasil, em meados dos anos 1980, elaborou uma nova Constituição, que pretendia assegurar os direitos individuais de todos os cidadãos.

⁹³ ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Convenção sobre os Direitos das Crianças**. 1990. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca> > Acesso em: 16 abr.2021.

⁹⁴ FUNDAÇÃO ABRINQ. Por que a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança é importante? Descubra 5 informações fundamentais. **Fundação Abrinq**. São Paulo, 19 nov. 2019. Notícias. Disponível em: < <https://www.fadc.org.br/noticias/por-que-a-convencao-internacional-sobre-os-direitos-da-crianca-e-importante> > Acesso em: 16 abr. 2021.

⁹⁵ A Ditadura Militar no Brasil compreende o período de 1964 a 1985. O regime foi instaurado no país por meio de um golpe organizado por meios militares e civis. O golpe visou à derrubada do então presidente João Goulart e deu início ao período de 21 anos marcado pelo autoritarismo e pela censura da imprensa realizada pelo Estado. Encerrou-se em 1985, quando Tancredo Neves foi eleito presidente do Brasil. Fonte: FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. São Paulo, SP: Revista Brasileira de História, 2004 Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a03v2447.pdf> >. Acesso em: 16 abr. 2021.

Ainda no século XX, havia uma legislação dirigida à infância e à juventude, o Código de Menores⁹⁶, sancionada em 1927. Esse conjunto de leis preocupava-se com apenas uma parcela da população infantojuvenil; normalmente, a população das camadas mais desfavorecidas do país. O sentido do código era disciplinar condutas, estabelecendo preocupação com a criminalidade juvenil.

O Código de Menores, após a promulgação da Constituição Cidadã, em 1988, tornou-se insuficiente frente à nova realidade do país. Nesse sentido, a partir da retomada da democracia no Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁹⁷ foi instituído como lei federal nº 8.069, em 13 de julho de 1990. Para Grandino (2007, p.4)⁹⁸, a criação do ECA vem para o reconhecimento das especificidades dessa faixa etária e a “[...] compreensão daquilo que é necessário para garantir o desenvolvimento pleno e digno a todas as crianças e adolescentes de nosso país, bem como assegurar-lhes direitos civis, que foram estendidos a todos os cidadãos brasileiros [...]”.

De acordo com Dias et al. (2007)⁹⁹, utilizando-se dos conceitos de Gomes, Caetano e Jorge (2008), o ECA é um marco nos direitos da criança e do adolescente, pois veio com o intuito de assegurar a essa parcela da população todos os direitos inerentes à pessoa humana; no Estatuto, a criança é vista como um ser humano completo.

E essa criança, no mundo contemporâneo, depende do poder público, da sociedade em geral, da comunidade e da família para assegurar a efetivação dos direitos “referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária” (ECA, artigo 4).

A criança, mesmo vista como um ser humano completo, se insere também em condições que aumentam a sua dependência frente ao adulto. Entretanto, as

⁹⁶ BRASIL. Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979. Institui o Código de Menores. Brasília, DF: Presidência da República, 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6697.htm>. Acesso em: 16 abr. 2021

⁹⁷ BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 1990. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>>. Acesso em 17 abr.2021.

⁹⁸ GRANDINO, Patrícia Junqueira. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: O sentido da Lei para as relações intergeracionais. 2007, p. 4. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/12_junqueira.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

⁹⁹ DIAS, Silvia Lucia de Almeida *et al.* **Estatuto da Criança e do Adolescente**: aprendendo cidadania. Brasília, DF: Inclusão Social, 2007. Disponível em: <<file:///C:/Users/Leticia/Downloads/1606-Texto%20do%20artigo-2306-1-10-20160324.pdf>>. Acesso em 17 abr.2021.

condições históricas, políticas e culturais são igualmente responsáveis por moldar as infâncias no mundo.

De acordo com Philippe Ariès, no livro *História Social da Criança e da Família* (1981), na velha sociedade tradicional, a duração da infância era curta, sempre reduzida ao seu período frágil. Após desenvolver certa autonomia, era misturada ao mundo dos adultos. Dessa forma, a socialização, assim como a transmissão de valores, não era controlada pela família.

Àries (1981) relata que a partir do século XVII, uma mudança alterou esse tipo de comportamento. Essa transformação aconteceu devido à importância dada à educação da criança. Com isso, a criança parou de aprender com os adultos, no dia a dia, e pôde buscar conhecimento na escola. A partir disso, a família tornou-se um lugar de afetividade almejada entre os pais e entre os pais e filhos. “[...] a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor [...]” (ARIÈS, 1981, p. 12).

Para Salles (2005), a sociedade contemporânea auxilia na construção da identidade das crianças. A cultura da contemporaneidade se caracteriza “pela existência de uma indústria da informação, de bens culturais, de lazer e de consumo onde a ênfase está no presente, na velocidade, no cotidiano, no aqui e no agora, e na busca do prazer imediato” (SALLES, 2005, p. 35)¹⁰⁰. A partir disso, a subjetividade da infância foi construída na relação consigo mesma, na relação com os outros e no tempo e espaço social específicos.

A indústria da informação, um dos produtos principais do mundo contemporâneo, passa, principalmente, pelo jornalismo. “O jornalismo reflete muito bem a aventura da modernidade. Ele é a melhor síntese do espírito moderno” (MARCONDES FILHO, 2000, p. 14).

Segundo Clóvis Rossi (2000), o jornalismo é a profissão que batalha pela conquista das mentes e corações dos leitores, espectadores e ouvintes e, atualmente, também dos internautas. Pena (2013) vai além e afirma que a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido leva o homem a querer conhecer o que existe no mundo, tornando a sua vida mais estável e segura. No entanto, para isso acontecer, os mais diversos profissionais do mundo precisam produzir e, também,

¹⁰⁰ SALLES, Leila Maria Ferreira. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea**: alguns apontamentos. 2005, p. 35. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2005000100005&script=sci_abstract&lng=pt >. Acesso em: 18 abr. 2021.

reportar as informações para a sociedade que busca o conhecimento.

As informações produzidas por cientistas, filósofos, médicos e outros profissionais passam pela imprensa para serem distribuídas ao público. Nesse crivo da imprensa, entra o mito da objetividade, importado dos padrões norte-americanos. Segundo Clóvis Rossi (1980), para obedecer a esse mito, a imprensa deveria colocar-se numa posição neutra, relatar tudo o que aconteceu em determinada situação e deixar a interpretação para os leitores. Com isso, busca-se a neutralidade do próprio jornalista. Contudo, os jornalistas carregam uma formação cultural, social e com opiniões próprias a respeito de determinados assuntos, suas subjetividades.

Alsina (2009) vai na mesma linha e explica que a maioria dos jornalistas define sua profissão a partir da objetividade. O autor ainda pontua, através da pesquisa de Phillips (1977), que os jornalistas desenvolvem atitudes e características próprias a partir do ideal da objetividade jornalística.

Ainda segundo Rossi (2000), nessa busca impossível pela neutralidade do jornalista, foi criada uma espécie de “lei” para a produção de jornalismo: ouvir os dois lados. Para o autor, essa ideia apenas existe porque parte de um pressuposto que existem dois lados opostos na mesma história.

Mas, pode-se refletir que a função jornalística se fundamenta em selecionar acontecimentos que são importantes ou interessantes, do ponto de vista do jornalismo, conhecidos como valores-notícia. Os critérios substantivos para esses valores podem ser determinados por quatro variáveis, conforme Wolf (2002): grau de nível hierárquico dos indivíduos envolvidos no acontecimento noticiável; impacto sobre a nação e sobre o interesse nacional; quantidade de pessoas que o acontecimento (de fato ou potencialmente) envolve; relevância e significatividade do acontecimento quanto à evolução futura de uma determinada situação.

Ainda de acordo com Wolf (2002), existem, também, critérios dos valores-notícia relacionados ao produto informativo. São eles: a disponibilidade (quão acessível é o acontecimento para ser tratado, tecnicamente, pelos jornalistas); a brevidade (notícias suficientemente compridas para cobrirem o essencial e suficientemente curtas para prenderem a atenção); a ideologia da notícia (aquilo que altera a rotina, as aparências normais); a atualidade dos acontecimentos (quanto mais “em cima” do momento da transmissão do noticiário, melhor) e o último é o equilíbrio (a composição equilibrada do noticiário no seu conjunto).

Alsina (2009) indica que a produção da notícia é um processo complexo,

iniciado a partir de um acontecimento. Esses acontecimentos são fenômenos sociais, determinados histórica e culturalmente. Cada um desses sistemas irá pontuar os fenômenos que merecem atenção e quais devem passar despercebidos, por meio dos valores-notícia. Alsina (2009) ainda pontua, conforme observações de Hall (1978), que “não podemos considerar tudo quanto temos em volta como algo significativo, pois não seríamos capazes de processarmos tal informação” (HALL, 1978 apud ALSINA, 2009, p.115). O autor ainda ressalta que os meios de comunicação mostram ao público não apenas os acontecimentos dos quais não podem participar, mas também, aqueles dos quais eles participam.

Entretanto, Cremilda Medina (1988) apresenta a tese de que a informação, selecionada por critérios jornalísticos, é mais um produto da sociedade urbana e industrial. Visto isso, a informação é definida como “produto de comunicação de massa, comunicação de massa como indústria cultural e indústria cultural como fenômeno da sociedade urbana e industrializada” (MEDINA, 1988, p. 16). Bahia (19-- , p.69) defende que a verdadeira concepção da notícia é que “deve-se dar ao povo a verdade que ele precisa ler”.

Para isso, vale destacar que a prática do jornalismo é de longa data, antes mesmo da sociedade urbana e industrializada de Medina. De acordo com Pena (2013), as notícias já circulavam antes mesmo da invenção da conhecida prensa de Gutenberg¹⁰¹, isto é, a máquina de impressão tipográfica inventada pelo alemão Johann Gutenberg no século XV.

Para detalhar a evolução da profissão, Marcondes Filho (2010) traça um quadro das cinco épocas distintas do jornalismo: *pré-história do jornalismo, primeiro jornalismo, segundo jornalismo, terceiro jornalismo e quarto jornalismo*.

A fase da *pré-história do jornalismo* é datada de 1631 a 1789. Na época, era realizado um jornalismo artesanal, de forma semelhante ao livro, com uma economia elementar, empreendedores isolados e com os valores jornalísticos definidos a partir de notícias mais espetaculares, como desastres, mortes, seres deformados, monarquia, entre outros. Marcondes Filho (2000, p.10) ainda fala que o jornalismo “é

¹⁰¹ Em 1455, Gutenberg compôs e imprimiu, em Mogúncia, o primeiro livro em caracteres móveis, sua famosa Bíblia de 42 linhas, toda em letras góticas, com 642 páginas. O aparecimento da imprensa de Gutenberg marca o início da utilização especial, particular, própria da escritura manuscrita, cujo caráter de instrumento de trabalho pessoal transformou-se, assumindo com a imprensa e os métodos de comunicação dela decorrentes um caráter também coletivo. A invenção da imprensa de Gutenberg foi um dos acontecimentos que mudaram a história da leitura e da circulação de ideias em escala mundial. Fonte: BAHIA, Juarez. **Jornalismo, informação, comunicação**. São Paulo, SP: Martins, 19--.

filho legítimo da Revolução Francesa¹⁰²”, isso porque a revolução, além de simbolizar a queda dos regimes monárquicos e do poder aristocrático, representava a conquista do direito à informação. Dessa forma, o conhecimento, antes reservado apenas aos sábios, passava a circular de maneira mais livre, por meio dos jornalistas e suas investigações.

O *primeiro jornalismo*, de 1789 a 1830, demonstrava uma maior profissionalização nos processos, com o surgimento da redação, separação de funções e autonomia da redação. Os agentes eram escritores, políticos, críticos e cientistas, sem a função do jornalista profissional. É o jornalismo da “iluminação”, baseado na razão, verdade e transparência, com questionamento da autoridade, crítica da política e confiança no progresso. Pode ser caracterizado como jornalismo político-literário, desenvolvido para que tivesse um fim pedagógico para a formação política da sociedade.

Já entre 1830 a 1900, tem-se o *segundo jornalismo*, que marca, verdadeiramente, o início da profissionalização dos jornalistas, assim como a chegada da imprensa de massa, o que torna o jornal uma grande empresa capitalista. A fase romântica anterior cede espaço à imprensa que precisa estar sintonizada com as exigências do capital, capaz de se autossustentar. Porém, essa “nova” imprensa com objetivo de lucro mantém as características originais do ofício: “a busca da notícia, o ‘furo’¹⁰³, o caráter de atualidade, a aparência de neutralidade, em suma, ‘o caráter libertário e independente’” (MARCONDES FILHO, 2000, p.14, grifos do autor). Com isso, criam-se as entrevistas, as enquetes, as reportagens, as manchetes, com alto investimento nas capas, logo e chamadas para, assim, vender mais jornais.

Já o *terceiro jornalismo*, de 1900 a 1960, foi marcado por uma imprensa monopolista, com grandes tiragens e com a influência da indústria publicitária, das relações públicas e do uso da fotografia. Segundo Marcondes Filho (2000), com a influência de outras áreas da comunicação, aconteceu a “descaracterização” do

¹⁰² A Revolução Francesa, que ocorreu no ano de 1789, é o evento que, segundo alguns autores, inaugura a chamada Idade Contemporânea. Os historiadores do século XIX, que fizeram a linha divisória da História, imputaram a este acontecimento o caráter de marco divisor entre a Idade Moderna e a Contemporânea, por conta da radicalização política que o caracterizou. Fonte: COGGIOLA, OSVALDO. **Novamente, a Revolução Francesa**. São Paulo, SP: Projeto História, 2013. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17137/14208> >. Acesso em: 19 abr. 2021.

¹⁰³ É a notícia em primeira mão, quando determinado veículo é o primeiro a publicar uma informação. Fonte: OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. **A natureza do furo de reportagem: de perspectiva histórica para uma construção teórica**. Goiânia, GO: Comunicação&Informação, 2014. Disponível em: < https://brapci.inf.br/_repositorio/2017/07/pdf_e46187bd42_0000014738.pdf >. Acesso em: 19 abr. 2021.

jornalismo ou, até mesmo, a “decadência”. A atividade passou, então, a não questionar tanto a política, como na *primeira fase do jornalismo*, e a falar sobre esporte, cinema, teatro, turismo, infância e feminilidades, com a inserção de promoção de produtos na própria mensagem jornalística, além da espetacularização constante. Essa “espetacularização midiática” é discutida pelo autor Guy Debord, na obra *A Sociedade do Espetáculo* (1997). O autor defende que o espetáculo está presente em toda a sociedade e que os cidadãos enxergam o mundo através das imagens transmitidas pela mídia. “[...] Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (DEBORD, 1997, p.13). Esse espetáculo, de acordo com o autor, mostra apenas “[...] o que é bom” e o que irá despertar desejos de consumo no espectador (DEBORD, 1997 apud NEGRINI; AUGUSTINI)¹⁰⁴.

Complementando Debord (1997), nesse *terceiro jornalismo* ainda existe a chamada “indústria da consciência”, um estágio da indústria cultural que tem estratégias para fazer propaganda e passá-la como notícia de interesse público. O termo foi originalmente apresentado por Hans Magnus Enzensberger (apud MARCONDES FILHO, 2000).

A “indústria da consciência” expande-se no pós-guerra e entra, de forma contundente, no jornalismo. A consequência é o início do *quarto jornalismo*, que vai de 1960 até os dias atuais. A fase pode ser definida como a da era tecnológica, com informações eletrônicas e interativas. Nessa época, os impactos visuais, a velocidade e a transparência reinam, com a mudança, inclusive, das funções do jornalista, que passa a ser visto como um prestador de serviços. “As novas tecnologias digitais introduzem a ‘imaterialidade jornalística’” (MARCONDES FILHO, 2000, p.47, grifos do autor).

Como visto nas fases do jornalismo, o trabalho jornalístico sempre foi pautado pelas inovações tecnológicas, em busca de melhorias na construção das notícias e na sua distribuição. A informatização nas redações evoluiu juntamente com o desenvolvimento da informática. A partir disso, a introdução dos computadores aos veículos de comunicação pode ser vista como um divisor de águas na prática jornalística, assim como o surgimento e o uso da Internet.

A criação e o desenvolvimento da Internet nas últimas três décadas do século

¹⁰⁴ NEGRINI, Michele; AUGUSTI, Alexandre Rossato. **O legado de Guy Debord**: reflexões sobre o espetáculo a partir de sua obra. Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/negrini-augusti-2013-legado-guy-debord.pdf> >. Acesso em: 28 maio 2021.

XX foram consequência de uma fusão de estratégia militar, cooperação científica, iniciativa tecnológica e inovação contracultural (CASTELLS, 1999). A origem da Internet se deu na Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Após o lançamento do primeiro Sputnik¹⁰⁵, no final da década de 1950, a ARPA empreendeu várias iniciativas, entre elas, a criação de um sistema invulnerável a ataques nucleares. Esse sistema tinha base na tecnologia de comunicação da troca de pacotes - que são as unidades de transferência de informação - assim, a mensagem transmitida procurava suas próprias rotas ao longo da rede.

A primeira rede de computadores chamou-se ARPANET e entrou em funcionamento em 1º de setembro de 1969, com seus primeiros “nós” em quatro universidades americanas. A rede também era aberta aos centros de pesquisa que colaboravam com o Departamento de Defesa dos EUA e os cientistas começaram a utilizá-la para comunicações pessoais. Dessa forma, em 1983, decidiu-se dividir o sistema entre ARPANET, dedicada a fins científicos, e a MILNET, para fins militares. A atual Internet se formou ao longo da década de 1980.

De acordo com Silva (2013)¹⁰⁶, o computador está presente na rotina dos jornalistas em todas as etapas do trabalho. Antigamente, pensava-se em um modelo de trabalho semelhante ao *taylorismo*¹⁰⁷, com funções para cada profissional. Atualmente, com os computadores, “[...] a responsabilidade dos repórteres aumenta e se diversifica: além de apurar bem, eles devem redigir seu texto e participar de todas

¹⁰⁵ Sputnik foi o nome do programa, desenvolvido pelos soviéticos, responsável por enviar o primeiro satélite artificial, nomeado Sputnik 1, para a órbita terrestre em 4 de outubro de 1957. Esse marco histórico é considerado o evento que iniciou a corrida espacial. Esse acontecimento foi um dos capítulos que marcou a Guerra Fria, a disputa político-ideológica travada por norte-americanos e soviéticos a partir de 1947. A área da tecnologia e da exploração espacial foi um dos campos em que os dois países disputavam a hegemonia. Fonte: WINTER, Othon Cabo; PRADO, Antonio Fernando Bertachini de Almeida. **A Conquista do Espaço: do Sputnik à Missão Centenário**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2007. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=dUWeiZCEGqMC&oi=fnd&pg=PA11&dq=sputnik&ots=bPwRyLYvqe&sig=Rg4Uuk_RKWRerQFiqVMOV0JhIm4#v=onepage&q=sputnik&f=false>. Acesso em: 26 jun. 2021.

¹⁰⁶ SILVA, Rafael Pereira. **A influência tecnológica sobre a prática jornalística**. Ouro Preto, MG: 9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP, 2013. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-influencia-tecnologica-sobre-a-pratica-jornalistica>> Acesso em: 19 abr. 2021.

¹⁰⁷ O Taylorismo é um sistema de gestão do trabalho baseado em diversas técnicas para o aproveitamento otimizado da mão de obra contratada. Foi desenvolvido no início do século XIX, a partir de estudos sobre os movimentos do homem e da máquina nos processos produtivos fabris. O Taylorismo enfatiza a eficiência operacional das tarefas realizadas, nas quais se busca extrair o melhor rendimento de cada funcionário. Fonte: RIBEIRO, Andressa de Freitas. **Taylorismo, fordismo e toyotismo**. São Paulo, SP: Lutas Sociais, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ls/article/viewFile/26678/pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

as tarefas de edição” (SILVA, 2013, p.11).

Além das responsabilidades aumentarem quanto às funções que desempenham, os jornalistas precisam se reinventar constantemente para disponibilizar ao público um fluxo de conteúdos por meio de múltiplos recursos midiáticos, que possibilitem interatividade e, conseqüentemente, despertem o interesse e a participação do público. A criação dos conteúdos multiplataforma são entendidos como os processos de convergência midiática no jornalismo.

O autor Henry Jenkins, na obra *A Cultura da Convergência* (2006), conceitua convergência como uma palavra capaz de abranger as transformações que ocorrem nas áreas tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam (JENKINS, 2006, p. 25).

Logo, segundo Raserâ (2010, p.3)¹⁰⁸, “a convergência dos meios pode ser considerada a janela de oportunidade para que a mídia tradicional se alinhe com as tecnologias do século XXI”. Assim, as empresas de mídia precisam repensar todo o seu conteúdo e a forma com que ele é entregue aos consumidores. “Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos” (JENKINS, 2006, p. 42-43).

À medida que a Internet foi se tornando mais facilmente programável pelo usuário comum, seu uso foi se diversificando e se expandindo. Calazans e Lima (2013)¹⁰⁹ explicam que em 2002 foi lançado o Friendster, o primeiro site a receber status de rede social on-line. Ele expandiu-se rapidamente, chegando a três milhões de usuários em apenas três meses. A estrutura do site se aproximava daqueles sites de namoro, mas esse não era o foco do serviço, que buscava conectar amigos através

¹⁰⁸ RASERÂ, Marcella. **Convergência Jornalística**: uma proposta de definição do tema. 2010, p.3. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/r20-1377-1.pdf> >. Acesso em: 19 abr. 2021.

¹⁰⁹ CALAZANS, Janaina de Holanda Costa; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues. **Sociabilidades virtuais**: do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais *online*. Ouro Preto, MG: 9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP, 2013. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/sociabilidades-virtuais-do-nascimento-da-internet-a-popularizacao-dos-sites-de-redes-sociais-online> >. Acesso em: 26 maio 2021.

da criação de perfis pessoais. O MySpace, favorito nos Estados Unidos, e o LinkedIn, mais voltado à construção de laços profissionais, foram criados um ano depois.

Em 2004, ocorreu uma popularização massiva desses ambientes virtuais voltados às conexões pessoais e à produção de conteúdo pessoal. A partir disso, foram criadas as redes Orkut, Flickr, Digg e Facebook – na época, restrito a membros da faculdade de Harvard. No ano seguinte, foi lançado, também, o Youtube. Em 2006, o Facebook liberou o acesso para o público geral. O ano também foi marcado pelo lançamento do Twitter, conhecido como plataforma de micro-blogging. Após essas criações, outras redes chegaram: Whatsapp (2009), Instagram (2010), Snapchat (2011), Tinder (2012), Telegram (2013) e o Tik Tok (2016).

A partir de Jenkins, no livro *A Cultura da Conexão* (2014), pode-se caracterizar as modificações que ocorrem no cenário de mídia atual, com o advento dessas redes sociais e a partir do público consumidor.

Essa mudança - de distribuição para circulação - sinaliza um movimento na direção de um modelo mais participativo de cultura, em que o público não é mais visto como simplesmente um grupo de consumidores de mensagens pré-construídas, mas como pessoas que estão moldando, compartilhando, reconfigurando e remixando conteúdos de mídia de maneiras que não poderiam ter sido imaginadas antes. E estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica (JENKINS, 2014, p. 24).

As redes sociais chegaram na Internet e ampliaram as possibilidades de distribuição e produção do jornalismo. Segundo Recuero (2009, p.2), as “redes sociais na Internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões”. As informações que estão nas redes sociais podem ser organizadas, buscadas e compartilhadas por milhões de pessoas. Essa circulação de informações também pode ser vista como a circulação de valor social, o que impacta as redes. “Neste sentido, as redes sociais, enquanto circuladoras de informações, são capazes de gerar mobilizações e conversações que podem ser de interesse jornalístico na medida em que essas discussões refletem anseios dos próprios grupos sociais” (RECUERO, 2009, p.8).

Ainda de acordo com a autora, por meio da teoria de Bruns (2005), as práticas informativas nas redes sociais podem ser classificadas como *gatematching*, que “refere-se à observação daquilo que é publicado pelos veículos noticiosos, no sentido

de identificar informações relevantes assim que publicadas” (BRUNS, 2005 apud RECUERO, 2009, p.11). Dessa forma, o *gatewatching* é capaz até de substituir o papel do *gatekeeping* no jornalismo tradicional. Para Pena (2005), *gatekeeping* é o poder de escolha entre o que vira notícia ou não nos jornais. Quem tem o poder de escolha é uma espécie de porteiro (*gatekeeper*), ou seja, o jornalista.

Nesse sentido, as redes sociais podem servir como filtros e fontes para os jornalistas e, também, como espaço para a repercussão de informações. Entretanto, nem todas as informações distribuídas nas redes têm o teor jornalístico. Isso é o que traz o diferencial e o filtro para o consumidor. “[...] as informações difundidas pelas redes sociais não precisam, necessariamente, ter um valor-notícia ou um compromisso social, como teoricamente, as jornalísticas (ou aquelas produzidas pelos veículos) precisam” (RECUERO, 2009, p.12).

O compromisso social do jornalismo também pode ser definido como o compromisso com a educação da sociedade. O jornalismo, além de informar, faz parte do processo formativo educacional do ser humano e de sua cidadania. Reza o artigo 205, da Constituição Federal de 1988¹¹⁰: "A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho".

Como citado na Constituição, a educação é um compromisso e dever de toda a sociedade e suas camadas, e para alcançar esse pleno desenvolvimento do cidadão, o sistema educacional precisa estar alinhado com as necessidades do indivíduo. Para Gouvêa (2019, p.15)¹¹¹, “[...] em educação, estamos sempre em contato com a prática. Seja ela o objeto que origina a reflexão ou o destinatário da elaboração teórica, é impossível separar teoria e prática, uma vez que educar é verbo, é ação”.

Apesar do dever da sociedade quanto à educação, nem todas as crianças estão inseridas no ambiente escolar. Nos últimos anos, o Brasil estava avançando,

¹¹⁰ BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 19 abr. 2021.

¹¹¹ GOUVÊA, Tathyana. O movimento brasileiro de renovação educacional. In: CAMPOS, Flávio Rodrigues; Blikstein, Paulo. **Inovações radicais na educação brasileira**. 2019, p.15. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788584291700/cfi/6/22!/4/2/10@0:0> >. Acesso: 19 abr. 2021.

lentamente na garantia do acesso das crianças à educação. Com a chegada da pandemia da Covid-19¹¹² no mundo, o cenário foi impactado negativamente. A pesquisa *O Cenário da Exclusão Escolar no Brasil – um Alerta sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação*¹¹³, lançado em 2021 pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) Educação mostra o panorama da exclusão escolar antes e depois do início da pandemia de coronavírus.

De acordo com a pesquisa, em 2019 estimava-se que quase 1,1 milhão de crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos estavam fora da escola. Em 2020, o percentual de estudantes de 6 a 17 anos passou para 1,5 milhão. Esse aumento aconteceu devido à suspensão das aulas presenciais, somada à dificuldade de acessos à internet e à falta de tecnologia, entre outros fatores. Entretanto, as 3,7 milhões de crianças e adolescentes da mesma faixa etária que estavam matriculados em instituições de ensino afirmaram que não tiveram acesso às atividades escolares (impresas ou digitais) e não conseguiram manter a aprendizagem em casa. Somando os dados, no total, 5,1 milhões de estudantes ficaram sem acesso à educação em 2020, o que corresponde a 13,9% dessa parcela da população em todo o Brasil.

O Brasil também conta com um Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em lei em 2014 pelo Congresso. O plano estabelece um conjunto de 20 metas e submetas para o ensino no país, a serem cumpridas entre 2015 e 2024. Uma das metas a serem atingidas é a erradicação do analfabetismo entre as crianças

¹¹² O primeiro caso do novo coronavírus foi notificado em Wuhan, na China, em 31 de dezembro de 2019. A pandemia mundial foi declarada no dia 11 de março de 2020. Até junho de 2021, o vírus provocou mais de 3,5 milhões de mortes em todo o mundo. Muitos países implementaram uma série de intervenções para reduzir a transmissão do vírus e frear a rápida evolução da pandemia. Tais medidas incluem o isolamento de casos, o incentivo à higienização das mãos, à adoção de etiqueta respiratória e ao uso de máscaras faciais caseiras; e medidas progressivas de distanciamento social, com o fechamento de escolas e universidades; a proibição de eventos de massa e de aglomerações, a restrição de viagens e transportes públicos; a conscientização da população para que permaneça em casa até a completa proibição da circulação nas ruas, exceto para a compra de alimentos e medicamentos ou a busca de assistência à saúde. Essas medidas têm sido implementadas de modo gradual e distinto nos diferentes países, com maior ou menor intensidade, e seus resultados, provavelmente, dependem de aspectos socioeconômicos, culturais, de características dos sistemas políticos e de saúde, bem como dos procedimentos operacionais na sua implementação. Fonte: AQUINO, Estela M. L. et al. **Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/csc/2020.v25suppl1/2423-2446/pt/#>>. Acesso em: 15 maio 2021.

¹¹³ UNICEF Brasil; CENPEC Educação. **O cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um Alerta sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação.** Brasil, 2021. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2021.

pequenas. O objetivo é que as crianças estejam alfabetizadas, no máximo, até o final da terceira série do ensino fundamental, por volta dos oito anos de idade. A pesquisa mais recente da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA)¹¹⁴, de 2016, apontou que apenas 45,3% das crianças nessa etapa tinham aprendizagem adequada em leitura; 66,1% em escrita e 45,5% em matemática.

Com a finalidade de permitir um ensino mais completo e de qualidade para as crianças, as classes escolares foram criadas. Essa origem é datada do século XV, com o objetivo de colocar o ensino do mestre ao nível do aluno. “Essa distinção das classes indicava, portanto, uma conscientização da particularidade da infância ou da juventude, e do sentimento de que no interior dessa infância ou dessa juventude existiam várias categorias” (ARIÈS, 1981, p. 173).

Mesmo com a conscientização das fases da infância nesse período, ainda existia uma visão que permitia as disciplinas humilhantes nas instituições escolares. Entre os séculos XV e XVI, o castigo corporal se generalizou, com o uso do chicote e a espionagem dos mestres – que sentiam-se responsáveis, moralmente, pelo comportamento dos alunos fora da sala de aula.

A preocupação em humilhar a infância com o intuito de melhorá-la foi atenuada ao longo do século XVIII com a mudança de consciência coletiva sobre essa questão. Nesse sentido, o autor fala sobre uma nova concepção de educação, que surgiu a partir do século XIX.

O relaxamento da antiga disciplina escolar correspondeu a uma nova orientação do sentimento da infância, que não mais se ligava ao sentimento de sua fraqueza e não mais reconhecia a necessidade de sua humilhação. Tratava-se agora de despertar na criança a responsabilidade do adulto, o sentido de sua dignidade. A criança era menos oposta ao adulto (embora se distinguisse bastante dele na prática) do que preparada para a vida adulta. Essa preparação não se fazia só de uma vez, brutalmente. Exigia cuidados e etapas, uma formação (ARIÈS, 1981, p. 182).

Na sociedade contemporânea, as crianças ainda devem ser disciplinadas para se tornarem adultas, visto que durante esse período, não são responsáveis juridicamente, política e emocionalmente e são dependentes dos adultos (SALLES, 2005). Essa disciplina, citada pelo autor, também passa pelas salas de aula.

¹¹⁴ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BRASIL. **Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) 2016**. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/resultados-da-ana-2016-por-estados-e-municipios-estao-disponiveis-no-painel-educacional-do-inep/21206>. Acesso em: 26 maio 2021.

Assim como a natureza, a educação está em constante transformação. Educar é um ato único, pois cada ser humano possui suas características, dificuldades e facilidades no aprendizado. Campos (2019)¹¹⁵ apresenta uma ideia de educação focada nessas características dos estudantes.

A visão centrada nos interesses dos alunos faz parte de um movimento pendular de crítica ao modelo enciclopédico, em que se menospreza o valor e a seleção dos conteúdos/conhecimentos; sendo assim, ensinar está em função dos interesses, das necessidades e dos ritmos dos alunos (CAMPOS, 2019, p.3, grifos do autor).

Esse movimento de interesse nas características do aluno, pode ser visto como uma inovação no campo da educação e foi capaz de trazer mudanças para as sociedades.

Não temos indícios de que a inovação educacional altere os alicerces da sociedade, mas é impossível que isso aconteça se a mantivermos. É isso que é relevante e intimidador ao pensarmos na inovação educacional: romper com as bases de socialização que conhecemos (GOUVÊA, 2019, p.25).¹¹⁶

Existem educadores que se tornaram referência em inovação, inspirando professores e escolas ao redor do mundo. O Patrono da Educação Brasileira, o educador e filósofo Paulo Freire, é um desses exemplos. Para Freire, o maior objetivo da educação é proporcionar meios para o autoconhecimento dos alunos. Baseado nessa ideia, o educador apresentou um método de alfabetização fundamentado na perspectiva de leitura do mundo pelo aluno e seu poder emancipatório. Sua teoria, presente até os dias atuais na Academia, fundamenta a educação como pensamento pedagógico político e libertador.

A educação precisa possibilitar ao homem o reconhecimento e a coragem para perceber sua própria realidade e, em um movimento de reflexão, transformar as suas

¹¹⁵ CAMPOS, Flávio Rodrigues. **Inovação ou renovação educacional?** Dilemas, controvérsias e o futuro da escolarização. In: CAMPOS, Flávio Rodrigues; BLIKSTEIN, Paulo (Org). **Inovações radicais na educação brasileira**. Porto Alegre: Penso, 2019. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788584291700/first> >. Acesso em: 26 maio 2021.

¹¹⁶ GOUVÊA, Tathyana. O movimento brasileiro de renovação educacional. In: CAMPOS, Flávio Rodrigues; BLIKSTEIN, Paulo (Org). **Inovações radicais na educação brasileira** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2019. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788584291700/first> >. Acesso em: 26 maio 2021.

problemáticas com força e coragem. Nesse contexto, o ser humano precisa estar em constante revisão a respeito de suas crenças e “achados”, a partir de diálogos constantes com outros cidadãos (FREIRE, 2018). De acordo com o educador, a educação nasce do diálogo.

Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. Por isso, só o diálogo comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 2018, p. 141).

A partir disso, nascem, na educação, alguns desafios do mundo contemporâneo, como as culturas digitais emergentes que afetam em especial as crianças e os jovens. A mídia digital, advinda da internet e representada via celulares, jogos de computador, televisões interativas - fazem parte do dia a dia das crianças atuais. A pergunta que se instala é: como educar as crianças nesse mundo digital? Seja como for, sempre é preciso possibilitar aos jovens criar coisas concretas, experimentar o mundo e ver o conhecimento escolar e científico fazerem parte da sua realidade.

De acordo com Buckingham (2010)¹¹⁷, diversos estudos nos Estados Unidos e no Reino Unido mostram que a maioria dos professores não conhece os benefícios educacionais da tecnologia computacional e que quando os usam, os resultados não são satisfatórios em termos de formas criativas de aprendizagem. As atividades de sala de aula que envolvem as mídias digitais podem ser consideradas, até mesmo desestimulantes, tendo em vista as complexas experiências multimídia que algumas crianças têm fora da escola.

O mundo digital também implica em um letramento digital, que equivale a capacidades necessárias para realizar operações e tarefas básicas de recuperação de informações no mundo on-line. Entretanto, Buckingham (2010, p.49) vai além desse conceito e defende a ideia de que, como acontece com a imprensa, as crianças “precisam ser capazes de avaliar e usar a informação de forma crítica se quiserem transformá-la em conhecimento”. Nesse sentido, as crianças precisam aprender a ser,

¹¹⁷ BUCKINGHAM, David. **Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização**. Porto Alegre, RS: Educação e Realidade, 2010. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13077/10270> >. Acesso: 20 abr. 2019.

também, críticas dos veículos de comunicação e devem ter interesse quanto aos conteúdos jornalísticos produzidos, com foco nas áreas sociais, políticas e econômicas.

Fantin e Rivoltella (2010)¹¹⁸ vão na mesma linha de análise e ressaltam a importância de conhecer as mídias digitais, que são as protagonistas contemporâneas da comunicação. Dessa forma, “conhecer as mídias, os seus formatos, as suas linguagens; saber utilizar educativamente/pedagogicamente na sua especificidade comunicativa, retórica, persuasiva” (FANTIN; RIVOLTELLA, 2010, p.101) são os desafios para a formação de crianças e de professores.

Nesse sentido, pode-se perceber a responsabilidade social do jornalista em relação à comunicação, às mídias e ao seu próprio trabalho exercido nos veículos; trabalho este que é consumido pelas mais diversas idades. Rossi (1980, p. 77) afirma que “o dever fundamental do jornalista não é para com seu empregador, mas para com a sociedade. É para ela e não para o patrão que o jornalista escreve”.

Eugênio Bucci (2000) complementa a ideia e abre ainda mais a questão da responsabilidade social do jornalista em realidades democráticas que têm como direito humano básico o acesso à informação.

Jornais, revistas, emissoras de rádio e televisão dedicados ao jornalismo, assim como os sites informativos na internet, nada disso deve existir com a simples finalidade de gerar empregos, fortunas e erguer os impérios da mídia; deve existir porque os cidadãos têm o direito à informação (garantido em todo o mundo democrático, sobretudo desde a Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 1948, que estabelece, no artigo 19, o direito à liberdade de opinião e expressão, que inclui a liberdade de “procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”, e garantido também no Brasil, pela Constituição Federal, artigo 5º - XIV) (BUCCI, 2000, p. 33, grifos do autor).

Jornalismo é a vigilância do poder e a prestação de informações relevantes para o público, conforme os direitos e necessidades do próprio público. Com isso, alguns princípios éticos regem a profissão, que tem como base o Código de Ética dos Jornalistas¹¹⁹, em vigor desde 1987, mas com revisão no ano de 2007. Entre os seus

¹¹⁸ FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Crianças na era digital: desafios da comunicação e da educação**. Sorocada, SP: REU, 2010. Disponível em: < <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/464/465> >. Acesso: 20 abr. 2021.

¹¹⁹ FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: < https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf >. Acesso: 20 abr. 2021.

19 artigos, encontram-se normas e condutas que o jornalista deve ter perante a sociedade, suas fontes de informação e entre os próprios jornalistas. Destacam-se, aqui, o inciso V, do artigo 7 - O jornalista não pode “usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime”, e o artigo 10, “a opinião manifestada em meios de informação deve ser exercida com responsabilidade”, que vão ao encontro da opinião de Bucci (2000, p. 185), de que “a ética ajuda o jornalista a se afastar da idolatria do consumo, e o convida ao atendimento das exigências de diversidade e pluralidade que a democracia impõe”.

Nesse sentido, pode-se refletir que o Código de Ética dos Jornalistas aponta caminhos a serem seguidos pelos profissionais para o melhor funcionamento da própria profissão no dia a dia. Assim, os jornalistas devem visitá-lo não apenas durante sua formação na universidade, mas, também, ao longo de toda a carreira para o aperfeiçoamento de suas condutas, como explica Bucci (2000, p. 203): “[...] o que é que pode ser feito, afinal, para melhorar a imprensa? Do ponto de vista ético, a resposta a essa pergunta passa por uma palavra: educação. Não mais a educação das boas maneiras, mas a educação para a cidadania”.

E a parte educacional no jornalismo é latente desde seu princípio, como já citado anteriormente por Marcondes Filho (2000) sobre as fases do jornalismo. O jornalista, por muitas vezes, precisa agir como um educador, um professor nas suas produções, como forma de ensinar o público sobre política, economia, ciência, direitos e deveres do cidadão, meio ambiente, entre outros assuntos pertinentes.

Em relação aos assuntos citados no último parágrafo, pode-se entrar em um nicho do jornalismo: o especializado, ou seja, a produção de conteúdo jornalístico específico para um público segmentado.

Entretanto, a própria formação do jornalista valoriza a aquisição de conhecimentos gerais básicos e não a especialização, como corrobora Rossi (2000, p. 70-71): “[...] a imprensa brasileira ainda não venceu a regra não escrita que o jornalista é um especialista em generalidade. Ou, em outras palavras, um sujeito que sabe pouco de muitas coisas”. Porém, a especialização dos jornalistas é importante para o mercado e para a informação chegar de maneira mais clara para o público, como também complementa Rossi (2000), que acredita que a fórmula para a boa informação jornalística de nichos deveria ser a especialização dos jornalistas e não apenas contar-se com especialistas praticando jornalismo.

Contudo, as principais características do jornalismo especializado não fogem

às regras fundamentais do jornalismo, como apontam Lessa e Barbosa (2012, p. 59)¹²⁰: “[...] é necessário ser objetivo, buscando sempre informar de maneira imparcial e precisa”. Já para Tavares (2012, p. 98)¹²¹, utilizando-se de conceitos de Pedro Orive e Concha Fagoaga, pioneiros nos estudos em jornalismo especializado na Espanha, “caberia à especialização jornalística diagnosticar os problemas da sociedade atual segundo certa área de interesse, discutindo possíveis soluções e servindo para formar nos leitores (o foco era a imprensa escrita) uma consciência crítica”.

Entre um dos gêneros do jornalismo especializado, encontra-se o jornalismo literário, que tem características que unem o texto jornalístico à narrativa literária – muitas vezes, o gênero literário é o que melhor se adapta ao jornalismo especializado. Ele cumpre a missão de informar, porém, com ganho em vocabulário, estrutura narrativa e com o aprofundamento de conteúdo. Segundo Edvaldo Pereira Lima (2004), o jornalismo impresso e a literatura sempre se aproximaram, mas essa intersecção tornou-se mais forte, principalmente, quando a imprensa ganha uma roupagem mais moderna, a partir da última metade do século XIX. O autor relata que o texto jornalístico precisou adaptar-se ao longo dos anos. “À medida que o texto jornalístico evolui da notícia para a reportagem, surge a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem” (LIMA, 2004, p. 173).

Contudo, a criação do jornalismo literário, como é conhecido atualmente, iniciou-se na década de 1960, com o movimento chamado *New Journalism*, nos Estados Unidos. O movimento foi instigado pela insatisfação dos profissionais com as regras de objetividade do texto jornalístico, que precisava obedecer a alguns critérios, e não promovia um ambiente em que o jornalista pudesse contar uma história com mais detalhamento ao seu leitor.

Na ótica do movimento, os repórteres não precisavam seguir sempre o mesmo caminho e virarem “escravos” de manuais de redação dos veículos. Seria necessário colocar-se no texto, aprender a cultivar o próprio estilo de escrita e desenvolver o lado “contador de histórias”, de maneira mais literária e com valor estético. O repórter poderia ser, inclusive, personagem.

¹²⁰ LESSA, Marcos; BARBOSA, Felipe. Jornalismo Político. In: PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre Jornalismo**. 2012, p.59. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-2171-3/cfi/72!4/4@0.00:56.0> >. Acesso: 22 abr. 2021.

¹²¹ TAVARES, Frederico de Melo Brandão. **A especialização jornalística como teoria e objeto**: contornos e limites. 2012, p.98. Disponível em: < <file:///C:/Users/Leticia/Downloads/Dialnet-AEspecializacaoJornalisticaComoTeoriaEObjeto-3934932.pdf> >. Acesso: 22 abr.2021.

Ainda de acordo com Pena (2006, p. 56), usando os conceitos do jornalista Tom Wolfe, o *New Journalism* tem quatro recursos técnicos absorvidos da literatura e que podem ser aplicados às narrativas: “reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; e registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem”. Bastos (2012, p. 189)¹²² corrobora com Pena e afirma que no jornalismo literário “o repórter precisa sentir a essência do que deseja retratar”. Esses recursos e técnicas citados podem ser encontrados nos livros de Truman Capote, Tom Wolfe, Gay Talese e Norman Mailer, os precursores do movimento nos Estados Unidos e criadores dos chamados livro-reportagens.

Entre os tipos de jornalismo especializado, pode-se destacar o jornalismo político, o econômico, o esportivo, o cultural, o de turismo, o gastronômico e, também, o que permeia esse trabalho: o jornalismo infantil. É essencial, no mundo atual, a criança saber o que está acontecendo, por meio de uma linguagem adequada, acompanhada dos recursos necessários para o entendimento de variados assuntos e suas diferentes conotações. Entretanto, para entender o jornalismo feito para crianças, é fundamental pensar em algo além de uma produção jornalística direcionada ao público infantil, mas uma produção que procura estabelecer uma relação direta e próxima com as crianças. O diferencial é que o material produzido passa pela aprovação dos pais ou professores, antes de chegar ao público destinado.

Além do conteúdo informativo, essas produções estabelecem e traçam padrões e modelos para a infância contemporânea, entregando a elas conteúdos previamente selecionados e que seriam os “ideais” para sua faixa etária e realidade (DORETTO, 2018)¹²³. Ainda na opinião da autora, esses padrões estabelecidos nas produções influenciam a percepção que a sociedade tem da infância e das próprias crianças sobre seu papel na contemporaneidade.

De acordo com Furtado (2013)¹²⁴, na atualidade, em se tratando de jornalismo

¹²² BASTOS, Fábio. Jornalismo Literário. In: PENA, Felipe. **1000 perguntas sobre Jornalismo**. 2012, p.189. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/978-85-216-2171-3/cfi/200!/4/4@0.00:22.4> >. Acesso: 22 abr. 2021.

¹²³ DORETTO, Juliana. **A participação das crianças no jornalismo infantojuvenil português e brasileiro**. Porto Alegre, RS: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, 2018. Disponível em: < <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27327> >. Acesso: 22 abr. 2021.

¹²⁴ FURTADO, Thaís Helena. **O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista *Recreio***. Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77014/000894478.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso: 23 abr. 2021.

infantil, os meios eletrônicos e digitais não são os mais lembrados. Os conteúdos produzidos para as crianças são mais relacionados com o meio impresso, por meio dos suplementos infantis encartados em grandes jornais ou as revistas infantis. Alguns exemplos são os suplementos e colunas já descontinuados: *Folhinha* (suplemento da Folha de S. Paulo, criada em 1963 e descontinuada em papel em 2016), *Estadinho* (suplemento dentro do jornal O Estado de São Paulo e publicado de 1987 a 2013), *Para o Seu Filho Ler* (coluna no jornal Zero Hora, publicada ao longo de 2006) e as revistas *Tico-Tico* (de 1905 a 1977) e *Recreio* (circulou em versão impressa em dois períodos: de 1969 a 1981 e, mais tarde, de 2000 a 2018).

Nesse sentido, o jornalismo infantil pode atuar, também, como recurso didático para as crianças do mundo contemporâneo, apesar de que, na sua natureza, os conteúdos infantis não têm como objetivo exercerem o papel exclusivo de recurso didático. Uma pesquisa realizada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI) destaca que os suplementos poderiam se tornar uma ponte da mídia com a escola, podendo abranger as necessidades e interesses das crianças. Assim, os conteúdos jornalísticos seriam produzidos, também, como um produto a serviço dos professores do público infantil. Entretanto, a pesquisa identificou que “menos de 5% dos cadernos publicam matérias, fontes bibliográficas e utilizam mapas e links que permitam ao jovem enriquecer conhecimentos” (ANDI, 2002, p. 34)¹²⁵.

Doretto (2018, p.23) corrobora com a ANDI e ressalta que o jornalismo infantil deveria oferecer uma ampla variedade de assuntos às crianças, pois, dessa forma, ofereceria “aos potenciais leitores não apenas mais materiais em diferentes áreas de atração, mas também informações mais aprofundadas e críticas sobre esses variados temas”. A pesquisa da ANDI ainda apresenta que os currículos escolares mudaram ao longo dos tempos, abrigoando também o ensino transversal. Nesse ensino, os acontecimentos do mundo, as pluralidades sociais, os sentimentos e princípios que fazem parte do cotidiano infantil transformam-se em recurso didático nas salas de aula.

Nesse contexto, abre-se espaço para empresas de mídia com foco no nicho didático. É o que ocorre, no Brasil, com o Jornal Joca, um jornal quinzenal para crianças e jovens, vendido por meio de assinaturas. Um projeto pioneiro no país,

¹²⁵ AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. *A mídia dos jovens* – 10ª edição. 2002, p.34. Disponível em: < A Mídia dos Jovens - 10ª edição | ANDI - Comunicação e Direitos >. Acesso: 23 de abril de 2021.

publicado pela editora Magia de Ler desde 2011, e inspirado nas publicações do gênero na Europa. O site do jornal ¹²⁶ afirma que a missão do Joca é “levar a escolas e famílias brasileiras recursos que deem apoio à formação de crianças e jovens do século 21, com o objetivo de colaborar para que se tornem cidadãos críticos e ativos, que lutam por seus direitos, cumprem seus deveres e terão as ferramentas necessárias para construir um futuro melhor para a sociedade”.

O texto do jornal é produzido por jornalistas profissionais e, de acordo com o site, a publicação faz o uso de uma linguagem contextualizada e adequada ao público infantil. As pautas abordam as atualidades não só do Brasil, mas, também, de todo o mundo, objetivando explicar os acontecimentos para as crianças e, conseqüentemente, auxiliando nas tarefas da escola. A periodicidade do Joca baseia-se nos meses letivos do calendário escolar, portanto, não é publicado durante as férias escolares. Porém, a edição on-line do jornal tem atualização diária.

Além dos conteúdos jornalísticos, no site também é possível baixar arquivos em PDF da edição impressa (com hiperlinks para aprofundamento do assunto), além de textos, atividades e exercícios dedicados aos pais e educadores como auxílio para o melhor aproveitamento de cada edição do jornal.

De acordo com o próprio site, o objetivo do Joca é levar informação para o público infantil e também adolescente, sem viés opinativo, com foco no leitor, seja ele jovem ou criança. A partir disso, evoca-se o tema do Trabalho de Conclusão de curso desta pesquisadora: “O jornalismo infantil e a concepção da infância contemporânea no Jornal Joca”, com a intenção de analisar a participação das crianças na construção do jornal e a forma como a infância é retratada pelo veículo, a partir das diferentes infâncias constituídas na contemporaneidade.

¹²⁶ Disponível em: < <https://www.jornaljoca.com.br/quem-somos/> >. Acesso: 23 abr. 2021.

2 TEMA

O jornalismo infantil e a concepção da infância contemporânea no Jornal Joca.

3 JUSTIFICATIVA

Por que não unir duas paixões? Por que não unir duas funções tão importantes na sociedade contemporânea em uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso? Esta foi a principal pergunta que pairou na mente da pesquisadora quando chegou o momento da escolha do tema para este trabalho. O jornalismo tão latente e veloz, cheio de vida e de histórias, feito de pessoas para pessoas. A educação, tão necessária e presente, cheia de pluralidade e trocas e, também, feita de pessoas para pessoas. O entrelaçar de ambas é pulsante.

Ao longo desse despertar para o tema - um momento importante na vida do universitário - muitas memórias foram revividas. As brincadeiras da infância desta pesquisadora que se dividiam entre representar a vida de uma editora-chefe de uma revista famosa em Nova York e os momentos como professora dos amiguinhos de rua. Em todos esses caminhos trilhados da vida, uma hora eles puderam se unir para o fluxo de uma só estrada: o presente tema deste futuro TCC.

Nos anos de universidade, alguns trabalhos possibilitaram a compreensão sobre a necessidade de preparar as crianças para aprender com senso e responsabilidade no século XXI. Um dos caminhos para isso ocorre com o entendimento do papel profissional do jornalismo e do jornalista pelas crianças, algo já assegurado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹²⁷.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2017, p. 9).

O jornalismo está presente no chamado campo jornalístico-midiático da BNCC, com práticas de linguagem, objetivos e habilidades desde o 1º ano até o 9º do ensino fundamental, além de perpassar, também, pelo ensino médio. Uma das habilidades trabalhadas logo no 1º ano do ensino fundamental é, por exemplo, ler e compreender notícias de vários gêneros jornalísticos, suas manchetes, lides, fotos e legendas,

¹²⁷ BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

sendo capaz de entender a situação comunicativa e o assunto do texto. Temas como direitos humanos - que incluem o direito à literatura e à arte, o direito à informação e aos conhecimentos disponíveis - assim como práticas de leitura (escrita ou oral do campo jornalístico-midiático) estão conectados, também, com as de atuação na vida pública.

Essa inclusão do jornalismo na BNCC faz com que temas que antes eram discutidos apenas nos cursos de Jornalismo e Comunicação, agora, sejam materiais imprescindíveis para a Educação Básica. Como cita Bucci (2000, p.49), o “[...] efeito político do bom jornalismo é o fortalecimento da democracia: esta é a sua causa nobre. Por isso o jornalismo é, ou deve ser, ou deve-se esperar que seja, um fator de educação permanente do público [...]”.

Nesse sentido, o jornalista contemporâneo não pode se isentar do compromisso que tem com a educação brasileira. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes ¹²⁸(PISA, em inglês), mostrou, na sua última edição em 2018, que os resultados brasileiros são pouco animadores. As conclusões mostraram que o Brasil caiu no ranking mundial de educação em matemática e ciências e ficou estagnado em leitura. Além disso, dois terços dos brasileiros de 15 anos sabem menos que o básico de matemática. Em leitura, o Brasil encontra-se na 57ª posição, entre 77 países participantes.

Diante dessa perspectiva, o jornalismo infantil, um dos pilares deste trabalho, entra em cena como um recurso para a educação infantil contemporânea. Por mais que existam os já descontinuados suplementos infantis em grandes jornais do país, revistas que foram sucesso durante décadas para esse público, esta pesquisadora não poderia deixar de estudar o primeiro e único jornal brasileiro feito para crianças: o Jornal Joca. Seu pioneirismo é inegável, tornando-o um bom produto para pesquisa.

É interessante o estudo do aspecto educativo do jornalismo infantil no Jornal Joca, suas definições de pauta e linhas editoriais. Contudo, a pesquisadora avaliou como necessário o foco no estudo da forma com que essas crianças são representadas, ou seja, compreender a concepção e o retrato da infância contemporânea por meio do veículo e assim, entender como o próprio jornal enxerga

¹²⁸ Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no Pisa 2018** [recurso eletrônico]. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. 185 p. : il. Disponível em: <
https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf > Acesso em: 15 jun. 2021.

o “ser criança”. Doretto (2014)¹²⁹ reforça que a definição de jornalismo infantil vai além de um tipo de produto jornalístico para crianças. Com esses meninos e meninas que são leitores e, também, fontes de informação, o veículo “[...] constrói (e representa) a infância contemporânea, quebrando ou reforçando preconceitos e estereótipos e papéis sociais que recaem sobre meninos e meninas” (DORETTO, 2014, p.60).

A partir desse ponto de vista, a pesquisadora acredita que é fundamental estudar o conceito de infância, sua caracterização histórica e rever criticamente a ideia de infância pela qual a sociedade vem sendo orientada. Para isso, é necessário aprender que a infância não é uma só, mas sim, uma miscelânea de realidades que se difere nos aspectos econômicos, sociais, culturais, lúdicos, alimentares, entre outros.

Os jornalistas, tanto aqueles que escrevem para o público infantil quanto para o público adulto, precisam se manter atualizados e em constante reflexão sobre as crenças e conceitos transmitidos em seus textos. Como pondera Bucci (2000, p.46), “[...] fazer jornalismo sem refletir sobre jornalismo já não basta”, e é esse o objetivo que a pesquisadora pretende alcançar. Sendo assim, acredita-se que o futuro Trabalho de Conclusão de Curso esteja plenamente justificado.

¹²⁹ DORETTO, Juliana. Jornalismo para a infância: uma proposta de definição. **Revista Ciberlegenda**. n. 30 (2014): Relação Brasil Portugal. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36955> >. Acesso em: 16 jun. 2021.

4 QUESTÃO NORTEADORA

De que maneira o Jornal Joca compreende e retrata as crianças contemporâneas?

5 HIPÓTESES

- a) O Jornal Joca proporciona espaços para o protagonismo e a participação do público infantil na construção da narrativa jornalística do veículo, de forma a auxiliar os leitores a melhor compreender o papel do jornalismo no mundo contemporâneo.
- b) O conteúdo jornalístico do Joca traça padrões para uma parcela da infância contemporânea que deseja atingir: um modelo de criança bem cuidada.
- c) As informações jornalísticas aliadas aos materiais de apoio para os professores, ambos produzidos pelo Joca, contribuem para a formação educacional do público infantil.
- d) A linguagem e os elementos jornalísticos do Joca são voltados à objetividade e à contextualização da pauta sem utilizar recursos e características do jornalismo literário.

6 OBJETIVOS

6.1 Objetivo geral

Conceituar e caracterizar a infância contemporânea e a forma como ela é retratada a partir da seleção e apresentação dos conteúdos jornalísticos que compõem as edições estudadas do Jornal Joca.

6.2 Objetivos específicos

H.A

- a) Compreender as características da narrativa jornalística.
- b) Abranger o jornalismo, especializado em público infantil.
- c) Caracterizar a contemporaneidade quanto ao binômio jornalismo-educação.
- d) Refletir sobre a importância da participação das crianças para a produção dos conteúdos jornalísticos do Jornal Joca.
- e) Conceituar infância e abarcar os modelos de infância presentes no mundo contemporâneo.
- f) Apresentar a importância da educação para o processo formativo do ser humano.
- g) Conceituar Educomunicação e analisar seu impacto para a compreensão do jornalismo, a partir da realidade das crianças.

H.B

- a) Compreender as características da narrativa jornalística.
- b) Abranger o jornalismo, especializado em público infantil.
- c) Apresentar a importância da educação para o processo formativo do ser humano.
- d) Conceituar infância e abarcar os modelos de infância presentes no mundo contemporâneo.
- e) Delinear os processos de desenvolvimento biológico das crianças.

- f) Definir a jornada da infância quanto à sociabilidade;
- g) Analisar as escolhas do conteúdo jornalístico do jornal Joca e como elas auxiliam para a construção do modelo de infância que se deseja atingir.

H.C

- a) Compreender as características da narrativa jornalística.
- b) Abranger o jornalismo, especializado em público infantil.
- c) Refletir sobre a importância da participação das crianças para a produção dos conteúdos jornalísticos do jornal Joca.
- d) Conceituar Educomunicação e analisar seu impacto para a compreensão do jornalismo, a partir da realidade das crianças.
- e) Apresentar a importância da educação para o processo formativo do ser humano.
- f) Indicar as características do modelo educacional para crianças no mundo contemporâneo e digital.
- g) Analisar o papel do jornalista como educador, explicando como a sua produção influencia a compreensão das informações por parte das crianças.
- h) Identificar aspectos do jornalismo que servem como recurso didático para crianças.

H.D

- a) Compreender as características da narrativa jornalística.
- b) Abranger o jornalismo, especializado em público infantil.
- c) Conceituar jornalismo literário e suas características de linguagem.
- d) Delinear os elementos do texto que comprovam o uso da objetividade jornalística.
- e) Determinar como o Joca faz a contextualização das matérias jornalísticas para o público infantil.

7 METODOLOGIA

O propósito deste Trabalho de Conclusão de Curso é analisar a maneira como o Jornal Joca compreende e retrata as crianças contemporâneas, a partir da seleção e apresentação dos conteúdos jornalísticos que compõem as edições da publicação. Para realizar a busca de respostas à questão norteadora foram levantadas algumas hipóteses que serão comprovadas ou negadas após a aplicação dos métodos de *Análise de Conteúdo*, segundo Laurence Bardin (2016), e *Estudo de Recepção*, e da técnica de *Entrevista em Profundidade*.

Por *pesquisa*, Gil (2007) apud Gerhardt e Souza (2009)¹³⁰ refere-se a um procedimento de várias fases, que tem como objetivo produzir respostas aos questionamentos levantados, através da formulação de problemas, e com a apresentação e discussão dos resultados obtidos. Já por *pesquisa em Comunicação*, Melo (2011)¹³¹ compreende como o estudo científico dos materiais que integram todo o processo comunicativo, buscando analisar os fenômenos da transmissão de informações, de forma individual, em grupo ou para um grande público.

Para a realização da pesquisa, é necessário utilizar-se de metodologia para a produção das respostas às perguntas formuladas. De acordo com Tartuce (2006) apud Gerhardt e Souza (2009, p. 11)¹³², a metodologia é o estudo do método, podendo ser definida como “[...] o corpo de regras e procedimentos estabelecidos para realizar uma pesquisa”. Como método, segundo Marconi e Lakatos (2021)¹³³, entende-se o caminho a ser seguido durante a pesquisa, a partir do conjunto das atividades sistemáticas e racionais que permitem ao pesquisador alcançar seus objetivos finais como válidos e verdadeiros.

¹³⁰ GERHARDT, Tatiana Engel; SOUZA, Aline Corrêa de. Aspectos teóricos e conceituais. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009.

Disponível em: <

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 08 de maio de 2021.

¹³¹ MELO, José Marques de. Metodologia da Pesquisa em Comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2011. Disponível em: <
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522474400/cfi/4!/4/4@0.00:23.8> >. Acesso em: 08 de maio de 2021.

¹³² GERHARDT; SOUZA, p. 11.

¹³³ MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9 ed. rev e ampl. São Paulo, SP: Atlas, 2021. Disponível em: <
<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597026580/cfi/6/10!/4/12@0:61.3> >. Acesso em: 08 de maio de 2021.

O caráter metodológico deste trabalho será a pesquisa qualitativa, pois foi identificado como o mais apropriado para os objetivos que se deseja alcançar. Distinta da pesquisa quantitativa que, segundo Bardin (2016), é caracterizada pela frequência com que certas propriedades surgem no conteúdo, a pesquisa qualitativa analisa a presença ou a ausência das características ou conjuntos de características do conteúdo a ser pesquisado. Para Silveira e Córdova (2009)¹³⁴, a análise qualitativa foca em aspectos que não podem ser quantificados e busca explicar o porquê dos acontecimentos por meio de uma pesquisa que não é previsível e em um lugar que o cientista atua em dois papéis: ele torna-se o sujeito e o objeto da pesquisa. Minayo (2001) apud Silveira e Córdova (2009)¹³⁵ explica que a pesquisa qualitativa dedica-se aos significados, crenças, motivos e valores do conteúdo.

O procedimento metodológico escolhido para o trabalho foi a pesquisa bibliográfica. Marconi e Lakatos (2021, p.49)¹³⁶ definem que a pesquisa bibliográfica “[...] é feita com base em textos, como livros, artigos científicos, ensaios críticos, dicionários, enciclopédias, jornais, revistas, resenhas, resumos”. Para Stumpf (2011)¹³⁷, esse tipo de pesquisa é o planejamento global de qualquer trabalho, sendo composto por várias etapas, que vão desde a identificação e obtenção da bibliografia pertinente ao assunto até a apresentação do texto organizado com toda a literatura examinada pelo pesquisador, com as teorias dos autores, além de seu entendimento e opiniões sobre o tema.

A pesquisa bibliográfica desse trabalho foi feita com base em livros, teses, dissertações, artigos, *e-books* e *sites*. Foram selecionados materiais que apresentam a história da infância, os direitos das crianças, a infância no mundo contemporâneo, além de bibliografia sobre o jornalismo e suas características, história e evolução e conceitos sobre convergência midiática e o fazer jornalístico nas redes sociais. A bibliografia da área da educação também foi utilizada no trabalho. A pesquisadora

¹³⁴ CÓRDOVA, Silvana Peixoto; SILVEIRA, Denise Tolfo Silveira. A pesquisa científica. . In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 10 de maio de 2021.

¹³⁵ Ibid, p.32.

¹³⁶ MARCONI; LAKATOS, p.49.

¹³⁷ STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2011. Disponível em: < <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522474400/cfi/4!/4/4@0.00:23.8> >. Acesso em: 08 de maio de 2021.

buscou livros e artigos que apresentassem a importância da educação para o desenvolvimento do ser humano e as características e desafios de educar crianças e jovens no mundo contemporâneo e digital; e, ainda, obras sobre jornalismo especializado e literário, com foco em jornalismo infantil, além de artigos a respeito do jornalismo voltado à educação.

Para coordenar a pesquisa deste trabalho será utilizado o método Análise de Conteúdo, proposto pela pesquisadora Laurence Bardin. Conforme Bardin (2016), esse método é formado por um conjunto de técnicas que podem ser utilizadas para a análise de diferentes campos da comunicação. A autora organiza a Análise de Conteúdo sob três fases cronológicas, apresentadas a seguir:

a) pré-análise: esta primeira fase é caracterizada como a organização do material; ela corresponde à sistematização das ideias iniciais sobre a pesquisa, de maneira a desenvolver um esquema para os próximos passos. De acordo com Bardin (2016, p.125), são determinadas três tarefas para a pré-análise: “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final”.

Os temas citados na pesquisa bibliográfica foram desenvolvidos na introdução deste projeto e serão aprofundados no Trabalho de Conclusão de Curso, ao longo dos capítulos. Para responder à questão norteadora do trabalho foram formuladas quatro hipóteses, objetivando comprová-las ou refutá-las.

- e) *Regra da exaustividade:* quando definido o campo do *corpus*, todos os elementos precisam estar incluídos nos documentos que serão utilizados na análise;
- f) *Regra da representatividade:* a análise dos documentos pode ser realizada numa *amostra*. No caso deste trabalho, são as edições escolhidas pela pesquisadora. Para isso, é preciso que o material esteja habilitado para análise;
- g) *Regra da homogeneidade:* o material selecionado deve ser homogêneo, a fim de obedecer a critérios de escolha e não devem apresentar muitas especificidades fora dos critérios definidos pelo pesquisador;
- h) *Regra da pertinência:* os documentos selecionados devem ser

adequados, enquanto fonte de informação, para o objetivo final da pesquisa: a análise de conteúdo.

Os documentos que serão submetidos à metodologia compreendem cinco edições do Jornal Joca nos anos de 2012, 2014, 2016, 2018 e 2020. O critério utilizado para a escolha foi o de anos pares, sendo possível, assim, abranger os dez anos do veículo, completados no ano de 2021. As quatro seções/editorias selecionadas para a análise, além de capa, são: *Brasil*, *Coleção*, *Maluquices* e *Repórter Mirim*.

A editoria *Brasil* traz os principais assuntos em pauta no país no período daquela edição. Em *Coleção*, o jornal traz um tema que já está presente na edição em forma de notícia, mas explicado por outros caminhos, como forma de aumentar o repertório da temática para os leitores. Notícias curtas, divertidas e inusitadas pautam a seção *Maluquices* do jornal, normalmente situada na contracapa. Os leitores marcam forte presença na editoria *Repórter Mirim*, uma parte do veículo em que as próprias crianças são convidadas a entrevistarem alguma personalidade para o jornal.

Os leitores são chamados pelo veículo para participarem da edição com um nome já escolhido pelos jornalistas responsáveis, mas, podem também, indicar entrevistados para a editoria. As edições serão apresentadas a seguir, na ordem em que se encontrarão no futuro trabalho.

- d) *Edição 13 do Jornal Joca*, que compreende de *1/10/2012 a 15/10/2012*.
As páginas analisadas serão: 1 (Capa), 2 (Editoria *Brasil* - Matéria *Educa Brasil*), 5 (Seção *Maluquices*), 11 (Editoria *Coleção*), 12 (Editoria *Repórter Mirim* - Matéria *O pai da turma*);
- e) *Edição 45 do Jornal Joca*, que compreende de *18/08/2014 a 08/09/2014*.
As páginas analisadas serão: 1 (Capa), 3 (Editoria *Brasil* - Matéria *Acidente de avião mata candidato à Presidência*), 5 (Seção *Maluquices*), 11 (Editoria *Coleção*), 12 (Editoria *Repórter Mirim* - Matéria *Chaos Paintball Team*);
- f) *Edição 75 do Jornal Joca*, que compreende de *19/04/2016 a 02/05/2016*.
As páginas analisadas serão: 1 (Capa), 2 (Editoria *Brasil* - Matéria *Câmara aprova prosseguimento de impeachment*), 5 (Seção *Maluquices*), 11 (Editoria *Coleção*), 12 (Editoria *Repórter Mirim* - Matéria

Superação);

- g) *Edição 111 do Jornal Joca*, que compreende de 16/04/2018 a 12/05/2018. As páginas analisadas serão: 1 (Capa), 2 (Editoria *Brasil - Matéria A prisão e o futuro de Lula*), 6 (Seção *Maluquices*), 9 (Editoria *Coleção*), 10 (Editoria *Repórter Mirim - Matéria Uma história inspiradora*);
- h) *Edição 145 do Jornal Joca*, que compreende de 16/03/2020 a 30/03/2020. As páginas analisadas serão: 1 (Capa), 2 (Editoria *Brasil - Matéria Novo coronavírus provoca suspensão de aulas pelo Brasil*), 3 (Editoria *Coleções*), 10 (Editoria *Repórter Mirim - Matéria Luz e água para a África*), 12 (Seção *Maluquices*).

b) exploração do material: após concluir a pré-análise, é o momento de o pesquisador explorar o material previamente selecionado. Essa fase deve compreender operações de codificação e categorização. Conforme explica Bardin (2016), a codificação é a transformação do material bruto em uma representação e/ou expressão do conteúdo que será analisado posteriormente. A exploração, na futura pesquisa, acontecerá por meio da transcrição das editorias/seções escolhidas para estudo e do olhar analítico, segundo as categorias apresentadas abaixo, além das imagens utilizadas em cada página selecionada - mostradas e descritas.

Bardin (2016) também indica que seja realizada uma categorização do material selecionado. As categorias são classes que reúnem um grupo de elementos, com o uso de um título genérico, a partir das características vistas como comuns deste material. Com base nisso, as categorias de estudo escolhidas pela pesquisadora são as seguintes:

- a) **Texto:** os títulos das reportagens, com destaque, também, para a linha de apoio, frases, metáforas e comparações utilizadas durante todo o texto. As frases serão destacadas em negrito, as metáforas estarão marcadas em itálico e as comparações demarcadas com o sublinhado;
- b) **Imagem:** o foco da fotografia ou ilustração utilizada, o contexto delas e, também, as cores e diferentes enquadramentos;
- c) **Conteúdo:** as pautas escolhidas pelo jornal nas editorias selecionadas para o

estudo;

- d) Público: a participação do leitor na construção da edição. Essas participações serão destacadas em amarelo no texto.

Após essa categorização, pode-se iniciar a última fase do método Análise de Conteúdo.

c) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: logo que a exploração do material é finalizada, o pesquisador pode iniciar a terceira e última fase. Essa etapa procura interpretar os resultados obtidos, de maneira que eles sejam considerados significativos e válidos, podendo realizar conclusões a respeito dos objetivos iniciais da pesquisa e, também, a apresentação de novas descobertas. Para a futura pesquisa, também será utilizado o método de Estudo de Recepção por meio da técnica do Grupo Focal (*Focus Group*) a fim de responder às hipóteses do estudo. Para Fígaro, no artigo “*Estudos de recepção para a crítica da comunicação*”¹³⁸ (2000), o método permite entender melhor o papel dos meios de comunicação na vida da sociedade contemporânea.

[...] como eles atuam no cotidiano dos grupos sociais, nas diferentes comunidades e culturas, deixando também de lado a oposição emissor todo-poderoso versus receptor passivo ou, por outro lado, emissor neutro versus receptor/consumidor todo-poderoso (FÍGARO, 2000, p.42).

Segundo Costa (2011)¹³⁹, os Grupos Focais (GF) enquadram-se em um tipo de pesquisa qualitativa e podem ser vistos como uma entrevista coletiva, com o objetivo de identificar inclinações do público, na busca da compreensão de comportamentos, mas sem interferir e nem generalizar. Essa técnica também busca “perceber os aspectos valorativos e normativos que são referência de um grupo em particular” (COSTA, 2011, p. 181).

¹³⁸ FÍGARO, Roseli. **Estudos de recepção para a crítica da comunicação**. São Paulo, SP: Comunicação e Educação ECA/USP, 2000. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36895/0>>. Acesso em: 08 maio 2021.

¹³⁹ COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2011. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788522474400/cfi/4!/4/4@0.00:23.8>>. Acesso em: 08 de maio de 2021.

Para Backes et al. (2011)¹⁴⁰, o GF proporciona aos participantes o exame da sua própria opinião sobre um determinado assunto, possibilitando o uso de sua própria linguagem para a formulação de perguntas e respostas pertinentes ao que é estudado. “Desse modo, o grupo focal pode atingir um nível reflexivo que outras técnicas não conseguem alcançar, revelando dimensões de entendimento que, frequentemente, permanecem inexploradas pelas técnicas convencionais de coleta de dados” (BACKES et al., 2011, p.1).

Para o futuro trabalho, serão convidados a participar do GF, dez crianças com idades entre 8 e 9 anos, de duas escolas de Caxias do Sul: uma escola municipal, de bairro periférico e uma escola particular, do centro da cidade. A escolha dos estudantes será realizada pela pesquisadora por meio da indicação dos professores de cada turma. As crianças terão acesso prévio ao material do Jornal Joca selecionado como objeto de estudo e, no dia do GF, o evento será realizado via Google Meet, devido à pandemia da Covid-19, no mundo. Durante o Grupo Focal, a pesquisadora apenas facilitará a conversa entre as crianças, de modo a não induzir as respostas dos participantes. Dessa forma, a técnica possibilitará a documentação de diferentes pontos de vista e percepções sobre a pesquisa.

A técnica de Entrevista também será utilizada pela pesquisadora. Para Duarte (2011)¹⁴¹, a entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e útil para obter a descrição de processos complexos sobre a realidade do entrevistado. Segundo Gil (2007)¹⁴², a entrevista é uma das etapas mais interessantes e importantes para a coleta de dados de uma pesquisa. Diferentemente do questionário, essa técnica proporciona a obtenção de dados mais profundos em uma espécie de diálogo assimétrico, em que uma das partes procura coletar dados e a outra se apresenta como fonte dessas informações.

Para esta pesquisa, será empregada a entrevista em profundidade com a fundadora e diretora executiva do Jornal Joca, Stéphanie Habrich, e com a editora-

¹⁴⁰ BACKES, Dirce Stein; COLOMÉ, Juliana Silveira; ERDMANN, Rolf Herdmann; LUNARDI, Valéria Lerch. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **Revista O Mundo da Saúde**. São Paulo, SP, 2011. Disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/artigos/grupo_focal_como_tecnica_coleta_analise_dados_pesquisa_qualitativa.pdf>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

¹⁴¹ DUARTE, p. 64.

¹⁴² GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3 ed. São Paulo, SP: Atlas, 2019. Disponível em: <<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597020991/cfi/6/10!/4/16@0:80.3>>. Acesso em: 15 de maio de 2021.

chefe do veículo, Maria Carolina Cristianini. As entrevistas serão aplicadas por e-mail ou por videochamada.

8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

8.1 JORNALISMO

Para compreender a história do jornalismo, suas características e fases, além das evoluções tecnológicas, foram referências as obras: *A Saga dos Cães Perdidos* (2000), de Ciro Marcondes Filho; *O que é jornalismo* (1980) e *Vale a pena ser jornalista?* (1986), ambos de Clóvis Rossi, e *A construção da notícia* (2009), de Miquel Alsina.

8.2 JORNALISMO ESPECIALIZADO

Os livros *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura* (2004), de Edvaldo Pereira Lima; *Jornalismo literário* (2006) e *1000 perguntas sobre jornalismo* (2012), ambos de autoria de Felipe Pena, foram fundamentais para o entendimento das diferenças da produção para o público segmentado e a valorização da especialização para o mercado. Com os livros também foi possível identificar as diferenças entre o jornalismo generalista e o especializado, suas características, desafios e diferentes gêneros.

8.3 JORNALISMO INFANTIL

Para um melhor entendimento sobre o jornalismo voltado ao público infantil foram utilizados o artigo *A participação das crianças no jornalismo infantojuvenil português e brasileiro* (2018), de Juliana Doretto; a tese de doutorado *O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista Recreio* (2013), de Thaís Helena Furtado, e a 10ª edição da pesquisa *a Mídias dos Jovens* (2002), da Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI).

8.4 INFÂNCIA

Para conhecer a infância e suas particularidades biológicas, o livro *A criança em desenvolvimento* (2011), de Denise Boyd e Hellen Bee, foi referência para este trabalho. O entendimento das diversas facetas das crianças como seres sociais foi

estudado na obra *História Social da Criança e da Família* (1973), de Philippe Ariès, e nos artigos *Crianças e infâncias: uma categoria social em debate* (2002), da autora Eloisa Acires Candal Rocha, além de *Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos* (2005), de Leila Maria Ferreira Salles. Por meio da *Convenção sobre os Direitos da Criança* (1989), da Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU) e do *Estatuto da Criança e do Adolescente* (1990), da República Federativa do Brasil, foi possível aprender sobre os direitos das crianças no mundo contemporâneo e os deveres de toda a sociedade para assegurar a efetivação dessas prerrogativas.

8.5 EDUCAÇÃO

Para esclarecer as diferentes fases da educação ao longo dos séculos e as particularidades do educar no mundo contemporâneo, foram referências as obras: *História Social da Criança e da Família* (1973), de Philippe Ariès; *Educação como prática da liberdade* (2018), de Paulo Freire; *Inovações Radicais na Educação Brasileira* (2019), de Flavio Rodrigues Campos, e o artigo *Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização* (2010), de David Buckingham.

8.6 METODOLOGIA

Para instruir a metodologia da futura pesquisa, apresentar o objeto de estudo e seus recortes, além das etapas necessárias para a análise foram utilizadas as obras *Análise de Conteúdo* (2016), de Laurence Bardin; *Métodos de Pesquisa* (2009), de Aline Corrêa de Souza e Tatiana Engel Gerhardt e *Fundamentos de Metodologia Científica* (2021), de autoria de Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi.

9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

1 INTRODUÇÃO

2 INFÂNCIA

2.1 O DESENVOLVIMENTO BIOLÓGICO DA CRIANÇA

2.2 CRIANÇA: UM SER SOCIAL

2.2.1 Direitos da criança e do adolescente

2.2.2 A infância no mundo contemporâneo

3 JORNALISMO

3.1 CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO

3.2 HISTÓRIA E EVOLUÇÃO DO JORNALISMO

3.3 PROCESSOS DE CONVERGÊNCIA MIDIÁTICA NO JORNALISMO

3.3.1 O jornalismo nas redes sociais

4 EDUCAÇÃO

4.1 A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO FORMATIVO DO SER HUMANO

4.2 A EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS E JOVENS NO MUNDO DIGITAL

4.3 O PAPEL DO PROFISSIONAL JORNALISTA E A RESPONSABILIDADE SOCIAL

4.4 O JORNALISTA COMO EDUCADOR

5 JORNALISMO ESPECIALIZADO

5.1 JORNALISMO LITERÁRIO

5.2 JORNALISMO INFANTIL VOLTADO À EDUCAÇÃO

5.2.1 O jornalismo como recurso didático para crianças e jovens

6 METODOLOGIA

6.1 UM PROJETO PIONEIRO: JORNAL JOCA

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

10 CRONOGRAMA

ATIVIDADE	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Produção da introdução	X	X				
Produção capítulo 2 e correção da introdução		X				
Produção capítulo 3 e correção do capítulo 2		X				
Produção capítulo 4 e correção do capítulo 3			X			
Produção capítulo 5 e correção do capítulo 4			X			
Produção capítulo 6 e correção do capítulo 5				X		
Produção das considerações finais e correção do capítulo 6				X		
Correções finais e verificação da formatação					X	
Entrega do TCC					X	
Apresentação						X

REFERÊNCIAS

Livros

ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1981.

BAHIA, Juarez. **Jornalismo, informação, comunicação**. São Paulo: Martins, [19--].

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri, SP: Manole, 2004.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. São Paulo: Summus, 1988.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____, Felipe. **1000 perguntas sobre jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

_____, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2013.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____, Clóvis. **Vale a pena ser jornalista?**. São Paulo: Moderna, 1986.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2002.

E-books

BASTOS, Fábio. Jornalismo Literário. In: PENA, Felipe (Org). **1000 perguntas sobre jornalismo**. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

BEE, Helen; BOYD, Denise. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2011.

CAMPOS, Flávio Rodrigues. **Inovação ou renovação educacional?** Dilemas, controvérsias e o futuro da escolarização. In: CAMPOS, Flávio Rodrigues; BLIKSTEIN, Paulo (Org). **Inovações radicais na educação brasileira**. Porto Alegre: Penso, 2019.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52806/000728684.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 13 jun. 2020.

GOUVÊA, Tathyana. O movimento brasileiro de renovação educacional. In: CAMPOS, Flávio Rodrigues; BLIKSTEIN, Paulo (Org). **Inovações radicais na educação brasileira** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2019.

LESSA, Marcos; BARBOSA, Felipe. Jornalismo Político. In: PENA, Felipe. 1000 perguntas sobre jornalismo. Rio de Janeiro: Editora Rio, 2005.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução de Suzana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2013.

WINTER, Othon Cabo; PRADO, Antonio Fernando Bertachini de Almeida. **A Conquista do Espaço: do Sputnik à Missão Centenário**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2007.

Artigos e Teses em meio eletrônico

BACKES, Dirce Stein et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. Revista O Mundo da Saúde. São Paulo, 2011. Disponível em: <[BUCKINGHAM, David. **Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da**](https://www.academia.edu/26194855/Grupo_Focal_Como_T%C3%A9cnica_De_Coleta_De_Dados#:~:text=O%20grupo%20focal%20%C3%A9%20considerado%20um%20t%C3%A9cnica%20de,seriam%20menos%20acess%C3%ADveis%20fora%20do%20tema%20de%20interesse.>>. Acesso em: 10 maio 2021.</p>
</div>
<div data-bbox=)

Escolarização. Porto Alegre, RS: Educação e Realidade, 2010. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13077/10270> >. Acesso: 20 abr. 2021.

COGGIOLA, OSVALDO. **Novamente, a Revolução Francesa.** São Paulo, SP: Projeto História, 2013. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17137/14208> >. Acesso em: 19 abr.2021

DIAS, Silvia Lucia de Almeida et al. **Estatuto da Criança e do Adolescente: aprendendo cidadania.** Brasília, DF: Inclusão Social, 2007. Disponível em: < <file:///C:/Users/Leticia/Downloads/1606-Texto%20do%20artigo-2306-1-10-20160324.pdf> >. Acesso em: 17 abr.2021.

FURTADO, Thaís Helena. **O jornalismo infantil e o desejo de consumo: o discurso da revista Recreio.** Porto Alegre, RS, 2013. Disponível em: < <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/77014/000894478.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 23 abr. 2021.

GRANDINO, Patrícia Junqueira. **Estatuto da Criança e do Adolescente: O sentido da Lei para as relações intergeracionais.** 2007, p. 4. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Etica/12_junqueira.pdf >. Acesso em: 17 abr. 2021.

NEGRINI, Michele; AUGUSTI, Alexandre Rossato. **O legado de Guy Debord: reflexões sobre o espetáculo a partir de sua obra.** Disponível em: < <http://www.bocc.ubi.pt/pag/negrini-augusti-2013-legado-guy-debord.pdf> >. Acesso em: 28 maio 2021.

OLIVEIRA, Hebe Maria Gonçalves de. **A natureza do furo de reportagem: de perspectiva histórica para uma construção teórica.** Goiânia, GO: Comunicação&Informação, 2014. Disponível em: < https://brapci.inf.br/_repositorio/2017/07/pdf_e46187bd42_0000014738.pdf >. Acesso em: 19 abr.2021.

RIBEIRO, Andressa de Freitas. **Taylorismo, fordismo e toyotismo.** São Paulo, SP: Lutas Sociais, 2015. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/ls/article/viewFile/26678/pdf> >. Acesso em: 19 abr. 2021.

RASERÂ, Marcella. **Convergência Jornalística: uma proposta de definição do tema.** 2010, p.3. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/r20-1377-1.pdf> >. Acesso em: 19 abr.2021.

SALLES, Leila Maria Ferreira. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos.** 2005, p. 35. Disponível em: < <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103->

166X2005000100005&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 18 abr. 2021.

TAVARES, Frederico de Melo Brandão. **A especialização jornalística como teoria e objeto:** contornos e limites. 2012. Disponível em: < file:///C:/Users/Leticia/Downloads/DialnetAEspecializacaoJornalisticaComoTeoriaEObjeto-3934932.pdf >. Acesso em: 22 abr. 2021.

UNICEF Brasil; CENPEC Educação. **O cenário da Exclusão Escolar no Brasil:** um Alerta sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação. Brasil, 2021. Disponível em: < https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf >. Acesso em: 26 maio 2021.

Publicação periódica em meio eletrônico

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA. A mídia dos jovens. 10. ed. 2002, p.34. Disponível em: < http://www.andi.org.br/sites/default/files/andijovem10.pdf >. Acesso em: 23 abr. 2021.

CALAZANS, Janaina de Holanda Costa; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues. **Sociabilidades virtuais:** do nascimento da Internet à popularização dos sites de redes sociais online. Ouro Preto, MG: 9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP, 2013. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9oencontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-digital/sociabilidades-virtuais-do-nascimento-da-internet-apopularizacao-dos-sites-de-redes-sociais-online >. Acesso em: 26 maio 2021.

DORETTO, Juliana. **A participação das crianças no jornalismo infantojuvenil português e brasileiro.** Porto Alegre, RS: Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia, 2018. Disponível em: < https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/27327 >. Acesso em: 22 abr.2021.

_____, Juliana. Jornalismo para a infância: uma proposta de definição. **Revista Ciberlegenda.** n. 30 (2014): Relação Brasil Portugal. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: < https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36955 >. Acesso em: 16 jun. 2021.

FANTIN, Monica; RIVOLTELLA, Pier Cesare. Crianças na era digital: desafios da comunicação e da educação. Sorocaba, SP: REU, 2010. Disponível em: < http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/reu/article/view/464/465 >. Acesso em: 20 abr. 2021.

FÍGARO, Roseli. **Estudos de recepção para a crítica da comunicação.** Revista Comunicação & Educação. São Paulo: ECA-USP/Segmento, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36895/0>. Acesso em: 10 maio 2021.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO BRASIL. **Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) 2016**. Disponível em: < http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/resultados-da-ana-2016-porestados-e-municipios-estao-disponiveis-no-painel-educacional-do-inep/21206 >. Acesso em: 26 maio 2021.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando.. (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, v. , p. 1-269. Disponível em: < <http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf> >. Acesso em: 20 abr. 2021.

ROCHA, Eloisa Acides Candal. **Crianças e infâncias: uma categoria social em debate**. Florianópolis, SC: Zero-aSeis, 2004. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/10152/9388> >. Acesso em: 16 abr. 2021.

SILVA, Rafael Pereira. **A influência tecnológica sobre a prática jornalística**. Ouro Preto, MG: 9º Encontro Nacional de História da Mídia UFOP, 2013. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-influencia-tecnologica-sobre-a-pratica-jornalistica> > Acesso em: 19 abr. 2021.

UNICEF Brasil; CENPEC Educação. **O cenário da Exclusão Escolar no Brasil: um Alerta sobre os Impactos da Pandemia da Covid-19 na Educação**. Brasil, 2021. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/media/14026/file/cenario-da-exclusao-escolar-no-brasil.pdf> >. Acesso em: 26 abr. 2021.

Trabalhos de Conclusão de Curso em meio eletrônico

ALBA, Tainara. Performance telejornalística: um estudo sobre as experiências de Glória Maria no globo repórter. 2018. 319 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Jornalismo) – Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2018. Disponível em: Acesso em: 01 abr. 2021.

Legislação

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 19 abr. 2021.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: < <https://www.gov.br/mdh/ptbr/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto->

da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf > Acesso em: 17 abr. 2021.

BRASIL. Lei nº 6.697, de 10 de outubro de 1979. Institui o Código de Menores. Brasília, DF: Presidência da República, 1979. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6697.htm> Acesso em: 16 abr. 2021

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasil no Pisa 2018 [recurso eletrônico]. – Brasília : Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020. 185 p. : il. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/relatorio_brasil_no_pisa_2018.pdf> Acesso em: 15 jun. 2021.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. 2007. Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <<https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/por.pdf>> Acesso em: 15 abr. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Convenção sobre os Direitos das Crianças. 1990. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>> Acesso em: 16 abr. 2021.

Sites

FUNDAÇÃO ABRINQ. **Por que a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança é importante?** Descubra 5 informações fundamentais. Disponível em: <<https://www.fadc.org.br/noticias/por-que-a-convencao-internacional-sobre-os-direitos-da-crianca-e-importante>> Acesso em: 16 abr. 2021.

JORNAL JOCA. Quem somos. Disponível em: <<https://www.jornaljoca.com.br/quem-somos/>>. Acesso em: 23 abr. 2021

ANEXO A - CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros

Capítulo I - Do direito à informação

Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange seu o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação.

Art. 2º Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por que:

I - a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica - se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores.

II - a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público;

III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão;

IV - a prestação de informações pelas organizações públicas e privadas, incluindo as não governamentais, é uma obrigação social.

V - a obstrução direta ou indireta à livre divulgação da informação, a aplicação de censura e a indução à autocensura são delitos contra a sociedade, devendo ser denunciadas à comissão de ética competente, garantido o sigilo do denunciante.

Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista

Art. 3º O exercício da profissão de jornalista é uma atividade de natureza social, estando sempre subordinado ao presente Código de Ética.

Art. 4º O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação.

Art. 5º É direito do jornalista resguardar o sigilo da fonte.

Art. 6º É dever do jornalista:

I - opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos;

II - divulgar os fatos e as informações de interesse público;

III - lutar pela liberdade de pensamento e de expressão;

IV - defender o livre exercício da profissão;

V - valorizar, honrar e dignificar a profissão;

VI - não colocar em risco a integridade das fontes e dos profissionais com quem trabalha;

VII - combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercidas com o objetivo de controlar a informação;

VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão;

IX - respeitar o direito autoral e intelectual do jornalista em todas as suas formas;

X - defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito;

XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres,

dos idosos, dos negros e das minorias;

XII - respeitar as entidades representativas e democráticas da categoria; XIII - denunciar as práticas de assédio moral no trabalho às autoridades e, quando for o caso, à comissão de ética competente;

XIV - combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza.

Art. 7º O jornalista não pode:

I - aceitar ou oferecer trabalho remunerado em desacordo com o piso salarial, a carga horária legal ou tabela fixada por sua entidade de classe, nem contribuir ativa ou passivamente para a precarização das condições de trabalho;

II - submeter-se a diretrizes contrárias à precisa apuração dos acontecimentos e à correta divulgação da informação;

III - impedir a manifestação de opiniões divergentes ou o livre debate de idéias;

IV - expor pessoas ameaçadas, exploradas ou sob risco de vida, sendo vedada a sua identificação, mesmo que parcial, pela voz, traços físicos, indicação de locais de trabalho ou residência, ou quaisquer outros sinais;

V - usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime;

VI - realizar cobertura jornalística para o meio de comunicação em que trabalha sobre organizações públicas, privadas ou não-governamentais, da qual seja assessor, empregado, prestador de serviço ou proprietário, nem utilizar o referido veículo para defender os interesses dessas instituições ou de autoridades a elas relacionadas;

VII - permitir o exercício da profissão por pessoas não-habilitadas;

VIII - assumir a responsabilidade por publicações, imagens e textos de cuja produção não tenha participado;

IX - valer-se da condição de jornalista para obter vantagens pessoais.

Capítulo III - Da responsabilidade profissional do jornalista

Art. 8º O jornalista é responsável por toda a informação que divulga, desde que seu trabalho não tenha sido alterado por terceiros, caso em que a responsabilidade pela alteração será de seu autor.

Art 9º A presunção de inocência é um dos fundamentos da atividade jornalística.

Art. 10. A opinião manifestada em meios de informação deve ser exercida com responsabilidade.

Art. 11. O jornalista não pode divulgar informações:

I - visando o interesse pessoal ou buscando vantagem econômica;

II - de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes;

III - obtidas de maneira inadequada, por exemplo, com o uso de identidades falsas, câmeras escondidas ou microfones ocultos, salvo em casos de incontestável interesse público e quando esgotadas todas as outras possibilidades de apuração;

Art. 12. O jornalista deve:

I - ressalvadas as especificidades da assessoria de imprensa, ouvir sempre, antes da divulgação dos fatos, o maior número de pessoas e instituições envolvidas em uma cobertura jornalística, principalmente aquelas que são objeto de acusações não suficientemente demonstradas ou verificadas;

II - buscar provas que fundamentem as informações de interesse público;

III - tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar;

IV - informar claramente à sociedade quando suas matérias tiverem caráter publicitário ou decorrerem de patrocínios ou promoções;

V - rejeitar alterações nas imagens captadas que deturpem a realidade, sempre informando ao público o eventual uso de recursos de fotomontagem, edição de imagem, reconstituição de áudio ou quaisquer outras manipulações;

VI - promover a retificação das informações que se revelem falsas ou inexatas e defender o direito de resposta às pessoas ou organizações envolvidas ou mencionadas em matérias de sua autoria ou por cuja publicação foi o responsável;

VII - defender a soberania nacional em seus aspectos político, econômico, social e cultural;

VIII - preservar a língua e a cultura do Brasil, respeitando a diversidade e as identidades culturais;

IX - manter relações de respeito e solidariedade no ambiente de trabalho;

X - prestar solidariedade aos colegas que sofrem perseguição ou agressão em consequência de sua atividade profissional.

Capítulo IV - Das relações profissionais

Art. 13. A cláusula de consciência é um direito do jornalista, podendo o profissional se recusar a executar quaisquer tarefas em desacordo com os princípios deste Código de Ética ou que agridam as suas convicções. Parágrafo único. Esta disposição não pode ser usada como argumento, motivo ou desculpa para que o jornalista deixe de ouvir pessoas com opiniões divergentes das suas.

Art. 14. O jornalista não deve:

I - acumular funções jornalísticas ou obrigar outro profissional a fazê-lo, quando isso implicar substituição ou supressão de cargos na mesma empresa. Quando, por razões justificadas, vier a exercer mais de uma função na mesma empresa, o jornalista deve receber a remuneração correspondente ao trabalho extra;

II - ameaçar, intimidar ou praticar assédio moral e/ou sexual contra outro profissional, devendo denunciar tais práticas à comissão de ética competente;

III - criar empecilho à legítima e democrática organização da categoria.

Capítulo V - Da aplicação do Código de Ética e disposições finais

Art. 15. As transgressões ao presente Código de Ética serão apuradas, apreciadas e julgadas pelas comissões de ética dos sindicatos e, em segunda instância, pela Comissão Nacional de Ética.

§ 1º As referidas comissões serão constituídas por cinco membros.

§ 2º As comissões de ética são órgãos independentes, eleitas por voto direto, secreto e universal dos jornalistas. Serão escolhidas junto com as direções dos sindicatos e da Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), respectivamente. Terão mandatos coincidentes, porém serão votadas em processo separado e não possuirão vínculo com os cargos daquelas diretorias.

§ 3º A Comissão Nacional de Ética será responsável pela elaboração de seu regimento interno e, ouvidos os sindicatos, do regimento interno das comissões de ética dos sindicatos.

Art. 16. Compete à Comissão Nacional de Ética:

I - julgar, em segunda e última instância, os recursos contra decisões de competência das comissões de ética dos sindicatos;

II - tomar iniciativa referente a questões de âmbito nacional que firam a ética jornalística;

III - fazer denúncias públicas sobre casos de desrespeito aos princípios deste Código;

IV - receber representação de competência da primeira instância quando ali houver incompatibilidade ou impedimento legal e em casos especiais definidos no Regimento Interno;

V - processar e julgar, originariamente, denúncias de transgressão ao Código de Ética cometidas por jornalistas integrantes da diretoria e do Conselho Fiscal da FENAJ, da

Comissão Nacional de Ética e das comissões de ética dos sindicatos;

VI - recomendar à diretoria da FENAJ o encaminhamento ao Ministério Público dos casos em que a violação ao Código de Ética também possa configurar crime, contravenção ou dano à categoria ou à coletividade.

Art. 17. Os jornalistas que descumprirem o presente Código de Ética estão sujeitos às penalidades de observação, advertência, suspensão e exclusão do quadro social do sindicato e à publicação da decisão da comissão de ética em veículo de ampla circulação.

Parágrafo único - Os não-filiados aos sindicatos de jornalistas estão sujeitos às penalidades de observação, advertência, impedimento temporário e impedimento definitivo de ingresso no quadro social do sindicato e à publicação da decisão da comissão de ética em veículo de ampla circulação.

Art. 18. O exercício da representação de modo abusivo, temerário, de má-fé, com notória intenção de prejudicar o representado, sujeita o autor à advertência pública e às punições previstas neste Código, sem prejuízo da remessa do caso ao Ministério Público.

Art. 19. Qualquer modificação neste Código só poderá ser feita em congresso nacional de jornalistas mediante proposta subscrita por, no mínimo, dez delegações representantes de sindicatos de jornalistas.

Vitória, 04 de agosto de 2007.

Federação Nacional dos Jornalistas

ANEXO B – DOCUMENTO JOCA, O QUE É?

Em primeiro lugar é importante ler e discutir notícias na escola. Isso vale para tanto para turmas do EF e EM, como para turmas das séries iniciais em que as crianças não estão completamente alfabetizadas.

Sabemos que os jornais são boas fontes de informação até para as crianças pequenas. Mas para o trabalho na sala de aula apresentam algumas dificuldades: são muito grandes, os textos são longos e a linguagem nem sempre é acessível, principalmente para os menores.

Por isso o Joca foi criado e é um material apropriado para se trabalhar na escola. Possui formato tabloide, adequado para pessoas de todas as idades folhearem. A quantidade reduzida de páginas também favorece o manuseio. É um jornal quinzenal, com seções iguais às do jornal adulto e outras específicas para a faixa etária.

É importante lembrar que os assuntos das matérias são contextualizados e os textos diagramados para que a leitura seja fluida. Ainda, e o mais importante, o Joca tem o cuidado de se comunicar com crianças e adolescentes sem infantilizar, adequando a linguagem à faixa etária. Por isso, alguns assuntos ficam mais acessíveis e mais interessantes para os estudantes. E, além disso tudo, as notícias são tratadas de forma séria, porque o Joca respeita seus leitores.

Outra característica do Joca, que comprova esse respeito à infância, é a escolha das pautas. Todos os assuntos noticiados a cada edição são escolhidos com critério para que jamais uma notícia de violência extrema ou radicalismo ideológico, por exemplo, seja publicada no Joca.

Os editores e repórteres procuram selecionar pautas do interesse das crianças e jovens, como curiosidades, sugestões de leitura infantojuvenil e notícias de protagonismo juvenil no mundo todo.

Ou seja, o Joca é um jornal que tem formato e conteúdo adequados e uma linguagem acessível para leitores de 6 a 16 anos.

Mas nunca devemos perder de vista que ele é um jornal, que informa, forma o leitor e o cidadão reflexivo e engajado e, no âmbito da escola, possibilita o trabalho

com os gêneros da esfera jornalística.

ANEXO C – RELATO DE EXPERIÊNCIA COM O JORNAL JOCA

RELATO DA EXPERIÊNCIA COM O JORNAL JOCA

Este relato pretende inspirar e encorajar coordenadores e professores de escolas públicas de Ensino Fundamental a buscar recursos inovadores que de fato possibilitem o alcance dos objetivos de aprendizagem determinados pelas Secretarias de Educação municipais e estaduais do Brasil. Assim ocorreu em nossa escola, que obteve o 1º lugar no Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de S. Paulo (IDESP) de 2015 e teve sua pontuação aumentada em 2016, graças à utilização de um jornal para jovens e crianças como material principal de uso na sala de aula.

A Escola Estadual Henrique Dumont Villares possui 798 alunos de 1º a 5º anos e está localizada no bairro Jaguaré, em São Paulo/SP. Em nossa organização pedagógica tradicional, a utilização de um material "não convencional" no lugar do livro didático não se deu de maneira previamente planejada, mas foi, sim, decorrente de um processo de apropriação concomitante e rápida por parte dos professores e dos alunos.

No início de 2015 fui nomeada coordenadora pedagógica da escola e, ainda em fase de adaptação ao cargo, depois de anos trabalhando com alunos de 1º anos nesta mesma escola, fui incumbida, entre outras tarefas, de analisar exemplares do jornal Joca com a equipe de professores e decidir se seria interessante e possível sua utilização na sala de aula. A ONG Parceiros da Educação havia nos oferecido uma assinatura de ... exemplares ao longo de meses, caso tivéssemos interesse.

A análise não chegou a ser realizada, pois consideramos não ser possível a inclusão de mais um material de trabalho na sala de aula, já que tínhamos dois recursos de uso obrigatório: os cadernos de Português e Matemática produzidos pela Secretaria da Educação e os livros didáticos de todas as disciplinas enviados pelo MEC. Todavia, a despeito de, na grade curricular do Ensino Fundamental I da Secretaria da Educação Estadual de São Paulo, ser esperado que se realize o trabalho de leitura com gêneros textuais de imprensa no 1º ano (legenda), no 4º ano

(notícia) e no 5º ano (notícia, reportagem e carta do leitor), o jornal adulto não é apropriado para crianças. Então, as atividades eram feitas de maneira superficial: mostrávamos o que é um jornal, seu formato e sua organização. Os alunos não demonstravam muito interesse, porque os textos eram de difícil entendimento e a maioria dos fatos noticiados era pouco adequada à sua faixa etária.

Preocupada em como tornar este trabalho ao mesmo tempo viável, instigante e atraente para os alunos, decidi, algumas semanas depois, examinar eu mesma exemplares do jornal Joca, que estavam sendo entregues a título de experiência na escola, quinzenalmente, e eram deixados empilhados no canto de uma das salas.

organizado nos mesmos moldes do jornal adulto, com seções e boxes dos mesmos temas e outros próprios a jovens e crianças, com notícias e reportagens sobre os mesmos assuntos veiculados pelos jornais adultos, mas com tamanho e linguagem adequados à faixa etária, com imagens coloridas e com um formato tabloide, que é muito mais fácil de os alunos manusearem. Fiquei impressionada com as possibilidades de trabalho que o material indicava e o levei para a análise das professoras, com algumas ideias de atividades. A equipe se mostrou bastante interessada e então decidimos fazer uma tentativa de uso do Joca na escola, à luz dos objetivos de aprendizagem e das habilidades a serem desenvolvidas pelos alunos estabelecidos pela Matriz de Avaliação Processual da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

APROXIMAÇÃO: ENCANTAMENTO E LEITURA COMPETENTE

Começamos, assim, a utilizar o Joca nos 5º anos (alunos de 10/11 anos), para leitura e criação de uma carta do leitor por classe. Depois de produzidas foram enviadas para a redação do Jornal Joca, que publicou uma delas.

A publicação da carta do leitor foi o estímulo para que o Joca fosse lido em todas as classes de todos os anos da escola. Foi uma surpresa observar o interesse dos alunos dos 1º aos 5º anos pelo jornal, desde o primeiro contato com ele. Como recebíamos apenas 30 exemplares, foi feito um rodízio para que todas as classes tivessem acesso para sua leitura.

Em poucos meses observamos que o conhecimento dos alunos sobre a

organização do jornal era outro. Já sabiam que um jornal possui seções, conheciam-nas pelo nome, sabiam do que se tratavam e já o abriam nas páginas de sua preferência, localizando a informação dentro do jornal. Pelos títulos já conseguiam inferir o assunto da notícia. Até hoje, quando a nova edição do Joca lhes era apresentada, parecem “devorar” o jornal: conversam sobre as notícias e discutem espontaneamente, porque compreendem o que leem e porque são assuntos do noticiário do Brasil e do mundo, que são de seu interesse também. De fato, vimos que as crianças, de um modo geral, tornaram-se mais interessadas pela leitura, compreendendo o que leem, sabendo expor o fato e seu vocabulário está muito mais rico. Tivemos uma mudança significativa no envolvimento dos alunos.

Nas semanas seguintes, os professores passaram a elaborar atividades a partir das matérias e seções do Joca e realizá-las com seus alunos. Assim, além da leitura, foram propostos em todos os anos momentos de exposição oral, de comentários, de discussão e de debate. Também foram pensadas atividades de escrita: os 1º anos iniciaram um trabalho de criação oral e coletiva de *Você sabia que...* inspirada na seção de mesmo nome do Joca; os 2º anos produziram reescritas de notícia oral, com a professora como escriba, e também em duplas; os 3º anos criaram títulos, legendas e notícias coletivamente e em duplas; os 4º anos produziram notícias e reportagem e os 5º anos também criaram notícias, reportagens e cartas do leitor.

APROPRIAÇÃO: ENVOLVIMENTO E COMPROMISSO

Mas por que chamar esta experiência de inovadora?

Além do produto em si, o jornal Joca, ser no Brasil algo inédito e único e sua utilização nas escolas uma ferramenta de trabalho completamente nova, ocorreram duas grandes mudanças na escola, decorrentes de seu uso na sala de aula: uma relativa ao envolvimento dos alunos com questões sociais e questões que dizem respeito à comunidade escolar, que até então não eram sequer percebidas por eles; e outra em relação ao compromisso dos professores com o próprio trabalho.

Em primeiro lugar, o principal material utilizado nas aulas passou a ser o Joca, o que levou a equipe docente a se mobilizar para a criação de atividades em

substituição às dos livros didáticos, em todas as disciplinas. Isso necessariamente resultou em mais estudo e, conseqüentemente na qualificação do grupo de professores da escola.

Em relação aos alunos, ter o jornal na sala de aula mudou sua rotina, pois eles usavam apenas os livros didáticos e os cadernos de Português e Matemática da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E o jornal Joca traz muitas imagens coloridas, tem uma linguagem mais fácil e adequada à faixa etária, é dividido por seções e, como já mencionei acima, traz matérias sobre o Brasil e o mundo e também de interesse dos alunos. Seguem dois exemplos de assuntos que mobilizaram os alunos.

Quando foi publicada a reportagem SETE CRIANÇAS QUE ABALARAM O MUNDO (anexo 1)¹⁴³, uma aluna chamada Anne, que não gostava de seu nome, pois a maioria de suas colegas xarás na escola chama-se Ana, ficou muito mobilizada. A mãe lhe havia dito que escolheu esse nome por causa de Anne Frank, mas não havia contado à ela quem foi esta personagem e a sua história. Quando a aluna conheceu a história de Anne Frank pelo jornal Joca, passou a gostar do próprio nome e se orgulhar dele. Fez até um relato oral sobre a importância da leitura para novas descobertas, que apresentou para todos os colegas do 5º ano (10 e 11 anos). Sua professora, por sua vez, aproveitou a oportunidade e leu o livro O diário de Anne Frank para toda a classe. Em seguida, leu para os alunos o Diário de Zlata, sobre uma outra menina que viveu na guerra.

Outra situação foi a da leitura feita no 4º ano (8 e 9 anos) da notícia A BATALHA DE UM LEITOR DO JOCA, sobre um garoto que doou sua medula (anexo 2)¹⁴⁴. Naquele mesmo dia, em casa, alguns alunos viram o menino no noticiário da TV e, no dia seguinte, chegaram na escola comentando sobre o fato e com ainda mais informações sobre o que é a medula, como se faz a doação do órgão, etc. Foi muito rica a troca entre eles e seus colegas.

O interesse pelo Joca e a mobilização decorrente de sua leitura e uso durante as aulas resultaram também em duas ações que surpreenderam a todos na escola. A

¹⁴³ Jornal Joca, edição nº 50, p. 9, 4/11/2014.

¹⁴⁴ Jornal Joca, edição nº 60, p. 12, 2/6/2015.

primeira deu-se a partir da campanha do governo no mês de prevenção ao câncer de mama, o Outubro Rosa. Todos os anos muitos alunos assistem na TV a seu anúncio e em outubro de 2015 foi publicada uma matéria no Joca sobre este tema, que foi lida e discutida nas classes.

Naquela semana, a aluna Mariana, então com sete anos, foi ao Shopping Center com sua mãe onde viu um quiosque montado para divulgação da ação de doação de cabelos para produção de perucas, a serem usadas por mulheres em tratamento do câncer de mama. A menina imediatamente pediu à mãe se poderia deixar seu cabelo crescer o bastante para doá-lo. A mãe autorizou e contou sobre o fato à coordenação da escola. Entramos em contato com a equipe de jornalismo do Jornal Joca, que fez do ocorrido tema de uma reportagem na edição seguinte. Também compartilhamos a ação da aluna na página do Facebook da escola e tivemos quase 2.300 visualizações. Quando a reportagem sobre a atitude da aluna Mariana foi publicada na edição do Joca, mais cinco meninas pediram às mães para cortar seus cabelos e os trouxeram para a escola para doar. Telefonamos para o Hospital do Câncer, que recolheu as doações. Esse é um dos exemplos vivos de como o acesso à leitura e à informação dá às crianças o poder de mudar o mundo, mudar sua própria história.

A segunda ação resultante do trabalho e envolvimento com o Joca veio a partir da reportagem MENINA MONTA BIBLIOTECA EM CASA (anexo 3)¹⁴⁵, sobre uma menina de 11 anos que para disseminar o interesse pela leitura, montou uma biblioteca comunitária dentro de sua casa, com 300 livros que recebeu de doações graças a uma campanha que fez em sua cidade. Depois de lê-la, algumas alunas do 3º ano tiveram a ideia de também incentivar a leitura, mas de outra forma. Procuraram a coordenação da escola e propuseram-se a ficar o dia todo na escola. No período oposto ao de suas aulas auxiliariam os alunos em processo de alfabetização a aprender a ler e os estimulariam a se interessar pela leitura, lendo histórias para eles e os ajudando em suas tarefas na sala de aula. A escola autorizou e o grupo, que no início era de três alunas, hoje possui sete alunas que ficam duas vezes por semana no contraturno, durante duas horas, em duplas, nas classes de 1º ano. Outras alunas

¹⁴⁵ Jornal Joca, edição nº 80, p. 9, 2/8/2016.

já nos procuraram para participar e este ano criaremos um sistema de rodízio.

PRODUTO FINAL: O MIRANTE - JORNAL SEMESTRAL FEITO PELOS ALUNOS

Para que os alunos apresentassem os conhecimentos adquiridos surgiu a ideia de elaborarmos um jornal semestral, com contribuições de todas as classes da escola. Da primeira edição nós, professores e coordenação, participamos bastante, já na segunda os alunos tiveram uma participação maior. Foram duas edições até agora: em agosto e novembro de 2016. Nosso objetivo é que na terceira edição o jornal seja feito integralmente pelos alunos. Os próprios alunos irão escolher dois repórteres mirins de cada classe por mês, que irão registrar a pauta das matérias que os alunos produzirão para o Mirante, este é o nome de nosso jornal. Iremos privilegiar a produção escrita a partir do trabalho de repórter e os alunos deverão aprender mais a fundo como pesquisar, fazendo ainda mais leituras.

O nome do jornal é também reflexo do envolvimento dos alunos. Estamos situados no bairro do Jaguaré, fundado por Henrique Dumont Villares. Ele trouxe as indústrias para cá, construiu moradias e escolas próximas ao trabalho das pessoas, assim como os postos de saúde. Também construiu um mirante, no qual os moradores do bairro sobem até hoje para ver o Rio Tietê. Para decidirmos qual nome o jornal teria, estudou-se o que significava Jaguaré e qual era a história do bairro. Quando, em uma classe do 5º ano, aprenderam que mirante tem o sentido de “mirar ao longe”, a aluna Ana Julia disse: “Este deve ser o nome de nosso jornal, já que estamos aqui para estudar, para alcançar novos rumos.” Sua sugestão foi a mais votada pelos colegas e o desenho que fez do mirante foi o eleito para ser o logo do jornal. Ao final do semestre cada aluno recebe o seu exemplar e o leva para os pais.

DESEMPENHO DOS ALUNOS: 1º LUGAR NO ESTADO DE SÃO PAULO NAS AVALIAÇÕES EXTERNAS

A mudança que se deu com a substituição do material de apoio para o trabalho foi basicamente temática. Do estudo de temas que estão longe da realidade dos alunos passaram a ler e discutir sobre o que está acontecendo no Brasil e no mundo,

além de refletir sobre assuntos de seu interesse, o que os leva a querer interagir e participar, a querer se tornar cidadãos atuantes e transformadores.

O Joca é utilizado para o trabalho nas disciplinas de Português (leitura, oralidade e escrita), Matemática (atividades fazendo uso de tabelas, gráficos e notações numéricas), Ciências e Geografia (quando se tratam de notícias, reportagens e entrevistas sobre animais e meio ambiente, por exemplo). O trabalho com o jornal acontece quase que diariamente. Nos 1º e 2º anos há um trabalho de aproximação ao texto jornalístico uma vez por semana, nos 3º anos inicia-se o trabalho de apropriação duas vezes por semana, nos 4º e 5º anos acontece diariamente. Cada ano tem o seu grau de especificidade e seu grau de envolvimento e cada professor adapta o uso do jornal de acordo com os objetivos de aprendizagem do Estado. Como recebemos o Joca online antes da publicação do impresso, é possível os professores fazerem seu planejamento e elaborarem as atividades antes. Não precisam mais do livro didático, conseguem escolher temas para trabalhar com base no jornal. E os alunos aprendem muito mais quando têm contato com assuntos que lhes interessam.

Dizemos que foi incluída uma disciplina “não tradicional” dentro de nossa grade curricular e, como resultado, os alunos vêm apresentando um avanço significativo na linguagem, em seu vocabulário, no raciocínio e, sobretudo em seu conhecimento de mundo e possibilidade de estabelecer relações e expressar-se oralmente.

Prova disso é a evolução que a escola teve nos Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo – IDESP, indicador de qualidade das séries iniciais (1º a 5º anos) e finais (6º a 9º anos) do Ensino Fundamental, e do Ensino Médio.

A escola vem crescendo: em 2009 estávamos com 4,74 de pontuação. O trabalho de leitura e escrita centrado no jornal e com muitas avaliações processuais alterou o perfil da escola. O salto maior, para 7,71 de pontuação em 2015, ocorreu depois da vinda do Joca. Criamos uma atividade de férias na escola, com atividades elaboradas a partir do jornal, de análise de notícias, quando os alunos podem levar um exemplar do Joca para casa junto com a ficha. A influência do Joca deve-se basicamente ao fato de os alunos terem passado a ler mais e a leitura se dar não apenas por obrigação ou por cobrança, mas por interesse. Essa pontuação é do IDESP e do IDEB também, pois as duas são parecidas na nossa escola. No IDEB

tínhamos 4,6 e no IDESP 4,79. Com o salto para 7,71, no IDESP, ficamos com 7,7 no IDEB. São resultados de provas diferentes, uma é nacional – conhecida como Prova Brasil – e a outra do estadual – o Saesp. As competências exigidas são mais difíceis no IDESP, mas vemos que as notas são parecidas em nossa escola. Assim, ficamos em 1º lugar entre as escolas do Estado de São Paulo. No Estado de São Paulo estão ¼ das escolas públicas do Brasil. Ou seja, estamos em primeiro lugar entre 75% das escolas do país. (INSERIR TABELAS DO EXCEL)

Finalmente, os resultados de 2016 não foram diferentes, (Complearei amanhã. Nádia irá enviar mais informações)

Neste ano de 2017 fomos procurados por coordenadores de oito escolas da região solicitando um curso de formação para o trabalho com o jornal Joca na sala de aula. Iniciaremos os encontros no próximo dia 23/2.

O QUE OS PROFESSORES APRENDERAM COM ESSA EXPERIÊNCIA

O interesse em fazer cursos e se aperfeiçoar cresceu muito. Hoje, há uma busca em produzir e trazer o que é instigante, o que desperta o interesse e a curiosidade dos alunos. Isso se deve às mudanças operadas nos alunos. Os assuntos sobre os quais conversam mudaram muito. Antes o tema principal era a violência. Agora temos falado sobre outras muitas coisas, menos sobre isso.

Atualmente, competir com celular, computadores e jogos é muito difícil e quando vemos no recreio uma criança com o jornal na mão, as atitudes dos alunos transformadas, é muito gratificante para o professor. Há muito interesse por parte dos professores em que os alunos aprendam.

Nádia Moya Brocardo
Coordenadora Pedagógica
Escola Estadual Henrique Dumont Villares